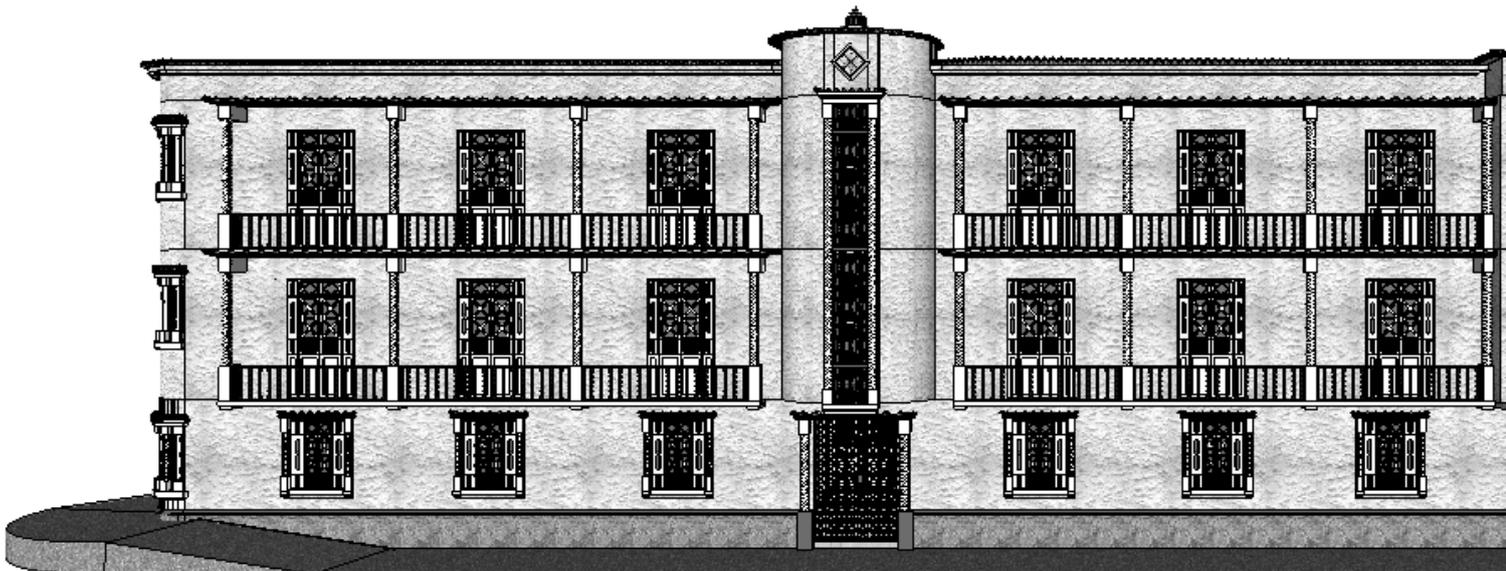


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TENOLOGIA – ITEC
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO -
PPGAU

FELIPE MOREIRA AZEVEDO

*A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista. estudo das residências
neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910–1940)*



BELÉM/PARÁ
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA - ITEC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

FELIPE MOREIRA AZEVEDO

A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940)

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Análise e Concepção do Espaço Construído na Amazônia; linha de pesquisa: Patrimônio, Restauro e Tecnologia.

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª. Cybelle Salvador Miranda.

BELÉM/PARÁ
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Azevedo, Felipe Moreira, 2208-

A linguagem arquitetônica tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940) / Felipe Moreira Azevedo. - 2015.

Orientadora: Cybelle Salvador Miranda.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2015.

1. Arquitetura - Belém (PA) - História. 2. Arquitetura Neocolonial. I. Título.

CDD 23. ed. 720.98115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA - ITEC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - PPGAU

FELIPE MOREIRA AZEVEDO

A Linguagem Arquitetônica Tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Análise e Concepção do Espaço Construído na Amazônia; linha de pesquisa: Patrimônio, Restauro e Tecnologia.

Orientador (a): Prof^a Dra. Cybelle Salvador Miranda.

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Presidente: Cybelle Salvador Miranda
Doutora em Antropologia /UFPA
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA

Examinador Interno: Fernando Luiz Tavares Marques
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPA

Examinador Externo: Aldrin Moura de Figueiredo
Doutor em História/ UNICAMP
Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia /UFPA

BELÉM/PARÁ
2015

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2: Loja Bavieka, localizada na Avenida Alcindo Cacela, fotos da fachada e interna, respectivamente.....	28
Figuras 3 e 4: Casa nº 916, na Travessa Benjamin Constant e Casa nº 10 na Rua Gama Abreu (antes da intervenção), respectivamente.....	28
Figura 5: Casa nº 10, na Rua Gama Abreu, no ano de 2008, momento em que estava sendo feita a intervenção (falso histórico).....	28
Figura 6: Casa nº 10, na Rua Gama Abreu, atualmente.	29
Figura 7: Exemplo de arquitetura em <i>estilo missões</i> na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo.	38
Figura 8: Antigo Posto Médico do Bairro do Jurunas, já demolido.....	39
Figura 9: Fachada principal da Casa de Ricardo Severo no Porto.	41
Figura 10: Projeto para o <i>Pouso de Paranapiacaba</i> , construído junto com a série de monumentos ao longo do <i>Caminho do Mar</i>	43
Figura 11: Residência da Família Parijos em Cametá.....	44
Figuras 12 e 13: Pavilhões de Portugal e do México para a <i>Exposição Internacional do Centenário da Independência</i> , respectivamente.	45
Figura 14: Fachada posterior do Solar Monjope.....	47
Figura 15: Fachada da Reitoria da Universidade Federal Rural da Amazônia, antigo Instituto Agrônomo do Norte.	50
Figura 16: Forma de implantação do prédio central da Universidade Federal Rural da Amazônia, antigo Instituto Agrônomo do Norte.....	50
Figuras 17, 18, 19 e 20: Escolas Prática de Agricultura de Guaratinguetá, Itapetininga, Ribeirão Preto, Pirassununga, respectivamente.	52/53
Figuras 21 e 22: Conjunto Arquitetônico na esquina da Travessa Benjamin Constant com a Avenida Nazaré.....	66
Figura 23: Palacete Faciola na esquina da Travessa Dr. Moraes com a Avenida Nazaré.....	67
Figura 24: Prédio da SINDUSCON-PA na Avenida Nazaré, nº 649.....	67
Figura 25: Palacete Bolonha na Travessa Dr. Moraes com a Avenida Governador José Malcher.....	68
Figura 26: Antigo prédio do Jockey Club do Pará, nº 352.....	68

Figuras 27 e 28: Antigo prédio localizado onde está, atualmente, o edifício Manuel Pinto da Silva.	70
Figura 29: Terreno no bairro de Nazaré que receberá novo empreendimento residencial multifamiliar.....	71
Figura 30: Antigo prédio, em estado de ruína, localizado na Avenida Nazaré.....	72
Figuras 31, 32, 33 e 34: Fachadas da Maison Blue, da Pizzaria Victória, do Conservatório Carlos Gomes e CREA-PA, respectivamente.....	77
Figuras 35, 36, 37, 38 e 39: Fachada dos Edifícios do CIG, da Residência Ribeiro Reis, do Nazareth Restô, de uma Residência unifamiliar e da Bis Entretenimento, respectivamente.....	79
Figuras 40 e 41: Loja Colares.	80
Figuras 42 e 43: Detalhes da pintura próxima a fonte e do tratamento feito com base de cimento para imitar pedra no Prédio do CIG, respectivamente.	80/81
Figuras 44, 45 e 46: Residências Neocoloniais no bairro de Nazaré representando os três tipos básicos (a casa portuguesa, mission style e habitações econômicas), respectivamente.....	87
Figura 47: Antiga Residência do Sr. José Leite Chermont, hoje sede do Centro Integrado de Governo.....	88
Figuras 48, 49 e 50: Detalhes da antiga Residência do Sr. José Leite Chermont, hoje sede do Centro Integrado de Governo.....	88/89
Figuras 51, 52 e 53: Exemplos de Edificações Neocoloniais modificadas/adaptadas, preservadas ou com pequenos detalhes e com presença de traços/características da arquitetura Neocolonial, respectivamente, no bairro de Nazaré.	89
Figuras 54 e 55: Planta baixa do térreo e segundo pavimento da Residência Ribeiro Reis, respectivamente.....	90
Figuras 56 e 57: Planta baixa do térreo e superior (respectivamente) da Residência no Jardim Paulistano - Prêmio "Viagem ao País" do XXVII Salão Paulista de Belas Artes. Projeto de Rosa G. Kliass e Wladimir Kliass.....	91
Figura 58: Casa do Sr. Albino Caetano da Silva, projetada por Raul Lino.	92
Figuras 59, 60 e 61: Representação de texturização rústica.....	94
Figuras 62, 63 e 64: Representação de texturização rústica.....	94
Figuras 65 e 66: Representação de texturização rústica.....	94

Figuras 67, 68 e 69: Planta baixa do térreo da antiga Residência do Sr. José Leite Chermont e a escada localizada na torre circular do prédio da antiga sede do Jôquei Club do Pará, (respectivamente).	96
Figuras 70 e 71: Presença de Colunas Toscanas e Torsa na arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré, (respectivamente).....	96
Figuras 72 e 73: Presença de esteios substituindo as Colunas na arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré e exemplo de edificação com esteios de madeira no bairro do Guamá.	97
Figuras 74 e 75: Presença de cunhal e nicho na sede do Instituto Estadual Carlos Gomes, respectivamente.....	98
Figuras 76, 77 e 78: Presença de azulejos nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	99
Figuras 79 e 80: Presença de arcos e arcadas nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	99
Figuras 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87: Tipos de Embasamentos nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	100/101
Figuras 88, 89, 90, 91, 92 e 93: Tipos de técnicas decorativas nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	101/102
Figuras 94, 95, 96 e 97: Tipos de pináculos e frontões nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	102/103
Figuras 98 e 99: Exemplo de elementos estético-funcionais em relação à cobertura das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	103
Figuras 100, 101 e 102: Exemplos de janelas treliçadas, venezianas e modificadas, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.....	105
Figuras 103, 104 e 105: Exemplos de portas com e sem almofada, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	105
Figuras 106 e 107: Exemplos de bandeiras vazadas e não vazadas, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	105
Figuras 108, 109 e 110: Exemplos de cachorros, fontes e escadarias, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.....	106/107
Figuras 111, 112 e 113: Exemplos de garagem, sacadas e varandas, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.....	107

Figuras 114, 115 e 116: Exemplos de muro, arandela e lustre, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	108
Figuras 117, 118, 119 e 120: Exemplos de uso residencial, comércio/serviço, misto e institucional, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.	109
Figuras 121, 122, 123 e 124: Exemplos de composição de arcadas na fachada principal de edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré e os encontrados na Revista <i>Architectura e Construções</i> , de 1930, e na 2ª edição de <i>Arquitetura e Construções por Luiz Muzi</i> , de 1946, respectivamente.	110
Figuras 125, 126, 127 e 128: Exemplos no uso de varandas e sacadas na fachada principal de residências Neocoloniais no bairro de Nazaré e o encontrado na Revista <i>A Casa</i> , de 1926, respectivamente.	111/112
Figuras 129 e 130: Exemplos no uso de detalhes em alvenaria rústica em arcos, localizados em algumas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré e na 2ª edição de <i>Arquitetura e Construções por Luiz Muzi</i> , de 1946, respectivamente.	112
Figuras 131, 132, 133 e 134: Exemplos no uso de elementos estético-funcionais na fachada principal de residências Neocoloniais no bairro de Nazaré e o encontrado na Revista <i>A Casa</i> , de 1926, respectivamente.	112/113
Figuras 135, 136 e 137: Exemplos de relação volumétrica e no uso de torre em edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré e os encontrados na Revista <i>A Casa</i> , de 1944, respectivamente.	113/114
Figuras 138, 139, 140, 141 e 142: Exemplos na semelhança de fachada entre uma edificação Neocolonial do bairro de Nazaré e os encontrados na Revista <i>A Casa</i> , de 1925, respectivamente.	114/115
Figura 143: Foto do prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes.	123
Figura 144: Entrada do Colégio Gentil Bittencourt.	124
Figura 145: Planta baixa do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes térreo.	126
Figuras 146, 147, 148, 149 e 150: Luminárias originais do prédio pioneiro do IECG, localizadas na biblioteca, sala de aula, hall térreo, subida para o hall superior e hall superior, respectivamente.	127
Figura 151: Planta baixa do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes pavimento superior.	128
Figuras 152 e 153: Estátuas representando a primavera e o trabalho, respectivamente.	129

Figura 154: Detalhe dos elementos decorativos da fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	130
Figura 155: Detalhe da platibanda da fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	131
Figura 156: Detalhe da platibanda do antigo prédio da Estação Ferroviária de Aveiro em Portugal.	131
Figuras 157, 158 e 159: Detalhe do brasão na fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	132
Figuras 160 e 161: Detalhe das janelas superiores do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, localizadas na fachada principal e lateral, respectivamente.	133
Figuras 162 e 163: Detalhe das janelas inferiores do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, localizadas na fachada principal e lateral, respectivamente.	133
Figuras 164 e 165: Detalhe das janelas superiores da antiga “sala de banho” do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	134
Figura 166: Detalhe das portas no andar superior do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	134
Figuras 167 e 168: Porta de entrada do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes e detalhe das almofadas, respectivamente.	135
Figuras 169 e 170: Porta de entrada da sala de aula, antiga “sala de jantar” e detalhe das almofadas, respectivamente.	135
Figuras 171, 172, 173 e 174: Porta de entrada da biblioteca, antiga “sala de estar” e detalhes da moldura lateral composta de motivos florais, do elemento torcido na bandeira vazada e da moldura superior também com ornatos florais, respectivamente.	136
Figura 175: Volumetria do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.	137
Figuras 176 e 177: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall de entrada do prédio central.	138
Figuras 178 e 179: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall de entrada do prédio central.	139
Figuras 180 e 181: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall superior do prédio central.	139
Figuras 182 e 183: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na porta da sala de aula na parte interna do ambiente, do prédio central.	139

Figura 184: Azulejo religioso da representação de Santa Rita de Cássia, presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na atual sala da Diretoria no andar superior do prédio central.....	140
Figuras 185 e 186: Azulejo religioso da representação de Nossa Senhora de Fátima, presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na subida para o hall superior do prédio central.....	141
Figuras 187, 188, 189 e 190: Painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.....	142
Figuras 191 e 192: Detalhes dos painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.....	143
Figuras 193 e 194: Detalhes dos painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.....	143
Figuras 195, 196, 197 e 198: Azulejos presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na sala de aula (antiga sala de jantar), no prédio central.	144
Figura 199: Foto do prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes.....	146
Figura 200: Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Bruxelas em 1935.....	148
Figura 201: Montagem antes e depois do antigo prédio da Associação Comercial do Pará.....	149
Figura 202: Área de entorno de preservação do bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes.....	151
Figura 203: Provável planta baixa do pavimento térreo do bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, no prédio central, com marcação (em vermelho) das três paredes retiradas na primeira intervenção realizada em 1944.....	152
Figura 204: Rachaduras no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, no prédio central.....	153
Figura 205: Detalhe da reforma na fachada do prédio do primeiro anexo do Instituto Estadual Carlos Gomes.	155
Figuras 206 e 207: Lateral mostrando o primeiro anexo (lado esquerdo – já com o segundo andar), à frente o segundo anexo (já com o segundo andar) e na lateral direita o prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, e detalhe da “porta janela” ou “janela púlpito” do prédio central do Instituto.	156
Figuras 208 e 209: Detalhe da janela do primeiro anexo e vista da fachada principal do primeiro anexo, respectivamente.....	156

Figuras 210 e 211: Vista das fachadas do primeiro anexo (lateral esquerda) e do prédio central (lateral direita) e detalhe da moldura das janelas do primeiro e segundo anexos, respectivamente.	156
Figura 212: Desenho de como ficaria a intervenção a ser realizada na fachada frontal do primeiro anexo do Instituto Estadual Carlos Gomes, para que não continua-se a manter o “falso histórico” existente.	157
Figuras 213, 214 e 215: Fissuras provenientes de recalque das fundações nas áreas dos banheiros, no lado direito da cozinha e no lado esquerdo do prédio na área dos banheiros, respectivamente.	158
Figuras 216 e 217: Fissuras provenientes de recalque das fundações na alvenaria dos forros.	158
Figuras 218 e 219: Terça de madeira com apoio prejudicado pela ação de cupins e ligação de asna e pendural sem reforço metálico, respectivamente.	158
Figuras 220 e 221: Perna de tesoura trincada e ligação da asna e perna de tesoura sem reforço metálico.	159
Figuras 222 e 223: Pavimentação em pedra portuguesa deteriorada, localizada na parte de externa do IECG.	160
Figura 224: Chafariz danificado, necessitando restauração, localizada na parte de externa do IECG.	160
Figuras 225 e 226: Piso com lajotas quebradas e piso com presença de desnível não sinalizado, respectivamente.	161
Figuras 227 e 228: Forro em madeira danificado do anexo 2 e área de infiltração entre o anexo 1 e o prédio central, respectivamente.	161
Figuras 229 e 230: Fiação elétrica que sofreu princípio de incêndio e a fiação de alta tensão, respectivamente.	162
Figuras 231 e 232: Pintura degradada e aparelho de ar condicionado sem caixa, respectivamente.	162
Figuras 233 e 234: Piso da biblioteca com pequenos danos e área de circulação da reserva técnica da biblioteca sem forro por conta do desabamento e com infiltração, respectivamente.	162
Figuras 235 e 236: Parede e esquadrias deterioradas da sala do almoxarifado, assim como o forro inexistente devido o desabamento e o forro em processo de degradação além da infiltração, respectivamente.	163

Figuras 237 e 238: Esquadrias e pintura sem manutenção e ponto elétrico avulso, respectivamente.....	163
Figuras 239 e 240: Guarda-corpo da escada com dano e pintura do forro descascada, respectivamente.....	164
Figuras 241 e 242: Forro em degradação causado por infiltração e piso com necessidade de revitalização no hall superior, respectivamente.....	164
Figuras 243 e 244: Forro em degradação causado por derramamento de óleo, respectivamente.....	164
Figuras 245 e 246: Porta desgastada e parede com perda da camada pictórica, respectivamente.....	165
Figuras 247, 248 e 249: Reconstituição da provável disposição do prédio pioneiro do IECG quando era ainda uma residência unifamiliar.	166
Figuras 250, 251, 252 e 253: Estudo da atual disposição do prédio pioneiro do IECG com os anexos.	166/167
Figura 254: Fachada principal do IECG com os anexos.....	167
Figuras 255 e 256: Criação do terceiro segundo pavimento nos anexos segundo e terceiro.....	168
Figuras 257 e 258: Novas salas do segundo e terceiro anexos.....	168
Figura 259: Nova área criada para o elevador.....	168
Figura 260 e 261: Alteração do corredor do primeiro pavimento do anexo terceiro para criação de mais uma sala.....	169
Figura 262: Situação anterior à alteração do corredor do primeiro pavimento do anexo terceiro para criação de mais uma sala.....	169
Figuras 263 e 264: Situação atual da escada do segundo e terceiro anexos.....	170
Figura 265: Situação da escada do segundo e terceiro anexos, anterior a atual reforma.	170
Figuras 266 e 267: Presença de falso histórico nos segundo e terceiro anexos nas janelas idênticas as do prédio central, respectivamente.	170
Figuras 268 e 269: Trabalho de reforma na parte externa do primeiro anexo.	171
Figuras 270 e 271: Detalhe da situação atual das esquadrias do primeiro pavimento do prédio central.....	171
Figuras 272, 273 e 274: Situação do forro de alguns ambientes do prédio central.....	172
Figuras 275, 276, 277, 278 e 279: Análise cronológica da evolução arquitetônica do Instituto Estadual Carlos Gomes.	172/173

Figura 280: Edifício Pérola.	174
Figuras 281 e 282: Planta baixa do térreo e dos 2º e 3º pavimentos do Edifício Pérola encontrada no CEDOC, respectivamente.	175
Figuras 283, 284 e 285: Provável forma do Edifício Pérola.	176
Figura 286: Provável Planta Baixa do Pavimento Térreo do Edifício Pérola.	176
Figura 287: Provável Planta Baixa dos Pavimentos 1º e 2º do Edifício Pérola.	177
Figuras 288 e 289: Presença de fragmento de torre encimando o acesso principal do Edifício Pérola.	178
Figuras 290, 291 e 292: Textura da parede externa, janela e a antiga porta principal do Edifício Pérola, respectivamente.	179
Figura 293: Localização do Edifício Pérola.	179
Figura 294: Representação do primeiro apartamento (em verde) do Edifício Pérola.	180
Figura 295: Representação dos 1º e 3º apartamentos (em verde) do Edifício Pérola.	180
Figura 296: Representação do 2º apartamento (em azul) do Edifício Pérola.	181
Figura 297: Representação do 4º apartamento (em amarelo) do Edifício Pérola.	181
Figura 298: Representação do 5º apartamento (em vermelho) do Edifício Pérola.	182
Figura 299: Representação do 6º apartamento (em lilás) do Edifício Pérola.	182
Figura 300: Levantamento de situação do Edifício Pérola, realizado no ano de 1973.	183
Figura 301: Representação dos quatro blocos, em volume, que compõem o CREA-PA.	184
Figuras 302 e 303: Detalhe da janela perdida do Edifício Pérola.	184
Figuras 304, 305, e 306: Detalhes do hall e da parede curva, alterado e construído, respectivamente, para segregar os novos ambientes das áreas de circulação do entre o primeiro anexo (Edifício Pérola), o segundo anexo e o quarto anexo.	185
Figuras 307 e 308: Escada modificada do Edifício Pérola.	185
Figuras 309, 310, 311 e 312: Detalhes da segunda entrada construída posteriormente no Edifício Pérola.	186
Figura 313: Planta do Edifício Pérola no levantamento de 1993.	186
Figura 314: Volumetria do CREA-PA com os quatro blocos.	187
Figura 315, 316 e 317: Áreas de circulação existentes atualmente no Edifício Pérola.	187
Figura 318: Residência Ribeiro Reis em 2009.	189
Figuras 319 e 320: Detalhes da parede externa com textura, das arandelas próximas ao arco e da cor da parede ao fundo, localizadas na fachada principal, respectivamente.	189

Figuras 321 e 322: Detalhes do forro em amianto localizados na varanda do andar superior e em um dos cômodos internos, respectivamente.	190
Figuras 323, 324, 325 e 326: Detalhes das laterais esquerda e direita, do recuo frontal e dos materiais aplicados no piso e nos degraus localizados na fachada principal, respectivamente.	191
Figuras 327, 328, 329 e 330: Detalhes do antigo forro em amianto e dos lustres localizados na circulação do andar superior, do quarto suíte e dos dois quartos da parte frontal, respectivamente.	192
Figuras 331, 332, 333, 334 e 335: Representação da provável forma da Residência Ribeiro Reis antes da reforma de 2009/2010.	193
Figura 336: Palacete Bibi Costa, na esquina da atual Passagem Joaquim Nabuco. Em detalhe no canto direito, uma parte da antiga estação do bonde.	194
Figura 337: Residência Ribeiro Reis.	195
Figuras 338, 339 e 340: Detalhes do arco e do embasamento encontrado na fachada frontal da edificação e o muro da mesma.	196
Figura 341: Cobertura da Residência Ribeiro Reis.	197
Figura 342: Representação da Cobertura da Residência Ribeiro Reis.	197
Figuras 343 e 344: Detalhe do rabo de andorinha e do beiral, respectivamente, presentes na Residência Ribeiro Reis.	197/198
Figuras 345, 346 e 347: Detalhe dos cachorros e da estrutura em ferro localizados no arco acima da floreira, respectivamente.	198
Figuras 348, 349 e 350: Detalhes das colunas localizadas na varanda do andar superior.	199
Figuras 351, 352, 353, 354, 355 e 356: Detalhes das janelas das salas e porta principal, respectivamente, do pavimento térreo da Residência Ribeiro Reis.	200
Figuras 357, 358, 359 e 360: Detalhes dos balancins dos banheiros do primeiro pavimento, da atual suíte, o social do segundo pavimento e da cozinha, respectivamente. ..	201
Figuras 361, 362 e 363: Detalhes do balancim próximo à escada, assim como da grade de proteção.	202
Figuras 364 e 365: Detalhes da janela do tipo pivotante encontrada em um dos cômodos.	202
Figuras 366, 367, 368 e 369: Detalhes do gradil encontrado no muro e do guarda corpo da varanda do andar superior e o vão onde ficava o detalhe em ferro no pátio, respectivamente.	203

Figuras 370, 371 e 372: Piso da varanda do térreo, do superior e do pátio, respectivamente.	204
Figuras 373 e 374: Muro dos fundos da Residência Ribeiro Reis.	204
Figuras 375, 376, 377 e 378: Luminárias encontradas nas varandas do andar térreo e superior e as arandelas localizadas na fachada frontal e lateral esquerda da edificação, respectivamente.	205
Figuras 379, 380 e 381: Detalhe do piso das salas de visitas e do corredor, no 1º pavimento.	206/207
Figuras 382, 383 e 384: Prato com motivo decorativo geométrico em pintura vermelha sobre branco, tigela com motivo decorativo em preto sobre branco, alguidar com motivo decorativo pintado em vermelho sobre engobo branco, respectivamente.	207
Figuras 385 e 386: Detalhe do piso localizado em um dos cômodos do pavimento térreo que serve, atualmente, como quarto.	208
Figuras 387, 388, 389 e 390: Detalhe do piso localizado na circulação e nos quartos inferiores, do 2º pavimento, respectivamente.	209
Figuras 391 e 392: Urna funerária marajoara com incisões em vermelho sobre engobo branco e base sem decoração e vaso com incisões de vermelho sobre branco, respectivamente.	209
Figuras 393, 394 e 395: Detalhe do piso localizado no quarto à frente, do segundo pavimento.	210
Figuras 396, 397 e 398: Detalhe do piso dos banheiros da suíte e social no segundo pavimento, respectivamente.	211
Figuras 399, 400, 401, 402, 403 e 404: Detalhes da parede e dos mobiliários e equipamentos dos banheiros da suíte e social do segundo pavimento, respectivamente.	212
Figuras 405, 406, 407, 408 e 409: Detalhes do piso, da parede e dos mobiliários da cozinha e da copa, localizados no primeiro pavimento, respectivamente.	213/214
Figuras 410, 411, 412, 413 e 414: Detalhes das portas da copa, cozinha, pátio superior e dos quartos, respectivamente.	215
Figuras 415, 416 e 417: Detalhes da porta dos guarda-roupas embutidos e do processo de ventilação interno do mesmo visto pelo lado de dentro e por fora, respectivamente.	215
Figuras 418, 419, 420 e 421: Luminárias localizadas na área de circulação e nas salas do primeiro pavimento, respectivamente.	217

Figuras 422, 423, 424 e 425: Luminárias localizadas na área de circulação, no banheiro social e na varanda do segundo pavimento, respectivamente.	218
Figuras 426, 427, 428 e 429: Detalhes dos consoles e dos espelhos e da escada, respectivamente.	219
Figuras 430, 431, 432, 433 e 434: Representação atual da Residência Ribeiro Reis.	220
Figuras 435 e 436: Planta baixa do térreo e segundo pavimento da Residência Ribeiro Reis, respectivamente.	222
Figura 437: Marcação das paredes de sustentação com aplicação de tijolo em singelo.	222
Figuras 438, 439 e 440: Detalhe da parede com tijolo em singelo, chapisco e reboco aparente e a cobertura de telha capa e canal, respectivamente.	223
Figuras 441, 442 e 443: Localização dos ambientes do primeiro e segundo pavimento onde havia forro de amianto e a posição dos banheiros do andar superior, respectivamente.	224
Figuras 444 e 445: Imagens de Louças Higiênico-sanitárias da marca LOGASA.	225
Figura 446: Imagem dos azulejos da <i>Forms e Surfaces</i>	226
Figuras 447 e 448: Elevação frontal e o Corte AA do projeto apresentado pela Sr ^a . Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.	227
Figuras 449 e 450: Planta baixa do pavimento térreo com o projeto definitivo e a representação do a construir e a demolir do projeto apresentado pela Sr ^a . Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.	228
Figuras 451 e 452: Planta baixa do pavimento superior com o projeto definitivo e a representação do a construir e a demolir do projeto apresentado pela Sr ^a . Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.	228
Figuras 453 e 454: Representação do primeiro e segundo pavimentos, respectivamente, onde se mostra as prováveis intervenções e as já realizadas, na Residência Ribeiro Reis.	229/230
Figuras 455 e 456: IECG e CIG, respectivamente.	236
Figura 457: Casa da Família Ribeiro Reis.	239
Figuras 458 e 459: Grades na entrada da casa da Sr ^a Rúbia.	240
Figuras 460 e 461: Parede intervida pela Sr ^a Rúbia e escada original da casa, respectivamente.	241
Figuras 462, 463, 464 e 465: Capas da Revista A Casa nos anos de 1924, 1925, 1926 e 1944, respectivamente.	246

Figuras 466 e 467: Modelos de residências Neocolonial luso-brasileiro, encontrados na <i>Revista A Casa</i> nos anos de 1925 e 1926, respectivamente.	247
Figuras 468 e 469: Modelos de residências Neocolonial hispânico-americano, encontrados na <i>Revista A Casa</i> nos anos de 1925 e 1944, respectivamente.	247
Figuras 470 e 471: Capas da Revista <i>The Architectural Record</i> no ano de 1928, nos meses de Abril e Maio, respectivamente.	248
Figuras 472 e 473: Modelos de residências Neocolonial hispânico-americano, encontrados na <i>Revista The Architectural Record</i> no ano de 1928, nos meses de Abril e Maio, respectivamente.	248
Figuras 474, 475, 476 e 477: Projetos de residências Neocoloniais apresentadas na <i>Arquitetura e Construções</i> , nos anos de 1929, 1930 e 1931, respectivamente.	249
Figuras 478, 479 e 480: Capas dos Álbuns de Luiz Muzi, Eduardo Keneese de Mello e Enéas Marini, respectivamente.	250
Figura 481: Projeto de Escola Municipal construída na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.	250
Figura 482: Projeto do Mercado do Bairro da Pedreira construído na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.	250
Figura 483: Projeto do Porto do Sal construído na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.	251
Figura 484: Casa nº 964 em 2013.	253
Figura 485: Casa nº 964 em 2014.	253
Figura 486: A arquitetura moderna na década de 1920.	255

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa temático do Bairro de Nazaré com a marcação das cinco incursões realizadas.	32
Mapa 2: Mapa do Bairro de Nazaré com a marcação das edificações levantadas.	32
Mapa 3: Plano Geral da Cidade do Pará, em 1791.....	58
Mapa 4: Parte do mapa do Plano da Pará, baseada no desenho do engenheiro Hugo de Fournier que mostra a cidade de Belém na segunda metade do século XIX, provavelmente no ano de 1800, com a marcação da antiga Estrada do Utinga (em vermelho).	59
Mapa 5: Mapa da cidade de Belém em 1889, com a delimitação do atual bairro de Nazaré. .	61
Mapa 6: Parte do mapa da cidade de Belém no ano de 1889 destacando a antiga Estação de Bonde, hoje Passagem Joaquim Nabuco.....	61
Mapa 7: Trecho do Bairro de Nazaré percorrido pelos Grupos 1 e 2.	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pergunta – Você gosta deste prédio ?	77
Gráfico 2: Faixa Etária.	78
Gráfico 3: Pergunta – Você moraria nesse tipo de edificação ?.....	82
Gráfico 4: Pergunta – Que tipo de intervenção você faria nessas edificações ?	82

DEDICATÓRIA

A **Santíssima Trindade** (Deus, Jesus e Espírito Santo) pelo dom da vida, por minha família e por sempre iluminarem meus caminhos e fazendo com que meus sonhos, pedidos e intercessões virassem realidade como a concretização desta minha jornada acadêmica, presente na conclusão deste trabalho.

A **Nossa Senhora de Nazaré** por sempre abençoar e iluminar meus passos me conduzindo ao caminho mais correto para minhas realizações pessoais e profissionais.

A minha mãe **Ana Cristina Barroso Moreira** por sempre me dar força, coragem, constante amor e apoio para seguir em busca de meus objetivos e por ficar ao meu lado para a concretização deste sonho e de outros, passados e futuros.

A minha irmã **Denise Moreira Azevedo** e cunhado **Diego Martins Furtado**, por sempre me alegrarem e pelo apoio e incentivo na conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora professora Cybelle Salvador Miranda por ter me apresentado à beleza e riqueza que é nossa arquitetura de Belém, em especial a Neocolonial, ensinando e instigando a conhecer mais sobre a história da arquitetura universal, desde suas aulas na disciplina de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo até as orientações, muito importantes, para a concretização desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida para realização de meus estudos durante o mestrado.

Agradeço ao apoio recebido para a Missão discente realizada no IAU/USP São Carlos, através do Edital **MCTI/CNPq/MEC/Capes PROCAD Casadinho 2011**, bem como aos Professores Anja Pratschke, Marcelo Tramontano e Maria Ângela Bortolucci pela orientação dedicada.

O grupo de arquitetas, estagiários e demais amigos do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – DPHAC pelo carinho recebido e por me ensinarem a entender e conhecer melhor nossa arquitetura e os processos existentes para a preservação do patrimônio paraense. Aos bibliotecários Miqueias Costa de Farias e Walquiria Oliveira Leite por terem me ajudado na coleta de dados dentro da biblioteca do Departamento Histórico, Artístico e Cultural – DPHAC. Assim como as bibliotecárias do Centro Cultural Tancredo Neves – CENTUR que foram de grande valia para adquirir mais conhecimento sobre a arquitetura Neocolonial e o seu período histórico.

A Fundação Carlos Gomes e ao Instituto Estadual Carlos Gomes que abriram as portas do Conservatório Carlos Gomes a fim de que pudesse realizar meus levantamentos e visitas técnicas. Assim como a Leandro Tocantins Penna Junior e a professora Dóris Azevedo por terem se disposto a realizar as entrevistas que foram de grande valia para aumentar meu conhecimento sobre a origem do conservatório de música e da história do prédio pioneiro onde hoje funciona a sede do IECG. E aos bibliotecários do IECG que se dispuseram em me auxiliar no levantamento de dados sobre a antiga residência da família Lima e da própria instituição.

Agradeço a Família Ribeiro Reis, em especial a Rúbia Ribeiro Reis e Vicente Expedito Garcia Reis, por terem me permitido realizar o estudo de sua residência, assim como nos procedimentos técnicos através de levantamentos e de entrevistas.

Ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará por ter autorizado minhas pesquisas e levantamentos no antigo Edifício Pérola, assim como na pesquisa junto ao Centro de Documentação do CREA-PA. Em especial ao professor Euler Arruda pelas conversas, carregadas de informações, e, também, pela visita guiada ao Pérola.

As alunas: Amanda Pessoa, Ana Paula Soares, Bianca Barbosa, Elen Ciane Sobrinho, Giovana Maria do Nascimento Silva, Jamile Costa da Silva, Paula Isabelle Oliveira Machado e Sâmua das Neves Prazeres, por terem participado das atividades sobre a arquitetura Neocolonial, através do deslocamento ao bairro de Nazaré, analisando esta arquitetura e entrevistando pessoas em relação a algumas edificações Neocoloniais selecionadas a partir da escolha do percurso (itinerário), na disciplina de Estética das Artes Plásticas, no primeiro semestre de 2014, do curso de arquitetura e urbanismo da UFPA, no qual consistia em duas etapas: a primeira.

A minha bolsista Bianca Barbosa do Nascimento pelo apoio técnico, tanto na etapa de catalogação dos meus exemplares Neocoloniais como nas incursões feitas no bairro (que não foram poucas), mas, principalmente, por ser uma excelente fotógrafa.

Aos Professores e colegas do PPGAU-UFPA.

Agradeço, também, a todos os companheiros de pesquisa e amigos do Laboratório de Memória e Patrimônio Cultural (LAMEMO): Professor Ronaldo Marques de Carvalho, Juliane Oliveira Santa Brígida, Amanda Moura Farias, Ryan Faria Cardoso, Nathalia Sudani de Castro, pelo apoio, conversas, risadas, comemorações e acolhimento, essenciais para a conclusão desta dissertação.

RESUMO

O estudo da arquitetura Neocolonial presente em Belém - PA consiste em analisar a história arquitetônica paraense, a partir daquela, compreendendo a intencionalidade nas suas formas e retórica que marcam um momento considerado importante para o Brasil. Buscar suas referências, os projetistas destas residências, assim como o período de suas construções, será uma das formas de conhecer mais sobre esta fase da arquitetura brasileira que, nesta cidade, ganhou número considerável de adeptos, legando a “busca pela liberdade” que a arquitetura moderna ansiava alcançar. Tem-se por objetivo identificar a diversidade estilística do Neocolonial na sua produção no bairro de Nazaré, em Belém, relacionando as transformações morfológicas ocorridas nestes prédios edificadas inicialmente para “arquitetura residencial”, através das práticas dos métodos: etnográfico e estratigráfico, aos três objetos de estudo selecionados, bem como analisar a gramática compositiva e a morfologia nas residências Neocoloniais no bairro de Nazaré e as mudanças ocorridas e os grandes impactos, intervenções e perdas nos três prédios Neocoloniais escolhidos, assim como a sua relevância para o patrimônio arquitetônico paraense e brasileiro, a partir da discussão sobre a sua preservação.

Palavras-chave: Arquitetura neocolonial; Preservação; estratigrafia; etnografia; Belém-PA.

ABSTRACT

The study of the Neocolonial architecture that is present in Belém – PA consists of analyze Pará's architectural history, from that, understanding the intention on its shapes and rethoric which set an important moment for Brazil. Seak for its references as well as for designers of those type of residencial buildings and its periods of constructions, will lead to another way to achieve acknowledge about that architectural phase which, at this city, have gained considerable number of supporters, bequeathing the “quest for freedom” that modern architecture longed to accomplish. This analysis has, by purpose, identify Neocolonial's stylistic diversity on its production in Nazaré neighborhood at Belém, relating morphological changes occurred in these buildings originally built for residencial purposes, through ethnographic and stratigraphical methods practice on each one of three selectioned objects of study, just as well as analyze the compositional grammar and neocolonial buildings morphology in Nazaré neighborhood. Also, it aims to analyze occurred changes, huge impacts, interventions and losses present on the three chosen neocolonial buildings, as well as its relevance to the architectural heritage of Pará and Brazil, from the discussion about its preservation.

Keywords: Neocolonial architecture; Preservation; Stratigraphy; Ethnography; Belém - PA

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO	25
1. ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL ...	33
2. BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL NEOCOLONIAL	54
2.1. A IMPORTÂNCIA DA MORADIA	55
2.2. CONHECENDO O BAIRRO DE NAZARÉ.....	57
2.3. ANÁLISE DO NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ.....	72
3. ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ	85
4. ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DE TRÊS EXEMPLARES DO NEOCOLONIAL	116
4.1. ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA E SOCIEDADE	117
4.2. ESTRATIGRAFIA DA ARQUITETURA: UMA ETAPA NA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO	120
4.3. ESTUDO DE CASO DO INSTITUTO ESTADUAL CARLOS GOMES	123
4.4. ESTUDO DE CASO DO EDIFÍCIO PÉROLA.....	174
4.5. ESTUDO DE CASO DA RESIDÊNCIA RIBEIRO REIS	188
5. BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM	232
5.1. O NEOCOLONIAL: A MEMÓRIA DO ESTILO OU VERTENTE ARQUITETÔNICA	233
5.2. A EDIFICAÇÃO COMO DOCUMENTO DA MEMÓRIA	236
5.3. A MEMÓRIA DO ARTEFATO: O NEOCOLONIAL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL.....	243
5.4. A ARQUITETURA NEOCOLONIAL E O SISTEMA DE ARRANJO.....	245
5.5. PROPOSIÇÕES PARA PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM PROPOSIÇÕES PARA PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM: O DISCURSO NAS ORIGENS DO PENSAMENTO PRESERVACIONISTA	252
CONSIDERAÇÕES FINAIS	262
REFERÊNCIAS	268

VOLUME II

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO CADASTRAL E DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DAS EDIFICAÇÕES NEOCOLONIAIS NO BAIRRO DA NAZARÉ

APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DOS ELEMENTOS ESTÉTICO-FUNCIONAIS E ESTUDO DE TIPOS E TIPOLOGIAS DAS EDIFICAÇÕES NEOCOLONIAIS NO BAIRRO DE NAZARÉ

INTRODUÇÃO

A intenção do estudo da linguagem Neocolonial presente em Belém consiste em analisar a história arquitetônica paraense, compreendendo a intencionalidade nas suas formas e retórica que marcam um momento considerado importante para o Brasil – compreendido entre o início do século XX, acentuando-se a partir de 1914, até meados da década de 40 do século XX. Buscar suas referências, os projetistas das residências, assim como o período de suas construções, será uma das formas de conhecer mais sobre esta fase da arquitetura brasileira que em Belém ganhou número considerável de adeptos – em sua maioria mestres de obras e engenheiros civis –, legando a “busca pela liberdade” que a arquitetura moderna ansiava alcançar. O Neocolonial, no Brasil, iniciou em um momento de transformação do país, período este em que recebeu muitas influências estrangeiras e com isso começou a “adaptar” as edificações aos parâmetros internacionais da época (início do século XX). Dessas, surgiram brasileiros avessos que discorriam contra as influências estrangeiras a partir da “revalorização” da nacionalidade, ou seja, a busca pelo retorno das bases, raízes.

No caso da arquitetura, houve a tentativa de retomar as características da “arquitetura vernácula” de influência portuguesa (principalmente). Teóricos como Martins (1999), Philip Goodwin¹, Henrique Mindlin² e outros, no período de transição do dito movimento eclético e do vindouro movimento moderno, afirmavam o desenvolvimento de uma linguagem arquitetônica onde "(...) o vasto espaço dedicado à produção colonial opera como indicador, (...), da não relevância da produção eclética (...), mas, ao mesmo tempo, para assinalar a naturalidade e a inevitabilidade da emergência da linguagem moderna (...)" (MARTINS, 1999, p. 137). Logo, tem-se o nacionalismo³ como partida para a modernidade na arquitetura brasileira, na década de 20 do século XX, que com o surgimento do Neocolonial o objetivo era reviver ou trazer a tona uma arquitetura que pudesse “representar” o país, combinando a tradição e a modernidade, já presente nas vanguardas, gerando uma reinterpretação da arte e arquitetura brasileira.

¹ Ver GOODWIN, Philip L. **Brazil Builds: architecture new and old 1652 – 1942**. The Museum of Modern Art. New York, 1943.

² Ver MINDLIN, Henrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Aeroplano editora: Rio de Janeiro, 1999.

³ “Na visão dos intelectuais do patrimônio, faltava ao país, para consolidar-se como uma grande nação no mundo, a constituição de um passado, de uma memória da pátria. Essa memória nacional deveria ser simbolizada de variadas maneiras e coube ao SPHAN construí-la por meio de monumentos e edificações históricas. Com isso, tornou-se prioridade preservar remanescentes da arte colonial brasileira, na medida em que as edificações e as igrejas desse momento histórico eram vistas por esses modernistas como singulares e genuinamente produzidas por brasileiros. Esse interesse na arquitetura colonial ganhou contornos nacionalistas, de valorização do que há de mais original produzido por brasileiros em território nacional até aquele momento.” (BISPO, 2011, p. 40-41).

Em Belém, capital do Estado do Pará, este momento de patriotismo gerou obras arquitetônicas com riqueza de detalhes e particularidades interessantes, fazendo destas perfeitas representações do “estilo” Neocolonial. Um exemplo é o prédio pioneiro da atual sede do Conservatório Carlos Gomes, em parte preservado, marcando a presença do Neocolonial nesta cidade, com seu frontão curvilíneo, seus elementos decorativos e outros que marcam essa vertente. Todavia a busca pelo conhecimento desta linguagem arquitetônica – gestada pelas aulas advindas das disciplinas de Preservação do Patrimônio e de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo e alimentadas pela produção do artigo “As residências em Belém do Colonial ao Neocolonial: o estudo de suas representações e características” e que embasou a monografia de conclusão de curso sobre o já citado Conservatório Carlos Gomes – também é marcada pelo processo de descaso com as edificações, presenciadas, a exemplo, na aprovação de projetos que vem gerando a perda dos elementos característicos do mesmo nesta cidade.

Nas aprovações ocorridas no Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da Secretaria de Estado de Cultura (SECULT) os pedidos para a demolição destas residências com vista a construção de novos prédios em Belém, tem aumentado, como o caso da “Loja Baviéka” na Avenida Alcindo Cacela, que se encontra preservada (o imóvel poderá ser demolido após análise de um projeto arquitetônico). Outro exemplo é a residência na Travessa Benjamin Constant, nº 916, deferido, no parecer do Estado, com restrições, mas que foi considerado pela Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL) como de renovação⁴, portanto passível de demolição; e também da *Casa nº 10* na Rua Gama Abreu, na esquina com a Rua Padre Prudêncio que foi modificada com a retirada de suas esquadrias originais para a colocação de novas janelas de vidro, assim como a platibanda vedando o beiral, além da aplicação de molduras – não originais – em todas as esquadrias e arcada – que teve suas representações de pedra retiradas –, e por fim a construção de um falso histórico, marcando a “mutilação” maior.

⁴ Segundo a Lei 7.709 de 1994, responsável pela proteção e preservação do patrimônio histórico, no capítulo IV das Intervenções no Centro Histórico e na Área de Entorno, no Art. 34 sobre as intervenções em imóveis situados no Centro Histórico de Belém e na área de entorno serão classificados segundo as teorias constantes no artigo 19, tais como: V - Renovação: Intervenção destinada à construção de nova edificação e ou substituição de uma edificação que não tem interesse à preservação.

Figuras 1 e 2: Loja Baviêka, localizada na Avenida Alcindo Cacela, fotos da fachada e interna, respectivamente.



Fotos: Acervo DPHAC, 2012.

Figuras 3 e 4: Casa nº 916, na Travessa Benjamin Constant e Casa nº 10 na Rua Gama Abreu (antes da intervenção), respectivamente.



Fotos: Acervo DPHAC, 2008.

Figura 5: Casa nº 10, na Rua Gama Abreu, no ano de 2008, momento em que estava sendo feita a intervenção (falso histórico).



Foto: Acervo DPHAC, 2008.

Figura 6: Casa nº 10, na Rua Gama Abreu, atualmente.



Foto: Bianca Barbosa, 2014.

A exemplo desses casos verifica-se que o ato de preservar a arquitetura do passado em Belém apresenta falhas. No caso da arquitetura, teóricos como Ricardo Severo pensavam de forma bastante análoga aos princípios defendidos por Ruskin, pois esta (arquitetura) é composta de vários elementos na qual a "verdadeira arquitetura doméstica (...) dá origem a todas as outras" (RUSKIN, 2008, p. 59). No qual o homem busca uma composição que possa vir a atingir uma representação do grau de beleza absoluta, assim "há que ponderar que o caráter de uma cidade não lhe é dado por seus monumentos (...)" "Ligam esses locais as ruas e avenidas marginadas por casas de variado destino; e são estas que dão a característica arquitetônica da cidade (...), a casa é a nota da vida cotidiana do cidadão (...)" (SEVERO *apud* MELLO, 2007, p. 172-173).

Na visão de Cesare Brandi, a preservação é entendida como "o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro" (2004, p. 14), portanto a preservação da obra de arte é uma responsabilidade constante. Por isso a importância desse estudo deve-se não somente ao vínculo com a historiografia da Arquitetura no Pará, mas também pela própria necessidade de melhor compreender esta arquitetura (Neocolonial) que possui elementos, traços e detalhes característicos que são ricos e dignos de serem analisados e preservados, principalmente no que concerne à relação de expressões presentes nesta, como o jogo das linguagens acadêmica e coloquial que são aplicadas, pois

esse estilo apresenta uma articulação entre a linguagem "cultura" da arquitetura erudita e a "liberdade" de organização que pode-se encontrar na arquitetura popular ou vernácula, podendo ser caracterizada pelo emprego de materiais como tijolo aparente, madeira, pedra, cerâmica e outros (SEGRE, 1934, p. 133).

Pode ser considerado como um movimento que ideologicamente procurou combater a mistura de estilos do ecletismo, sendo visto como uma adaptação do colonial, porém com um “toque” de modernidade advinda das vanguardas européias e que vieram depois gerar o movimento modernista propriamente dito. Assim o estudo arquitetônico, ou seja, a análise minuciosa desta é de substancial necessidade, pois apesar da arquitetura ser considerada como uma das artes mais importantes na forma de se expressar (cultura ou coloquialmente), ela também possui outra função de rememorar o passado, ou aprender mais sobre ele, afinal através desta pode-se entender sobre o decurso histórico, para assim fortalecer as heranças possíveis de épocas de outrora.

A compreensão, não apenas sobre a linguagem arquitetônica em si, mas também das transformações/intervenções que estas edificações (Neocoloniais) sofreram, tornou-se a base de investigação desta pesquisa. Na qual, preliminarmente, buscou-se informações nos órgãos competentes, como o Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico Cultural (DPHAC), na Secretaria de Estado de Cultura (SECULT), sobre o tema do Neocolonial em Belém. Partindo disso, percebeu-se que as residências com características Neocoloniais (Loja Baviéka, Casa nº 10 da Rua Gama Abreu e outras) estavam sendo alvo de novos programas de necessidades (indo de intervenções simples aos mais graves) que no final acabavam por modificar sua aparência e a descaracterizá-la, gerando muitas vezes *falsos históricos* (como confirmado no caso da Casa nº 10 da Rua Gama Abreu) e danos irreparáveis como a perda de elementos originais.

Era preciso, primeiramente, levantar onde estas se localizavam. Então, a partir de visitas técnicas, percebeu-se a presença desse tipo estilístico de casas em determinados bairros como Nazaré, Umarizal, São Brás e outros, a fim de obter uma noção geográfica da expansão desta arquitetura pela cidade. Após esta fase preliminar, verificou-se que dentre as áreas analisadas o bairro de Nazaré apresenta uma ampla variação de edificações com esta linguagem arquitetônica e aliada ao fato de algumas destas se encontrarem dentro da área de proteção do Estado, ou seja, no entorno de bens imóveis protegidos (tombados) pelo governo, outras serem tombadas e a maioria não apresentar nenhum tipo de proteção (lei), optou-se pela seleção deste bairro como delimitação do espaço amostral, para a pesquisa, com a intenção de ver possíveis mudanças e alterações da arquitetura Neocolonial.

Contudo a escolha deste bairro deve-se, também, não apenas pela quantidade de exemplares, mas pela variedade que ele apresenta tanto quanto ao tipo e tipologia como com relação às várias formas de aplicar elementos e detalhes arquitetônicos. Assim têm-se os mais

complexos (com formas de planta e volumetria diferentes, além da presença de grande quantidade de elementos e detalhes tanto construtivos quanto decorativos), passando pelos intermediários (apresentando uma planta e forma mais fechadas em um padrão não tão rebuscado quanto as anteriores, onde há uma variação na presença dos elementos decorativos) até os mais simples (possuem uma composição, tanto em planta quanto em volumetria, bastante simplificada, assim como na presença de detalhes decorativos).

As formas e funções destas edificações são, na atualidade, bem diversificadas, como os institucionais (Instituto Estadual Carlos Gomes, o CIG – Centro Integrado de Governo, e o CREA-PA⁵) – cujas funções atuais não correspondem aos seus usos originais, ou seja, estas edificações foram projetadas inicialmente para servirem como moradias, sendo o primeiro e o segundo do tipo unifamiliar e o terceiro multifamiliar –, os de prestação de serviços (escolas, clínicas, etc.) – também não possuindo suas funções primárias –, os com fins militares – como as edificações encontradas na Avenida Governador José Malcher e na Travessa 14 de Março, cujo uso ainda é o residencial – e os de residências particulares – que ainda mantêm seu uso primário.

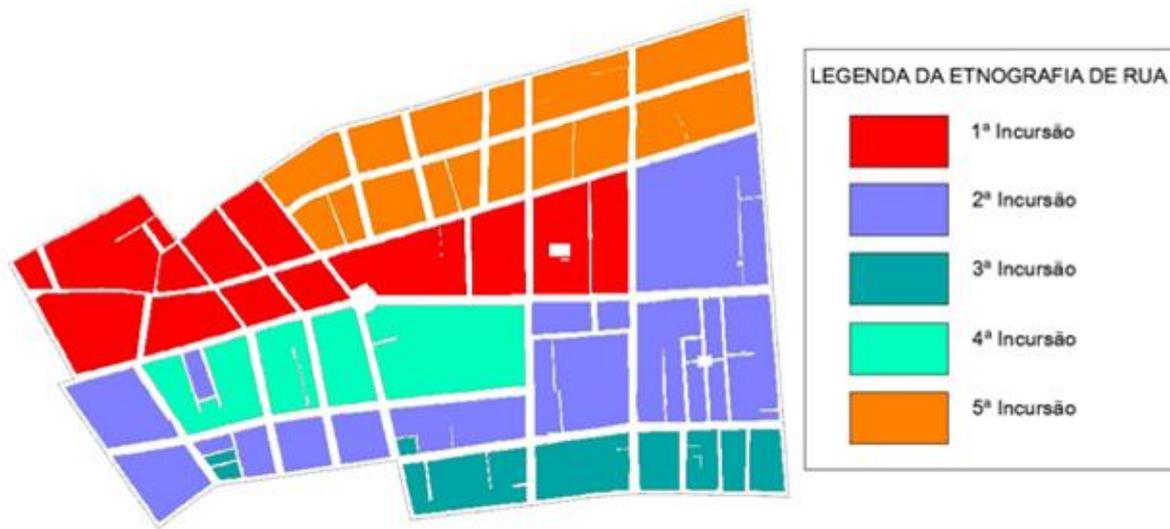
Parte das atividades de reconhecimento, baseada no método etnográfico, consistiu na produção de "Diários de Campo"⁶, na área de estudo. Das incursões (no total de cinco produzidas no bairro de Nazaré) (mapa 1) percebeu-se edificações classificadas (mapa 2) como linguagem Neocolonial - totalizando 103 edificações -, sendo algumas bastante preservadas e outras com poucas a grandes intervenções. A partir deste primeiro momento refinou-se parte da pesquisa, selecionando três objetos para aplicação do método estratigráfico: o prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes; o antigo Edifício Pérola, hoje sede do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará (CREA-PA); e a Casa nº 103, da Passagem⁷ Joaquim Nabuco, pertencente à Família Ribeiro Reis.

⁵ CREA-PA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará.

⁶ O diário de campo é um instrumento utilizado pelos investigadores para registrar/anotar os dados recolhidos susceptíveis de serem interpretados. Neste sentido, o diário de campo é uma ferramenta que permite sistematizar as experiências para posteriormente analisar os resultados. Cada investigador tem a sua própria metodologia na hora de levar a cabo o seu diário de campo. Neste, pode-se incluir ideias desenvolvidas, frases isoladas, transcrições, mapas e esquemas, por exemplo. O que importa mesmo é que o investigador possa apontar no diário aquilo que vê/observa ao longo do seu processo de investigação para depois analisar e estudar. Acessado no site: <http://conceito.de/diario-de-campo>; no dia 18 de Agosto de 2014.

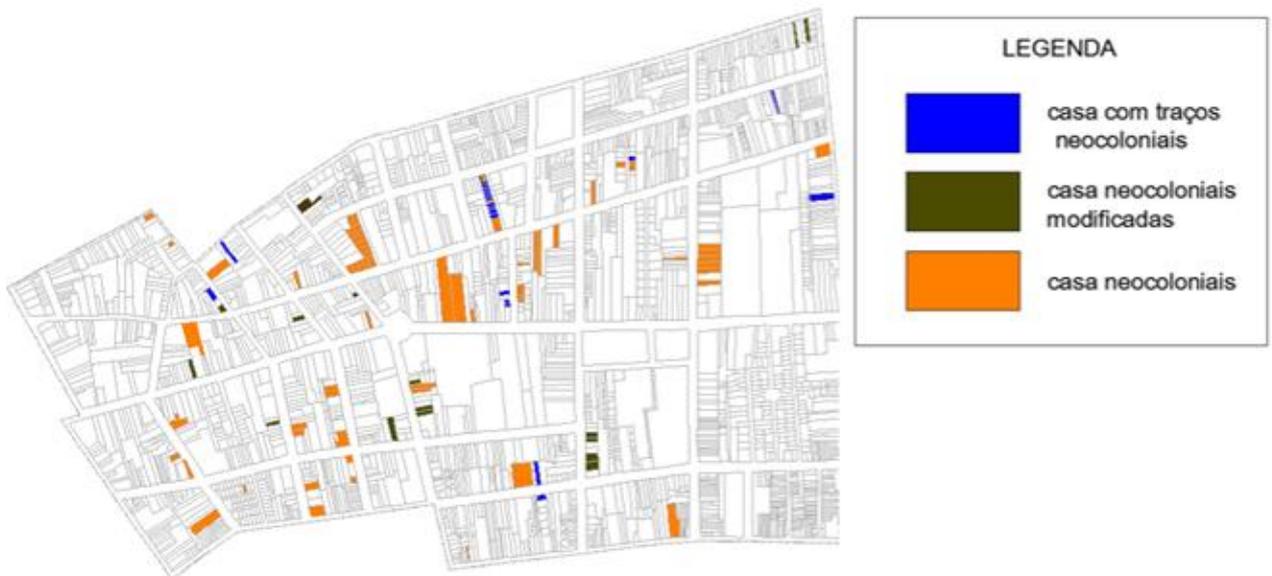
⁷ Significado de Passadiço: s.m. Passagem, corredor de comunicação. Náutica Ponte de comando, exclusiva do comandante, do oficial de quarto e do timoneiro; Adj. Transitório, passageiro; Sinônimo de passadiço: passadoiro e passagem; Definição de Passadiço: Classe gramatical: adjetivo e substantivo masculino; Separação das sílabas: pas-sa-di-ço; Plural: passadiços. Acessado no site: <http://www.dicio.com.br/passadico/>; no dia 17 de Agosto de 2014.

Mapa 1: Mapa temático do Bairro de Nazaré com a marcação das cinco incursões realizadas.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Mapa 2: Mapa do Bairro de Nazaré com a marcação das edificações levantadas.



Fonte: CODEM Alterado por Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Esta pesquisa busca identificar a diversidade estilística do neocolonial na sua produção no bairro de Nazaré em Belém, relacionando as transformações morfológicas ocorridas nestes prédios, através da prática dos métodos etnográfico e estratigráfico aos três objetos de estudo selecionados. Especificamente, tem-se a análise da gramática compositiva e a morfologia nas residências neocoloniais no bairro, a partir dos três objetos escolhidos; assim como as mudanças ocorridas e os impactos, intervenções e perdas. Partindo disso buscou-se, também, a compreensão da arquitetura neocolonial como artefato, através de uma perspectiva

sobre a preservação do patrimônio cultural na atualidade, atentando-se à arquitetura Neocolonial. Destarte a memória, não apenas coletiva, mas a individual, assim como na discussão das edificações em linguagem Neocolonial como bens culturais imóveis em Belém, aliando as informações obtidas nas discussões e teorias de estudiosos, perpetuando estas edificações, sem cristalizá-las, mas tornando-as representantes de uma leitura não verbal da memória e história paraense e brasileira.

Para isso esta dissertação organiza-se em cinco capítulos: o primeiro é voltado à análise do estado da arte da arquitetura Neocolonial no Brasil. O segundo inicia-se com uma discussão sobre a importância da moradia e o estudo sobre o bairro de Nazaré, depois relata-se a pesquisa do conjunto arquitetônico Neocolonial encontrado neste bairro, assim como a prática do uso do método etnográfico a partir da *Etnografia de Rua*. O terceiro tem como enfoque o estudo da gramática compositiva e morfológica da arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré. No quarto faz-se uma discussão sobre a prática da arqueologia histórica e a importância da arquitetura e da sociedade para a mesma, além da visão da estratigrafia da arquitetura como uma etapa na proteção do patrimônio arquitetônico brasileiro e da análise dos estudos de caso dos três objetos selecionados.

No último capítulo discute-se a relação da arquitetura Neocolonial e a memória através da importância desta, tanto a coletiva como a individual, analisa-se o Neocolonial como estilo ou vertente arquitetônica, assim como a edificação como documento da memória e a própria memória do artefato a partir da visão do Neocolonial como patrimônio cultural material. Verifica-se também a questão da preservação do Neocolonial em Belém, destacando-se a relação desta arquitetura e o sistema o qual esta inserida e as proposições para sua preservação em Belém através do estudo da valorização do Neocolonial nas origens do pensamento preservacionista e nas discussões das vertentes do pensamento a preservação.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

A arquitetura Neocolonial no Brasil, embora ideologicamente seja relacionada com a visão de identidade do período colonial, não consiste na representação fiel desta arquitetura. "Em parte, essa identificação foi devida ao arcabouço ideológico do movimento, que tratava de temas ligados à história, à colônia e a tradição, presentes no repertório da população em geral" (MASCARO, 2008, p. 129). Em Belém esta ideia de representatividade de um *provável passado*, pode ser visto nas formas e composições dessa arquitetura que mesclava elementos de linguagens muito encontradas na arquitetura de cunho português como o manuelino⁸ e o próprio barroco⁹.

São padrões e modelos arquitetônicos que marcam o princípio defendido por Ricardo Severo sobre a necessidade de perpetuar as influências portuguesas adquiridas, adaptadas e aplicadas no Brasil. Todavia mesmo mantendo essa essência como sua base e, também, como forma de confirmação de sua importância e aplicabilidade na arquitetura, o Neocolonial apresenta-se ilegível ou distante da verdadeira arquitetura colonial brasileira. Confirmando o que José Mariano Filho defendia a respeito da "falta de uma boa pesquisa sobre o início da arquitetura do Brasil, por isso ele sempre via com relutância a 'fantasia' na elaboração e construção de casas no estilo neocolonial" (AZEVEDO, 2012, p. 41).

⁸ "O manuelino, cujo período de pleno florescimento decorre a partir da segunda década do reinado, constitui um gosto artístico singular a vários títulos, já pela audácia decorativa servido por um gênio inventivo que se traduz na nova interpretação com que sobretudo escultores e arquitectos tratam motivos tradicionais (de raiz gótica), islâmica ou renascentista e na instauração de um repertório ornamental que enriqueceu brilhantemente o clima artístico da derradeira fase da Idade Média da Europa transalpina, já pela exuberância e robustez das formas entumescidas, atacarradas e por vezes de um vigoroso naturalismo, onde a luz joga nos acidentes volumétricos, já, ainda, pela composição dos núcleos decorativos, dinâmicos de curvas e de massas, só comparáveis ao que séculos mais tarde irá ocorrer durante o ciclo Rococó do Norte de Portugal na escultura monumental, na talha, no mobiliário, etc." Obtido no livro: SILVA, Jorge Henrique Pais da. **Páginas de História da Arte: 1º Artistas e Monumentos**. Editorial Estampa. 2ª Edição. Portugal, 1986.

⁹ 1. Expressão ou movimento arquitetônico decorrente de uma reação e uma fuga a regras tradicionais. Não constitui um estilo determinado, mas engloba manifestações estilísticas diferenciadas com um traço comum de rebeldia aos preceitos e modelos preestabelecidos. Desse modo, o gótico-flamejante é um movimento barroco em contraposição ao gótico, da mesma maneira que o estilo barroco é um movimento barroco em contraposição ao renascimento. Abrange a maioria das manifestações artísticas surgidas na Europa de meados do século XVII a meados do século XVIII, entre o fim do renascimento e o neoclássico. Institui-se basicamente em uma expressão dinâmica cuja principal característica é o uso do movimento através de formas curvilíneas, percepção ilusória, profundidade, claro-escuro e elementos decorativos. Tem influência na ornamentação de algumas antigas construções brasileiras. Portais barrocos são marcantes em antigas edificações coloniais baianas do século XVIII. Exemplos: painéis de azulejo do Claustro da Igreja de São Francisco, Salvador, BA; portais de pedra das janelas da Casa dos Contos, Ouro Preto, MG, e da antiga Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, MG. 2. Estilo arquitetônico surgido na Europa em contraposição ao renascimento no século XVII. À rigidez no tratamento dos planos, contrapõe o tratamento em volume. À delimitação rigorosa das formas, contrapõe a abertura. À beleza ideal, contrapõe a beleza do caráter. Prevalece no barroco o desprezo pela linearidade, o movimento das massas, a interpenetração em gradações do contorno dos elementos, a unidade no conjunto construtivo, enfim uma maior liberdade e desenvoltura na concepção arquitetônica. Está presente na arquitetura brasileira quase que exclusivamente em construções religiosas, sobretudo do século XVIII e principalmente em Minas Gerais. Exemplos: Matriz de N.S^a. do Bom Sucesso, Caeté, MG; Capela de N.S^a. Ó. Sabará, G. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume I - A a I. ProEditores: São Paulo, 1998.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Partindo dessa premissa é comum ver certa discrepância da linguagem, em relação à aplicação de determinados elementos estético-funcionais como a texturização nas paredes externas, assim como nos tipos e tipologias do Neocolonial no Brasil. Em Belém suas características são mais influenciadas pelos catálogos das revistas, que eram adquiridas pelas famílias, muitas delas abastadas, as quais os construtores (mestres de obras e engenheiros) utilizavam como base para a elaboração de residências com esse cunho arquitetônico. Contudo estes (os construtores) acabavam aprimorando esta arquitetura, fazendo-a obter características próprias do Neocolonial Paraense, destacando-se, nesta arquitetura residencial de Belém, os usos de beirais em finalizações nos vértices com rabo de andorinha, a textura nas paredes externas e o uso da cor branca.

Estes, por sua vez, não possuem grande destaque em outras regiões brasileiras como em parte do território paulista, onde se vê um Neocolonial que "pode ser interpretada como uma recriação (...) da arquitetura tradicionalista de Victor Dubugras e (...) ao que o professor Carlos A. C. Lemos chamou de Neocolonial Simplificado" (D'LAMBERT *apud* MASCARO, 2008, p. 129), na qual este divide esta tendência arquitetônica através de uma hierarquização em classes sociais com a qual em sua obra *Alvenaria Burguesa*, usou o conceito de classe para interpretar a arquitetura da sociedade paulista, e especialmente paulistana, no início do século XX (LEMOS, 1989).

Assim, em Belém, tais elementos, outrora descritos, são mais destacados e presentes nas edificações que apresentam esta linguagem arquitetônica e que conseguiram perpetuar, nestas edificações, até a atualidade. Este padrão não é apenas visto no bairro de Nazaré, selecionado para esta pesquisa, mas sim em outras áreas da cidade como nos bairros do Umarizal, São Brás, Batista Campos, Cidade Velha e outros, onde vê-se ainda existente esses caracteres, principalmente os dois primeiros (beirais em finalizações nos vértices com rabo de andorinha e a textura nas paredes externas), pois o terceiro, apenas alguns exemplares o mantém, principalmente quando são levados por questões pessoais como o gosto dos que o habitam, por exemplo.

Estes elementos, embora simples, eram os mais utilizados pelos construtores da época em Belém. Os mesmos eram compostos por mestres de obras, mas, principalmente, por engenheiros, pois ao analisar as ARTs – pesquisa realiza no ano de 2013 – (Anotação de Responsabilidade Técnica) - localizadas na sede do CREA-PA¹⁰ - viu-se a presença constante,

¹⁰ CREA-PA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

e praticamente unânime, de engenheiros paraenses e de alguns poucos arquitetos¹¹. Com estes dados percebe-se que embora houvesse a participação de mestres de obras na produção do Neocolonial em Belém, a maior parte dos documentos existentes relata que a produção desta arquitetura era, predominantemente, do *saber erudito* (pelos engenheiros e arquitetos licenciados).

Seguindo esta sequência, verificou-se que grande parte das ARTs analisadas se encontram em um período que vai de 1948 - ano em que começou a salvaguarda destes documentos a partir de anotações em livros na qual consta-se determinados dados (Proprietário, responsável técnico, localização, data de entrada e emolumento) - até os dias atuais, porém para fins de delimitação determinou-se esta pesquisa até o ano de 1960 quando se passa a encontrar nas ARTs uma concentração de projetos de caráter "moderno", como o do *Edifício Felícia*, datado de 04 de Novembro de 1959¹², obra cujo responsável (projetista) foi o arquiteto Alcyr Meira¹³.

Ainda com relação às edificações residenciais Neocoloniais de Belém, vê-se que no bairro de Nazaré há um padrão de três tipos ou modelos aplicados (Bolo de confeitiro, as geminadas e palacetes), que mesmo seguindo tipologias diferentes, a maioria apresenta os três elementos (beirais em finalizações nos vértices com rabo de andorinha, textura nas paredes externas e o uso da cor branco) em comum - pois algumas já possuem intervenções - a qual se mesclam com outros caracteres da linguagem como as colunas torsas, frontões curvos, pináculos e etc. Diferente do que se vê, por exemplo, no Estado de São Paulo onde há maior influência do *estilo missões* (figura 7) e também das *casitas californianas* tanto em prédios governamentais quanto residenciais.

O Clube das Mães - Creche Anita Costa (...) foi a primeira creche construída na cidade de São Carlos (...). Elementos de influência missões, a entrada da creche é

¹¹ Destaca-se que o curso de arquitetura surgiu em Belém apenas a partir de 1964, porém havia engenheiros civis que possuíam o título de "arquitetos licenciados".

¹² VER Livro de Registro de Anotações de Responsabilidade Técnica Nº 8, p. 57, ART nº 338 - Localizada na Sede do CREA-PA.

¹³ Alcyr Bóris de Souza Meira é Engenheiro civil (1956) formado pela Escola de Engenharia do Estado do Pará e em Arquitetura (1966) pela Universidade do Pará. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e Presidente da Academia Paraense de Letras. Como docente, foi Instrutor de Ensino da Cadeira Construção Civil e Arquitetura da Escola de Engenharia do Estado do Pará (1958/1959) e na Cadeira de desenho do Núcleo de Física e Matemática - Universidade Federal do Pará (1960). Como Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (1962/1992), lecionou "Arquitetura no Brasil" e "Teoria da Arquitetura", no Curso de Arquitetura. Em 1968, foi professor Contratado da Rice University - Houston, Texas - USA, tendo ministrado Seminário sobre Arquitetura Tropical e sobre Planejamento de Campi Universitários. Como projetista, destacam-se o Projeto do Campus da Universidade Federal do Pará - Belém-Pará (1966/1968), para o qual desenvolveu: Plano Geral de Urbanização e Paisagismo; Projeto de pórticos, setor de aulas teóricas do Básico, Biblioteca Central, Ginásio de Esportes, dentre outros. Realizou também Planos Diretores para outras Universidades brasileiras e da América do Sul. Em 2013, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Pará.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

marcada por um pórtico de três arcos plenos, que avança em relação ao alinhamento da fachada e é coberto por oitão triangular e beirais com cachorros aparentes. Nas laterais do arco frontal, as paredes sofrem alargamento em direção ao piso, sendo, essa, mais uma característica bastante comum, nos prédios de inspiração missões (MASCARO, 2008, p. 161-162).

Figura 7: Exemplo de arquitetura em *estilo missões* na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Embora se tenha conhecimento que haviam edifícios Neocoloniais construídos pelo poder público, em Belém, (escolas, postos de saúde, delegacias, prédios administrativos, mercados) estes são pontuais - acentua-se mais na atualidade, pois certa parte dos mesmos foi demolida para a construção de outros mais modernos. Logo ao analisar esta linguagem arquitetônica em Belém, chama-se a atenção para as residências unifamiliares e multifamiliares, que são encontradas nos bairros, e na variedade estética e compositiva dos elementos arquitetônicos que os compõem.

O que torna mais marcante o fato da arquitetura Neocolonial desenvolvida em Belém apresentar uma diferenciação na forma de ser aplicada é a falta de um padrão de uso dos elementos, ou seja, por se tratar de uma arquitetura mais particular esta apresenta uma variação nas formas e composições, afinal, nessa época (anos 1920), as famílias procuravam trazer para sua moradia uma *representação própria*, uma espécie de caracterização familiar. Assim observa-se determinadas peculiaridades nas mesmas como forma dessa representação, onde há, por exemplo, a presença de brasões e também das imagens dos santos padroeiros dessas famílias, geralmente feitos de azulejos - muitos deles seguindo o padrão português no

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

uso da cor branca com o azul real, como encontrado em algumas residências Neocoloniais no bairro de Nazaré.

Isso demonstra a grande variedade de tipologias dessa arquitetura nesta cidade, diferente do que se vê em outras regiões brasileiras onde existe uma produção maior dessa linguagem arquitetônica através de obras públicas como edifícios para atividades recreativas, igrejas, e também escolas e sedes da administração governamental. Todavia sabe-se que este tipo de arquitetura, muito influenciada pelo período varguista, existiu em Belém e também foi aplicado em escolas públicas (algumas ainda existentes) e posto de saúde (já demolidos) (figura 8), além dos prédios institucionais militares, que procuram manter as mesmas características dessa época.

Figura 8: Antigo Posto Médico do Bairro do Jurunas, já demolido.



Fonte: Álbum do Pará. 1939.

Logo pode-se ver, nestas edificações, um padrão de planta; elementos como pináculos, frontão, azulejos e outros; além da questão da monumentalidade do Neocolonial, semelhante ao aplicado em outras regiões do país como nas antigas Escolas Prática de Agricultura localizadas no interior do Estado de São Paulo. Marcando não apenas a rigorosidade da época para com a forma e o uso adequado dos elementos nas edificações públicas e militares em todo o Brasil, mas, também, a grande disseminação que a linguagem Neocolonial obteve ao ter se tornado, principalmente, na Era Vargas, a arquitetura representativa do governo brasileiro, que tinha como objetivo principal o de propagar uma ideologia de patriotismo e nacionalismo com a qual o governo procurava controlar a massa populacional.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

É incontestável, portanto, a importância de alguns fatos para a disseminação do Neocolonial no Brasil, como a Semana de Arte Moderna de 1922, na qual participou o arquiteto polonês Georg Przyrembel. Sua importância como expoente da corrente neocolonial foi significativa, haja vista que no decorrer das décadas que se seguiram, este passou a encarar tudo o que o modernismo combateria na arquitetura brasileira, embora o próprio conceito de “moderno”, neste momento, estivesse em formação embrionária, portanto complicado definir o seu significado (KESSEL, 2002).

Este pode ser um dos motivos para que o estilo neocolonial tenha conseguido lugar de grande destaque na Semana de Arte Moderna de 1922, desaparecendo praticamente depois, afinal sua “disputa” era com o novíssimo “modernismo arquitetônico” que neste período, essencial e efêmero, muitas foram as vezes que o neocolonial fora considerado como uma vertente arquitetônica do modernismo como pode ser visto nos manifestos de Rino Levi e Gregori Warchavchik, primando à funcionalidade, aversão a ornamentação excessiva e o apoio à busca de um caminho próprio para a arquitetura, baseando-se no clima e na cultura brasileira.

Dentro da semana de arte moderna de 1922 a arquitetura era resumida pela apresentação dos trabalhos de dois arquitetos estrangeiros radicados em São Paulo, o primeiro foi o espanhol Moya com os esboços (templo, túmulo, residência, fonte, cariátide, e outros); o outro era o polonês Przembel com a maquete do projeto da Taperinha da Praia Grande, ocupando lugar de destaque na exposição sendo rodeado por trabalhos de Graz, Brecheret, Rego Monteiro e Malfatti. Contudo “para iniciarmos o estudo sobre o neocolonial no Brasil, devemos estudar intimamente o engenheiro português Ricardo Severo” (GONÇALVES, 1977, p. 22), e sobre este fala-se:

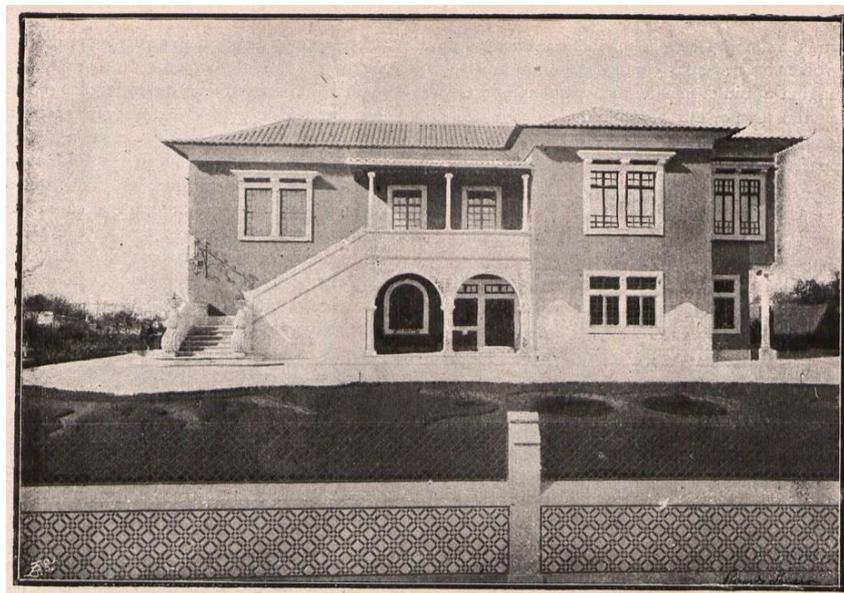
(...), nascido em 1869 em Lisboa e criado na cidade do Porto. Severo havia se desenvolvido no levante republicano de 1891; com a derrota do movimento, decidira-se a vir para o Brasil, desembarcando em São Paulo no final do mesmo ano (GONÇALVES, 1977, p. 22).

Em solo Brasileiro, mais especificamente na capital paulista, Ricardo Severo se casou com a filha do grande cafeicultor Henrique Dumont (pai de Alberto Santos-Dumont) em 1893. Casado, voltou para Portugal onde fundou em 1898, a revista “A Portugália” durando até o ano de 1908. Foi encarregado de projetos e construção de residências, assim como a sua na cidade do Porto (figura 9). Para isso teve que enfrentar os novos programas arquitetônicos, os materiais, novas técnicas armadas a tradição vernácula portuguesa, cooptando e adaptando soluções nativas e de forma muito própria, até o seu retorno a São Paulo quando associa-se a

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Ramos de Azevedo, e passar a ocupar lugar de destaque no gerenciamento das obras da sua firma.

Figura 9: Fachada principal da Casa de Ricardo Severo no Porto.



Fonte: Revista *Serões*. 1905.

O início do século XX foi para a arquitetura portuguesa um período de mudanças, a inovação contra a tradição, o internacional contra o nacional. Um grande exemplo deste “choque” português seria a escolha para o Pavilhão de Portugal na exposição universal em Paris no ano de 1900, no qual a comissão organizadora tinha ficado entre Ventura Terra com um projeto mais eclético e Raul Lino que elaborou um projeto que posteriormente seria chamado por ele de “tradicional português”. Todavia essa seria a última forma de apresentar toda a gama de romantismo e de nacionalidade nesse momento, embora Raul Lino continuasse a seguir seu princípio em Portugal com movimento pró-tradicional da “casa portuguesa” (KESSEL, 2002).

Enquanto isso, no Brasil, muitas pessoas se lastimavam com o descaso pelas tradições, como Gustavo Barroso que em seu artigo intitulado “O Culto da Saudade”, discorria sobre a inação em relação à preservação dos bens imóveis. Severo em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1911, chamado “Culto à Tradição”, também afirma que

(...) pelo desprezo que por vezes votais à obra das gerações que por aqui passaram em outras eras, e pela destruição a que vejo condenadas muitas tradições e construções de outros tempos, cuja legenda ou cuja arquitetura são as mais comoventes recordações da vida dos vossos nobres antepassados (GUIMARÃES, 1969, p. 51).

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Dessa maneira ficou a encargo de Ricardo Severo propor um programa vigoroso de ação, que, segundo estudiosos, é considerado como o marco inicial da arquitetura neocolonial no Brasil. Esta teve como marco a conferência intitulada “A Arte Tradicional no Brasil: a casa e o templo”, declamado em 20 de Julho de 1914 na sociedade de cultura artística de São Paulo, na qual ele afirmava a importância de compreender a arquitetura e a arte tradicional, assim como seus fundamentos étnicos e históricos desde as forma típicas além da arquitetura externa e interna as residências e também o valor estético dos elementos arquitetônicos nacionais, para, dessa forma, poder constituir uma arte *genuinamente brasileira*, buscando sempre a importância do valor da tradição, como sua obra na Avenida Paulista para o banqueiro Numa de Oliveira – que anteriormente residia em um palacete projetado por Dubugras – além de outras duas residências para seu próprio uso, na mesma época, sendo uma na Rua Taguá, na capital, e outra no Guarujá, local de veraneio da elite paulista.

O que Severo, todavia, considera como sendo tradicional não consistia, na arquitetura indígena, mas sim a influência de origem portuguesa estabelecida no Brasil desde o século XVI. Por isso, em seu discurso, quando falava sobre o caráter da arquitetura legítima ele dizia não ter importância se esta é de origem portuguesa, ou italiana, espanhola, latina, ou outra qualquer, pois a maior exigência era de que fossem adaptáveis as condições físicas e morais do meio brasileiro. Partindo desses dizeres pode-se destacar os primeiros profissionais a trabalharem desta forma que foram Victor Dubugras e o já mencionado Georg Przyrembel.

O primeiro empreendeu a antigüíssima Casa do Padre Inácio, em Cotia. A excursão foi notificada na revista *A Cigarra* em Março de 1916, (...). O segundo havia nascido em 1885 e tinha se educado na Alemanha, chegando a São Paulo pouco antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, contratado para dirigir as obras de reforma do Convento de S. Bento. Przyrembel projetou uma residência para Odon Cardoso na Rua Monte Alegre, em São Paulo, em 1916, e outra para Heládio Capote Valente, na praia Grande, local de veraneio dos paulistanos de então, ambas incorporando diversos traços da arquitetura tradicional brasileira (KESSEL, 2002, p. 114).

Do movimento organizado por Ricardo Severo pode-se destacar, também, um grande benfeitor que foi o então prefeito da cidade de São Paulo, Washington Luís que era a favor da revalorização da arquitetura tradicional, fato este que pode ser confirmado pela entrega à Dubugras o projeto de reurbanização do *Largo Da Memória* – antigo pouso tropeiro nas proximidades do centro da capital –, que mesmo não sendo considerado como uma obra em estilo neocolonial, já começa a apresentar determinadas características como o frontão preenchido por azulejos e a representação de uma cena tropeira feita por Wash Rodrigues. No entanto destacam-se outras, como a série de monumentos que foram construídos ao longo do

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Caminho Do Mar (figura 10), encomendada pelo mesmo prefeito, em 1920, sendo marcada como a primeira grande encomenda do poder público a aplicar o estilo neocolonial, comemorando o centenário da independência em 1922.

Figura 10: Projeto para o *Pouso de Paranapiacaba*, construído junto com a série de monumentos ao longo do *Caminho do Mar*.



Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. 2005. p. 80 e 81.

Quando trata-se sobre os defensores da arquitetura Neocolonial, acaba-se exaltando dois nomes considerados como os principais: Ricardo Severo, outrora mencionado e José Mariano Filho. Suas ideias foram motivos de disputas ideológicas entre um grande grupo de intelectuais, muitos pertencentes ao antigo SPHAN¹⁴, como o próprio Rodrigo Melo Franco de Andrade e outros. Nessas discussões, embora louvadas e acirradas, via-se algo, pois até aqueles que defendiam a arquitetura, a arte e a cultura brasileira pouco sabiam ou conheciam sobre ela. Através de “*A Arte Religiosa no Brasil*”¹⁵, por exemplo, o escritor Mário de Andrade mostra-se preocupado com a arquitetura brasileira, em especial a do período colonial. A partir de análises de ornamentos e de soluções de plantas ele denunciava o estado de abandono e decadência de grande parte da arquitetura religiosa brasileira, seja por motivos de inutilização, manutenção, intervenção e até demolição (PINHEIRO, 2005).

Dessa forma Mário de Andrade transcreve para as páginas todas as perdas das igrejas brasileiras, vistas por ele em suas viagens, atentando, por exemplo, para a transformação destas, que perdiam suas características coloniais, em prol de uma nova linguagem arquitetônica que era o neogótico – muito em voga no início do século XX (PINHEIRO, 2005). Portanto fica clara a intenção deste escritor não apenas em relação à importância da

¹⁴ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

¹⁵ Série de artigos, escritos por Mário de Andrade, publicados na *Revista do Brasil*, em 1920.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

arquitetura colonial, mas na própria questão da preservação destes imóveis – o que nunca foi defendido por Ricardo Severo ou por José Mariano Filho –, assim como na visão, semelhante à de Severo, da qual para entender melhor a arquitetura nativa, torna-se necessário conhecer as edificações de menor porte, como as residenciais, que geralmente apresentam mais indícios de originalidade artística do que as monumentais (RUSKIN, 2008), confirmando o seu tom nacionalista.

Concomitantemente a estas pesquisas e estudos a arquitetura Neocolonial, no Brasil, se desenvolveu em muitas cidades. Sua forma de propagação consistia, assim como outras linguagens arquitetônicas, no crescimento a partir do centro ou da capital do Estado, em suma, geralmente da cidade mais importante da região, para os demais municípios e interiores. Logo há vários exemplos como: São Paulo e seus arredores como São Carlos, Bauru, Ribeirão Preto e outros; Belém e os municípios como Cameté (figura 11) e Abaetetuba. Este fato demonstra a propagação que esta arquitetura obteve, porém existem cidades em que o Neocolonial não obteve grande expressão, a exemplo do Rio de Janeiro.

Figura 11: Residência da Família Parijós em Cameté – Pará.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Sua presença foi pouco difundida nesta cidade – podendo ser confirmado através da famosa Exposição Nacional de 1922 realizada na capital federal (Cidade do Rio de Janeiro) em comemoração ao primeiro Centenário da Independência do Brasil – onde se via a falta de uma arquitetura capaz de representar as características da *arquitetura de origem*, ou seja, havia a necessidade da construção de um escopo de obras edificatórias capazes de congregar as iniciativas da época, em que prezava-se a busca pela manifestação do *nacional brasileiro*.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Outro fator relevante para o pouco desenvolvimento dessa arquitetura no Rio de Janeiro é a própria função desta como capital do país, na época, pois esta devia apresentar-se como cosmopolita, inovadora e atualizada, logo, para atingir estes fins muitas edificações do período colonial brasileiro, por exemplo, foram demolidas para dar lugar a largas avenidas como os famosos *bulevares*. Todavia o Neocolonial passa a angariar maior notoriedade no Rio de Janeiro, assim como no Brasil, a partir de um grande acontecimento conhecido como *A Exposição Internacional do Centenário da Independência*, que dentre as grandes intervenções realizadas naquela cidade, uma delas foi à demolição do *Morro do Castelo*, para a construção dos pavilhões deste evento.

Os projetos contemplados para esta exposição tiveram como ponto obrigatório a presença do *estilo colonial brasileiro*, dessa forma:

Seguindo tais diretrizes, portanto, foram projetados os seguintes pavilhões, conforme relação e comentários publicados em IB 20, abr. 1922: a Porta Principal da Exposição, de Edgar Vianna e Mário Fertin; o Portão Norte, de Rafael Galvão; o Pavilhão das Pequenas Indústrias, de Nestor Figueiredo e San Juan; o Palácio das Indústrias, de Arquimedes Memória e Francisque Cuchet; o Pavilhão de Caça e Pesca, de Armando de Oliveira; e o Pavilhão de Viação e Agricultura, de Morales de los Rios Filho (PINHEIRO, 2011, p. 103).

Assim viu-se várias formas, padrões e uso de diversos elementos, onde procurava-se representar as características da *arquitetura tradicional*, seja nos grandes detalhes como a forma, a planta baixa, a composição da edificação até os menores como os azulejos, as curvas, capitéis, em suma, detalhes que propunham a marcação dos cânones vigentes da arquitetura Neocolonial. Destarte os pavilhões construídos por Portugal e México (figuras 12 e 13), cuja representação da arquitetura de origem apresentava-se com riqueza de elementos.

Figuras 12 e 13: Pavilhões de Portugal e do México para a *Exposição Internacional do Centenário da Independência*, respectivamente.



Fonte: PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. 2011. p. 124 e 121.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Este último (pavilhão mexicano), após a exposição, foi considerado como base para a criação de edificações na cidade do Rio de Janeiro, sendo denominado como *Mission Style* ou *Renascença Espanhola*. Nela há a impregnação pura de elementos bastante difundidos nos prédios neocoloniais como o uso do pátio pitoresco, escadaria trabalhada e uso de fontes centrais com presença de azulejos, assim como algumas representações neocoloniais encontradas no Bairro de Nazaré, em Belém, a exemplo do próprio Conservatório Carlos Gomes e o atual prédio do Centro Integrado de Governo (CIG), na qual se vê a aplicação destes elementos utilizados no pavilhão do México, seguindo uma relação entre as janelas em arco do piso superior com o detalhe da portada principal, por onde se vê o pátio interno destas antigas residências.

Atenta-se, também, para outro ponto nodal da cidade do Rio de Janeiro, que foi a presença marcante de José Mariano Carneiro da Cunha Filho, considerado, junto com Ricardo Severo, um dos defensores fervorosos do Neocolonial. Sua importância deve-se não somente pelos discursos e disputas que travava para implantar o estudo da arquitetura colonial brasileira como disciplina na antiga Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), mas por ter sido considerado como um mecenas capaz de investir em concursos de trabalhos arquitetônicos que demonstravam várias formas de representação da arquitetura de origem do Brasil. Para isso realizou e custeou viagens de estudantes de arquitetura como Nestor de Figueiredo, Nereu Sampaio e Lúcio Costa.

Outra base de seu pensamento era a questão de procurar resguardar peças, elementos de antigas arquiteturas coloniais que eram demolidas, embora não discutisse a respeito de preservação patrimonial da arquitetura brasileira, assim José Mariano Filho era considerado como um dos grandes colecionadores da época e grande parte desses objetos, por ele adquirido, foi aplicado em sua própria residência conhecida como *Solar Monjope* (figura 14), considerada “a casa-padrão, o monumento arquitetônico mais perfeito de que nossa cultura pode orgulhar-se. (...) A casa de José Mariano Filho vai ser uma grande força estética a modificar, fatalmente, a arte de construir, no Brasil” (COSTA *apud* PINHEIRO, 2011, p. 145).

Figura 14: Fachada posterior do Solar Monjope.



Fonte: PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. 2011. p. 146.

Em relação ao Estado de São Paulo, embora desenvolvido principalmente pela cultura do café¹⁶, também apresentou outras relações sociais ao longo dos períodos. Durante este momento (final do século XIX e início do XX) era comum ver o "progresso" caminhar junto com a mesma, e assim, polos de aglutinação (cidades paulistas) passaram a crescer e a se conectar, destacando-se aquelas ligadas através das estradas de ferro. Nessa época, assim como visto em Belém¹⁷, a arquitetura eclética estava em alta e se apresentava na "preferência marcada pelo traçado ortogonal de ruas e praças" (BORTOLUCCI *apud* MASCARO, 2008, p. 87). As edificações produzidas no século XIX passaram a dar lugar ao momento eclético onde "(...) no ramo da construção, representada pelos imigrantes europeus, especialmente os italianos, propiciaram o florescimento dessa arquitetura europeizada, no interior paulista" (MASCARO, 2008, p. 87).

Com o início do desenvolvimento e a chegada do “processo de industrialização” houve, por volta do ano de 1930, uma nova etapa de transformação das cidades do interior paulista e com isso sua arquitetura também acabará ganhando uma nova conformação, pois a velha estrada de ferro – considerada o motor nas épocas de outrora – agora dava lugar a novos condicionantes como o forte investimento nas rodovias, por exemplo. Isso fez com que algumas cidades recebessem esse *desenvolvimento*, porém outras não, ou seja, “grande parte

¹⁶ Ver WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

¹⁷ Ver FABRIS, Annateresa (org.). **Eclétismo na Arquitetura Brasileira**. Nobel; Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1987.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

das cidades pequenas e médias do interior do Estado apresentam configuração arquitetônica predominantemente eclética, como se tivessem parado no tempo” (MASCARO, 2008, p. 88). Contudo, em 1930, com o *Varguismo* passou-se a construir, nas pequenas e médias cidades do interior paulista, uma arquitetura de cunho Neocolonial que se destacava pela qualidade e expressividade, sendo para fins, principalmente, educacionais.

Além destas destacam-se ainda “as escolas construídas durante a Primeira República” (MASCARO, 2008, p. 89), assim como igrejas e outras habitações. Todavia essa condição abrange todo o Estado, logo, tem-se uma estagnação em alguns lugares e o desenvolvimento em outros como em Pirassununga, “que recebeu uma Escola Prática de Agricultura, em 1942, cujas edificações foram construídas segundo os preceitos do Neocolonial” (MASCARO, 2008, p. 89). Cidades como Bauru, São Carlos e Ribeirão Preto também entram nessa lista das que continuaram a crescer e concomitantemente foram recebendo a produção Neocolonial de forma expressiva, principalmente, pois esta arquitetura acabou, na época (1930), por conseguir ostentar toda a visibilidade e a imponência que o poder público necessitava para seus edifícios, por isso esta foi “rapidamente identificada pelo governo e pela população em geral como representação de modernidade, de originalidade, de tradicionalismo, de *status* e, por certo, de outras qualificações” (MASCARO, 2008, p. 90).

Ainda na década 20 do século XX, o Neocolonial apresentava uma visão mais *elitista* e voltada, principalmente, para as residências de cunho unifamiliar, ou seja, moradias particulares. Pensadores se voltaram a defender uma abertura desta linguagem arquitetônica para as massas (produção popular) a fim de não restringi-la a poucos usuários, assim. Dentre as edificações, dessa dita *vertente elitista*, destaca-se no Estado de São Paulo, por exemplo, as produzidas pelo poder público, onde os pensamentos e os conteúdos ideológicos que esta linguagem arquitetônica apresentava, durante sua fase inicial, foram aplicados a partir de uma visão patriótica e nacionalista exacerbada.

Durante as décadas de 1920, 1930, e 1940, diversos edifícios públicos foram construídos seguindo a estética neocolonial, entre os quais escolas e fóruns, não só na cidade e no Estado de São Paulo, como em outros lugares do país. Nesses casos, havia uma identificação entre os propósitos do Estado e a imagem da arquitetura neocolonial, que foi apropriada e reproduzida na esfera oficial, ainda numa forma erudita repleta de conteúdo ideológico. (MASCARO, 2008, p. 92)

Em Belém, também, pode-se ver esta influência através da aplicação – embora não tão grande quanto visto em outras regiões do país – que o Neocolonial obteve na cidade, sendo, basicamente encontrado em três tipos de hierarquia social: a primeira correspondente a residências particulares e multifamiliares; as de cunho militar, subdivididas nos prédios

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

institucionais e nas casas dos mesmos; e as edificações pertencentes ao setor público como escolas, postos de saúde, delegacias, prédios do governo e outros. No Estado de São Paulo tais prédios públicos ficaram a encargo do então DOP (Diretoria de Obras Públicas do Estado de São Paulo), composta de engenheiros e arquitetos que mantinham a visão do Neocolonial como *arquitetura nacionalista*, e dessa forma a difundiram, principalmente no interior paulista onde esta arquitetura proporcionou a construção de “verdadeiros exemplares representativos de uma criação arquitetônica popular autóctone” (LEMOS *apud* MASCARO, 2008, p. 92).

Nas cidades de Pirassununga, Bauru, Guaratinguetá, Itapetininga, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto a arquitetura Neocolonial apresenta um conjunto expressivo de edificações, destacando, no início de 1940, as projetadas pelo Governo como as Escolas Práticas Agrícolas (EPAs), constituindo-se no total de dez, elas apresentam toda uma tendência a esta linguagem arquitetônica defendida não apenas pela ideologia do *estadonovista*, mas arraigadas na visão do então interventor do Estado (1941-1945), Fernando Costa. Em Belém, em 1939, tem-se, como exemplo, o Instituto Agrônomo do Norte – onde situa-se as instalações da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) – que depois de reforma posterior vê-se a presença marcante da arquitetura Neocolonial.

Sua fachada principal (figura 15), embora simples, possui uma marcação simétrica, sendo dividida em cinco blocos apresentando um escalonamento em relação à altura. O corpo central é avançado em relação aos laterais, com beiral forrado em toda a extensão do bloco, lembrando um chalé. E possuindo, também, uma varanda sustentada por três arcos na frente e um em cada lateral, marcando a entrada principal da edificação, além de suas esquadrias que no primeiro pavimento são em verga reta e as do andar superior apresentam um boleado em forma de arco abatido. Sua conformação no terreno (figura 16) é semelhante às demais encontradas nas Escolas Agrônômicas do interior do Estado de São Paulo, em forma de “E”, neste caso invertido, tendo suas aberturas para a parte posterior, possuindo certa simetria na cobertura, arrematada pela presença da rua principal da Universidade, assim como da rotatória, marcando a simetria na organização paisagística do entorno.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Figura 15: Fachada da Reitoria da Universidade Federal Rural da Amazônia, antigo Instituto Agrônômico do Norte.



Fonte: <http://www.portalnew.ufra.edu.br>

Figura 16: Forma de implantação do prédio central da Universidade Federal Rural da Amazônia, antigo Instituto Agrônômico do Norte.



Fonte: <https://maps.google.com.br/>

Na década de 40 do século XX, outros institutos agrônomos foram erguidos no Brasil, como o do Nordeste “situado a 18 km do Recife, no bairro de Curado” (MASCARO, 2008, p. 98), além dos encontrados no interior do Estado de São Paulo, na qual, quase por exclusividade, teve a arquitetura Neocolonial como linguagem mestra, tendo nos anos de 1938 a 1945 como momento em que o Estado Brasileiro procurava engrandecer seus propósitos nacionalistas através da campanha Neocolonial que propunha uma visão da *tradição brasileira*. Buscava-se sempre uma homogeneização das formas e dos símbolos a serem empregados nas obras institucionais, tornando-os exemplos da arquitetura brasileira para a massa popular, que aos poucos passava a se identificar com as ideias e os preceitos implicados pelo Governo e que estavam impregnados na arquitetura Neocolonial utilizada a fim de identificar e marcar o patriotismo. Dessa forma “a adoção da arquitetura neocolonial como oficial está relacionada aos propósitos do Estado” (MASCARO, 2008, p. 99).

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Ressalta-se ainda que esta visão patriótica, provavelmente, já se apresentava bastante diferente das ideias e pensamentos defendidos por Ricardo Severo na qual se dava primazia as influências trazidas e obtidas dos portugueses e que eram aplicadas na arquitetura brasileira. Todavia essa aproximação entre Estado e a linguagem arquitetônica Neocolonial pode ser vista desde a década de 20 do século XX, como os prédios de estabelecimento de ensino (prédios escolares) encontrados no Rio de Janeiro. Dessas se destacam as desenvolvidas ao longo da campanha de José Mariano Filho que em seus concursos sempre exigia projetos de cunho Neocolonial como “as Escolas Argentina, Uruguai, Prado Júnior, Estados Unidos e Soares Pereira” (KESSEL *apud* MASCARO, 2008, p. 100) que, posteriormente, com o ingresso de Fernando Costa como Ministro da Agricultura, em 1938, houve uma continuação dessa linguagem como a *oficial*, contribuindo não apenas para o avanço da ideologia patriótica, mas da própria arquitetura Neocolonial pelo Estado (interior paulista).

O objetivo do Estado era o de alinhar “à intenção da propaganda nacionalista do governo, que pretendia apagar as vicissitudes culturais locais, em favor da construção da imagem de um tipo brasileiro generalizado” (MASCARO, 2008, p. 101-102). Este pensamento não é apenas confirmado no Brasil mais em praticamente toda a América Latina onde havia uma prática de uso da arquitetura Neocolonial bastante forte e arraigada aos governos locais, baseada na disseminação, caracterização e confirmação do nacionalismo, não apenas nas capitais e grandes centros, mas com grande ênfase nos meios rurais como as *casas da lavoura*, promovidas pelo Ministério da Agricultura e as Secretarias dos Estados e as próprias Escolas Agrônômicas que acabaram sendo pontos de maior destaque e abrangência, marcadas pelo “Decreto-Lei Estadual nº 12.742 [que] determinou a construção das Escolas Práticas de Agricultura” (MASCARO, 2008, p. 102).

Com isso, em 1945, foram erguidas cinco, das dez, Escolas Práticas de Agricultura (Bauru, Guaratinguetá, Itapetininga, Pirassununga e Ribeirão Preto), constatando-se que “o projeto de ‘construção da nacionalidade’, implantado por Vargas, beneficiou-se das ideias lançadas, quase duas décadas antes, por Severo e Mariano Filho” (MASCARO, 2008, p. 103), onde percebe-se o rigor para com as formas e os elementos a serem aplicados nas edificações. Observa-se tanto o enraizamento dos discursos e debates dos neocolonialistas¹⁸ como o da própria ideologia do governo que defendia o nacionalismo e o patriotismo como formas de manter o poder sobre as massas. Assim as décadas de 30 e 40 do século XX, passam a caracterizar-se por este pensamento, e na área da arquitetura vê-se a linguagem

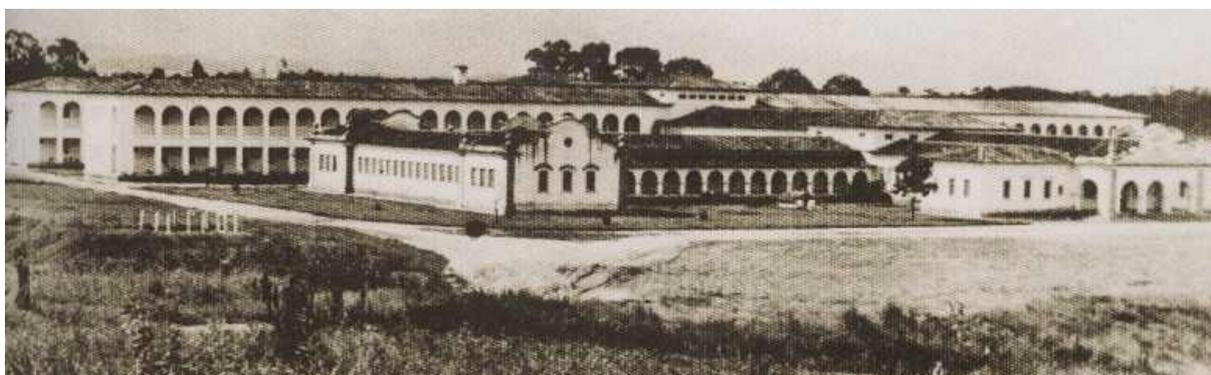
¹⁸ Ver BISPO, Raphael. **Selecionar, disputar e conservar: práticas de comunicação social e construção da memória nacional pelo IPHAN**. Revista CPC. Nº 11. São Paulo, 2010.

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

Neocolonial se tornar cada vez mais expressiva, adequando-se aos propósitos oficiais da época.

Com relação às edificações das escolas de agronomia, embora cada uma possua suas particularidades, há semelhanças como a simetria e a presença de dois tipos de projetos: ou utilizava-se a proposta de dois pavimentos (Bauru e Ribeirão Preto) ou o de apenas um pavimento (Guaratinguetá, Pirassununga e Itapetininga) (figuras 17, 18, 19 e 20). O primeiro, geralmente, tinha em seu prédio central “um grande frontão tripartido, com volutas e coruchéus nas laterais, [sobrepondo-se] a três aberturas de arco abatido e a três arcos plenos” (MASCARO, 2008, p. 114). Nas de um pavimento o prédio principal podia apresentar “fachada simétrica e também um antecorpo central destacado, por onde se faz o acesso através de três arcos encimados por um grande frontão curvo e abatido (...)” (MASCARO, 2008, p. 115), mas também podia ter no frontão uma forma diferente, assim como a presença de painéis de azulejos e a aplicação de pedras – como em Itapetininga. “Diversos estilemas são recorrentes em prédios de várias escolas, como portadas decoradas; cartelas; volutas; coruchéus; arcadas; telhados de telha capa e canal, beirais revirados e telhas de ponta; e outros mais” (MASCARO, 2008, p. 116).

Figuras 17, 18, 19 e 20: Escolas Práticas de Agricultura de Guaratinguetá, Itapetininga, Ribeirão Preto, Pirassununga, respectivamente.



1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL



Fonte: TELES, Teresa Cristina; IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. 2005. p. 65 e 69.

Em Belém estes estilemas também são presentes, porém tem-se um maior destaque para esta linguagem arquitetônica no âmbito das obras particulares, onde não percebe-se a ideologia defendida pelo próprio Neocolonial, ou seja, assim como pode ser visto em outras regiões do país, "desde muito cedo houve uma diferença entre o movimento neocolonial e a prática arquitetônica fruto dele" (MASCARO, 2008, p. 167). Pode-se ver isso na arquitetura paraense ao analisar que poucas apresentam os cânones restritos do Neocolonial e que em sua maioria via-se aplicado nas obras públicas e militares.

Este pensamento marca o Neocolonial visto nas residências de Belém, assim como em outras cidades, pois não pregava como princípio central, de sua construção, a visão de um resgate da tradição arquitetônica brasileira. Todavia, mesmo não sendo uma aplicação fiel das ideologias patrióticas dessa arquitetura, estas edificações - não apenas as encontradas no bairro de Nazaré, mas as existentes nos demais bairros e também as encontradas nos interiores do Estado - são uma prova do quanto esta arquitetura conseguiu se projetar no país, mesmo que apresentando uma maior liberdade das formas e nos usos dos elementos decorativos, o que resultou em composições diferentes da "arquitetura colonial".

Isso foi ainda mais explícito no caso dos profissionais que estivessem distante dos centros, para os quais era inviável acompanhar os debates. Além do que, essa prática talvez se constituísse em um detalhe irrelevante na rotina do mercado que buscava (e busca) atender as demandas por determinadas intenções e gostos. Mais natural seria, portanto, relacionar diretamente uma ideia a uma forma ou a um elemento construtivo; por exemplo, uma casa "tradicional" corresponderia a uma casa com beirais ou com frontões (MASCARO, 2008, p. 167-168).

Essa liberdade de composição também é marcada pela própria diversificação de classes que procuraram, no Neocolonial, uma forma de representar seus status para a sociedade paraense. Sendo assim é igualmente estimulado pelo crescimento e melhoramento

1- ESTADO DA ARTE NA PESQUISA SOBRE A ARQUITETURA NEOCOLONIAL

da vida urbana, que começou a se desenvolver uma assimilação das novidades e também dos modismos que eram aplicados em outras regiões brasileiras, das quais muitas chegavam a Belém a partir dos catálogos e das revistas de construção e arquitetura, na qual estava presentes modelos e composições com esta novidade arquitetônica que naquela época era considerada a *arquitetura da modernidade*.

Este pensamento também caracteriza uma apropriação, recriação e reprodução da arquitetura Neocolonial em Belém, onde por diversos motivos, dentre eles os de mercado imobiliário e as exigências dos clientes, os construtores como os mestres de obras e os engenheiros, principalmente, acabavam por assimilar traços, elementos decorativos (arcos, frontão, pináculos, volutas, etc.), além do próprio padrão em termos de forma e composição da arquitetura Neocolonial, e aplicavam em seus projetos. Fazendo com que surgi-se, dessa linguagem arquitetônica, uma nova estética além da que era utilizada pelo governo para fins de massificação populacional e monumentalidade do poder público.

Atenta-se, ainda, para o fato de que, assim como em outras regiões brasileiras, em Belém grande parte desses profissionais "em seus escritórios, praticavam, concomitantemente, várias linhas arquitetônicas. Ao lado de projetos de inspiração *Art Déco* ou eclética, encontramos outros influenciados pelo neocolonial (...)" (MASCARO, 2008, p. 170). Este dado é bastante pertinente em Belém, pois pode-se encontrar, tanto no bairro de Nazaré, quanto em outros, edificações particulares que possuem certa *mesclagem* da arquitetura Neocolonial com a *Art Déco*, por exemplo. Comprovando-se de maneira mais enfática a ausência do conteúdo ideológico nessa prática do campo construtivo que, na maioria das vezes, não levava em conta, nas suas justificativas, pelo uso de determinados aspectos estéticos, questões como a tradição ou a própria identidade ou nacionalismo que a ideologia Neocolonial trazia.

2.1. A IMPORTÂNCIA DA MORADIA

Muitos são os princípios de cultura existentes em uma habitação. Sua forma, os ambientes, tudo isto pode ser chamado de “Partido Arquitetônico”, pois na casa além dos desejos, há implícitas técnicas ou o saber fazer decorrente do conhecimento próprio da comunidade, além dos recursos oferecidos pela natureza assim como os materiais trazidos de fora e também ao clima. Entretanto o que, ou melhor, como caracterizar uma casa? Pode-se fazê-lo através da classe social a que pertence o proprietário, ou por localização. Assim, também, pode-se classificá-las através de suas características ou tipologias arquitetônicas, logo, através de parâmetros, como esses citados, procurar-se conhecer e organizar os levantamentos acerca das edificações na cidade de Belém. Partindo disso, classificar as residências de Belém a partir de sua composição arquitetônica torna-se, para este trabalho, uma ferramenta de grande utilidade, pois pode-se analisar não apenas o processo de crescimento (quantitativa) que a linguagem Neocolonial (objeto de estudo) teve na cidade, mas, também, a variedade no uso dos elementos e formas das edificações.

A arquitetura Neocolonial na cidade de Belém se desenvolveu, assim como em grande parte do Brasil, através de três focos arquitetônicos: a arquitetura pública - escolas, postos de saúde, mercados, etc.; arquitetura militar - prédios administrativos e residências; e a arquitetura civil - residências unifamiliares e as multifamiliares. Para este trabalho optou-se pela arquitetura Neocolonial civil, pois em estudo anterior¹⁹ ao analisar a variedade dos elementos aplicados assim como a quantidade, dos mesmos, existente nesta cidade obteve-se como resultado o fato de que os prédios com maior riqueza de detalhes e de formas (planta baixa) consistiam nas edificações de cunho residencial, por isso, falar sobre a “moradia” é importante, aliando-se, também, ao fato de que o Neocolonial só se desenvolveu na arquitetura e não em outras artes como escultura e pintura vistas em outros estilos precedentes e posteriores a ele.

No Brasil, a linguagem Neocolonial sofreu grande influência do chamado “o estilo de Portugal” ou “o estilo da casa portuguesa” visto através de sua composição advinda das técnicas, dos materiais de construção e das tentativas de repetir modismos estilísticos. Nas

¹⁹ No início do estudo da arquitetura Neocolonial em Belém, quando o Bairro de Nazaré ainda não havia sido selecionado como área geográfica para esta pesquisa, levantou-se, a fim de obter-se uma base, dentre os bairros desta cidade, quais apresentavam edificações Neocoloniais. E percebeu-se que estas se localizam em vários bairros da cidade e que a maioria destas edificações era residencial (arquitetura civil).

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

capitais brasileiras como em Belém, Recife, Salvador e Porto Alegre, ainda hoje encontra-se casas coloniais térreas e sobrados, erguidos em lotes onde percebe-se o aperfeiçoamento das mesmas, assim como as exigências, que com o passar do tempo mudaram, para a via pública como o uso de calçamentos e outros recursos da época. Assim, a partir destas análises, atenta-se na compreensão das transformações por qual esta (moradia/casa) passou até chegar à linguagem Neocolonial, como nas mudanças do partido arquitetônico, e na própria organização/setorização dos ambientes. Em Belém pode-se encontrar residências que marcam a influência portuguesa no Brasil em meados do século XVIII, embora, hoje, não haja muitas representações deste período, sabe-se pelos estudiosos²⁰ que em Belém houve um predomínio das casas térreas como podemos comprovar através do “gabarito” das residências do bairro da “Cidade Velha”.

O padrão arquitetônico do século passado, sob a influência portuguesa, mantinha características bem marcantes quanto a princípios construtivos e muito particularmente quanto à implantação da construção no lote. Esse padrão marcou profundamente a estrutura da cidade e só se percebem inícios de modificação na década de 30, posteriormente, inclusive a outras cidades do país, como Rio de Janeiro e São Paulo (CAL, 1989, p. 65).

Posteriormente, com o surgimento de uma nova burguesia – industrial – surge o ecletismo que em Belém será muito presente na arquitetura e na arte decorativa, buscando uma renovação e adaptação aos novos materiais trazidos pelo desenvolvimento tecnológico.

O movimento eclético na arquitetura no Brasil é produto do desaparecimento dos escravos e da conseqüente forte imigração estrangeira do início do século. Esses imigrantes traziam o tipo de cultura arquitetônica tradicional de seus países de origem. Em Belém, é também produto do enriquecimento da elite através da exportação da borracha, que passou a realizar inúmeras viagens ao exterior, principalmente Europa (CAL, 1989, p. 69).

Com a 1ª Guerra Mundial, em 1914, dificulta-se a importação de materiais de construção europeus que o ecletismo “consumia”, logo se recorreu à importação de produtos dos Estados Unidos. Porém através da precariedade dos materiais, começou-se a buscar mudanças para a composição das moradias em Belém, assim começaram a simplificar os telhados, passando a adotar os beirais desimpedidos que aliado aos novos modos de ocupação dos lotes, com recuos de frente e lateral, exigidos pelas prefeituras para os novos arruamentos²¹, acabaram por torna-se muito prático e viável. Posteriormente, no ano de 1920, tem-se um rápido período de aprofundamento da chamada “neodependência” da

²⁰ Ver TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: Instantes e Evocações da Cidade**. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1963.

²¹ Cito o Código de Polícia Municipal de 1901, instituído pelo Intendente Antônio José de Lemos.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

nacionalidade e do patriotismo brasileiro, associado pela apropriação dos recursos naturais necessários à industrialização gerando riquezas como as residências para as classes dominantes e médias de Belém, sendo algumas influenciadas pela arquitetura Neocolonial.

Na década de 20 do século XX algumas casas passam a serem representadas por largos beirais ou cachorros, frontões curvos das igrejas do século XVIII, vergas de arcos abatidos, etc. Nesse momento, o movimento modernista passou a adotar como questão primordial a elaboração de uma “cultura nacional”, pois “só atingiremos o universal passando pelo nacional” (MORAES, 1978), caracterizando o ideário modernista a partir de 1924. Em Belém, esta linguagem surge a partir da cópia de catálogos (revistas) dos construtores da época e após isto, desenvolve-se com o surgimento de produtos advindos da criatividade de construtores da região implementando elementos nas fachadas, por exemplo, marcando uma forma de moradia muito comum neste momento chamada de *bangalô*.

Nesta cidade, quando se estuda as fachadas neocoloniais percebe-se que elas apresentam muitas influências de elementos antigos como os azulejos portugueses, os pequenos frontões curvilíneos, além das colunas chamadas de “colunas torsas” que remete a uma influência do *gótico tardio*²² português denominado *manuelino*. Há ainda a presença de arcos, o uso das vegetações compondo bosques ou pequenos jardins localizados nos afastamentos do lote, apresentando uma visão delicada e harmoniosa o que caracteriza um elemento marcante desta linguagem arquitetônica que é a sua elegância e bucolidade. Além da aplicação de texturas na parte exterior das paredes das edificações, a presença de torres, e o emprego de beirais aparentes.

2.2. CONHECENDO O BAIRRO DE NAZARÉ

Na segunda metade do século XIX, a ocupação e integração do bairro de Nazaré ao contexto urbano de Belém passaram a se desenvolver, principalmente devido ao processo de expansão, haja vista que, anterior a este momento, a cidade de Belém ainda se restringia aos bairros da Cidade (atual bairro da Cidade Velha) e Campina (atual bairro do Comércio), como visto no mapa de Belém no ano de 1791 (mapa 3), levantado pelo Tenente Coronel de Artilharia com exercício de engenheiro Theodósio Constantino de Chermont, a mando do então Governador e Capitão General do Estado do Grão Pará e Rio Negro o Srº Drº Francisco

²² Ver SILVA, Jorge Henrique Pais da. **Páginas de História da Arte: 1º Artistas e Monumentos**. Editorial Estampa. 2ª Edição. Portugal, 1986.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

de Souza Coutinho. Contudo as origens do bairro de Nazaré remontam a épocas mais remotas, especificamente no século XVIII:

É difícil separar o mito da história apoiada em documentos. Sabe-se que a devoção à Nossa Senhora de Nazaré começou, no Brasil e no Pará, em uma localidade denominada Vigia (hoje sede de município) e de lá deve ter atingido a capital, Belém. Por volta de 1700, reza a tradição, caminhava nas matas da então tortuosa estrada do Utinga, hoje Avenida Nazaré, em Belém do Pará, um caboclo agricultor e caçador chamado Plácido José dos Santos. Levado pela sede, acabou descobrindo entre pedras cobertas de trepadeiras, às margens do igarapé Murutucu, uma espécie de nicho natural com uma pequena imagem da virgem de Nazaré (...). Para atender os desejos da santa, Plácido resolveu então construir uma pequena ermida para abrigar a imagem. (...) A cada ano aumentava o número dos que iam até a cabana do caboclo a fim de oferecerem *ex-votos* (...) (DOSSIÊ IPHAN I – Círio de Nazaré, 2006, p. 11-12).

Uma segunda capela em devoção a Nossa Senhora de Nazaré fora erguida, no ano de 1774, a qual, a partir de 1790, foi ganhando maior importância, principalmente pelo povo que procurava alcançá-la através de romarias, em uma estrada que atravessava a mata virgem, antiga estrada do Utinga (mapa 4), chamada hoje Avenida Nazaré.

Mapa 3: Plano Geral da Cidade do Pará, em 1791.



Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. 2000.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Mapa 4: Parte do mapa do Plano da Pará, baseada no desenho do engenheiro Hugo de Fournier que mostra a cidade de Belém na segunda metade do século XIX, provavelmente no ano de 1800, com a marcação da antiga Estrada do Utinga (em vermelho).



Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. 2000.

Após este primeiro momento foram sendo construídas pequenas barracas na então chamada *aldeia de Nazaré* – antiga Praça Justo Chermont, hoje conhecida como Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) –, arrabalde ocupado pelas moradias da população pobre da cidade. Posteriormente estas foram substituídas pelas rocinhas²³, como a destacada por Bates²⁴, em 1848:

(...) era – “um edifício quadrado, com quatro salas do mesmo tamanho. O quintal, que parecia recentemente roubado à floresta, era plantado de árvores frutíferas e de pequenos trechos de roça de café e mandioca. Entrava-se por um portão de ferro, que dava para uma praça gramada, entorno do qual estavam às poucas casas e mucambos cobertos de palha, que então formavam a aldeia”. (...). O edifício mais importante era a capela de Nossa Senhora de Nazaré, que se erguia defronte de nossa casa (CRUZ, 1971, p. 37).

Este trecho já mostra indícios do posterior processo de expulsão da população pobre para áreas mais distantes ou menos privilegiadas, caracterizando a ocupação do antigo *Arraial de Nazaré* por parte da elite local, atraída por esta região também pelo fato desta encontrar-se em um espaço geográfico privilegiado, pois corresponde a um sítio alto e seco em relação ao topo do terreno onde se situa Belém, que é em grande parte baixo e alagadiço. Assim, no segundo quartel da primeira metade do século XIX, a área geográfica que corresponde ao atual bairro de Nazaré já apresenta feições (organização urbana) aperfeiçoadas através do

²³ “(...) a Rocinha era o todo que formava a pequena propriedade rural: campo, floresta, pomar e casa. Mas, na linguagem usual significa a vivenda cercada de árvores silvestres, de frutíferas, de jardins rústicos, na paz dos subúrbios”. Trecho do livro TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: Instantes e Evocações da Cidade**. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1963. P. 106.

²⁴ Ver CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém 1783-1911**. Coleção História do Pará, Série Arthur Vianna. Conselho Estadual de Cultura do Pará: Belém, 1971.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

arruamento que sofreu intervenções por ordem do então Presidente da Província Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho²⁵, principalmente no atual bairro do Umarizal, dando uma configuração distinta dos bairros mais antigos.

Estas intervenções foram caracterizadas pela construção de avenidas, ruas e travessas largas, por grandes quarteirões e pela presença de sombreamento através de árvores de copas altas, o que contrastava com as ruas e vielas estreitas que marcavam os bairros desta cidade. No ano de 1859, segunda metade do século XIX, Robert Avé-Lallemant²⁶ já afirmava que

As viçosas bananeiras ensombram lindas casas de campo... E mais mangueiras, laranjeiras, cafeeiros e tudo o mais que a viçosa vegetação tropical pode apresentar: tudo isso se aglomera em redor das bonitas casas de campo, nas quais o paraense procura escapar a canícula tropical. (...). As casas de campo (rocinhas) e a vegetação alcançam toda a sua beleza, sobre tudo nas proximidades da Igreja de Nazaré. Uma pequena igreja, com uma praça relvada, celebra todos os anos a grande festa comemorativa do milagroso salvamento dum naufrágio e das angústias da morte, realizado pela Mãe de Deus. (...). Aí vi casa de campo de melhor gosto (rocinhas) e reintegrei-me na mais perfeita cultura nórdica. E logo ali perto a cottage de Mr. Henderson. Mr. Henderson é um comerciante inglês, que disse adeus à caprichosa fortuna e a Mercúrio, para homenagear o mundo das Hamadriades (CRUZ, 1971, p. 50).

O marco urbano visto com Francisco Coelho não era somente importante para o bairro de Nazaré devido ao melhoramento de seu planejamento urbanístico, como destacado pelo casal Luiz e Elizabeth Agassiz, em 1865, ao afirmarem que “a estrada de Nazaré estava plantada numa extensão de duas ou três milhas de – belas árvores em que predominam as mangueiras” (CRUZ, 1971, p. 72), caracterizando a via na qual se localizava a rocinha de Sr. Pimenta Bueno a qual residiram por certo tempo, mas pela integração deste (bairro de Nazaré) a cidade como um espaço urbanizado que passava a interagir com a mesma devido a fatores como o próprio crescimento do comércio da cidade, fato que iria se agravar com o estabelecimento do ciclo econômico da borracha, na Região Amazônica, a partir da segunda metade do século XIX, perdurando até a primeira década do século XX.

O mapa da cidade de Belém no ano de 1889 (mapa 5) já mostra a integração do bairro de Nazaré assim como a evolução do planejamento urbano, presente no mapa através da integração desta região com a estação São Braz, em relação as demais áreas da cidade. Neste, também, constam outros elementos que compunham o bairro de Nazaré, a exemplo “do terreno onde funcionou, por longos anos, a Companhia Urbana de Estrada de Ferro Paraense,

²⁵ Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho: Presidente da Província do Grão-Pará (1848-1850). Através do site <http://www.lagunainfoco.com.br/index.php/laguna/Jerônimo-francisco-coelho>, no dia 6 de Novembro de 2014, às 11: 03.

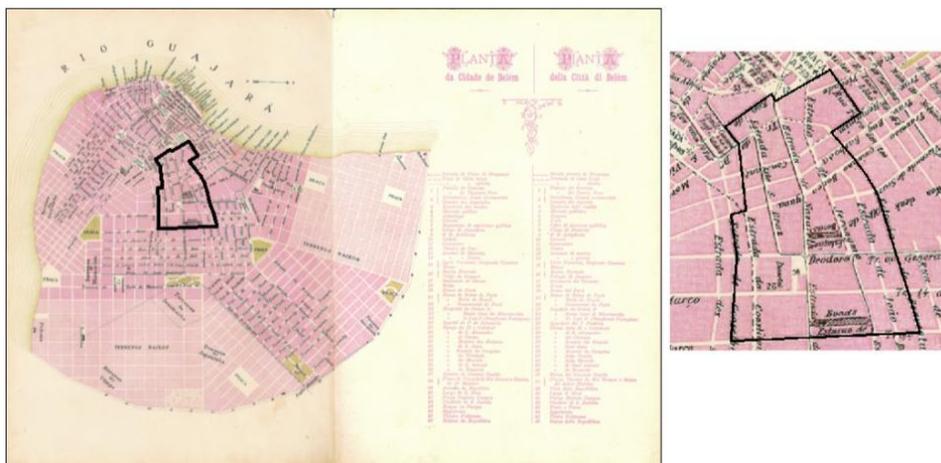
²⁶ Ver CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém 1783-1911**. Coleção História do Pará, Série Arthur Vianna. Conselho Estadual de Cultura do Pará: Belém, 1971.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

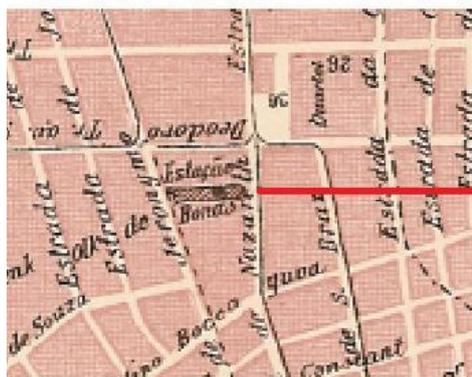
entre as Avenidas de Nazaré e São Jerônimo” (CRUZ, 1970, p. 128) da antiga estação de bondes (mapa 6) – na época do bonde puxado a burro, existam duas estações de troca na cidade de Belém: uma ficava na atual Praça Batista Campos e outra no bairro de Nazaré – cuja resolução nº 246, de 10 de Janeiro de 1912, determinou a abertura para servir como caminho público, denominado Passagem Joaquim Nabuco²⁷ segundo a resolução nº 270, de 10 de Junho de 1917 na época da Intendência Municipal do Dr. Virgílio de Mendonça.

Mapa 5: Mapa da cidade de Belém em 1889, com a delimitação do atual bairro de Nazaré.



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/bragança/belem.htm>

Mapa 6: Parte do mapa da cidade de Belém no ano de 1889 destacando a antiga Estação de Bonde, hoje Passagem Joaquim Nabuco.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

²⁷ “Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo: Nascido em Recife, a 19 de Agosto de 1849. Abolicionista fervoroso deixou nos jornais da sua época e no parlamento nacional, provas eloquentes do seu amor à liberdade dos escravos, e do seu respeito à condição humana daqueles que defendia intransigentemente. Foi advogado do Brasil na questão de limites entre o nosso país e a Guiana Inglesa. Exerceu o cargo de embaixador do Brasil em Washington. Faleceu a 17 de Janeiro de 1910” (CRUZ, 1970 p. 127).

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

O outro ponto a ser destacado neste mapa refere-se ao próprio nome das ruas que compõem o bairro de Nazaré, pois muitas dessas foram renomeadas, ao longo do tempo, por motivos principalmente políticos como: as Travessas Dr. Moraes²⁸, chamada anteriormente de Rua “Chafariz do Bispo” ou do “Poço do Bispo”; Quintino Bocaiúva²⁹, antes “Travessa do Príncipe”; e Rui Barbosa³⁰, anteriormente “Travessa da Glória”; as Avenidas Conselheiro Furtado³¹, antes denominada “Rua da Vala”; Serzedelo Corrêa³², chamada primeiramente “Rua do Cemitério”, depois “São Vicente de Fora” – como consta neste mapa de 1889 – e “João Pessoa”; Alcindo Cacela³³, antes artéria de nome “Avenida 22 de Junho” data comemorativa da Constituição Política do Pará, promulgada em 1891; Gentil Bittencourt³⁴, antiga “Estrada da Constituição”; Assis de Vasconcelos³⁵, outrora “Travessa da Estrela”, “Avenida Ferreira Pena”, “Índio do Brasil” e “29 de Agosto”; Generalíssimo Deodoro³⁶, antes “Estrada Dois de Dezembro” data natalícia do Imperador D. Pedro II; e Braz de Aguiar³⁷, chamada anteriormente de “Estrada de São Braz”. Há ainda, as que mantiveram seus nomes inalterados como: as Travessas Henrique Gurjão³⁸, 14 de Março³⁹ e Piedade⁴⁰; as Ruas João Balbi⁴¹ e Boaventura da Silva⁴²; e a Passagem Mac-Dowell⁴³.

²⁸ “Dr. João Maria de Moraes: Político influente. Foi Presidente da Província do Pará” (CRUZ, 1970, p. 67-68).

²⁹ “Quintino Bocaiúva: Jornalista e republicano histórico. Ocupou, no governo provisório da república, o cargo de ministro do exterior e interino da agricultura, comércio e obras públicas” (CRUZ, 1970, p. 71).

³⁰ “Rui Barbosa: É o símbolo da cultura brasileira. A escolha desse nome para uma das artérias de Belém significa a homenagem da cidade ao grande vulto nacional” (CRUZ, 1970, p. 71).

³¹ “Francisco José Furtado: O Conselheiro Francisco José Furtado foi chefe do gabinete de 31 de Agosto, político de prestígio, sua atuação no cenário partidário da época, agitado por conveniências pessoais, suscitou o respeito e a admiração dos contemporâneos” (CRUZ, 1970, p. 85).

³² “General Inocêncio Serzedelo Corrêa: Ministro de Estado, general do exército, engenheiro militar, político de assinalado relevo, foi, acima de tudo, um brasileiro digno da sua pátria, honrando em todas as oportunidades a terra de seu berço” (CRUZ, 1970, p. 85).

³³ “Dr. Alcindo do Comba do Amaral Cacela: Advogado, político e jornalista, foi prefeito municipal de Belém” (CRUZ, 1970, p. 85-86).

³⁴ “Desembargador Gentil Augusto de Morais Bittencourt: Republicano histórico e um dos fundadores do Clube Republicano do Pará. Vice-Governador do Estado, em substituição ao Governador Dr. Lauro Sodré” (CRUZ, 1970, p. 86).

³⁵ “Capitão de engenharia Augusto Assis de Vasconcelos: Foi o chefe militar que comandou os revolucionários do 26º Batalhão de Caçadores, na jornada de 26 de Julho de 1924” (CRUZ, 1970, p. 86-87).

³⁶ “Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca: Nascido em Alagoas, no dia 5 de Agosto de 1827. Proclamador da República do Brasil” (CRUZ, 1970, p. 88-89).

³⁷ “Comandante Braz Dias de Aguiar: Chefe da comissão brasileira demarcadora de limites do setor norte” (CRUZ, 1970, p. 95).

³⁸ Maestro Henrique Eulálio Gurjão: Autor consagrado da ópera “Idália”, dos hinos “Paraense”, do “Trabalho” e a “Carlos Gomes”, de inúmeras romanzas e dezenas de outras importantes peças musicais. Era irmão do General Hilário Maximiliano Antunes Gurjão” (CRUZ, 1970, p. 47).

³⁹ “14 de Março: Data do nascimento de Dona Tereza Cristina de Bourbon, filha de Francisco I, rei da Sicília, esposa de D. Pedro II e Imperatriz do Brasil” (CRUZ, 1970, p. 68).

⁴⁰ “Piedade: Estava o Pará sob administração do Capitão mor Hilário de Souza de Azevedo, que era o décimo terceiro, na ordem cronológica, quando em Novembro de 1693 desembarcaram em Belém, nove religiosos capuchos de Nossa Senhora da Piedade. Os capuchos da Piedade regressaram em 1758 a Portugal, em virtude do Aviso Régio que suspendeu o direito de permanência da Ordem no Pará. Mas, o trabalho e dedicação desses

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Analisando as alterações dos nomes das vias do bairro de Nazaré, vê-se a influência da política na cidade, que com o conhecido “ouro branco da Amazônia”, fez de Belém um importante centro exportador do Brasil, o que em termos de arquitetura significa um aumento expressivo, pois com as rendas da Província do Pará em crescimento ter-se-á grande parte destas empregadas no embelezamento da própria cidade, coincidindo com a expansão de seu núcleo urbano. Assim melhoramentos na área pública ocorrem como a instalação de bondes de tração animal, já citado, proporcionando a diminuição das distancias entre o centro da cidade e outras áreas como o próprio bairro de Nazaré, que, no ano de 1890, será destacado por Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará) em seu quinto e último volume dos “Motins Políticos”, no qual relata sobre o antigo *Arraial de Nazaré*.

A espaçosa estrada que ora se dirige aquele bairro, aformoseada de suntuosas chácaras e alamedas, distinguia-se outrora pelos arbustos que a marginavam, interrompidos apenas por algumas casas baixas e cabanas construídas de palha. Havia outra estrada mandada abrir pelo general José Narciso de Menezes: partia do Paul D'Água, e vinha terminar na estrada de Nazaré no lugar chamado Largo da Memória que ainda hoje existe. A estrada foi de novo aberta e segue hoje até a Praça de São Braz. Este melhoramento devemo-lo ao presidente Jerônimo Francisco Coelho, que em 1849, transformou-a em aprazíveis sítios; e para perpetuar a memória deste ilustre cidadão, a Câmara Municipal deu-lhe a denominação de seu próprio nome. É hoje a bela estrada (avenida) São Jerônimo (mudada para Governador José Malcher), toda arborizada, com jardins e parques ostentando magníficos prédios que alvejam por entre copadas mangueiras de um e outro lado. Era dantes um caminho estreito e sem quase serventia para o trânsito público: desembocava na Praça Pedro II com a de Nazaré. Esta, porém continuava além do arraial em linha reta, e ramificava em várias direções, dando comunicação a muitos sítios como a Pedreira e ao Murutucu, donde tinha saído os facciosos (refere-se aos cabanos) em marcha para Nazaré. (CRUZ, 1971, p. 83-84).

Destaca-se, também, que, no final do século XIX, as moradas conhecidas como rocinhas passaram, em grande parte a serem habitadas permanentemente pelos seus proprietários – que em sua maioria fugiam do centro comercial belenense – e que com o próspero desenvolvimento do comércio, gerou-se uma valorização dos imóveis existentes no centro comercial, justificando, com devidas proporções, a evasão de grande parte da população abastada dos bairros considerados antigos para os novos bairros que se abriam para

abnegados religiosos ficaram perpetuados na rua que recebeu, como homenagem da Câmara Municipal de Belém, no nome da Ordem” (CRUZ, 1970, p. 69-70).

⁴¹ “João Batista Balbi: Apesar de italiano de nascimento, trabalhou ativamente pela causa da independência brasileira no Pará, sendo um dos devotados conspiradores que lutaram sem desfacelamento pela adesão a causa nacional” (CRUZ, 1970, p. 44).

⁴² “Boaventura Ferreira da Silva: Capitão do Segundo Regimento de Infantaria. Distinguiu-se entre os valentes e heroicos defensores da independência pátria, no Pará. Foi figura mais notável na Revolta de 14 de Abril de 1823” (CRUZ, 1970, p. 44).

⁴³ “Samuel da Gama Costa Mac-Dowell: Um dos maiores juristas do seu tempo. Político honesto, cheio de idealismo. Exerceu a presidência da Assembleia Legislativa do Pará, onde foi um dos mais aplaudidos deputados, eleitos pelo partido da oposição ao General Magalhães Barata” (CRUZ, 1970, p. 127).

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

a ocupação, onde era possível a construção de residências mais amplas, logo, bairros como Nazaré, Batista Campos e Umarizal passaram a ser ocupados, principalmente, de forma efetiva pela elite local que neste momento já estavam a construir edificações mais aristocráticas em comparação às rústicas rocinhas, afinal “a modernização das casas não significou apenas sua transformação arquitetônica externa, (...) significou a introdução de novos hábitos dentro da casa” (SOARES, 2008, p. 138), a exemplo do novo comportamento burguês.

Na Belém de 1910 e 1920, ainda envolta com as mudanças provocadas pelo declínio da extração do látex - princípio que se alastrou por outras regiões do norte do país, como Manaus - a arquitetura predominante, até então, era a das famílias patriarcais, marcada pela profusão do período áureo que o movimento eclético obteve. A forma de morar era arraigada nas edificações como as chácaras em formatos de casas grande, porém na cidade de Belém houve o florescimento de residências cada vez mais aperfeiçoadas e adaptadas advindas com os melhoramentos aplicados as casas domésticas que o germe da industrialização traria posteriormente de forma avassaladora.

Era comum ver-se conjuntos de habitações populares muitas delas de arrabalde, mas a maioria no padrão geminadas - enfileiradas e, geralmente, de largura do lote pequeno e grande profundidade -, em uma Belém que começava a passar por transformações sobrepujantes, principalmente, no decorrer dos anos de 1920. Com o processo de modernização tomando fôlego e influenciando a vida da sociedade, novos valores surgem como as intervenções de modificação urbana e a maior higienização dos espaços públicos - constituindo não apenas uma maneira de evolução da cidade, mas um instrumento a fim de difundir novos valores a população, assim como na veiculação de padrões de comportamento.

Embora, no conjunto, a arquitetura futura apresenta-se pouca transformação em termos de mudança - inclusive no quesito implantação -, percebe-se um melhoramento dos detalhes decorativos através de programas simples, mas que apresentavam soluções plásticas novas e por vezes reunindo um conjunto variado de linguagens arquitetônicas em uma mesma fachada. Várias dessas linguagens passaram a dialogar, não apenas entre si mais com o espaço urbano de Belém e com isso vê-se o início da produção de residências marcadas por uma sociedade com novos hábitos, problemas, fundamentos e outros, que reuniria em Belém um conjunto variado de edificações com formas e volumes que marcavam o fim da glorificação do ecletismo e o início de novas ambições arquitetônicas.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

O que para muitos ficou conhecida como arquitetura de mal gosto, mas para outros foi uma nova forma de expressar um ideal, uma nova visão de conhecimento, teoria e prática que a arquitetura brasileira poderia vir a tomar como referência, marcada por um saudosismo - as vezes exacerbado -, mas que também viria com grandes inovações e mudanças, muitas bruscas, advindas com o desenvolvimento industrial. Todavia mesmo com avanços de um lado, ainda passava-se por percalços de outro como o atraso nos salários dos professores (CARNEIRO, 2011, p. 21) que assolavam "algumas noites daqueles tristes dias do ano de 1923 (...)". Contudo mesmo parte da cidade amargando problemas sociais a Belém de 1920 apresentava um caos maior proveniente da guerra mundial.

O "aumento dos preços de gêneros alimentícios; do desemprego, problemas no abastecimento de água e nos meios de transporte (...) eram apenas alguns dos contributos da crise" (CARNEIRO, 2011, p. 22). Na arquitetura, mesmo com o aparecimento dos primeiros arranha-céus nos centros das cidades internacionais, Belém teve uma multiplicação no crescimento de bairros onde em Nazaré, por exemplo, surgem casas de classes abastadas com afastamentos obrigatórios dos limites do lote. A presença de residências de porte menor consideradas como miniaturas de palacetes, tornar-se-ão os novos "alvos" da sociedade, onde procurava-se manter características ainda antigas como a organização dos espaços, a sala de visitas e os ambientes de convivência mais próximos e localizados logo na entrada, enquanto o íntimo era mais retraído, fechado.

Percebe-se, portanto, que o período da borracha foi para Belém extremamente significativo em termos da ocupação e integração de novas áreas ao seu perímetro urbano, a exemplo do bairro de Nazaré. Todavia já no final da primeira década do século XX a capital do Estado do Pará não sofrerá grandes intervenções, e em 1920 o bairro de Nazaré já apresentará referências como área residencial da elite, na maioria composta por edificações confortáveis e com fino acabamento, sendo algumas conhecidas sob a denominação de palacetes, muitas tendo suas fachadas protegidas pelas mangueiras, nas calçadas de pedra de lioz portuguesa que possuíam postes de iluminação em ferro trabalhados e colocados em perfeito alinhamento, que sombreavam as principais avenidas do bairro como a Nazaré⁴⁴ – que sofreu grandes intervenções, principalmente em sua pavimentação e na visão arquitetônica, sendo o passeio, inicialmente, revestido de paralelepípedos assentados em base

⁴⁴ "Avenida Nazaré: Antiga Estrada de Nazaré. (...). A Avenida Nazaré não é longa, ao todo seis quarteirões, contados da Avenida da Liberdade, hoje Avenida Assis de Vasconcelos até a Generalíssimo Deodoro, quando começa o Largo de Nazaré, e segue a Magalhães Barata" Trecho do artigo MEIRA, Clóvis. **A Estrada de Nazaré**. O Liberal. Belém, Domingo, 7 de Junho de 1987.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

de areia e cimento, reajuntados com massa forte, proporcionando um bom aspecto à superfície regular.

As construções, nessa época, eram todas ou quase todas, no estilo português. Uma na linha da rua, outras recuadas, amplos jardins, bem tratados, possuindo, na generalidade, “caramanchões e latadas”, cobertos de jasmim de Santo Antônio e um outro que crescia muito, esgalhava e floria em abundância, exalando um perfume delicado e característico. (...). Era o local escolhido pelas famílias para, no final da tarde, ficarem todos apreciando o movimento da rua e dos bondes, vez por outra fazendo adeus para quem passava e era reconhecido. (...). As casas portuguesas que davam diretamente para a rua, eram de porta e janela, duas ou mais janelas. (...). As casas maiores, muitas vezes, tinham entrada lateral, com pátio protegido por um gradil de ferro (O LIBERAL, 1987, I – p. 13).

A antiga Estrada de Nazaré era a área de integração das famílias de posse, ou seja, grande parte das moradas existentes ao longo desta eram ocupadas por aquelas, sejam em casas térreas que guardavam o estilo português como o conjunto de sete casas, na esquina da Benjamin Constant com a Avenida Nazaré (figuras 21 e 22), na qual a primeira, na esquina, pertenceu ao “Srº José Faciola e as demais a um funcionário da Companhia de Telefones, a Srª Ermila Bahia, o Médico José Lobão e a última habitaram várias pessoas como o Visconde de Monte Redondo” (O LIBERAL, 1987, II - 14) ou em palacetes assobradados como o pertencente a Antônio Almeida Faciola (figura 23) – na esquina da Travessa Dr. Moraes com a Avenida Nazaré, marcado pelas guarnições de ferro que embelezam as janelas que trazem o monograma S.F. fazendo menção a sua esposa Srª Servita Faciola⁴⁵ – e outros como a outrora ocupada pelo Dr. João Morisson de Faria⁴⁶, hoje prédio pertencente ao Sindicato da Indústria da Construção do Estado do Pará (figura 24), em arquitetura Neocolonial.

Figuras 21 e 22: Conjunto Arquitetônico na esquina da Travessa Benjamin Constant com Avenida Nazaré.



Fotos: Bianca Barbosa. 2015.

⁴⁵ Informações prestadas pela Srª Cléa Maria Faciola Pedrosa de Lima, neta de Antonio Almeida Faciola, ao Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. S.d.

⁴⁶ Dr. João Morisson de Faria: Jurista e professor da Faculdade de Direito do Pará, Pai de Alcyr Morisson de Faria. MEIRA, Clóvis. **A Estrada de Nazaré**. O Liberal. Belém, Domingo, 14 de Junho de 1987.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Figura 23: Palacete Faciola na esquina da Travessa Dr. Moraes com a Avenida Nazaré.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2015.

Figura 24: Prédio da SINDUSCON-PA na Avenida Nazaré, nº 649.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Já na antiga São Jerônimo, hoje denominada Governador José Malcher⁴⁷, tem-se o palacete de Francisco Bolonha⁴⁸ (figura 25), a antiga Residência da Família Pazuello, posteriormente sede do Jockey Club do Pará (figura 26) – edifício Neocolonial com grandes influências do mission style – além de outras. Dentre estas residências de uso unifamiliar

⁴⁷ Inicialmente esta via foi chamada de Estrada do Paul d'água devido à existência de um antigo nascedouro que os primeiros habitantes de Belém se abasteciam de água potável, (...). O caminho que partia do paul d'água para leste que foi recebendo construções de casas de moradia, (...). [depois foi mudada] a religiosidade do colonizador luso fez a Estrada do Paul d'água se tornasse de São Jerônimo. (...) [Posteriormente] a estrada do Paul d'água, depois de São Jerônimo, tornou-se Avenida Governador José Malcher, homenageando José Carneiro da Gama Malcher, descendente de uma das famílias mais ilustres do Pará, (...). No segundo governo de Lauro Sodré, exerceu o cargo de diretor geral da fazenda do Estado do Pará. Em 1920, disputou e perdeu a governança do Estado para Souza Castro. No conturbado ano de 1935, Gama Malcher surgiu como candidato conciliador e foi eleito, pela Assembleia Legislativa, governador do Estado do Pará, cargo esse transformado em interventoria no ano de 1938. Somente em 1942, foi que Gama Malcher deixou o cargo de primeiro mandatário do Estado, passando-o para Magalhães Barata. Trechos do artigo VALENTE, José. **Toda Rua tem sua História: Av. Governador José Malcher**. O Liberal: Belém, 25 de Junho de 1993.

⁴⁸ Ver LOBATO, Célio Cláudia de Queiróz. **Palacete Bolonha: Uma Promessa de Amor**. Belém: editora da Universidade Federal do Pará, 2005.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

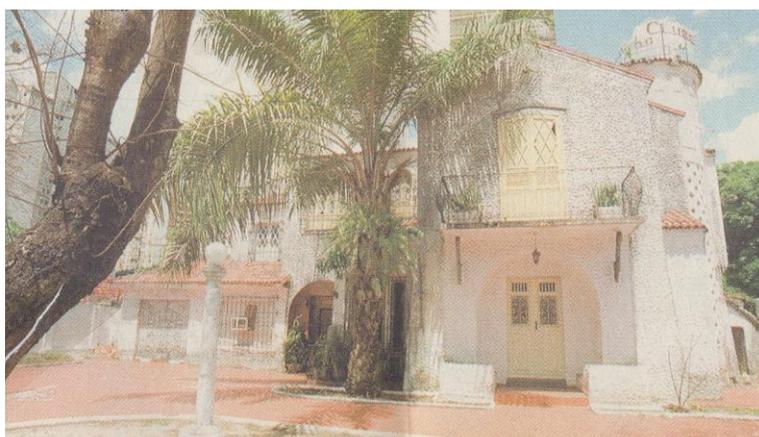
passaram, também, a existir, no bairro de Nazaré, outras construções para outros fins, como clubes (sede do Clube do Remo e do Paysandu) e colégios (Colégio Nossa Senhora de Nazaré – Marista –, Colégio Santa Catarina de Sena, etc.). Todavia com o advento do período entre guerras a cidade de Belém irá passar por uma fase complicada, expressa na própria estagnação da mesma, porém, mesmo com estes acontecimentos, em relação à arquitetura houve mudanças significativas nas feições das edificações a exemplo da própria arquitetura Neocolonial que se desenvolverá neste período.

Figura 25: Palacete Bolonha na Travessa Dr. Moraes com a Avenida Governador José Malcher.



Foto: Bianca Barbosa. 2014.

Figura 26: Antigo prédio do Jockey Club do Pará, nº 352.



Fonte: O Liberal – Revista Troppo, Agosto de 1997.

Assim a Belém da década de 20 do século XX era uma cidade cosmopolita, marcada com feições de diferentes regiões do país, mas, também, de pessoas advindas de outros países, principalmente de Portugal - na maioria homens e comerciantes. Porém ainda amargava problemas graves, pois "nessas duas primeiras décadas [1910 e 1920], a capital presenciou a

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

formação de subúrbios, obviamente mal dotados de equipamentos urbanos e bons serviços (...)" (CARNEIRO, 2011, p. 23). Alastrando-se para os anos de 1930, no qual Belém ficou marcada por uma grave crise das habitações, muito devido aos desastres ocorridos com o fim da borracha. Porém mesmo com a sociedade padecendo de políticas públicas eficientes, na área da arquitetura a linguagem Neocolonial passa a tomar certa tendência de valorização social, que, por vezes, causavam até *espanto* por apresentarem fachadas rebuscadas, escalas reduzidas, inovando na conformação das plantas baixas e outros.

Estes detalhes simples, mas que juntos acabam projetando uma arquitetura que ainda ansiava por se tornar mais divulgada e aceita pela sociedade - marcada pelo varguismo, no Brasil, e pelo poderio do intendente Magalhães Barata, em Belém -, que já começava presenciar o clima de instabilidade que se exacerbará no movimento de 1930. Provocando "(...) disputas entre a oposição ao governo de Magalhães Barata e os seus defensores, (...) havendo a conturbada transição ao governo de José da Gama Malcher" (FREITAS, 2007, p. 49). Eclodindo em 1937 com o golpe de Estado feito por Getúlio Vargas, decretando o Estado Novo, e tendo em Belém o processo de crise no governo de Malcher, mesmo se mantendo no poder até o ano de 1943.

Os anos 40 também há uma mudança na forma de pensar a história que acabou marcando a historiografia da arquitetura. Uma dessas profusões foi a divulgação dos pensamentos da *Escola dos Annals* que trouxe toda uma nova forma de ver e estudar os acontecimentos e fatos, fundado em 1929 com a criação de sua revista. Em Belém, assim como no Brasil, ter-se-á uma profusão do patriotismo exacerbado, onde muitos procuravam exaltar a figura de antepassados. Desenvolvem-se a construção dos Bairros operários como o *Reduto*, onde havia as vilas como "a chamada vila ABC, constituída por sete casas (...) o proprietário era português, sócio da Firma Ferreira Gomes, provavelmente construída entre 1940-1945 (...)" (SOUZA, 2009, p. 83).

"A urbanização em bairros mais distantes como o Jurunas era praticamente inexistente e as moradias eram construídas de barro com vara, de chão batido e teto de palha" (GOMES, 2009, p. 56). Todavia entre essas formas mais simples de habitação, floresceram, também, outras mais trabalhadas que continuavam a seguir a linguagem Neocolonial, localizadas, principalmente, em Bairros mais consolidados e classes mais abastadas da sociedade como em Nazaré. Cujas residências possuíam uma conformação dos cômodos semelhante as antigas casas coloniais portuguesas, onde os ambientes de visita eram os mais

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

destacados e trabalhados, as laterais, assim como o andar superior eram reservados aos moradores e a área de serviço eram espaços, geralmente, estreitos e não muito valorizados.

A Belém da década de 40 do século XX passa a incorporar novos ares de modernidade e com ela vem novas perspectivas capitalistas de construção e de um mercado de consumo que estimulava a esta dita sociedade "moderna" a "(...) materialidade e as vantagens dos utensílios domésticos, é incorporada para mobilizar a compra ou a troca de produtos 'antigos' para outros 'modernos' (...)" (GOMES, 2009, p. 96). Logo percebe-se que nesta cidade, assim como as demais do país, padecia-se de um discurso do poder público arraigado na construção de uma sociedade civilizada e com olhos para o progresso, mesmo ainda alheios a problemas como falta de higiene que gerava constantes problemas na saúde pública do Estado.

No que concerne à evolução do bairro de Nazaré a partir das décadas de 50-60 do século XX esta passará por um aumento populacional devido, principalmente, ao processo de verticalização sem ordenação. Atenta-se, ainda, para as perdas do patrimônio arquitetônico paraense como os destacados por Clóvis Meira em seus artigos para o jornal O Liberal no ano de 1987, no qual relata as transformações pela qual a Avenida Nazaré passou principalmente a nível arquitetônico.

Já descrevi a Estrada de Nazaré ou o que me parece ser a Nazaré de meu tempo de menino, no começo do século, do lado esquerdo, vou tentar fazer o mesmo do lado direito, a numeração par. (...). O primeiro prédio, tão antigo como me possa recordar, teria sido construído pelo engenheiro Palma Muniz, no final do século passado [figuras 27 e 28]. Era diferente dos demais. Assobradado, com duas portas pela Nazaré e seis ou sete pela Serzedelo Corrêa, possuía, no telhado, uma enorme esfera preta, que nada mais era do que a caixa d'água elevada e que diziam ter em cima um pára-raios. (...). Recentemente, para dar lugar à construção do edifício Manuel Pinto da Silva, na época o mais alto do norte do país, o prédio foi demolido, isso por volta de 1953. (...). Em seguimento existiam dois sobrados grandes, também ocupados pelo edifício Manuel Pinto da Silva. (...). Nesse sobrado funcionava a Pensão Amazônia, (...). No outro, o cônsul de Portugal, com seus quatro filhos, (...). (O LIBERAL, 1987, III – p. 16).

Figuras 27 e 28: Antigo prédio localizado onde está, atualmente, o edifício Manuel Pinto da Silva.



Fonte: <http://haroldobaleixe.blogspot.com.br/>

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Com o agravamento do processo de descaracterização, hoje se vê um hibridismo quanto à arquitetura no bairro de Nazaré, haja vista que determinados prédios são preservados, principalmente pelo seu valor histórico, porém outros são demolidos para a construção, em sua maioria, de novas edificações residenciais multifamiliares, – a exemplo dos novos prédios, devido à especulação imobiliária, como o localizado na Avenida Alcindo Cacela, entre as Avenidas Magalhães Barata e Gentil Bittencourt (figura 29) – o que prejudica, em grande parte, as edificações antigas ainda preservadas, pois, em determinados casos, impedem uma visualização satisfatória dos mesmos, assim como a própria integração e interação destes em relação aos seus ambientes envoltórios. Mas, também, há os que são reformados para servirem a variadas funções, que não a residencial, como restaurantes, clínicas de saúde, consultórios médicos, pólos de faculdades e universidades, etc. Além daquelas edificações, como a localizada na Avenida Nazaré, entre as Travessas Benjamin Constant e Rui Barbosa (figura 30), que representam a confirmação do descaso que não só as pessoas, em sua maioria, possuem, mas o próprio poder público, em Belém, em relação às obras arquitetônicas do passado, marcando a falta de iniciativa para a preservação destes, esperando, na maioria dos casos, pela decomposição natural da edificação até, por fim, esta tombar, contrariando a ideia defendida por Ruskin no qual este afirma:

Zelee por um edifício antigo com ansioso desvelo; proteja-o o melhor possível, e a qualquer custo, de todas as ameaças de dilapidação. (...); apóie-o com escoras de madeira onde ele desabar; não se importe com a má aparência dos reforços: é melhor uma muleta que um membro perdido; e faça-o com ternura, e com reverência e continuamente, e muitas gerações ainda nascerão e desaparecerão sob sua sombra. Seu dia fatal por fim chegará; mas que chegue declarada e abertamente, e que nenhum substituto desonroso e falso prive o monumento das honras fúnebres da memória (RUSKIN, 2008, p. 82).

Figura 29: Terreno no bairro de Nazaré que receberá novo empreendimento residencial multifamiliar.



Foto: Bianca Barbosa. 2014.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Figura 30: Antigo prédio, em estado de ruína, localizado na Avenida Nazaré.



Foto: Ronaldo Marques de Carvalho. 2014.

2.3. ANÁLISE DO NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Propor o contrário do que geralmente é feito em uma pesquisa científica, é justamente o objetivo da etnografia de rua. Quando se a aplica, percorre-se sem ter um caminho especificado, um lugar definido para chegar, dessa forma começa-se a colocar, em prática, os sentidos para perceber como se comporta a cidade, as pessoas, o trânsito, além das construções. Em *Etnografia da rua: estudo de antropologia urbana*, (ROCHA & ECKERT, 2001), discorre-se sobre a visão de conhecer a cidade a partir de uma forma diferente ao que é de costume, pois, na maioria dos casos, quando se está em campo é normal já ter em mente sobre o que vai se fazer, como se fosse um mapa mental ou caminho a ser percorrido. Contudo para esta pesquisa procurou-se aplicar o uso das disposições e propostas apresentadas pelas autoras, porém já possuindo alguns dados como uma delimitação do espaço a ser trabalhado, pois a intenção é a de aprender que

A cidade acolhe seus passos, e ela passa a existir na existência deste que vive, na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final. Espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas que o caminhante experiencia em sua itinerância, não sem figuras pré-concebidas. Sua caminhada é de natureza egocêntrica, funcional, mas também poética, fabulatória e afetiva, e porque não dizer, uma caminhada cosmológica com os jogos de memória que os tempos reencontrados proustianos encenam (ROCHA & ECKERT, 2001, p. 03).

Como procedimentos para a realização da etnografia de rua, podem-se aplicar vários tipos de mecanismos como o caminhar sem anotação ou comprovação de sua presença; ou com o uso de instrumentos como câmeras fotográficas (aplicado nas incursões pelo Bairro de

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Nazaré) e de vídeo (aplicado em algumas entrevistas com os moradores das residências neocoloniais) onde estes servem para registrar os passos; assim como a própria prancheta na realização de anotações e representação gráfica (desenhos).

Portanto *experienciar* a cidade através da etnografia de rua possui uma relação de interação entre o pesquisador/observador e o *indivíduo* que se encontra (ROCHA & ECKERT, 2001). Logo, partindo desse método, analisar as edificações neocoloniais no Bairro de Nazaré, através da etnografia, auxilia na compreensão das relações entre as residências e seus moradores, assim como os transeuntes, além da interação delas (prédios) com seu entorno. Pensando nessa questão optou-se, para as incursões neste bairro, no uso da câmera fotográfica como instrumento de aplicação deste método, assim como para a realização de análises (ver item 2.5 do capítulo IV) e proposições (ver capítulo V), afinal a imagem é uma cópia da realidade a qual tiramos o sentimental a fim de termos uma visão *racional* (NOVAES, 1998).

(...) o uso da imagem acrescenta novas dimensões à interpretação da história cultural, permitindo aprofundar a compreensão do universo simbólico, que se exprime em sistemas de atitudes por dos quais grupos sociais se definem, constroem identidades e apreendem mentalidades. Não é mais aceitável a idéia de se relegar a imagem a segundo plano nas análises dos fenômenos sociais e culturais (NOVAES, 1998, p. 116).

Este método através do uso da imagem, como aplicado nesta pesquisa, torna-se uma ferramenta de registro. Em *o Etnólogo e suas Imagens*, (DARBON, 1998) vê-se que o uso das imagens na prática etnográfica são dados comprovativos de uma possível realidade estudada e que servirão como pontos para as análises dos seus pesquisadores/observadores. “Uma foto é uma cópia da realidade, e se tenderia a dizer facilmente: uma cópia fiel” (DARBON, 1998, p. 103), ou seja, a foto, embora tenha se originado mecanicamente, artificialmente, ela mostra parte da realidade de um indivíduo ou de uma sociedade, logo passa a ter caráter de *evidência* muito claro, principalmente em se tratando de representações iconográficas importantes como acontecimentos passados.

Ao partir do uso da imagem, procura-se aplicar outra prática do etnógrafo que é a pesquisa densa, sendo, no caso da arquitetura, por exemplo, utilizada na etapa da análise das residências Neocoloniais a partir de seus elementos, seus detalhes, assim como a sociedade no qual estava inserido, pois “só adquire significação antropológica sendo relacionado à sociedade como um todo na qual se inscreve e dentro da qual constitui um sistema complexo” (LAPLANTINE, 2000, p. 156). Portanto para a prática da Etnografia de Rua, a inserção do

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

pesquisador é importante, afinal é através desta que ele poderá realizar suas indagações e atingir a *totalidade* no trabalho, integrando o observador no próprio campo de observação.

Partindo desse princípio, a etnografia busca “fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo” (GEERTZ, 2011 p. 38), em outras palavras, ela busca mostrar qual é o papel da cultura na vida do homem, através da análise da gama de relações, entrelaçamentos e comportamentos que gerarão, para o observador, conclusões gerais sobre a forma de construção da cultura em determinada sociedade (vida coletiva). Assim, entender as transformações ocorridas em edificações Neocoloniais é outra maneira de perceber as influências que esta linguagem arquitetônica teve, vivenciou, e transmitiu, além de servir como outro método para a compreensão de como estas conseguiram se manter até a atualidade - umas mais preservadas que outras -, através, também, de uma comunicação não verbal, mas de grande valia para a análise em questão.

Esta abordagem baseada na aplicação do método etnográfico, através da prática da Etnografia de Rua, foi utilizada não só para conhecer o bairro de Nazaré, suas ruas, entender sua dimensão espacial (geografia) e também populacional (não apenas em quantidade, mas na própria questão comportamental), sendo esta composta pelos moradores, os transeuntes e as pessoas que trabalham no bairro, mas, também, consiste na forma adotada para verificar a relação existente entre as edificações Neocoloniais existentes com as pessoas que usufruem do bairro, - o que pensam a respeito desses prédios, se são a favor de sua preservação, se as habitariam, que mudanças (intervenções) seriam relevantes para as mesmas, etc. - assim como na realização de incursões para o levantamento dos elementos compositivos (detalhes arquitetônicos) que cada uma destas apresenta em sua parte exterior (fachadas), na forma de implantação no terreno, além de verificar a interação que estas possuem como o seu entorno.

Dessa forma a prática etnográfica consiste em “descrever [ações] e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e convenções, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa” (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 3). Neste intervim, a interação com o “outro” torna-se importante para ordenar o visível e organizar as experiências, assim realizou-se – na disciplina de Estética das Artes Plásticas, no primeiro semestre de 2014 – atividades com discentes do curso de arquitetura e urbanismo da UFPA⁴⁹ (grupos 1 e 2), no qual consistia em duas etapas: a primeira, através do deslocamento ao bairro de Nazaré, contemplando a análise deste e do reconhecimento e interação de algumas edificações Neocoloniais presentes nele, selecionadas a partir da escolha do percurso (itinerário).

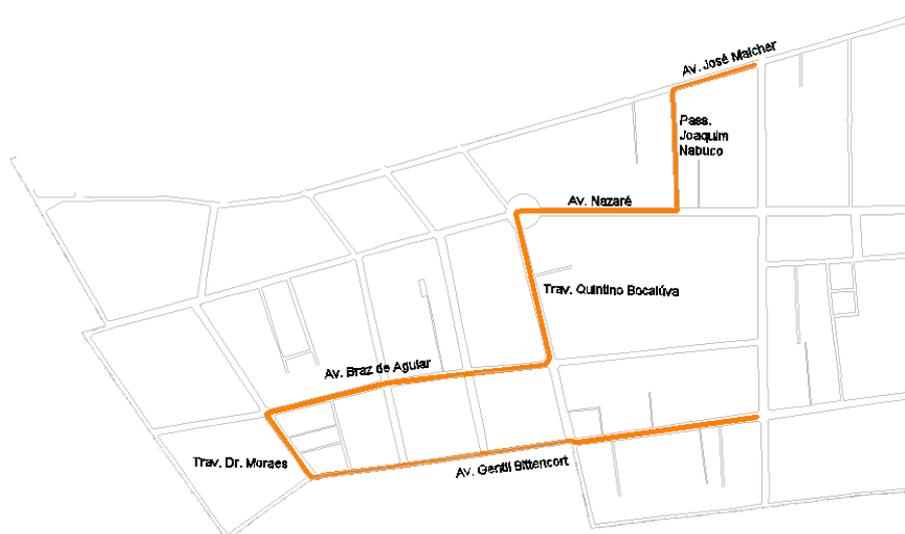
⁴⁹ UFPA – Universidade Federal do Pará.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Esta trajetória etnográfica foi determinada, principalmente, pelo grau de movimentação (pessoas e automóveis) e também de elementos presentes na via (equipamentos e mobiliários públicos) – incluindo as próprias edificações Neocoloniais –, pois na técnica etnográfica “o antropólogo observa a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos numa trama de ações cotidianas. (...) é evocar as origens do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço” (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 3). Portanto com este procedimento, os estudantes trabalharam o “encontro com o bairro”, ou seja, a cumplicidade de determinados rituais, gestos, linguagens – inclusive arquitetônicas – que este bairro possui.

Mapa 7: Trecho do Bairro de Nazaré percorrido pelos Grupos 1 e 2.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

O itinerário (mapa 7) abrangeu sete vias do bairro de Nazaré. Entre Avenidas (Governador José Malcher, Nazaré, Comandante Braz de Aguiar e Gentil Bittencourt), Travessas (Quintino Bocaiúva e Dr. Moraes) e Passagem (Joaquim Nabuco) viu-se variadas matérias arquitetônicas moldando este espaço geográfico, como prédios modernos, ecléticos, preservados ou descaracterizados. O objetivo desta incursão era atentar para as 24 edificações Neocoloniais espalhadas por este trajeto e se familiarizar com as mesmas, contemplar seus traçados e as prováveis *metamorfozes* (intervenções) destas edificações, assim como a articulação (interação e integração) com seus arredores.

A segunda etapa partia-se da premissa do “perfil de uma comunidade, indivíduo e/ou grupo [que] se configura aos poucos, pois o etnógrafo trabalha pacientemente a partir de colagens de seus fragmentos de interação” (ROCHA; ECKERT, 2001, p. 3), ou seja, a prática etnográfica permite aos pesquisadores uma *abordagem ao agente*. Em suma, buscou-se

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

realizar uma interação dos estudantes com as pessoas, a fim de mapear o “entender dos indivíduos”, o que eles pensam, sentem ao visualizar a *arquitetura Neocolonial*. O objetivo desta segunda fase era analisar como esta arquitetura é vista/percebida pelas pessoas, tendo como exemplos os 24 prédios encontrados na primeira etapa.

A abordagem procedeu-se da seguinte forma: cada grupo ficou responsável por uma parte do percurso, dividido em dois – Grupo 1 da Avenida Governador José Malcher até a Avenida Comandante Braz de Aguiar e Grupo 2 da Travessa Dr. Moraes até a Avenida Gentil Bittencourt. Elaborou-se um *Questionário Estruturado*⁵⁰ composto de dois momentos: primeiro perguntou-se dados do entrevistado como o nome, a idade e a profissão; posteriormente estes eram questionados em quatro perguntas, sendo uma relacionada a agradabilidade estética, – se gostam desta arquitetura – outra ao morar – se habitariam estas edificações – e as duas últimas em relação à mudanças/intervenções – se mudariam algo e por que.

O roteiro de perguntas elaborado consistiu em um padrão aberto, ou seja, “[permitia] ao respondente expressar livremente sua opinião sobre o que está sendo perguntado (...)” (MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p. 81-83), com isso, nestas, percebeu-se a relação das pessoas (transeuntes, moradores e os que trabalham no bairro) com as edificações Neocoloniais, encontrando-se várias opiniões que vão desde o desgosto total por toda e qualquer tipo de edificação antiga, o apoio à demolição de prédios históricos até o apreço e aceitação na preservação dos prédios do passado, como ações de reforma/manutenção, chegando à vontade de habitá-las. Assim

as entrevistas começaram às 16h00min na esquina da Av. Brás de Aguiar com a Travessa Dr. Moraes. Nesse perímetro foram entrevistadas cinco pessoas, onde foram mostradas a cada uma delas três imagens correspondentes as fotos das fachadas da Maison Blue (figura 31), da Pizzaria Vitoria (figura 32) e do Conservatório Carlos Gomes (figura 33). Além disso, questionou-se também sobre o edifício neocolonial mais próximo, que nesse caso era a sede do CREA-PA⁵¹ (figura 34) (Grupo 2, pesquisa realizada no dia 29 de maio de 2014).

⁵⁰ Ver MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa**. EdUERJ: Rio de Janeiro, 1998.

⁵¹ CREA-PA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Figuras 31, 32, 33 e 34: Fachadas da Maison Blue, da Pizzaria Victória, do Conservatório Carlos Gomes e CREA-PA, respectivamente.

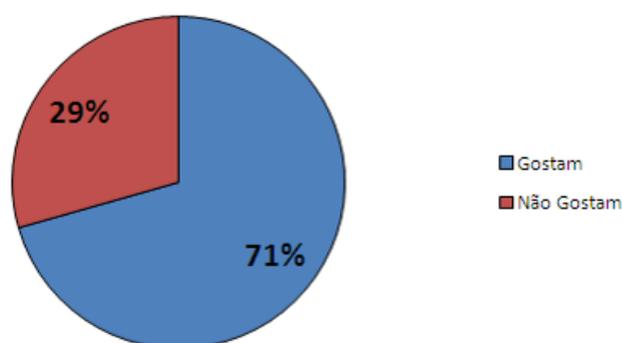


Fotos: Grupo 2 da Disciplina de Estética das Artes Plásticas⁵². 2014.

As 17 respostas obtidas, com a segunda etapa, permitiram chegar a determinadas conclusões: no primeiro gráfico vê-se que do total entrevistado, 71% afirmaram gostar da arquitetura Neocolonial seja por fatores como a “beleza” ou por, alguns, considerarem estes prédios como “patrimônio histórico”; enquanto 29 % afirmaram não gostar seja pela própria visão idealizada do belo ou pela invocação, bastante presente, do fenômeno do mundo urbano atual da ideia de contemporaneidade.

Gráfico 1: Pergunta – Você gosta deste prédio ?

Opção 1 - Agradabilidade Estética



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

⁵² Grupo 2, alunas: Amanda Pessoa, Ana Paula Soares, Bianca Barbosa e Elen Ciane Sobrinho.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

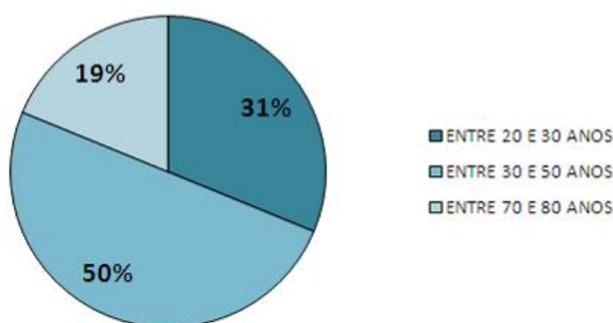
Esse entendimento relembra as discussões de Riegl acerca do “inventário dos valores”, quando se discute os valores de antiguidade e contemporaneidade, pois vê-se que, em relação a faixa etária dos entrevistados (segundo gráfico), os do grupo dos 70 à 80 anos afirmam gostar desta arquitetura, pois o fazem rememorar, a exemplo do senhor **O.R.N.** que afirma serem as edificações Neocoloniais, “muito belas, pois lembram minha infância. Acredito que devam sim ser preservadas, pois fazem parte da identidade e da história dos paraenses”, logo, percebe-se o valor de antiguidade destacado por Riegl manifestando-se na aparência das edificações, afinal este apresenta-se “à primeira vista, pelo seu aspecto não moderno” (RIEGL, 2006, p. 69).

Na faixa dos 20 a 30 anos destaca-se o senhor **F.E.** – mostrou-se a ele fotos de edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré (figuras 35, 36, 37, 38 e 39) –, ao que reagiu afirmando: “creio que elas são muito bonitas e que deveria ser conservado dentro da cidade de Belém”, “não pode[mos] esquecer a nossa história, não é? Creio que é fundamental nos lembrarmos de outro tempo, e da beleza das arquiteturas antigas, elas são as mais bonitas”, pois “prefiro as mais antigas do que as atuais, estas não me chamam muito a atenção”.

Porém em muitos casos, a falta de integração dos elementos componentes dessa arquitetura influencia no fator estético, o que leva a certos grupos afirmar uma aversão, como analisado naqueles com idade entre 20 e 30 anos e os de 30 a 50 anos, pois no primeiro 25 % não apreciam esta arquitetura, principalmente por se tratarem de edificações antigas, conforme relatado pelas senhoras **S** dizendo que “coisas velhas tinham que ser derrubadas para fazer coisas novas. Ninguém vive de história e não podem pegar dinheiro (público) para reformar” e **J** que afirmou não gostar de coisas antigas e preferir os imóveis mais modernos.

Gráfico 2: Faixa Etária.

Divisão dos Entrevistados por Idade



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Figuras 35, 36, 37, 38 e 39: Fachada dos Edifícios do CIG, da Residência Ribeiro Reis, do Nazareth Restô, de uma Residência unifamiliar e da Bis Entretenimento, respectivamente.



Fotos: Grupo 1 da Disciplina de Estética das Artes Plásticas⁵³. 2014.

Estas respostas trazem a tona outro valor de Riegl, o de contemporaneidade. Ou seja, “[dar] a impressão de uma perfeita integridade, inatacada pela ação destrutiva da natureza” (RIEGL, 2006, p. 91). Dentre os entrevistados temos alguns que confirmam esta ideia como a senhora **I** que disse: “se morasse em um desse derrubaria e faria um novo, fazia uma casa nova, ainda mais nesse perímetro que é ótimo”; e a senhorita **C** que é a favor de uma relação entre arte contemporânea e a clássica, afinal ela respondeu: “gosto de misturar coisas novas e antigas, pois não podemos matar as coisas velhas”. Contudo um dos entrevistados levantou outra justificativa para a “modernização” destas edificações, em especial o prédio onde funciona a *Bis Entretenimento* (figura 38), pois a Senhora **E** afirmou

que poderia ser mais moderno. Estou aqui há quase vinte anos e sempre foi dessa forma, só muda as cores. Acho que vocês (grupo 1), melhor do que eu, para saber que... Deveria ser mais ousado... Sou muito a favor disso, de modernizar. Porque desde que eu conheço sempre teve esse forma aí. Como ele é usado sempre pra fins comerciais, eu acho justamente que poderia fugir mais disso aí. A sacada é semelhante a uma residência ainda (Grupo 1, pesquisa realizada no dia 30 de maio de 2014).

⁵³ Grupo 1, alunas: Giovana Maria do Nascimento Silva, Jamile Costa da Silva, Paula Isabelle Oliveira Machado e Sâmua das Neves Prazeres.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

Essa afirmação levanta, também, outro dado obtido nesta segunda etapa que foi o conhecimento que alguns entrevistados possuem em relação a algumas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré, cujas fotos foram apresentadas aos mesmos, como o senhor **W** que levantou o primeiro dado sobre a história de uma dessas edificações, no caso a Pizzaria Vitória (figura 31), que “antes era uma casa, poucas coisas mudaram, deu uma alma”; a senhora **V** informou que inicialmente a loja Coares (figuras 40 e 41) “era apenas uma casa” e que a reforma de expansão foi feita seguindo critérios, pois esta trata-se de um “patrimônio histórico e não podia ser modificada. Foi reformada e teve que fazer essa mudança para expandir”; já o senhor **C.A.A.V**, funcionário da portaria do Centro Integrado de Governo (CIG – figura 35) relatou dados considerados relevantes para o estudo da arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré, afirmando que “esse prédio é bonito. Foi *restaurado* três vezes. Essas faixas (figura 42) foram reformadas tem uns quatro anos. Isso não é pedra, é o cimento que ele colocou e ‘bordou’ (figura 43)”.

Figuras 40 e 41: Loja Colares.



Fotos: Grupo 2 da Disciplina de Estética das Artes Plásticas. 2014.

Figuras 42 e 43: Detalhes da pintura próxima a fonte e do tratamento feito com base de cimento para imitar pedra no Prédio do CIG, respectivamente.



2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL



Fotos: Grupo 1 da Disciplina de Estética das Artes Plásticas. 2014.

Outro destaque é dado pela senhorita **Ca** que mesmo respondendo “não gosto de edificações antigas”, “não me agrada, gosto de coisas modernas”, ela é a favor da preservação, “mas não para morar, e sim apenas para fins turísticos”. A questão acerca do patrimônio para o turismo, destacado apenas por esta entrevistada, recai em dois pontos muito presentes na cidade de Belém que são: o uso e a questão de valor, pois aqui é comum ter a *estetização*, considerando a arquitetura como mercadoria, pois

No modelo globalizado, o poder público situa-se como produtor de um valor que tira partido das transformações que vem ocorrendo em virtude da globalização da economia e da cultura. Aproveita-se das novas identidades que vêm sendo forjadas em sua relação com o mercado de consumo, tratando o patrimônio como mercadoria ou como um atrativo para o consumidor, aderindo aos valores que estão sendo ditados pelo capital especulativo. Produzem-se cenários padronizados, com a utilização das áreas urbanas antigas de acordo com as tendências globais, (...) (MOTTA, 2000, p. 260).

Há, também, os *lugares da memória*, que “são, antes de tudo, restos (...) [que] (...) nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, (...) porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 12-13), ou seja, procura-se materializar a memória a partir da arquitetura, prejudicando, na maioria dos casos, na própria utilização de algumas dessas edificações. Já a questão de valor deve-se ao reconhecimento dessas edificações Neocoloniais como obras de arte, ou seja, para que uma edificação torne-se patrimônio este deve ter sua importância reconhecida pelo poder público e, principalmente pela sociedade.

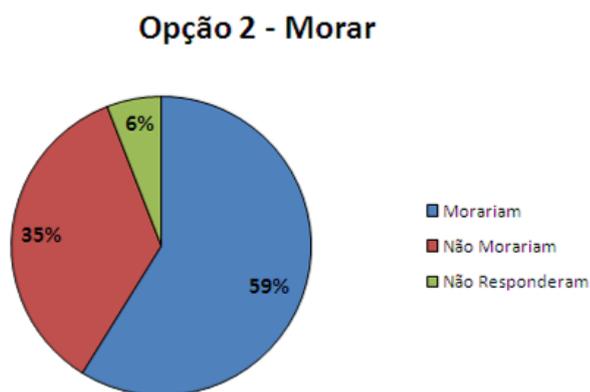
Este é o ponto em que a arquitetura Neocolonial apresenta um déficit em Belém, pois muitos belenenses não reconhecem estas como sendo edificações antigas, assim como não sabem da sua importância para a história da arquitetura paraense, acentuando-se mais pelo fato de serem arquiteturas residências particulares ou multifamiliares, e pela aproximação de tempo, haja vista que esta arquitetura perdurou em Belém até fins da década de 40 do século XX, sendo que nesta cidade praticamente a maioria das edificações consideradas patrimônio são datadas até o século XIX.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

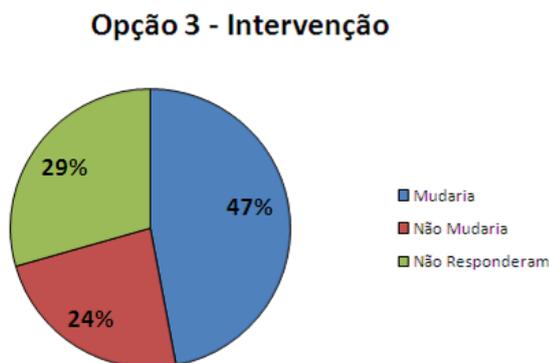
Em relação à segunda pergunta (terceiro gráfico), questionou-se, aos mesmos, se habitariam estas edificações. O resultado mostra que 59 % responderam sim, 35 % não e 6 % não responderam, essas estimativas mostram que no espaço amostral (entrevistados), mesmo havendo discordâncias em relação à agradabilidade estética, há uma aceitação para com a arquitetura Neocolonial. Todavia esta questão está muito relacionada às duas últimas perguntas realizadas (quarto gráfico), pois ao questionar se, caso habitassem, fariam alguma intervenção/modificação, 47 % disseram que fariam, 24 % não e 29 % não responderam. Já a última pergunta consistia em saber que tipo de alterações eles realizariam nestas edificações, e, basicamente, como resposta foi levantado duas modificações: uma é a pintura das paredes externas, haja vista que dos exemplares mostrados, a maioria já apresenta esta desgastada, como destacado pelo senhor **W**, pois “todas as edificações são bonitas, mas quando bem tratadas”.

Gráfico 3: Pergunta – Você moraria nesse tipo de edificação ?



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Gráfico 4: Pergunta – Que tipo de intervenção você faria nessas edificações ?



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

O senhor **J.L.** respondeu que “são edificações lindas, mas desde que haja conservação e incentivo do governo”. Com relação ao Conservatório Carlos Gomes este diz que “moraria com todo prazer, se não fosse tombada. Coisa mais linda desse mundo, esse estilo português, é linda, é linda, é linda”, “se eu pudesse morar em um (prédio) antigo, eu moraria, porque gosto dos pisos que eram de madeira corrida, ou de lajotas portuguesas, só mudaria a cor, gosto de coisa barroca” – sua atenção pelo fato do tombamento deve-se que grande parte dos imóveis protegidos em Belém e que são residenciais, por exemplo, apresentam várias “regras”⁵⁴ para a realização de intervenções, além do fato da dificuldade de conseguir subsídios como redução do IPTU ou auxílio para reformas.

A segunda modificação é a colocação de grades nas esquadrias. Este ponto consiste na questão social da segurança, pois mesmo com a clareza que cada remoção ou acréscimo em uma edificação antiga “equivaleria a um cancelamento de uma passagem histórica” (BOGEA, 2009, p. 7), portanto a intervenção nestes imóveis deve seguir uma visão racional, seja delineada pela história como no exemplo do IECG, ou baseada na ação do proprietário devendo, de ambas as formas, apresentar seu juízo de valor. Fica claro que parte das intenções de intervenções apresentadas, nesta segunda etapa, deve-se pela falta de maior atenção do poder público, como na questão da falta de segurança que acarreta a mudanças necessárias como destaca a senhora **V** “acho importante preservar. Moraria nessas edificações mostradas, mas infelizmente colocaria grades por questões de segurança, pois não dá para morar em Belém de outra forma”.

Nesta segunda etapa atentou-se para a atuação, constante, da questão da agradabilidade estética. Dos 17 entrevistados 12 gostaram das edificações que lhes foram mostradas, 5 não; 11 gostariam de morar nestas edificações, 6 não. Sendo que desses 17, 2 são a favor da demolição total; 3 não morariam, mas preservariam desde que houvesse intervenções; e 1 não moraria e não preservaria; 4 morariam e fariam intervenções apenas por motivos de segurança; 5 morariam e não mudariam nada; e 2 morariam e apenas mudariam a pintura. Assim, para a preservação destes *artefatos edificados* deve-se ater ao que será lembrado e esquecido ao realizar intervenções, para que estes procedimentos sempre sejam a favor da importância da preservação da documentação - no caso das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré, excetuando os dois prédios tombados (CIG e o IECG) os demais há

⁵⁴ Ver Lei Ordinária nº 7709, de 18 de Maio de 1994, que dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências. Em específico no seu Art. 19, do Capítulo III – Do Tombamento, que dita referente a todo bem tombado a nível municipal será classificado em cinco categorias; e aos artigos que compõem a seção única dos efeitos do tombamento.

2 - BAIRRO DE NAZARÉ: CONHECENDO A ARQUITETURA RESIDENCIAL

NEOCOLONIAL

pouca documentação existente, sendo encontrado, para esta pesquisa, apenas no acervo do DPHAC⁵⁵ -, seja ela física ou através da memória (coletiva e individual), realizando, a cada passo, procedimentos respaldados por evidências (documentos, normas, regras), mas que, principalmente, sirvam para manter viva a lembrança, como a memória coletiva, preservando-a do esquecimento.

⁵⁵ DPHAC - Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico Cultural.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Sabe-se que em Belém a forma de projetar o ambiente construído neste período de estudo (a primeira metade do século XX), em sua maioria, não foi relegada a mãos de arquitetos, mas, principalmente, a engenheiros e mestres de obras. A implantação da moradia era baseada no padrão das antigas casas brasileiras, ou seja, ocupando todo o lote (extenso em profundidade e com largura ou testada do lote pequena) e sendo uma casa “colada” a outra (geminada). Porém no bairro de Nazaré, área considerada importante não só para a história paraense, mas para o próprio desenvolvimento da arquitetura belenense, o padrão de implantação das edificações, entre elas os Neocoloniais, segue o pensamento contrário ao anterior, pois a partir do final do século XIX começaram a aparecer edificações “soltas” no terreno, já precedendo a influência eclética.

Nesta época a maior parte dos materiais e instrumentos aplicados na arquitetura brasileira era de procedência estrangeira, porém com o advento das guerras mundiais estes produtos deixaram de ser importados. Assim, já em 1920, com o Neocolonial buscou-se o uso de materiais e instrumentos cada vez mais regionais, como nos projetos de Dubugras onde sempre relacionava a arquitetura com o uso de materiais da própria região onde construiria⁵⁶. Porém em Belém a aplicação de material regional resultou principalmente no uso da madeira como o Acapu e Pau Amarelo, utilizados nessas edificações (Neocoloniais) compostas por três formas básicas: o primeiro voltado para a influência da arquitetura vernácula portuguesa – Neocolonial luso-brasileiro – (figura 44); as composições que lembram o *Mission Style*⁵⁷ - Neocolonial hispânico-americano – (figura 45) - difundido em outros Estados como São Paulo e Rio de Janeiro -, que em Belém são representadas pelas residências conhecidas como *bolos de confeitiro*⁵⁸, *bolo confeitado* ou *bolos de noiva*, onde há mistura de elementos mouriscos, manuelinos, barrocos e outros; e os que relembram as denominadas habitações econômicas⁵⁹ (Figura 46), por se tratar de edificações simples, menores e menos suntuosas.

⁵⁶ Ver REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

⁵⁷ Mission Style: Estilo arquitetônico adotado, sobretudo nos anos 20 e 30 que associava as formas hispânicas às do neocolonial brasileiro. Permitiam suprir de elementos decorativos as edificações em estilo neocolonial, escassos na arquitetura civil colonial brasileira. Seus traços característicos são maciças arcadas em arco pleno, colunas torsas e reboco grosso com desenhos informais lembrando vagamente a decoração árabe. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁵⁸ O *Bolo de Confeitiro* não foi encontrado em nenhum texto seja livro ou qualquer referência acadêmica. Quando iniciei minha pesquisa (2010), perguntava para as pessoas sobre uma forma específica das residências Neocoloniais com textura na parede externa. Como resposta, afirmavam se assemelhar a um *bolo* com glacê, logo liguei ao *bolo feito por confeitiros*.

⁵⁹ Ver *A Casa*, 1929, nº 59, p.22-23.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 44, 45 e 46: Residências Neocoloniais no bairro de Nazaré representando os três tipos básicos (a casa portuguesa, mission style e habitações econômicas), respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Em Belém a arquitetura Neocolonial apresenta uma interação com novos materiais e técnicas, tornando-se as armas dos projetistas para suas obras, usando métodos desde as quadrículas e composições geométricas tridimensionais até a base pelos tipos⁶⁰ que geravam tipologias⁶¹, coexistindo estilos diferentes através do historicismo arquitetônico. No período dos anos 20 do século XX, a arquitetura da atual sociedade belenense procurava manter-se atualizada em relação às influências arquitetônicas da época, adotando o Neocolonial (e outras linguagens estilísticas) para suas residências como, por exemplo, o caso da Residência do Sr. José Leite Chermont (figura 47), – grande fazendeiro daquela época, filho do Senador Bento Chermont e irmão do Governador Justo Chermont, destacando a importância desta família

⁶⁰ Para Quatremère de Quincy: "A palavra 'tipo' não representa tanto a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada perfeitamente quanto a ideia de um elemento que deve ele mesmo servir de regra ao modelo (...). O modelo, entendido segundo a concepção prática da arte, é um objeto que deve se repetir tal qual é; o tipo é, pelo contrário, um objeto segundo o qual qualquer pessoa pode conceber obras que não assemelharão nada entre si. (...)" (*apud*, ARGAN, 2004, p. 66).

⁶¹ "A tipologia organiza a série de ideias abstratas, significando uma concepção concreta da evolução e organização dos signos." (FEFERMAN, 2009, p. 52-53).

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

para a administração pública do Estado do Pará –, projetada nesta linguagem arquitetônica para servir como residência unifamiliar, construída por volta de 1930⁶².

Ela apresenta uma implantação no terreno que seguia padrões já vistos desde o ecletismo, como a presença de recuos frontal, onde na maioria apareciam miniaturas de jardins, e posterior – algumas possuindo edículas – e afastamentos laterais – geralmente em um dos lados, dando lugar para a passagem de automóveis. Sua fachada possui elementos encontrados no *mission style* como a fonte ou chafariz e a escadaria com guarda-corpo ornado com volutas – remetendo ao anterior pavilhão do México para a Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922 –, além de outros detalhes do barroco português tendo o frontão curvilíneo e a cobertura em telha de capa e canal com presença de rabos de andorinha nos vértices e pináculos como alguns dos elementos destacados em sua fachada principal, além de cobogó (figuras 48, 49 e 50).

Figura 47: Antiga Residência do Sr. José Leite Chermont, hoje sede do Centro Integrado de Governo.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 48, 49 e 50: Detalhes da antiga Residência do Sr. José Leite Chermont, hoje sede do Centro Integrado de Governo.



⁶² Ofício Nº 00144/93 do Instituto do Desenvolvimento Econômico- Social do Pará (IDESP).

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Para a realização, no bairro de Nazaré, do levantamento das edificações Neocoloniais existentes, aplicou-se princípios utilizados no método Etnográfico, considerada uma prática interessante. Através deste detectou-se a presença de 103 edificações, dessas distribuiu-se em três categorias principais (mapa 1): as edificações Neocoloniais, ou seja, aquelas que ainda estão preservadas ou sofreram pequenas intervenções, como a atual sede do CREA-PA (figura 52); as edificações Neocoloniais modificadas/adaptadas são aquelas com intervenções de média a grande – gerando perdas de elementos ou descaracterização grave – a exemplo a da Travessa Quintino Bocaiúva nº 1380 (figura 51); e as edificações que apresentam traços/características da arquitetura Neocolonial, no caso representam a apropriação de determinados elementos difundidos por esta arquitetura⁶³, cito a Travessa Benjamin Constant nº 1374 (figura 53).

Figuras 51, 52 e 53: Exemplos de Edificações Neocoloniais modificadas/adaptadas, preservadas ou com pequenos detalhes e com presença de traços/características da arquitetura Neocolonial, respectivamente, no bairro de Nazaré.



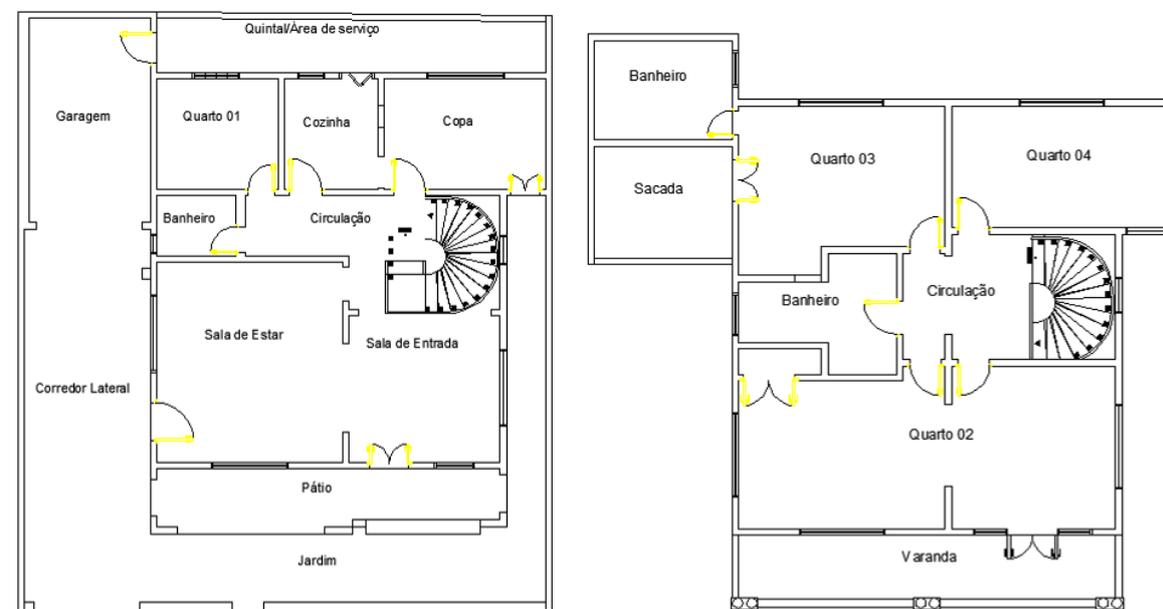
Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

⁶³ No caso destas edificações há dúvidas, pois as intervenções já são de grandes proporções o que prejudica na análise de uma confirmação precisa acerca de serem edificações na época de vigência da arquitetura Neocolonial em Belém, porém as mesmas chamam a atenção por apresentarem pequenos elementos ou resquícios, traços que remetem a esta arquitetura.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Em relação à implantação no lote percebe-se que a maior parte destas residências já segue um padrão “solto”, ou seja, é livre no terreno (com presença de recuos e afastamentos) o que promove maior liberdade para as construções, pois das 103 edificações levantadas, todas apresentam algum tipo de afastamento (frontal, lateral e posterior), sendo: 80 com recuo frontal, 65 com afastamento lateral (em apenas um dos lados ou em ambos) e 78 com recuo posterior. Na entrevista com a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis (ver item do capítulo IV), e analisando a planta baixa desta edificação (figuras 54 e 55) percebe-se, por exemplo, que esta forma de implantação no lote também se encontra na organização dos ambientes internos de linguagens posteriores como os programas de necessidades então em voga no Brasil no período do movimento modernista – principalmente nas décadas de 60 a 80. Nela tem-se à presença de ambientes amplos, racionalização dos espaços de circulação, maior simplicidade dos espaços, seguindo uma organização dos ambientes em três setores (social, serviço e íntimo), procurando, ainda, manter alguns espaços como os de serviço (copa, cozinha, etc.) não integrados com os demais cômodos da edificação, como no projeto da Residência no Jardim Paulistano de Rosa G. Kliass e Wladimir Kliass (figuras 56 e 57).

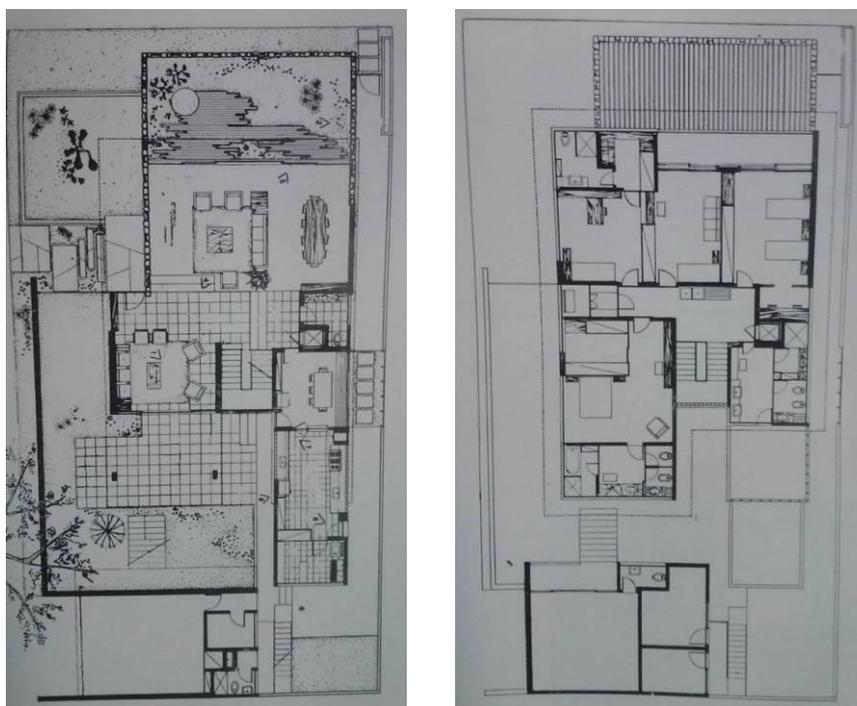
Figuras 54 e 55: Planta baixa do térreo e segundo pavimento da Residência Ribeiro Reis, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 56 e 57: Planta baixa do térreo e superior (respectivamente) da Residência no Jardim Paulistano - Prêmio "Viagem ao País" do XXVII Salão Paulista de Belas Artes. Projeto de Rosa G. Kliass e Wladimir Kliass.



Fonte: Revista Acrópole, Novembro de 1962, ano XXIV, nº 288.

Este modelo de organização será encontrado em outras edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré. Atenta-se, também, a própria solução volumétrica, ou seja, a tipologia aplicada, cuja planta arquitetônica varia – para as edificações analisadas – em três padrões: as que possuem planta quadrada ou retangular, assemelhando-se as residências construídas na época do movimento da *Casa Portuguesa*, em Portugal, como na residência do Sr. Albino Caetano da Silva⁶⁴ projetada por Raul Lino (figura 58). Em Belém, no bairro de Nazaré, vê-se que 77 edificações seguem este padrão, semelhante não apenas na composição da planta, mas na própria volumetria, no geral, formada por cubos e paralelogramos interceptados, marcados pela variação dos pés-direitos – que em sua maioria não eram iguais; e as de planta baixa com formas variadas, totalizando 8 exemplares, sendo mais presentes nas edificações baseadas no *mission style* que em Belém são conhecidas como residências *bolo de confeitiro* ou *bolo de noiva*. Ainda destaca-se que 4 possuem um pavimento, 99 são de dois pavimentos e somente 1 com três pavimentos, e ao tipo arquitetônico aplicado, há nesses exemplares, basicamente,

⁶⁴ Ver MASCARO, Luciana Pelaes. **Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950**. 2008. 578 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

três: 55 edificações no formato de Bangalô⁶⁵; 31 em residências no padrão de casas econômicas/casas geminadas; e 18 modelos no padrão de linguagem do *mission style*.

Figura 58: Casa do Sr. Albino Caetano da Silva, projetada por Raul Lino.



Fonte: Revista A Arquitectura Portuguesa, Agosto de 1909.

Contudo o Neocolonial analisado em Belém caracteriza-se mais em relação às fachadas das residências que possuem, em sua maioria, formas e padrões diferentes do que é visto nas demais regiões e cidades do Brasil. Isso transmite outra característica do estudo de estilo na qual se ressalta a discussão sobre *a raça* (GINZBURG, 2001), ou seja, o Neocolonial, mesmo alcançando a universalidade - difundido em vários países -, há em cada nação uma forma específica de aplicá-lo, de usá-lo que lhe é única - baseada na tradição, na regionalidade de cada local -, pois cada cidade possui sua própria história, antropologia e biologia que são diferentes das demais, em suma, assim como estas variam em cada lugar, o mesmo também vê-se com relação ao Neocolonial em cada cidade.

Nos partidos das fachadas Neocoloniais no bairro de Nazaré as influências dos padrões luso-brasileiro e hispânico-americano estão presentes, todavia constatou-se por este levantamento que, no bairro de Nazaré, essas edificações possuem uma mistura desses dois

⁶⁵ Bangalô: Casa de porte médio e no máximo dois pavimentos, provida comumente de alpendre e pequeno jardim, caracterizada por seu aspecto rústico e sua implantação em áreas predominantemente residenciais da cidade. Tem sua origem nas construções feitas pelos colonizadores ingleses na Índia para sua residência. Caracterizava-se pela presença de alpendre que circundava pelo menos três das quatro paredes externas da edificação. Predominou na arquitetura brasileira, sobretudo nas décadas de 30 e 40. No Rio de Janeiro, muitos bangalôs eram encontrados nesta época em bairros residenciais e pitorescos recém-urbanizados, como Copacabana e Ipanema. Era então considerado um tipo de habitação moderno e agradável. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume I - A a I. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

padrões, pois dificilmente encontram-se prédios com apenas um desses. Assim na morfologia da fachada, dentre os elementos para acabamento externo, percebe-se o uso da texturização dada ao revestimento das paredes externas, com a intenção de obter certa rusticidade a edificação – procedimento encontrado em 35 exemplares –, remetendo a uma apropriação da arquitetura mexicana⁶⁶.

Em Belém vê-se uma guarnição de textura rústica diferente, pois além da textura chapiscada⁶⁷ – comumente utilizado – há outros modelos como o encontrado em três edificações no bairro de Nazaré na qual se visualiza uma aplicação em forma circular através da retirada de parte da argamassa utilizada ao revestimento da parede externa (figuras 59, 60 e 61); o realizado através do uso da desempenadeira⁶⁸, sendo aplicado de maneira circular gerando um desenho de disco nervurado (figura 62); o de caráter mais irregular cuja aplicação lembra a retirada de parte da argamassa a partir de um objeto de formato retangular (figuras 63 e 64); e o de formato mais geométrico, realizado através, também, de um objeto de caráter retangular (figuras 65 e 66). Para finalizar o arremate da parede externa há a execução de pintura, cujo uso predominante, na época, era a cor branca – considerada a cor da arquitetura Neocolonial em Belém – visto em 58 edificações, sendo as demais possuindo outras colorações devidas, principalmente, a intervenções posteriores.

⁶⁶ Ver RODRIGUES, Eduardo de Jesus. **As Fachadas na Arquitetura Paulistana: O Estilo Missões**. São Paulo, 1985. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

⁶⁷ Chapiscado: Acabamento rústico feito com argamassa de cimento e areia atirado com colher de pedreiro através de uma peneira ou aplicado com máquina própria. Comumente o traço da argamassa é de 1:3. É conveniente seu emprego quando não se dispõe de mão de obra qualificada, pois a rugosidade formada disfarça eventuais defeitos de aplicação e desempenho. Fazer chapiscado é chamado chapiscar. É também chamado chapisco. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁶⁸ Desempenadeira: Ferramenta de pedreiro composta por uma tábua de madeira grossa com uma de suas faces bem lisa e a outra contendo uma alça de metal com cabo de madeira. É usada para distribuir regularmente qualquer massa sobre superfícies planas, e aplainá-las. Serve também para manter o REBOCO que o pedreiro retira com a colher quando executa pequenos retoques. Em Portugal é também chamada de fortaço. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 59, 60 e 61: Representação de texturização rústica.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 62, 63 e 64: Representação de texturização rústica.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figuras 65 e 66: Representação de texturização rústica.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Em atenção aos elementos estético-funcionais foram analisados vinte e quatro itens encontrados no espaço amostral (bairro de Nazaré), desses: as torres, são encontradas em 8 edificações, sendo 5 circulares e 3 facetadas/prismáticas, sua presença é mais localizada nas residências de grande influência hispânico-americano, cujo volume se destaca no sentido vertical, relacionada, internamente, a ambientes de caráter íntimo como escritórios, visto na planta da antiga residência do Sr. José Leite Chermont (figuras 67 e 68), porém em sua maioria utilizada para a composição das escadas internas como na antiga sede do Jóquei Club do Pará (figura 69).

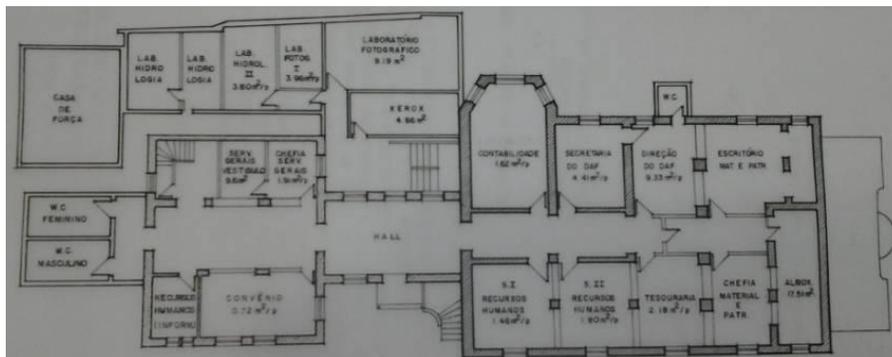
A presença de colunas na arquitetura Neocolonial se destaca tanto pela estética luso-brasileira quanto pela hispânico-americano, neste levantamento verificou-se que 35 edificações possuem este elemento sendo aplicado em variadas partes destas, principalmente próximo às esquadrias ou em composição de sacadas e varandas. Basicamente tem-se dois tipos de colunas: as que possuem uma leitura semelhante a ordem toscana⁶⁹, encontradas em quatro edificações, como a localizada na Travessa 14 de Março nº 1726 (figura 70) que possui quatro colunas em ordem toscana na sua varanda, organizadas em base, fuste e capitel, e as do tipo torsa⁷⁰ ou torcidas presentes em nove edificações, a exemplo da residência localizada na esquina das Avenidas Alcindo Cacela e Governador José Malcher nº 1764, apresentando esta coluna tanto na composição das varandas quanto próximo as esquadrias (figura 71). Atenta-se para o dado que embora a coluna torsa tenha sido aplicada no *mission style*, sabe-se que outro estilo também influenciou o uso deste elemento no Brasil, o denominado *manuelino*.

⁶⁹ Coluna toscana: pertencente à ordem toscana caracterizada pelo capitel assemelhado com o capitel da coluna dórica. Tem capitel formado por um ábaco retangular e por um equino. Diferentemente da coluna dórica, possui base e seu fuste é liso, sem caneluras. foi usada em edifícios coloniais e neocoloniais. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁷⁰ Coluna torsa: coluna cujo fuste possui forma helicoidal. É característica dos prédios em estilo missões, construídos durante as décadas de 20 e 30. Foi muito usada nos retábulos de antigas igrejas coloniais. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 67, 68 e 69: Planta baixa do térreo da antiga Residência do Sr. José Leite Chermont e a escada localizada na torre circular do prédio da antiga sede do Jôquei Club do Pará, (respectivamente).



Fonte: Acervo DPHAC, s.d.

Figuras 70 e 71: Presença de Colunas Toscanas e Torsa na arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré, (respectivamente).



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Com destaque, ainda, para o elemento coluna, existe, em algumas edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré, um detalhe arquitetônico que embora não tenha as características desta é utilizada para substituí-las, que são os *esteios*. Ou seja, em 22 residências encontrou-se este elemento na composição de sacadas e varandas, assim como

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

próximas as esquadrias, de estética simples em formatos de paralelogramos, pintadas, basicamente, em dois tipos de cores (branco ou azul), de madeira ou em alvenaria, a exemplo das casas pertencentes à Vila Militar localizada na Avenida Governador José Malcher que possuem esteios de madeira nas varandas (figura 72).

Este elemento auxilia na confirmação da ideia, anteriormente apresentada, sobre a singularidade que cada arquitetura possui em um determinado local, pois esta prática do uso de esteios sejam eles de madeira ou em alvenaria, aplicados em sacadas ou varandas, assim como próximo as esquadrias, não são comuns na arquitetura Neocolonial das demais regiões do Brasil, porém em Belém esta prática pode vir a estar relacionada com outros tipos de edificações, mais regionais, encontradas na cidade como as casas ribeirinhas e outras existentes nos demais bairros da cidade (figura 73).

Figuras 72 e 73: Presença de esteios substituindo as Colunas na arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré e exemplo de edificação com esteios de madeira no bairro do Guamá.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Elemento, também, presente nas edificações Neocoloniais de Nazaré é o cunhal⁷¹ localizado em 4 exemplares como no prédio central da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes, na Avenida Gentil Bittencourt nº 977 (figura 74); Esta (edificação) ainda possui outro item pouco encontrado, porém característico da arquitetura Neocolonial no Brasil, que é o nicho⁷², presente em apenas 2 modelos, no bairro de Nazaré, geralmente tendo em seu interior

⁷¹ Cunhal: **1.** Faixa vertical saliente nas extremidades de paredes ou muros externos do edifício. Em geral abrange da base ao coroamento da construção. **2.** Ângulo externo e saliente formado pelo encontro de duas paredes externas convergentes, servindo de proteção à quina do edifício ou de ornamentação da fachada. Muitas vezes é feito em material diferente do utilizado na alvenaria das paredes. É às vezes também chamado quina. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura.** Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁷² Nicho: **1.** Cavidade feita na espessura de um paramento, usualmente para nela se dispor uma estátua, um vaso, uma imagem ou qualquer outro elemento de ornamentação. Pode também ter seu fundo aberto para colocação de

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

a representação de imagens sacras, como no caso desta referida edificação, que o tem localizado no centro do frontão do muro na fachada frontal do lote (figura 75).

Figuras 74 e 75: Presença de cunhal e nicho na sede do Instituto Estadual Carlos Gomes, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Os azulejos são presentes tanto na arquitetura Neocolonial luso-brasileira quanto na hispânico-americano, porém, em Belém, este elemento estético-funcional é característico da arquitetura de influência portuguesa⁷³ e no bairro de Nazaré estão presentes em 21 edificações Neocoloniais. Suas cores predominantes são o azul real, o amarelo e o branco, em relevo ou liso, localizado em diferentes partes das fachadas como: no embasamento, em detalhes na parede externa ou postos no guarda-corpo de sacadas e varandas e no centro de frontões ou em fontes de água, a exemplo tem-se o da edificação nº 1533 na Avenida Generalíssimo Deodoro com azulejo em sua fachada principal (figura 76) e o localizado na entrada da Vila Alda Maria nº 370 com este elemento presente na placa fixada na parede desta residência e também no muro (figuras 77 e 78).

Os arcos e arcadas estão presentes em 50 exemplares Neocoloniais no bairro, sua forma segue uma simetria, porém com representações e medidas variadas, possuindo ou não

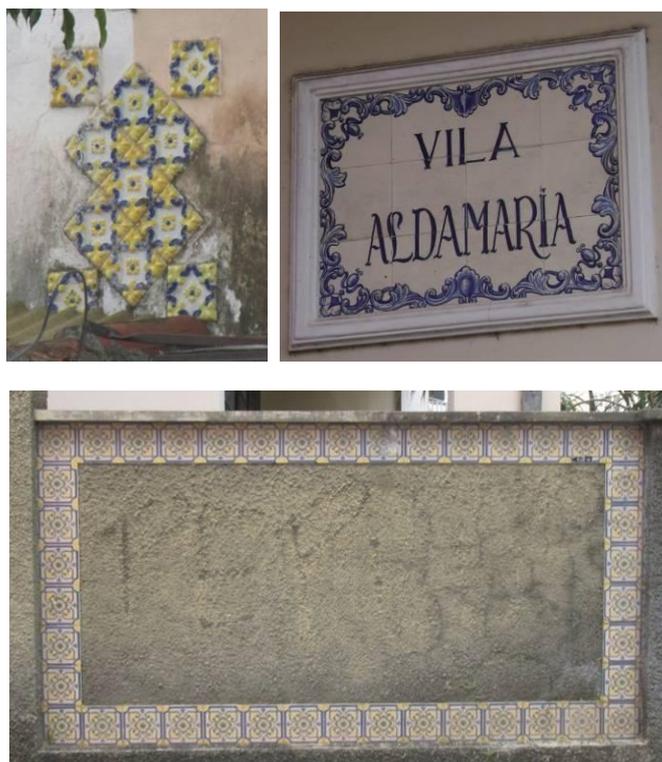
esquadria. Quando fechado, é comumente utilizado em igrejas ou edifícios públicos suntuosos. Usado em igrejas para colocação de imagens, é também chamado charola. Quando sua cavidade tem forma semicilíndrica, o mais frequente é também chamado nicho de torre, e quando atinge o nível do solo, nicho sem soco. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁷³ Ver AMARAL, Helena Carmem. **Azulejaria Portuguesa em Belém (PA): História, Estética e Significado**. Belém, 2002, 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade da Amazônia, Centro de Ciências Exatas e Naturais e Tecnologia da Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

detalhes decorativos como pedra, simulações de alvenaria rústica ou azulejo. A maioria fica localizada na fachada principal das edificações, compondo portadas de entrada ou aberturas nas varandas, como exemplo há a localizada na fachada principal do restaurante La Familia (figura 79), na Travessa Benjamin Constant, e o conjunto de arcadas que compõem a fachada do Laboratório Guadalupe (figura 80), na Avenida Alcindo Cacela.

Figuras 76, 77 e 78: Presença de azulejos nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figuras 79 e 80: Presença de arcos e arcadas nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Em termos de embasamento levantou-se, em 44 exemplares do bairro, seis tipos: os com aplicação em pedra, 9 edificações, como na atual sede do CREA-PA (figura 81); em textura chapiscada, 24 modelos, a exemplo da localizada na Avenida Governador José Malcher nº 1049 (figuras 82 e 83); em azulejo, 2 exemplares, destacando o Restaurante La Família (figura 84); em tijolo, 1 modelo, na esquina da Rua Boaventura da Silva com a Travessa Benjamin Constant (figura 85); em padrão liso, 7 exemplares, como na atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes (figura 86); e uma edificação com embasamento revestido em cerâmica (lajota ‘São Caetano’), localizada na Avenida Gentil Bittencourt nº 995 (figura 87).

Figuras 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87: Tipos de Embasamentos nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



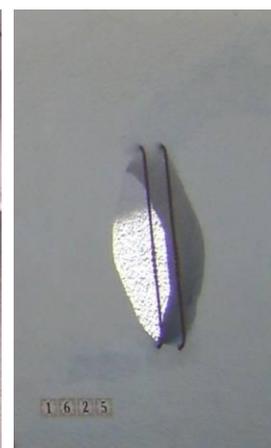
3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Nas técnicas decorativas encontradas, tem-se: o cimento imitando pedra, localizado em 5 modelos, na maioria, compondo os detalhes de arcos e arcadas, como na Residência Ribeiro Reis (figura 88), ou sendo aplicado como textura em parte de paredes externas e no embasamento de muros; simulações de alvenaria em estado rústico, presentes em 15 exemplares, geralmente nos vértices ou quinas das paredes externas, a exemplo na Residência nº 59 da Passagem 5 de Abril (figura 89); os elementos em ferro, 4 edificações, como o encontrado na Residência nº 1625 (figura 90); os vazados, levantados em 4 prédios como o da Avenida Governador José Malcher nº 1255 (figura 91); e outros detalhes como molduras em janelas e arcos, cártulas, medalhões, brasões, azulejos e formas geométricas de gesso, a exemplo da localizada na Passagem Joaquim Nabuco nº 123 (figuras 92 e 93).

Figuras 88, 89, 90, 91, 92 e 93: Tipos de técnicas decorativas nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Os pináculos, identificados em 14 exemplares, estão presentes em três posições na fachada: coroando a edificação, como se encontra no prédio do Instituto Estadual Carlos Gomes (figura 94); ladeando o frontão, a exemplo da atual sede do Centro Integrado de Governo (figura 95); e no ponto central das coberturas, como visto na Residência nº 597 na Avenida Governador José Malcher (figura 96). O frontão curvilíneo, existente em 28 edificações, a exemplo do localizado na Residência nº 1432 na Rua Boaventura da Silva (figura 97), geralmente esta posto no centro da fachada principal, sendo ornado por volutas, telhas, molduras ou azulejos.

Figuras 94, 95, 96 e 97: Tipos de pináculos e frontões nas fachadas das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Com relação à cobertura, destacam-se três elementos estético-funcionais: a composição de telhados, caracterizada, em 50 edificações, principalmente pela variação de pés-direitos, ou seja, na maior liberdade existente na volumetria da edificação, sendo aplicado tanto para fins funcionais como para estéticos, sendo estes, geralmente, localizados acima de esquadrias ou na divisa, em linha horizontal, dos pavimentos, a exemplo da Residência nº 427, na esquina da Avenida Governador José Malcher com a Travessa Benjamin Constant, (figura 98) e da localizada na Travessa Quintino Bocaiúva nº 1380 (figura 99). Quanto ao tipo de telha empregada, majoritariamente encontra-se a do tipo capa e canal, presente em 95 das edificações levantadas, relacionando-se, principalmente, com a vertente Neocolonial luso-brasileira; e o elemento denominado rabo de andorinha/pomba/pluma localizado nos vértices das coberturas, assim como na composição de telhados, presentes em 39 edificações como a localizada na Travessa Quintino Bocaiúva nº 1380 (figura 99).

Figuras 98 e 99: Exemplo de elementos estético-funcionais em relação à cobertura das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Na parte das esquadrias analisou-se janelas, portas e bandeiras. A primeira foi organizada em três grupos quanto ao modelo: as treliçadas, muito presentes na arquitetura Neocolonial hispânico-americano e na luso-brasileira – a partir do estilo manuelino, vindo de Portugal –, encontrada em 11 edificações no bairro como a localizada na Travessa Dr. Moraes nº 79 (figura 100); as com venezianas, vistas em 43 exemplares, cito a da Passagem Joaquim Nabuco nº 113 (figura 101); e aquelas trabalhadas em dois tipos de materiais, ferro e vidro ou alumínio e vidro, presentes em 46 edificações tanto nos balancins quanto em relação à substituição por janelas contemporâneas, como na Travessa Quintino Bocaiúva nº 1380 (figura 102).

Para as portas subdividi-se em dois tipos: com almofadas⁷⁴, levantadas em 62 exemplares, compostas em madeira e vidro ou somente em madeira, cito a esquina da Travessa Benjamin Constant e a Avenida Gentil Bittencourt (figura 103); e as sem almofada, presentes em 31 edificações, podendo ser tanto em madeira e vidro, apenas em madeira, em ferro e vidro ou alumínio e vidro, como na Residência Ribeiro Reis (figura 104 e 105). As bandeiras⁷⁵ estão presentes em 36 edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré, a sua divisão, também, foi em dois modelos: os vazados, vistos em 19 edificações, podendo ser em madeira, madeira e ferro ou em alumínio, a exemplo da Vila Militar localizada na Avenida Governador José Malcher (figura 106); e as não vazadas, presentes em 17 edificações, em madeira e vidro ou ferro e vidro, como a existente na atual sede do Centro Integrado de Governo (figura 107).

⁷⁴ Almofada: 1. Superfície saliente, reentrante ou emoldurada em destaque no paramento de um elemento de maior extensão. Usualmente encontra-se em portas, janelas, lambris, forros e guarda-corpos. Muitas vezes é feita de madeira e tem forma de pirâmide ou tronco de pirâmide. Pode ser decorada internamente com ornatos. O elemento que possui almofadas é chamado de almofadado. 2. Nos intradorsos das cúpulas, face aparente da aduela. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume I - A a I. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁷⁵ Bandeiras: caixilho situado na parte superior de portas e janelas destinado a melhorar a iluminação e ventilação no interior da edificação. Em geral é envidraçada. Às vezes possui venezianas. Pode ser fixa ou móvel. Quando móvel, sua abertura é usualmente feita por meio de basculante manobrado através de alavanca. Tem também uma função decorativa, sendo muitas vezes ornamentada. Em antigas construções frequentemente possuía subdivisões formados por rendilhados ou torneados de madeira ou peças de ferro forjado. Foi muito utilizada nas construções brasileiras do século XIX até as primeiras décadas deste século, quando foi substituída por amplas esquadrias possibilitadas pelo emprego do concreto armado. É às vezes também chamada sobreporta. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume I - A a I. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 100, 101 e 102: Exemplos de janelas treliçadas, venezianas e modificadas, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 103, 104 e 105: Exemplos de portas com e sem almofada, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figuras 106 e 107: Exemplos de bandeiras vazadas e não vazadas, respectivamente, das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Os cachorros ou cachorrada⁷⁶ na arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré estão presentes em 26 edificações, com dois tipos de composição: encontrados abaixo dos beirais, sacadas e varandas ou trabalhados como elementos decorativos nas fachadas, a exemplo tem-se o nº 1049 na Avenida Governador José Malcher (figura 108) apresentando cachorrada abaixo da sacada.

A fonte ou chafariz de Água está localizada em 4 edificações Neocoloniais do bairro, geralmente apresentado aplicação de azulejo e molduras, como o existente na atual Loja Colares, na esquina da Travessa Benjamin Constant com a Avenida Gentil Bittencourt, (figura 109). As escadarias, geralmente localizadas na fachada principal, foram levantadas em 5 edificações, apresentando materiais variados desde o uso de pedra de lioz à mármore, com corrimões trabalhados em ferro ornado ou em alvenaria decorado com volutas, como encontrado na atual sede do Centro Integrado de Governo (figura 110).

Figuras 108, 109 e 110: Exemplos de cachorros, fontes e escadarias, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



⁷⁶ Cachorro ou cachorrada: 1. Peça de madeira em balanço apoiada no frechal para sustentar o beiral do telhado. Muitas vezes fica aparente no beiral, sendo então frequentemente recortado, constituindo-se também em elemento decorativo. Às vezes é usado simplesmente como ornamentação. Neste caso, em geral é pregado sob o teto do beiral. Nas antigas construções, o beiral ou a beirada composto por cachorros eram chamados beiral pubeirada de cachorrada ou beira Jencachorrado. ~ : *I.* do CACHORRO / CAIAOURA 2. Peça em balanço, usualmente de pedra, madeira ou tijolo, que sustenta ou aparenta sustentar as bacias dos balcões. Nas antigas construções em geral era bastante trabalhado, constituindo-se em elemento decorativo. É também chamado consolo. Exemplos: sobrado da praça João Alfredo, antigo Pátio de São Pedro nº 7, Olinda, PE; sobrado da rua do Amparo nº 28, Olinda, PE. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura.** Volume I - A a I. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Outro elemento que também influencia na estética e forma das edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré é o arco de entrada ao pátio, presente em 66 exemplares, no geral compostas por arcos, decorados ou não, como o existente no nº 144, na Travessa Dr. Moraes, (figura 111). A sacada⁷⁷, encontrada em 18 edificações, possui guarda-corpo trabalhado em variados tipos de materiais como azulejos, ferros ornados, elementos vazados, balaustres em madeira ou concreto e também sem ornamentação, a exemplo há a sede do CREA-PA (figura 112) com sacada com guarda-corpo trabalhado em balaustrada de madeira. A varanda⁷⁸, presente em 60 exemplares, segue o mesmo padrão das sacadas, ou seja, podem tanto apresentar guarda-corpo trabalhado, em azulejos, ferros ornados, elementos vazados, balaustres em madeira ou concreto, assim como, em partes, de alvenaria com ferros ornados, como, também, guarda-corpos vedados, todo em alvenaria, cito o nº 1764 na esquina das Avenidas Governador José Malcher e Alcindo Cacela, que possui varanda com guarda-corpo trabalhado em alvenaria com detalhe em ferro no centro (figura 113).

⁷⁷ Sacada: **1.** Atribuição dada ao elemento que forma uma saliência no paramento da parede. O termo quase não é mais usado atualmente, restringindo-se seu emprego às soleiras que, quando salientes, formam a bacia dos balcões. Foi praticamente substituído pelo termo em balanço. **2.** Por extensão, bacia dos balcões quando em balanço. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura.** Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

⁷⁸ Varanda: **1.** Guarda-Corpo em geral vazado componente das platibandas do edifício. **2.** Guarda-corpo vazado em geral formado por gradeamento das janelas rasgadas, janelas de púlpito. Termo é particularmente aplicado quando referido às edificações antigas. **3.** Por extensão, balcão corrido em andar superior. Nas edificações antigas é usualmente referida como balcão corrido ou sacada corrida. É também chamada varanda corrida. **6.** Por extensão, no interior, principalmente no Amazonas e Maranhão e no Sul, sala de jantar nas casas. **7.** Por extensão, espaço aberto integrado à construção. Pode ser coberta ou descoberta, em pavimento térreo ou superior, constituir saliência ou reentrância na edificação. Frequentemente é utilizada como um prolongamento da área de estar. Quando descoberta, principalmente em andares superiores, é também chamada terraço. No Norte, é também chamada varandado. **8.** Por extensão, no Norte, sala da frente nas casas rústicas. Obtido no livro: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura.** Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 111, 112 e 113: Exemplos de garagem, sacadas e varandas, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Os dois últimos elementos estético-funcionais, destacados nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré são o muro e a iluminação. O primeiro, presente em 72 edificações, compõem-se em vários modelos, podendo ser liso (sem textura) ou texturizados (chapiscados, em pedra, cimento imitando pedra, tijolo, azulejo ou cerâmico), ou divididos em partes com alvenaria e outros em gradis trabalhados, balaustradas, elementos vazados ou em vidro; destaca-se, ainda, a altura que estes apresentam, sendo os de nível baixo localizados em 21 exemplares, os médios em 29 e os altos em 18 edificações, a exemplo há o muro baixo da Residência Ribeiro Reis tendo parte lisa, na cor amarelo, e texturizada, em pedra, além da presença de gradil trabalhado (figura 114).

A iluminação dividiu-se em dois modelos muito presentes na arquitetura Neocolonial em Belém: as arandelas, encontradas em 19 edificações, geralmente no formato de antigas lâmparas, pintadas ou não, como a localizada na esquina da Travessa Benjamin Constant com a Avenida Governador José Malcher (figura 115); e os lustres, presentes em 10

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

edificações, em formatos e materiais diversos (ver apêndice I), em sua maioria localizados nas varandas a exemplo da sede da Casa da Mineração (figura 116) com lustre em vidro decorado.

Figuras 114, 115 e 116: Exemplos de muro, arandela e lustre, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Neste levantamento, também se atentou em verificar a atual função destas edificações, pois sabe-se que a maioria fora construída para servir como residências unifamiliares, a exceção do antigo edifício Pérola, atual sede do CREA-PA, erguido como edificação multifamiliar; e a condição (situação física) que apresentam atualmente. Assim dos 103 exemplares estudados: 64 ainda são residenciais, como as Residências pertencentes à Vila militar, localizada na Travessa 14 de Março (figura 117); 29 são utilizadas com fins comerciais ou de serviço – destaca-se estas, pois são as que possuem o maior número de intervenções, em todos os níveis (pequeno, médio e grande) –, dos quais tem-se consultórios, restaurantes, salões de estética, casas de recepção, laboratórios médicos, bancos e lojas comerciais, a exemplo da Pizzaria Vitória, na Travessa Benjamin Constant (figura 118); 3 com função mista (serviço/comércio e moradia), cito o Salão de Beleza na Passagem Joaquim Nabuco (figura 119); e 7 são prédios institucionais (sindicato e conselho de profissões e sedes de órgãos particulares, do Estado, militares e de universidades) como a sede da Casa da Mineração, na Travessa Rui Barbosa (figura 120).

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

Figuras 117, 118, 119 e 120: Exemplos de uso residencial, comércio/serviço, misto e institucional, respectivamente, nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Outra constatação decorrente do levantamento da gramática e da morfologia da arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré é a relação nítida entre o aspecto das edificações e os desenhos veiculados nas revistas de época. Seja portuguesa, da América do Norte, latina ou brasileira, nota-se, que tanto na concepção volumétrica quanto na maneira de fazer uso dos elementos estético-funcionais, há nítida assimilação de padrões, afirmando a importância destas como propagadoras de ideias e modelos arquitetônicos, nessa linguagem, não apenas em Belém ou na Região Norte, mas em todo o Brasil. Exemplos dessas formas podem ser vistos no uso de arcadas compondo a fachada principal (figuras 121, 122, 123 e 124); a presença de aberturas como sacadas e varandas, sendo algumas apresentando colunas, assim como molduras nas esquadrias (figuras 125, 126, 127 e 128).

Destaca-se, também, a presença dos elementos decorativos como os detalhes em alvenaria rústica encontradas em alguns arcos (figuras 129 e 130); azulejos, cunhal, pináculo, frontão curvilíneo, além de guarda-corpo com elementos vazados (figuras 131, 132, 133 e 134); na semelhança de volumetrias e no uso de torres (figuras 135, 136 e 137). Contudo, além dessas relações, existem determinadas edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré que

3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

apresentam uma composição de fachada muito semelhante a alguns modelos encontrados nos catálogos de revistas de época, seja na aplicação de elemento estético-funcionais ou na própria volumetria (figuras 138, 139, 140, 141 e 142).

Figuras 121, 122, 123 e 124: Exemplos de composição de arcadas na fachada principal de edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré e os encontrados na Revista *Arquitetura e Construções*, de 1930, e na 2ª edição de *Arquitetura e Construções por Luiz Muzi*, de 1946, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 125, 126, 127 e 128: Exemplos no uso de varandas e sacadas na fachada principal de residências Neocoloniais no bairro de Nazaré e o encontrado na Revista *A Casa*, de 1926, respectivamente.



3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



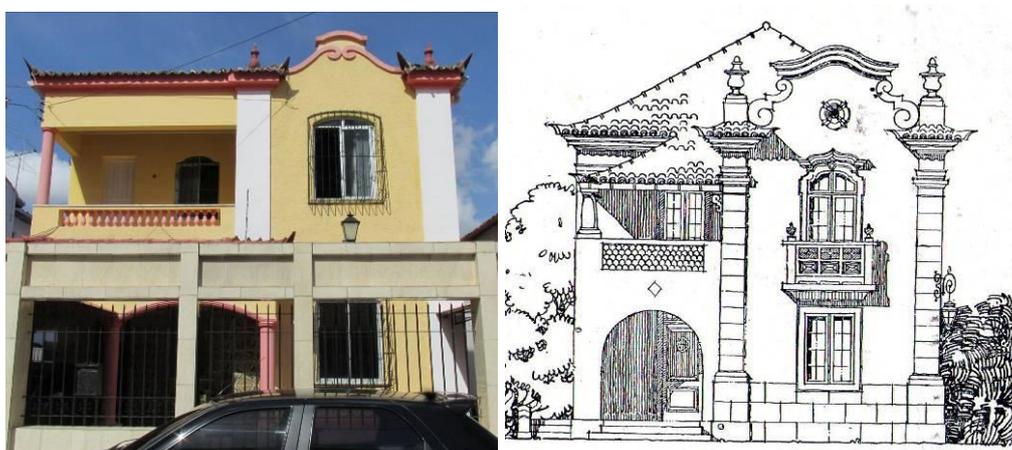
Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 129 e 130: Exemplos no uso de detalhes em alvenaria rústica em arcos, localizados em algumas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré e na 2ª edição de *Arquitetura e Construções por Luiz Muzi*, de 1946, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 131, 132, 133 e 134: Exemplos no uso de elementos estético-funcionais na fachada principal de residências Neocoloniais no bairro de Nazaré e o encontrado na Revista *A Casa*, de 1926, respectivamente.



3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ

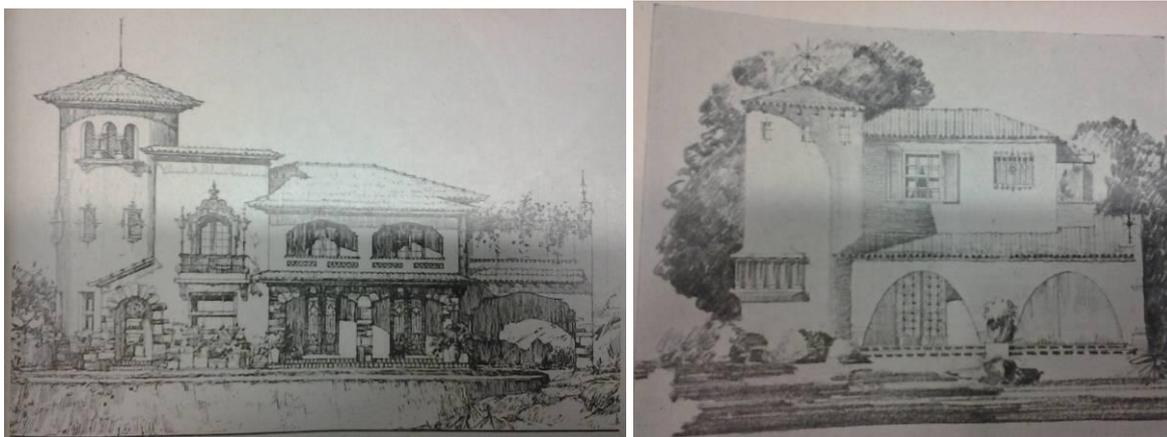


Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 135, 136 e 137: Exemplos de relação volumétrica e no uso de torre em edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré e os encontrados na Revista *A Casa*, de 1944, respectivamente.

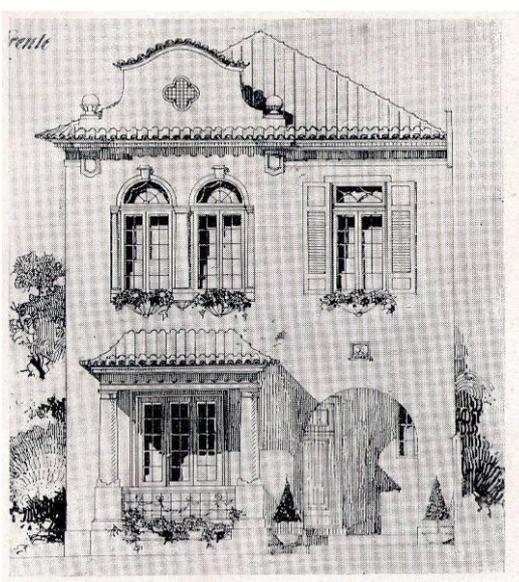


3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 138, 139, 140, 141 e 142: Exemplos na semelhança de fachada entre uma edificação Neocolonial do bairro de Nazaré e os encontrados na Revista *A Casa*, de 1925, respectivamente.



3 – ESTUDO DA GRAMÁTICA COMPOSITIVA E MORFOLÓGICA DA ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BAIRRO DE NAZARÉ



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

4.1. ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA E SOCIEDADE

A arqueologia histórica ainda é considerada campo novo da disciplina arqueologia. Desde sua introdução como estudo, a partir da década de 30 do século XX, tem ampliado seus domínios procurando organizar-se oficialmente, atingindo este fim em 1960. Orser Jr. (1992), ao discutir sobre o tema, mostra que os anos 60 são considerados de grande importância para esta disciplina, afinal em 1967 a "Conferência sobre a Arqueologia de Sítios Históricos teve início" (ORSER JUNIOR, 1992, p. 1) e a Sociedade de Arqueologia Histórica - uma importante organização desta profissão - havia acabado de ser originada.

Estes fatos, também, se amalgamam com o surgimento, no mesmo ano, da Sociedade de Arqueologia Pós-Medieval, na Grã-Bretanha, que junto com a sociedade outrora mencionada estudavam o mesmo objeto (período histórico e cultura), porém em contextos diferentes. Ou seja, "(...) o período histórico, época estudada pela arqueologia histórica, começa com os europeus e estende-se até o presente (...)" (ORSER JUNIOR, 1992, p. 1), onde procuram fazer uma análise do novo mundo, principalmente de seus primórdios. Para tanto, seguindo a divisão dos arqueólogos em três momentos, vê-se o período proto-histórico como sendo o encontro dos europeus com os indígenas, logo, é a época do período colonial. Dessa forma começa a surgir uma classificação dos sítios históricos a fim de auxiliar na melhor compreensão da arqueologia histórica.

Porém esta forma de pensar, "(...) embora (...) pareça eurocêntrica, na verdade não o é (...)" (ORSER JUNIOR, 1992, p. 3), pois os estudos não se referiam apenas aos colonizadores, mas, também, aos vencidos como diz Benjamin (1994). Portanto na arqueologia histórica pode-se estudar não só as mudanças sociais, mas a arquitetura (plantas dos fortes europeus e das cidades coloniais), assim como a relação desses artefatos culturais com a sociedade - quem as construiu, o projetista, os moradores, e outros. Logo, esta área de estudo pode ser trabalhada com uma abordagem histórica e antropológica, englobando o entendimento, dos pesquisadores e arqueólogos, do ponto de vista da compreensão do passado não só analisando um manuscrito, por exemplo, como documento de arquivo, mas um elemento de informação não só sobre a época, mas do personagem que a escreveu.

Esta prática pode ser aplicada nas edificações, pois são documentos da história que podem ser lidos de forma não verbal e por isso capazes de transmitir e conduzir toda a pesquisa arqueológica, assim arqueólogos tornam-se, por vezes, espécies de etnógrafos que

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

transmitem informações sobre vários tipos de culturas, como em Geertz (1957), no qual vê-se a análise de uma sociedade através da visão de dois estudiosos, procurando interagir e adaptar-se aos mesmos, gerando uma compreensão e entendimento sobre suas ações. Assim, todo e qualquer elemento encontrado pelo arqueólogo torna-se um documento histórico. O mesmo acontece com a arquitetura ao ser analisada, ganha cunho de documento, sendo considerada como artefato, ou seja, transforma-se em elemento (artefato) de grande importância, além de relacionar muitos campos de investigação que combina um grande número de abordagens (CHIAROTTI, 2005).

Nesta análise sobre a concepção do espaço trabalhado destaca-se, principalmente, a inserção do entorno ao estudo, ou seja, anteriormente os pesquisadores/arqueólogos preocupavam-se em analisar mais o objeto em si, o edifício em seu estado unitário, isolado, não do contexto, mas da relação com as demais ações cotidianas ao seu redor, por exemplo. Dessa forma deixava-se a parte dados que poderiam ser de importância, essencialmente, para os arqueólogos, que tem, por vezes, de assumir deveres de historiadores, etnógrafos e antropólogos, para entender dados e enriquecer sua pesquisa, procurando envolver seu objeto com a paisagem que está ao seu redor e com a sociedade que a vivencia.

Segundo Borrazás, Rotea e Vila (2002, p. 12) "los estudios llevados ha cabo hasta el momento se han desarrollado a escala macroespacial, aportando una visión clara de la ubicación de los espacios habitacionales, (...)". Concomitantemente, mesmo esse estudo sendo importante, há a necessidade da análise na escala microespacial, pois ao relacionar o objeto com seu entorno próximo, existe, na maior parte, um clareamento sobre determinados acontecimentos ou fatos ocorridos no próprio. E essa ação ajuda a completar não só esta nova visão proposta ao arqueólogo, mas uma linha de trabalho a ser utilizada pelo pesquisador através de registros arqueológicos que apontam várias informações de diferentes proporções (individual, social, político-econômico e etc.).

Portanto para este trabalho, optou-se pela prática desta nova experiência do objeto de estudo, a fim de contribuir para um melhor e maior debate, além de articular e explorar novas perspectivas, em especial ao estudo da arquitetura, abarcando pontos que possam melhor transmitir os desenvolvimentos das antigas civilizações. Para isso, utiliza-se uma das etapas da disciplina *arqueologia da arquitetura* que é "centrada en el estudio de las construcciones históricas con una metodología arqueológica, (...)" (BORRAZÁS; ROTEA; VILA, 2002, p. 12-13). O enfoque iniciou-se com uma busca pela parte da história, analisando não apenas as edificações ao longo do tempo, mas todo o seu contexto, procura-se entender mais sobre os

homens e mulheres que participaram, vivenciaram estas edificações ou este tipo de arquitetura em determinada época. Para isto a presença dos escritos da oralidade, ou seja, das transcrições feitas a partir das entrevistas com pessoas sobre os objetos de estudo tornou-se necessário, pois pode-se melhor compreender a sociedade daquele tempo, seus preconceitos e tradições e assim desenvolver, através da aplicação destas novas estratégias arqueológicas, uma investigação dos objetos.

Destas "(...) análisis historiográficas se especifican algunas de las metodologías que pueden ser empleadas en el estudio de los restos arquitectónicos, (...)" (BORRAZÁS; ROTEVA; VILA, 2002, p. 14) e que por sua vez podem ser aplicados nos programas de investigação que ajudam não só na divulgação do conhecimento, mas também da própria jazida, ou seja, do local onde está inserido o objeto. Todavia este avanço não aconteceria se não houvesse um melhoramento das relações entre as diversas disciplinas, gerando a presença de uma *multidisciplinaridade* que ajuda a maximizar o conhecimento e a explorar possibilidades que, na análise da arquitetura, não era possível, como "(...) los fundamentos que permitiesen a los arqueólogos interpretar la acción social reflejada en el registro arquitectónicos de sociedades pretéritas" (BORRAZÁS; ROTEVA; VILA, 2002, p. 14).

Logo a edificação passa a ganhar status de documento/monumento como afirma Le Goff (2003) transformando-se em objetos de grande importância acentuando a identidade e a sua dupla relação com o entorno físico e com a sociedade (coletiva e individual) que a cerca. Pode-se continuar a aplicar os estudos tradicionais com enfoque formalista e tipológico na própria história, porém produzindo um melhoramento através de uma metodologia e teoria mais social, utilizando-as em diferentes escalas ou níveis (macro, micro e semi-micro) no tratamento e análise de toda a informação recebida, a fim de aplicar nos dados arqueológicos, através da maximização de novas técnicas, e recebendo novos apoios como o uso cada vez maior de equipamentos eletrônicos e informáticos que além de agilizar os procedimentos, transmitem informações mais detalhadas seja sobre arquitetura, urbanismo ou modelos de assentamento.

O intuito, portanto, consiste em ampliar o enfoque das perspectivas sobre a arquitetura Neocolonial em Belém, em especial no bairro de Nazaré, considerando novos fatores, como a atividade humana e as questões culturais, reconhecendo a arquitetura como ferramenta e registro multidimensional, um instrumento que propõem a arqueologia novas formas de interagir e se comunicar com as questões sociais (coletivas e individuais), acarretando diferentes significados e a construção de uma memória cada vez mais viva e ativa

no desenvolvimento da realidade arqueológica, como ferramenta que possui uma tecnologia capaz de auxiliar a interpretação e reprodução do contexto histórico da pesquisa. No qual os edifícios transformam-se em *jazidas arqueológicas*, ou seja, um objeto/artefato da cultura material e passível de ser considerado como *bem imóvel* a preservar-se como patrimônio cultural, pelo qual se aplica etapas do processo da arqueologia da arquitetura (leitura de parâmetros, cronotipologia de aparelhos e elementos singulares, escavação arqueológica, analítica de materiais e documentação escrita e de arquivos).

4.2. ESTRATIGRAFIA DA ARQUITETURA: UMA ETAPA NA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO BRASILEIRO

A "(...) arqueologia da arquitetura é disciplina nova que vem se afirmando internacionalmente, em especial na Espanha e Itália, com estudos aplicados à arquitetura medieval" (TIRELLO, 2007, p. 147), mas no Brasil é utilizada, principalmente, nas arquiteturas de linguagem como o *colonial* - com sua grande influência dos lusos -, nas casas de cunho eclético e também em edificações do período moderno, permitindo trazer informações que não são apenas essenciais para a arquitetura, mas para a etnologia, antropologia, a própria arqueologia histórica e outros. Portanto, neste trabalho realizou-se o maior número de estudos e pesquisas possíveis, a fim de obter uma dissertação não apenas concisa e organizada, mas também que permita conhecer as edificações de forma a conservar suas características, reconhecendo a cronologia arquitetônica e as prováveis múltiplas intervenções nela feitas.

Para isso, algumas etapas da arqueologia da arquitetura foram importantes, servindo de "(...) estabelecimento de parâmetros e de critérios norteadores (...)" (TIRELLO, 2007, p. 151), pelo qual procurou-se decodificar e ordenar, de maneira diacrônica, as etapas construtivas dos objetos selecionados. Assim, como na busca pela adequação das intervenções projetadas e já definidas ou ainda por acontecer, atenta-se para as adições e subtrações que para Bogea (2009) são os pontos focais dos projetos, lembrando-se de que o homem nunca provocará a memorização integral dos fatos e acontecimentos. Logo, utilizou-se os sistemas de leituras aplicados à prática da arqueologia da arquitetura fazendo uso de fontes diretas e indiretas, no qual pode-se decifrar elementos das estruturas edificadas, os revestimentos aplicados, assim como os ornamentos artísticos empregados, servindo de indicadores

temporais que juntamente com os demais documentos existentes sobre os objetos analisados, organizam as bases desta pesquisa aplicada.

O procedimento, portanto, do uso do *método estratigráfico* consiste no estudo das transformações nas edificações selecionadas, embora estas tenham sofrido intervenções, certa parte de sua estrutura antiga ainda se mantém, logo pode-se analisar os materiais aplicados em paredes, piso e forro através de princípios da arqueologia conhecidos como *leis de Harris*, "(...) así se crean sucesiones cronológicas desde el más moderno, en la situación más alta, al más antiguo, en la más baja" (ZOREDA, 1995, p. 38).

"El estudio de la evidencia en la estratificación en pie ha sido asistido durante los últimos años por los métodos de la *Matrix Harris*" (HARRIS, 1998, p. 80). Esse procedimento contribui para facilitação do processo de datação e a reflexão da evolução dos objetos do estudo de caso, definindo-se um conjunto de unidades de elementos, volumetria, função e cronologia que ajudam a compreender melhor os processos das etapas das séries estratigráficas que compõem os edifícios a qual estuda-se, compondo "(...) los elementos que forman una estructura [que] deben tener una similitud de materiales y características, (...), una unidad temporal (...) e una unidad genética y funcional (...)" (ZOREDA, 1995, p. 40).

"La *Matrix*, (...), proporcionó a la Arqueología una herramienta vital (...) porque permitió a los arqueólogos 'ver' por vez primera las secuencias estratigráficas de sitios complejos, con muchas unidades estratigráficas discernibles" (HARRIS, 1998, p. 80-81). Partindo disso, o método estratigráfico é uma forma de investigação arqueológica onde se procura examinar os registros de base prática (através de escavação) e a teórica (através de pesquisas). "Con este método se diferencian, ordenan y datan las fases por las que han pasado los edificios hasta llegar a su estadio actual, analizando todos los elementos que los componen (...) y procesos destructivos y constructivos que sufrió" (ZOREDA, 1995, p. 1), assim este método pode ser considerado como flexível, pois permite várias possibilidades em sua aplicação.

Um exemplo é a etapa de documentação gráfica e de observação, através de documentos diversos, (fotografias, dados cartográficos, elementos topográficos e etc.) – processo mais aplicado nesta pesquisa – que, a partir de suas leituras, gerou uma análise para a construção histórica das edificações estudadas. Portanto com a execução do levantamento documental, obteve-se o ponto de partida para realizar o processo estratigráfico, sendo essencial, a esta realização, a aplicação, de forma correta dos dados sem prejudicar na

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

qualidade do resultado final, que aliados a outros procedimentos como os processos gráficos da informática, pode-se gerar análises mais precisas e detalhadas.

Para esta pesquisa optou-se pela organização do método estratigráfico em dois momentos: o primeiro consiste na teoria, ou seja, na apresentação do levantamento histórico realizado, ordenado em fases, sendo inicialmente apresentado um relato sobre o objeto estudado a partir dos seus usos anteriores até chegar a sua atuação ocupação, expondo, também, outros dados relevantes como dados dos projetistas e das características e dos elementos arquitetônicos e estético-funcionais presentes neles. O segundo momento é voltado para a etapa prática, no qual organiza-se em períodos onde houve alterações/intervenções nos respectivos objetos de estudo, procurando apresentar um levantamento desde a sua fase inicial ou um modelo provável do mesmo, atingindo a atualidade, assim como possíveis modificações que poderão vir a ocorrer.

Com as incursões feitas no bairro de Nazaré para levantamento inicial de reconhecimento, notou-se a presença de um número considerável de edificações a ser classificadas como linguagem Neocolonial. Contudo no decorrer da pesquisa houve a necessidade de mais um momento de refinamento com o intuito de escolher dentre esses exemplares, três que pudessem servir como objetos específicos a prática do método estratigráfico. Assim, optou-se pelo prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes, pois dar-se-ia continuidade ao levantamento histórico e arquitetônico do mesmo, iniciado no TCC⁷⁹; e após novas orientações, decidiu-se que os dois outros objetos seriam de tipologia e tipo diferente deste já selecionado, que possui um tipo arquitetônico semelhante às antigas moradas portuguesas – como as encontradas ao norte de Portugal⁸⁰ –, semelhantes, externamente, aos solares portugueses do século XVII-XVIII, mas internamente apresentando programa de necessidades compatível com a arquitetura burguesa do Ciclo da Borracha, de final do século XIX

Logo, procurou-se atentar para outras edificações que fossem ímpares dentro do Bairro de Nazaré e, com isso selecionou-se mais um exemplar desta linguagem que é o antigo Edifício Pérola, hoje sede do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do

⁷⁹ Ver AZEVEDO, Felipe Moreira. **Instituto Estadual Carlos Gomes: Análise Histórica, Arquitetônica e Proposta para uma intervenção museográfica no prédio pioneiro**. Belém, 2013. 154f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. 2013.

⁸⁰ Ver MASCARO, Luciana Pelaes. **Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950**. 2008. 578 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Pará (CREA-PA), que possui um tipo arquitetônico muito característico do Neocolonial nesta cidade que é conhecida como *Bolo de Confeiteiro* (Mission Style). Sua tipologia é organizada a partir de uma composição mais livre, tendo padrões como a planta baixa, por exemplo, diferentes das formas “tradicionais” (quadradas e retangulares) de construção.

O último objeto de estudo adveio de uma das incursões pelo bairro, onde notou-se duas Passagens cujas casas apresentam linhas desta arquitetura. Dentre estas optou-se pela então Passagem Joaquim Nabuco, selecionando a outrora Casa nº 35, hoje nº 103, pertencente a Família Ribeiro Reis, pois apresenta-se bastante preservada - seja na estrutura e na estética - e por ainda manter sua função inicial de residência unifamiliar, apresentando uma relação com as linhas mais simples do Neocolonial – compondo vários blocos para a formação da planta baixa –, porém com características marcantes, assim como a tipologia mais tradicional, marcada por ambientes relativamente amplos, específicos com relação as funções, assim como na hierarquia (grau de importância dos ambientes) dos mesmos.

4.3. ESTUDO DE CASO DO INSTITUTO ESTADUAL CARLOS GOMES DE BELÉM DO PARÁ⁸¹

1º Momento:

I FASE: A Residência no período da Família Lima.

Figura 143: Foto do prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fonte: PENA, Leandro Tocantins. s.d.

Não se sabe muito sobre os donos desta residência (figura 143), mas na entrevista realizada com a professora Dóris Azevedo⁸² pode-se obter dados muitos importantes.

⁸¹ Grande parte dos dados apresentados e descritos nesta etapa da pesquisa sobre o Instituto Estadual Carlos Gomes fora retirada do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Instituto Estadual Carlos Gomes: Análise Histórica, Arquitetônica e Proposta para uma intervenção museográfica no prédio pioneiro**”, defendido por Felipe Moreira Azevedo no ano de 2013.

⁸² Dóris Azevedo é professora de piano do Instituto Estadual Carlos Gomes.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Segundo ela “esta residência era pertencente a uma família, que na época era muito conhecida e de grande importância”. O nome do dono era Dr. Eládio Lima⁸³ e sua mulher, que não era brasileira – possivelmente européia. Apenas os dois moravam na casa que ficava originalmente “solta” no terreno; rodeada por um vasto bosque que passava a sensação de aconchego, certa bucolicidade, como se fosse o “*fugere urben*” ou o “*carpe diem*”, que seria a fuga da cidade, valorizando o campo. Segundo a professora Dóris Azevedo, nesta casa viveram no início apenas os dois, o casal e que depois eles tiveram um filho que recebeu o nome do pai (Eládio Lima).

Ao partir da fachada principal no terreno, onde hoje há os gradis, existia um grande muro que vedava a casa, ou seja, quem estava do lado de fora não poderia vê-la. A porta principal não era uma grade, como hoje, mas sim uma portada de madeira – que segundo a professora era pesada e que possivelmente era aberta em dias importantes como nas festas –, onde também havia uma pequena porta nesta portada, que servia para facilitar a entrada no dia a dia. Segundo ela “o frontão atual é original tanto no tamanho quanto na proporção e sempre existiu o relicário (nicho) com a estátua de uma santa”. Outro dado importante é que na frente do terreno havia dois outros frontões, um de cada lado, e no mesmo padrão do central, só que em menor proporção e altura, estes serviam para a entrada e saída dos carros, como existe no Colégio Gentil Bittencourt (figura 144), mas que devido às reformas acabou se perdendo.

Figura 144: Entrada do Colégio Gentil Bittencourt.



Foto: Bianca Barbosa. 2015.

⁸³ “pesquisador e que tinha relação com a política paraense, tento participado, por exemplo, da reunião para a compra dos “terrenos dos lobos” (que na época foi um grande caso) que eram áreas onde se cobravam aluguéis de barracas pela Intendência e por seus empregados, a fim de ser entregue aos proprietários das terras, realizada no dia 21 de Março de 1930, no salão da intendência municipal sobre a regência do então Governador Eurico Valle”. Obtido em: BELÉM. Intendentes, 1928-1930 (Antônio Almeida Faciola). **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em 20 de Maio de 1930**. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 1930. p. 119.

Segundo Dóris Azevedo⁸⁴:

(...) o jardim não era nenhum pouco parecido com o atual, pelo contrário ele era lindo, era um grande bosque ao mesmo tempo sóbrio e acolhedor e que rodeava toda a casa, sendo que na frente, onde hoje é o piso do jardim, antes era acimentado e antigamente o chafariz que ainda permanece no lugar original, funcionava e muito bem.

A casa é considerada uma miniatura de um palácio ou castelo português, sendo composta: primeiro (figura 145) pelo hall de entrada que ainda possui elementos preservados como o lustre (figura 146) e a portada principal assim como as outras duas portas de madeira. O piso em cantaria e a presença dos azulejos em tom azul real também estão preservados. Tudo o que era de madeira era na sua cor natural escura, mas envernizada e não pintada como hoje, isso também vale para a parte de baixo da escada hoje pintada na cor branca. Esta é de madeira em tom escuro, mas depois foi pintada na cor marrom – podendo ser comprovado através das fotos atuais, levantadas em visita técnica.

O recinto hoje ocupado pela biblioteca do Instituto era utilizado como sala de visitas que possuía um lustre, ainda presente (figura 147), mas segundo a professora “não sei confirmar se o forro era aparente nesta sala”, porém ela ressalta que este forro assim como todos os outros da residência eram escuros na cor da madeira e todos envernizados. O piso é de madeira, mantendo o mesmo desenho formando figuras geométricas e as esquadrias ainda são do padrão das da época, só que antes elas apresentavam na parte de baixo, estruturas que funcionavam como bancos. Outros elementos importantes são os varões para pendurar as cortinas, que chama a atenção pelo detalhe boleado, uma curva, ou seja, não era feito as pressas, pelo contrário, era com primor e sempre com um objetivo além da beleza estética, característica do movimento eclético, no qual se insere o período de construção desta residência, provavelmente erguido no final do século XIX e início do XX.

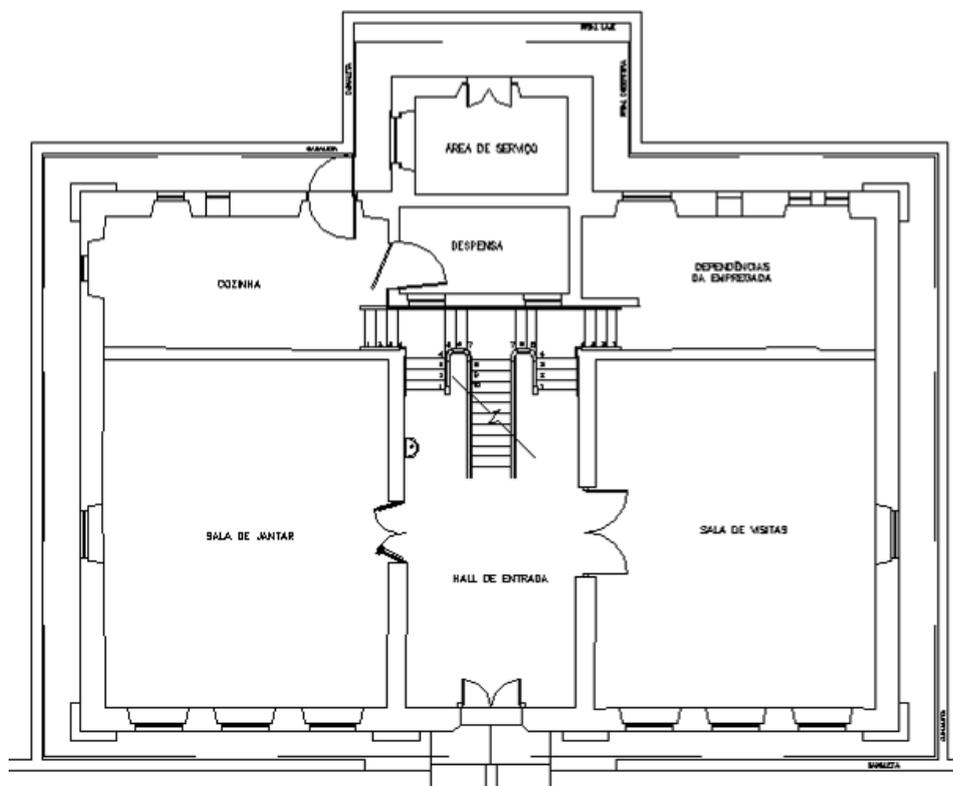
Na parte posterior da casa, atrás da sala de visitas, localizava-se o quarto da empregada e o banheiro da mesma. Já no outro lado da casa, na parte frontal, onde hoje funciona uma sala de aula, era a sala de jantar, muito ressaltada pela beleza dos azulejos portugueses, assim como o lustre (figura 148) todo de madeira e muito bem ornamentado nela existente. As esquadrias e o piso seguem o mesmo padrão da sala de visitas, principalmente na questão da presença dos bancos na parte final das janelas. Já na parte posterior da sala de jantar era a cozinha, que segundo a professora Dóris “a serviçal, para não ser vista, usava um corredor que saía de sua porta, do seu quarto, passava pela escada principal e chegava do

⁸⁴ Entrevista concedida pela Professora Dóris Azevedo a Felipe Moreira Azevedo em 25 de Maio de 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

outro lado em outra porta que era à entrada da cozinha”, cuja localização pode-se confirmar pela presença da chaminé discreta na cobertura.

Figura 145: Planta baixa do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes térreo.



Fonte: Desenho de Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Ao subir pela escada (figura 151), primeiro depara-se com uma imagem, em azulejo, de Nossa Senhora de Fátima, que já existia na casa – assim como o quadro existente no hall de entrada e o pequeno lustre (figura 149) a frente da imagem da santa. O primeiro ambiente é o que podemos chamar de hall superior, onde existem cinco portas iguais. Neste hall quase nada foi alterado, o piso se mantém, a parede ainda conserva os azulejos portugueses, o rodapé, o lustre (figura 150), assim como a *hall de cadeira* em madeira que serve de separação entre a parte da parede pintada e a outra que está com aplicação do azulejo, só que na época eram apenas envernizados e não pintados como atualmente, entre a parede lisa e os azulejos, com exceção do forro que agora está pintado em cor clara.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 146, 147, 148, 149 e 150: Luminárias originais do prédio pioneiro do IECG, localizadas na biblioteca, sala de aula, hall térreo, subida para o hall superior e hall superior, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

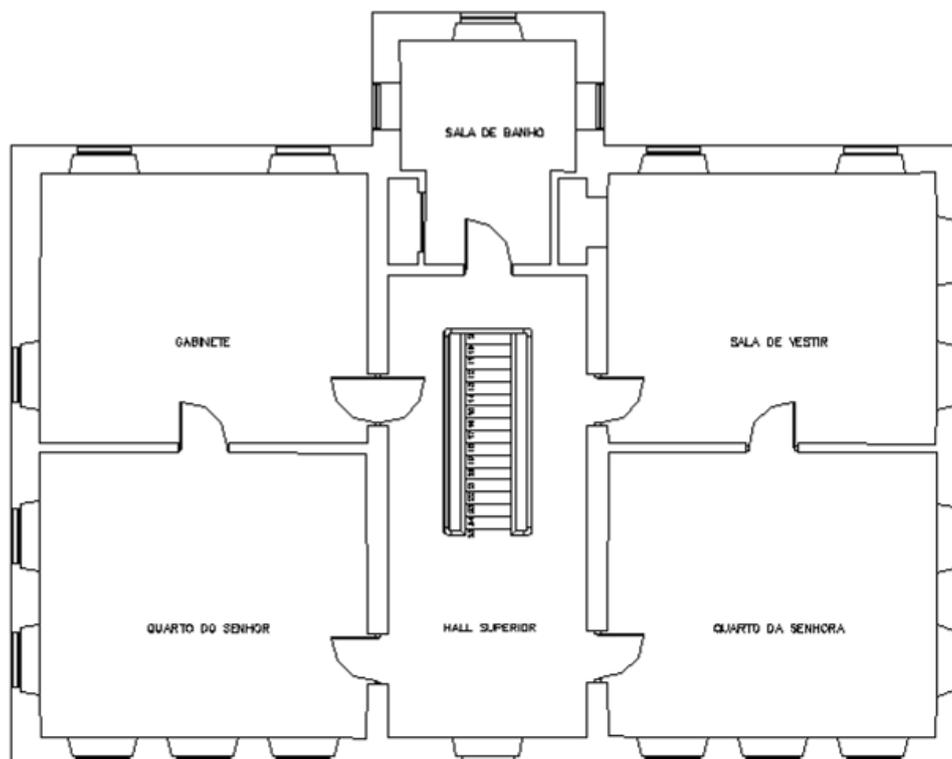
O local hoje ocupado pela diretoria do IECG servia de quarto da senhora e os bancos que existiam na parte final da janela, apresentavam tampas, pois, segundo a professora “esses poderiam servir para que a senhora pudesse guardar suas roupas ou outros objetos pessoais”. Ressalta-se também que neste ambiente existe uma pequena imagem, muito simples, em azulejo e sem moldura, de uma santa e que o forro também era escuro e envernizado, assim como todos os ambientes do andar superior, com exceção do banheiro, antigamente chamado “sala de banho”. O ambiente posterior do quarto da senhora era a sala de vestir, que segue o mesmo padrão do quarto da senhora possuindo uma porta de ligação entre esses ambientes.

Do outro lado do hall superior, na parte frontal se localizava o quarto do Dr. Eládio Lima, que segue o mesmo padrão do quarto da senhora, e na posterior era onde se encontrava o gabinete, que também segue o mesmo padrão dos demais ambientes, sendo que havia uma grande estante, pesada, em madeira de lei que ia do chão ao teto, onde o Dr. Eládio Lima guardava seus dados e livros de estudo, mas que acabou se perdendo com a primeira reforma da residência para transformá-la na sede do IECG. Por fim, a última porta era a entrada para a

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

“sala de banho do casal”, era a única parte da casa em que havia laje e suas esquadrias são ovais e basculantes.

Figura 151: Planta baixa do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes pavimento superior.



Fonte: Desenho de Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Havia, ainda, o bosque, na parte posterior, ao qual hoje chamamos de quintal, uma grande variedade de árvores e algumas espécies de plantas e flores, incluindo um pé de tamarindo, que foi retirado para poder adequar esta residência a sede de uma escola, além de muitas outras alterações, a exemplo do jardim, pois segundo a professora: nas árvores havia grandes lagartas que poderiam colocar em risco os alunos, assim como no tempo dela, existiam duas estátuas de porcelana – ainda existentes, mas localizadas dentro da casa, sendo uma na biblioteca e a outra no hall superior – neste bosque na parte da frente, uma representando a primavera (figura 152) e outra o trabalho (figura 153).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 152 e 153: Estátuas representando a primavera e o trabalho, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Outros elementos importantes são os gradis externos, assim como os guarda-corpos nas janelas da casa principal do instituto, que também são da época, assim como os pináculos na cobertura que segundo a professora “eles nunca foram mexidos, da forma como estão é da forma como eu sempre os vi”. Ressalta-se os detalhes da portada principal e das demais portas no andar superior, assim como na fachada da casa que se assemelham com o frontão na entrada do terreno, e que naquela época era comum ser representado o brasão da família, que pode ser confirmado pela presença do mesmo na fachada principal logo acima da porta de entrada. Portanto o prédio do Instituto Estadual Carlos Gomes é considerado como um exemplar do estilo Neocolonial em Belém do Pará devido apresentar elementos decorativos e construtivos internos e externos que o caracterizam, segundo o “parecer de tombamento” realizado pela Secretaria Executiva de Cultura, através do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, pois possui:

a cobertura plana em quatro águas, beirais longos com presença de telha em forma de pluma⁸⁵ nos vértices, pináculos, balcão nos vãos superiores, frontão demarcando o acesso principal e a presença de um amplo jardim frontal com chafariz e pórtico de entrada encimado por seguimentos de frontão. Em seus espaços internos o prédio guarda alguns elementos construtivos e decorativos peculiares ao estilo, como: painéis e paredes revestidas de azulejos decorativos, provavelmente, importados da

⁸⁵ Telha de Ponta: situada na extremidade inferior do vértice de um espigão do telhado. O termo refere-se particularmente as telhas cerâmicas. Nas antigas construções, a telha de ponta, em geral elevada sobre o cunhal, recebia um modelo especial – arrebitada, em forma de lança ou em forma de uma pomba. Estas formas são às vezes consideradas como tendo fins profiláticos. É também chamada andorinha. (ALBERNAZ & LIMA. 2000).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Europa; portais com molduras e encimados por seguimento de frontão; uso de madeira de lei no tratamento de piso, forro e na construção de escada; dentre outros elementos que acabaram por nos remeter às construções tradicionais, seja do período colonial ou de outros períodos políticos. (DPHAC, Proc. Nº 0030/84).

Na fachada do Instituto encontra-se detalhes muito presentes na linguagem Neocolonial (figura 154) como a platibanda localizada na parte central, fazendo composição com a portada de entrada, em madeira de lei, e com a janela, acima desta, toda emoldurada seguindo o mesmo desenho de movimento que as demais. Esse movimento também está presente em todas as molduras das janelas superiores da fachada principal e posterior da casa, assim como na portada principal localizada na frente do terreno compondo o muro de proteção que divide o passeio (calçada) da Avenida Gentil Bittencourt com o do lote do Instituto.

Figura 154: Detalhe dos elementos decorativos da fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.

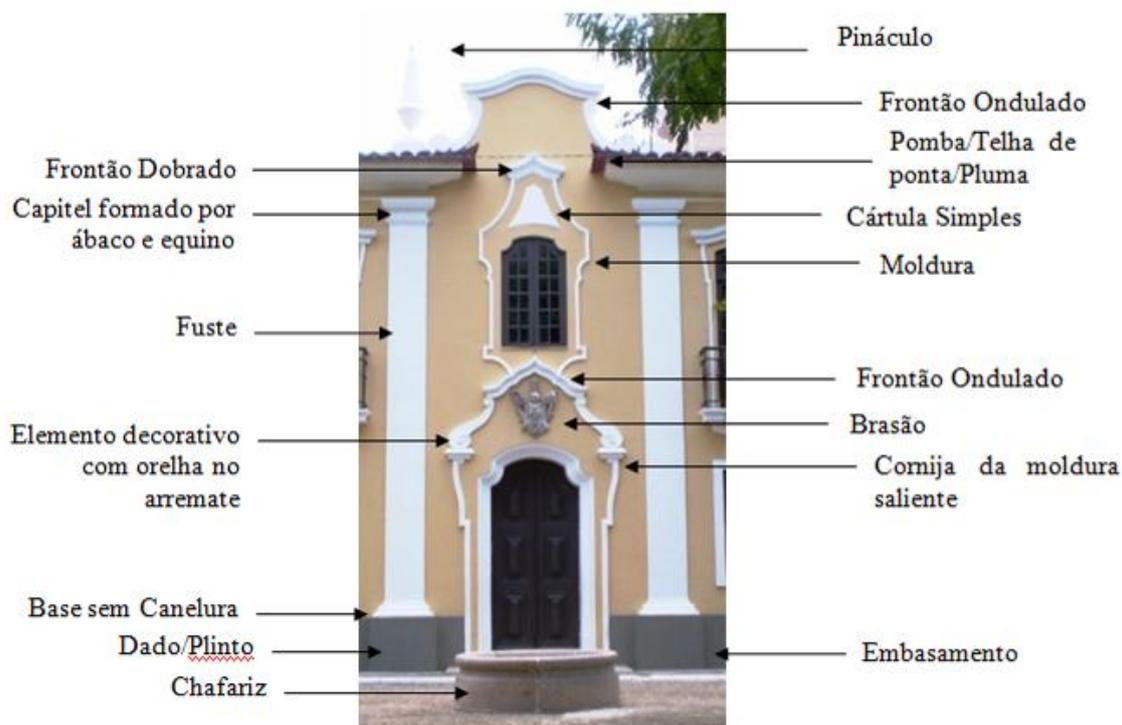


Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Essas molduras possuem movimentos sinuosos (figura 155), marcando a presença de estilos como o barroco e o pombalino encontrado nos frontões curvilíneos presentes nesses,

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

remetendo aos arcos joaninos⁸⁶, sendo exemplo o frontão encontrado no antigo prédio da Estação Ferroviária de Aveiro em Portugal (figura 156).

Figura 155: Detalhe da platibanda da fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figura 156: Detalhe da platibanda do antigo prédio da Estação Ferroviária de Aveiro em Portugal.



Fonte: www.google.com.br.

Outro detalhe importante é a presença do brasão na fachada principal (figuras 157, 158 e 159), que possui os seguintes elementos, típicos dos brasões portugueses⁸⁷:

1. Leão: Sua presença insinua força, grandeza, coragem, nobreza de condição. Caracteriza domínio e proteção, sendo muito encontrado nos brasões portugueses e espanhóis

⁸⁶ Arco Joanino: Arco formado alternadamente por segmentos côncavos e convexos. Exemplo: casa-grande do Engenho Lagoa, São Sebastião do Passé, BA. (ALBERNAZ & LIMA. 2000).

⁸⁷ Ver TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. **Princípios de Heráldica**. Museu Imperial/Fundação Mudes: Rio de Janeiro, 1983.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

representando em muitos casos, a aliança com a casa real de Leão (Espanha) ou concessão por ela outorgada;

2. Torre: Peça apresentada isolada e de forma arredondada, sendo importante, pois é o lugar de destaque dos castelos, geralmente é representada com uma porta e duas janelas. Neste caso ela é do tipo onde se pode notar bem a presença das janelas, logo, esta pode ser chamada de “esclarecida”;

3. Elmo: Considerada com uma das partes mais importantes da armadura do cavaleiro medieval, ele tem uma prevalência alta nos brasões, uma vez que era através destes que se faziam os estudos iniciais de heráldica. Neste caso, trata-se um elmo do tipo cerimonial com viseira de grades (característicos do século XV e XVI – sendo em alguns países de uso exclusivo da nobreza);

4. Virol: Representa à coroa do grau de cavaleiro, geralmente encontrado acima do elmo;

5. Paquifes/Tarja: São as plumagens localizadas nas laterais do brasão e que geralmente traziam as cores da família ou do clã ao qual pertencem.

Figuras 157, 158 e 159: Detalhe do brasão na fachada principal do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

As janelas exteriores são todas em madeiras de lei escura com presença de vidro, sendo que as esquadrias inferiores ainda apresentam uma “proteção” a mais que é a presença

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

de grade em ferro puro (figura 163); já as superiores (figura 160) possuem a parte interna feita de madeira com vidro, dividida na área de abertura e na bandeira fixa e a externa feita de madeira, em duas folhas e com venezianas, com exceção das “janelas púlpito” ou “porta janelas” (figura 161) localizadas na fachada principal composta pela parte externa feita de madeira e vidro com bandeira fixa e porta com duas folhas e a parte interna em madeira com almofadas – a sacada possui guarda-corpo de ferro pintado na cor da madeira das janelas. Além disso, tem-se uma moldura diferente nas inferiores (figura 162) sendo mais simples de forma reta seguindo o desenho (formato) da própria esquadria. Mas um ponto em comum entre todas estas é a cor da moldura ser branca e ter as mesmas medidas de afastamento das janelas referentes.

Figuras 160 e 161: Detalhe das janelas superiores do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, localizadas na fachada principal e lateral, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 162 e 163: Detalhe das janelas inferiores do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, localizadas na fachada principal e lateral, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Existem ainda outras duas esquadrias que são únicas na casa, sendo encontradas na antiga “sala de banho”. Elas possuem as mesmas características de moldura e material das demais janelas superiores, entretanto possuem desenhos (formas) diferentes. Estas são do tipo “balancim”, sendo uma no formato ovalado (figura 164) e outra quadrada (figura 165), encimada por arco abatido.

Figuras 164 e 165: Detalhe das janelas superiores da antiga “sala de banho” do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Encontra-se também esse padrão de moldura/cimalha saliente nas portas superiores da residência (figura 166), porém com uma forma diferente apresentando um frontão quebrado, também chamado de frontão aberto (quando há uma interrupção nas empenas na altura do topo).

Figura 166: Detalhe das portas no andar superior do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Na parte térrea as portas são diferentes, não possuem a moldura encontrada nas portas do andar superior, contudo são ornadas por um contorno de azulejos. Todavia o que marca a importância destas é o uso da madeira de lei, além da presença de almofadas (como visto na portada principal e na da sala de aula). A porta de entrada (figuras 167 e 168) ainda possui na parte superior o mesmo movimento da moldura externa, vista na fachada principal do prédio; já a da sala de aula (figuras 169 e 170) segue o padrão comum de duas folhas retangulares, apresentando cinco almofadas cada uma.

Figuras 167 e 168: Porta de entrada do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes e detalhe das almofadas, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 169 e 170: Porta de entrada da sala de aula, antiga “sala de jantar” e detalhe das almofadas, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

A porta da biblioteca (figuras 171 e 172), antiga “sala de estar”, é completamente única, composta por um painel formado por treliças de madeira, geralmente usado para vedar vãos de janelas, sendo muito empregado nas casas coloniais, remetendo as antigas “gelosias”. Outro dado importante é o arremate na parte superior desta porta que é preenchido por uma bandeira em madeira trabalhada com balaústres torneados (figuras 173 e 174).

Figuras 171, 172, 173 e 174: Porta de entrada da biblioteca, antiga “sala de estar” e detalhes da moldura lateral composta de motivos florais, do elemento torcido na bandeira vazada e da moldura superior também com ornatos florais, respectivamente.

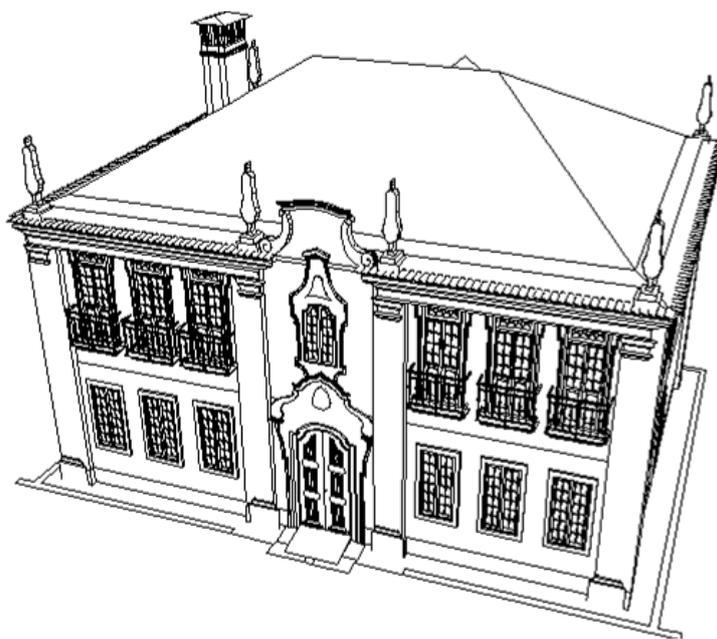


Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

O prédio também apresenta um revivalismo neoclássico e colonial presente na composição e no próprio formato da residência (figura 175), que é encontrado em algumas edificações Neocoloniais em Belém, inspirado em visões românticas de um passado idealizado, compondo uma vista delicada e harmoniosa, marcada pela grande elegância que este estilo possui, além da semelhança com os palácios portugueses.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 175: Volumetria do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fonte: Maquete de Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Internamente percebe-se ainda a presença de influências de elementos antigos como os azulejos portugueses, presentes no Brasil desde o período colonial, sendo muitos importados ou até produzidos aqui (Brasil) a partir da imitação por “fac-similes” e pintados através das técnicas monocromáticas portuguesas. O gosto da sua aplicação como revestimento da arquitetura, desde finais do século XV, coincidiu com o período do estilo manuelino (forma peculiar de construção arquitetônica presente em Portugal e que recebeu o nome do Rei Manuel – 1493 – 1524). E a sua utilização limitou-se aos interiores dos palácios reais, dos palácios dos nobres e da alta burguesia, das igrejas e dos conventos, devido ser um produto muito caro. (MOITA *apud* ALCÂNTARA, 1997).

Seguindo o padrão dos palácios reais e das famílias nobres de Portugal, os azulejos do Instituto estão presentes no hall de entrada e no arremate da escada (figuras 176, 177, 178 e 179), em madeira de lei, que levará para o andar superior, onde encontramos-os no hall superior, sendo trabalhado, basicamente, em dois tipos de cores (figuras 180 e 181) - o azul e o amarelo real - e composta pelo desenho da flor de Liz, como o azulejo localizado no detalhe da porta da atual sala de aula, antiga sala de jantar (figuras 182 e 183). O azulejo localiza-se também em um dos cômodos no andar superior onde outrora ficava o quarto da senhora e hoje funciona a sala da diretoria e vice-diretoria, mas com um detalhe importante do desenho, pois esta representa a imagem da Santa Rita de Cássia (figura 184) e não um mosaico formando composições geométricas como as demais, outro dado importante é a falta de moldura que ela

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

possui e a cor presente que é o “azul real”, muito encontrado nos azulejos portugueses, sendo considerado a sua cor mais comum e a mais característica, marcando os estilos do barroco e rococó afirmado respectivamente na primeira metade e no terceiro quartel do século XVIII em Portugal.

Segundo Montenegro:

No entanto o intercâmbio entre os artífices portugueses e os de diferentes regiões, e consequentemente, a alta qualidade artística fizeram desde o século XVII, com que Portugal ficasse conhecida como o novo mundo da cerâmica. (1990, p.15).

No conservatório, basicamente, vê-se dois tipos de técnicas da azulejaria que são os padrões em relevo (figuras 176 e 182) e o liso apresentando-se tanto sem moldura (figuras 178, 180, 184) como com (figuras 185, 187, 188, 189 e 190) muito característicos da produção oitocentista dos azulejos portugueses. Este é do tipo estampilha “feita a partir do uso de máscaras, ou estampilhas, que eram moldes feitos em papel encerado e cortados de acordo com os motivos desejados” (BACKHEUSER, 2006, p. 1). Já aquele é do tipo alto-relevo, “aplicando-se a argila num molde e comprimindo-se as partes mais grossas da placa de barro com os dedos”, porem com a industrialização esta técnica é substituído pelo de meio-relevo “muito mais finos e prensados mecanicamente com auxílio de um molde e contramolde” (BACKHEUSER, 2006, p. 1), destaca-se, ainda que, na maioria dos casos, esses recebiam uma pintura externa esmaltada e posteriormente outra opaca, usadas para cobrir, em determinados momentos, o fundo ou as figuras relevadas.

Figuras 176 e 177: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall de entrada do prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 178 e 179: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall de entrada do prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 180 e 181: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado no hall superior do prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 182 e 183: Azulejo presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na porta da sala de aula na parte interna do ambiente, do prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figura 184: Azulejo religioso da representação de Santa Rita de Cássia, presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na atual sala da Diretoria no andar superior do prédio central.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Os azulejos existentes no IECG possuem um padrão bastante presente em Belém do Pará, cidade marcada pelas exportações da borracha que alavancou a economia local no final do século XIX, sendo vindos da Europa. Neste período a maior parte dos azulejos eram oriundos de Portugal e utilizados por famílias abastadas de Belém, até pelas que estavam em ascensão, com vontade de enobrecer suas residências. Destaca-se os que apresentam figuras de santo e as cenas religiosas produzidas no tipo azulejo padrão, seguindo as tradições portuguesas na decoração de suas propriedades.

Pode-se destacar, no IECG, a imagem de Nossa Senhora de Fátima (figuras 185 e 186) presente na subida para o hall superior do prédio central marcando as representações barrocas, a partir do final do século XVII, reunindo no azul e o branco no desenho central, e na borda pequenos detalhes em amarelo e desenhos de *rocailles*, já caracterizando o estilo por vir chamado de rococó. Estes geralmente eram usados para decorar as fachadas ou os pátios das casas, vindos da Europa, em sua maioria de Portugal, iram ser uma grande marca até no século XIX, propagando-se para o início do XX.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 185 e 186: Azulejo religioso da representação de Nossa Senhora de Fátima, presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na subida para o hall superior do prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Segundo Montenegro (1990) “Os azulejos em relevo foram produzidos na segunda metade do século XIX e destacam-se em Belém, por volta de 1860”. Outro dado também importante é que a maioria dos azulejos aplicados em Belém é oriunda do século XIX, de Portugal, e de fabricação industrial. Sendo que nestas edificações que receberam aplicação de azulejos, as técnicas mais usadas eram a estampilha, decalcomania, de relevo e marmoreado, possuindo, alguns, cercaduras e frisos.

Na antiga sala de jantar e hoje sala de aula (ambiente onde se propõe a elaboração de uma sala de exposição) localizam-se também quatro grandes painéis representando uma cena de caçada (figuras 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193 e 194), marcando a presença da “bucolicidade” ou do “romantismo” advindo no estilo rococó para os azulejos. Eles são caracterizados pelo uso do azul e branco na figura central e na borda o uso da policromia com presença de linhas curvas livres, além da representação de conchas “rocailhes”, flores e volutas. Destaca-se também, neste ambiente, outros dois azulejos de padrão diferenciado dos demais, pois um lembra motivos indígenas com presença de penas no centro (figuras 194 e 195) e o segundo uma composição geométrica com maior riqueza de detalhes (figuras 196 e 197).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 187, 188, 189 e 190: Painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

As produções desses painéis eram sempre feitos sobre encomenda. Segundo Terol:

Estes painéis cerâmicos, de desenho rude e ingênuo (às vezes), contam na maioria episódios da vida dos santos, todos são integrados nos revestimentos de tapetes. No entanto, existiam também os painéis figurados com temática profana, que possuíam uma decoração misturada com flores, frutos e com muitas cores como o roxo, amarelo, castanho e outras. (1992, p.45).

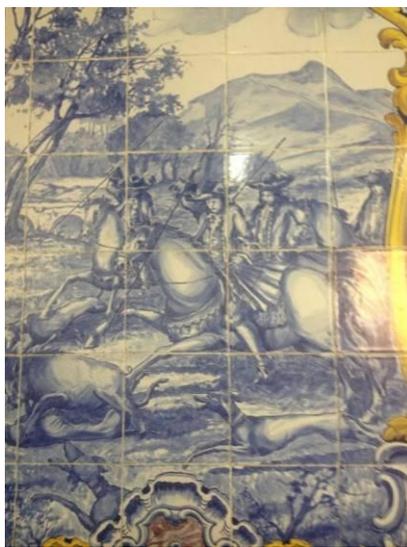
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 191 e 192: Detalhes dos painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 193 e 194: Detalhes dos painéis em azulejo localizados na sala de aula, dentro do prédio central do Instituto Carlos Gomes.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 195, 196, 197 e 198: Azulejos presente no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, localizado na sala de aula (antiga sala de jantar), no prédio central.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

II FASE: Conhecendo a Atual Sede do Instituto Estadual Carlos Gomes.

O Instituto Carlos Gomes de Belém foi criado em 24 de Fevereiro de 1895. Em 5 de Junho de 1896 os membros da Associação Paraense Propagadora de Belas Artes – associação também responsável pela iniciativa da fundação do Instituto Carlos Gomes – entregou ao então maestro Antônio Carlos Gomes o cargo de diretor do Conservatório de Música do Pará, através do convite do então governador Lauro Sodré. Em Janeiro de 1898, o governador Paes de Carvalho autorizou e converteu o “Conservatório de música” em estabelecimento público sob a denominação de “Instituto Carlos Gomes”. A autorização se deu mediante a Lei nº 525, de 1º de Junho de 1897, assinada pelo então governador e pelo secretário interino Dr. Egídio Leão de Salles. Até que em 1902, o governador Augusto Montenegro reformou o Instituto dando-lhe uma estrutura definitiva.

O conservatório de música, agora denominado Instituto Carlos Gomes, teve início onde, nos dias atuais, funciona a Academia Paraense de Letras na antiga Rua São João, hoje

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Rua João Diogo, nº 235 (em frente ao Corpo de Bombeiros), no governo de Augusto Montenegro. Em sua fase estadual, o Instituto foi dirigido primeiramente pelos renomados maestros Antônio Carlos Gomes (1895/1896), Enrico Bernardi (1896/1898), José Cândido Gama Malcher (1898/1900), Octávio Meneleu Campos (1900/1906) e Paulino Chaves (1906/1909). No ano de 1900 o diretor nomeado para o Instituto, José Cândido Gama Malcher, em relatório enviado para o governo do Estado, já começa a mencionar a necessidade de uma nova sede para melhor receber os alunos matriculados, assim ele relata:

As numerosas aulas que já ornem o Instituto Carlos Gomes, exigem com urgência que seja aumentado o edifício, pois o que actualmente temos, apenas consta de um grande salão para concertos, do compartimento do secretário e de outro pequeno pavilhão separado do corpo do edifício.

Isto é causa de que continuamente as aulas frequentadas por crescido numero de alunos funcionarem sem a devida independência. Espero que o pedido que voz fiz e que prontamente mandastes orçar pelas obras públicas, seja quanto antes effectuado. Será novo melhoramento para este Instituto que o aguarda ansiosamente.

Belém, 2 de Janeiro de 1900.

J. C. GAMA MALCHER,
Diretor Interino.

Em Julho de 1908 o Instituto Carlos Gomes é fechado com a deliberação da suspensão das aulas pelo então governador, Dr. Augusto Montenegro. Posteriormente, em 1929, no governo de Eurico Freitas Valle, com o apoio do Intendente Municipal de Belém, Senador Antônio Almeida Faciola, o Instituto volta a funcionar, mais precisamente no dia 11 de Julho daquele ano corrente, sendo confirmado no dia 7 de Setembro de 1929 quando o então governador, Eurico Valle, apresenta ao congresso legislativo do Pará a “Mensagem do Governador” no qual diz:

Por feliz e louvável iniciativa do Sr. Prof. João Pereira de Castro, maestro Ettore Bosio e José Domingues Brandão e Prof. Cincinato Ferreira de Souza, acaba de ser reorganizado, em Belém, o Instituto Carlos Gomes, à cuja reinauguração solene, efetuada a 11 de Julho último, no Theatro da Paz, comparecemos, pessoalmente, bem como as autoridades da União, Estado e Município.

Extincto há mais de vinte anos, o nosso conservatório de musica, que tanto floresceu e frutificou, conquistando justificado renome através da efficiencia de seu funcionamento, precioso para a educação artística de nossos patrícios, vimos, com satisfação, o seu ressurgimento, procurando facilitar os seus fundadores, dentro das possibilidades do governo, quanto necessitassem para a realização dessa obra de patriotismo, que aperturas das finanças públicas, em anos sucessivos, não permittiram aos governos restaurar.

Nessa mensagem o governador informa também a mudança de sede, que antes era na Rua João Diogo e agora passava a localizar-se na Rua Arcypreste Manoel Theodoro nº 142 (antiga Rua Cruz das Almas), onde funcionava as “Escolas Estaduais Noturnas Cypriano Santos”. No ano de 1931, o Instituto passa para a esfera estadual, portanto existindo há 46

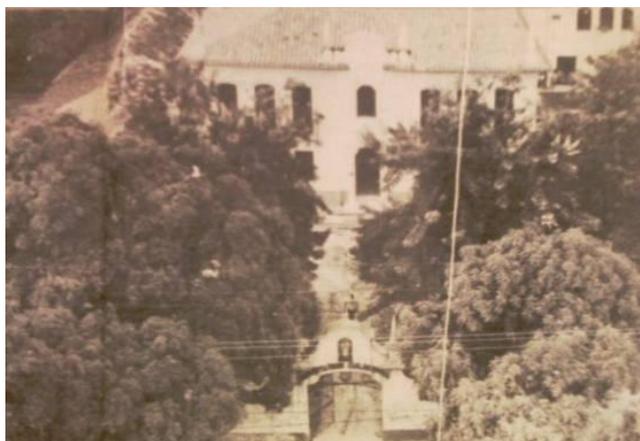
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

anos. No dia 27 de Abril de 1935, o Jornal “Diário do Pará” publica um trecho da mensagem do Senhor Interventor, Magalhães Barata, onde ele relata “(...) O Instituto funciona presentemente no espaçoso e hygienico prédio n. 527, á Avenida de Nazareth”. Assim até o ano de 1944, o Instituto funcionou na residência nº 527 da Avenida Nazaré que segundo Dóris Azevedo⁸⁸:

(...) Era uma casa de família comum, tinha uma porta e quatro janelas. Embora o número de alunos fosse pequeno, ele tinha um auditório – muito pequeno. Tinha uma sala, em estrado, um piano de cauda e cadeiras. Os professores podiam fazer apresentações dos seus alunos nesse ‘salãozinho’ que nunca teve um nome específico. Era sempre a sala de recitais, mas, fora isso, o grande movimento era fora do Conservatório.

Em 1945, segundo a professora Dóris Azevedo, falece o Dr. Eládio Lima e sua esposa vende sua residência (localizada na Avenida Gentil Bittencourt, antiga Estrada da Constituição) para o governo do Estado, que a transforma na nova e atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes. Este, por sua vez, (figura 199) era um exemplar arquitetônico em estilo neocolonial, integrando-se a uma nova linguagem difundida desde a década de 1920, marcando uma tendência arquitetônica moderna com características estilísticas muito peculiares como a presença de dois pavimentos, sacadas superiores e o térreo com presença de porta principal trabalhada e ornada com moldura, telhados de planos inclinados em várias águas e possuindo telhas em forma de “pluma” nos vértices dos beirais. Também possui um frontão central, na entrada principal do instituto, apresentando desenhos caprichosos com volutas arrematando a fachada e possuindo elementos decorativos, além de um jardim frontal com fonte/chafariz.

Figura 199: Foto do prédio pioneiro da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fonte: A Província do Pará, Junho de 1977. 3º caderno, pag.05.

⁸⁸ Entrevista concedida pela Professora Dóris Azevedo a Líliam Barros e Carlos Pires em 2005.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Nesse período, marcado pelo mandato do prefeito de Belém Professor Abelardo Leão Condurú (1936-1943), foi nomeado, em comissão, o engenheiro Bertino Barbosa de Lima para o cargo de Diretor do Departamento de Obras Públicas, Terras e Viação, em 20 de Fevereiro de 1943, que dentre seus feitos, aprovou a reforma da então sede do Instituto (na Avenida Gentil Bittencourt), sob a responsabilidade do arquiteto David Ferreira de Oliveira Lopes – titulado pela Academia de Belas Artes de Bruxelas. Este já atuara em outros projetos para a cidade de Belém e conforme apresentado pelo Catálogo do VIII Salão Oficial de Belas Artes do Estado do Pará, no ano de 1947, na parte dos traços biográficos dos expositores, este arquiteto:

(...), [nasceu] em Ribeiradio, Portugal, no ano de 1911; estudou arquitetura e urbanismo na Bélgica (...). Projetou e fiscalizou a construção do Pavilhão do Instituto do Vinho do Pôrto na Exposição Internacional de Bruxelas, de 1935. Trabalhou com o arquiteto Armand Cornut na elaboração do projeto para o monumento ao Rei Alberto I e Estação do Midi em Bruxelas. Compareceu aos Salões de Belas Artes do Pará em 1940 – 2º Prêmio; 1941, 1942, 1943, 1944 e 1947 – 1º Prêmio.

Em seus trabalhos no âmbito internacional, David Ferreira de Oliveira Lopes (1911-1987) adota traços arquitetônicos voltados para uma linguagem moderna, como no pavilhão de Portugal (figura 200), requerido pela “Casa Portuguesa”, em Antuérpia, para a Exposição Internacional de Bruxelas⁸⁹, no ano de 1935. Já na cidade de Belém, este aplica vários tipos de linguagens arquitetônicas, pelos quais alguns projetos receberam premiações como em 1940⁹⁰ quando recebe prêmio por vários projetos tanto privados, a exemplo do anteprojeto para a casa da Senhora W. Gomes – incluindo uma perspectiva da residência e outra desta a beira mar – e os dois planos do anteprojeto para o Sr. Martins – sendo uma fachada de balneário e outra de interior –; públicos como os dois desenhos a guache, sendo uma de fachadas e outra de perspectiva de edifício público; e avulsos como o projeto de uma vila – uma planta a 2% do chão e duas perspectivas – e de perspectivas de um balneário, um jardim e um convento.

⁸⁹ Ver site: www.worldfairs.info/expopavillondetails.php?expo_id=29&pavillon_id=2212. Acessado no dia 18 de Novembro de 2014.

⁹⁰ Ver BELÉM, Capital do Estado do Pará. **1º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 7 de Setembro de 1940.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 200: Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Bruxelas em 1935.



Fonte: http://www.worldfairs.info/expopavillondetails.php?expo_id=29&pavillon_id=2212.

No ano de 1944⁹¹ recebe premiação por dois projetos, sendo um público e outro privado: o primeiro consiste na própria concepção de reforma do Instituto Carlos Gomes em linguagem arquitetônica Neocolonial – composto pelo plano de Rez-do-chão e do andar superior, e de perspectiva principal, aérea, do salão nobre, do auditório e de outros –, já o segundo se refere à Residência do Sr. Joaquim Carvalho – apresentando um plano e duas perspectivas internas desta edificação. Em 1947⁹² é premiado por conjunto da obra tendo apresentado três projetos: o de uma biblioteca, da piscina Garés e do balneário nas Termas do Carvalho; já em 1948⁹³ é premiado pelo projeto de três edifícios: o do antigo prédio da Associação Comercial do Pará (figura 201), hoje ocupado pela SEFIN⁹⁴, - em arquitetura *Art Déco* – à antiga agência do Lloyd Brasileiro em Belém e do auditório da Sociedade Artística Internacional.

⁹¹ Ver BELÉM, Capital do Estado do Pará. **5º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 7 de Setembro de 1944.

⁹² Ver BELÉM, Capital do Estado do Pará. **8º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 15 de Novembro de 1947.

⁹³ Ver BELÉM, Capital do Estado do Pará. **9º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 15 de Dezembro de 1948.

⁹⁴ SEFIN – Secretaria Municipal de Finanças.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 201: Montagem antes e depois do antigo prédio da Associação Comercial do Pará.



Fonte: <http://jmconduru.blogspot.com.br/2013/03/belém-ontem-hoje-3.html>.

Após 1944 com o projeto de reforma para o ICG de David Ferreira de Oliveira Lopes, tem-se, no período do prefeito Dr. Lopo Alvarez de Castro, 1951 a 1953, um avanço nas melhorias tanto de ensino como nas condições do prédio que abriga o Instituto Carlos Gomes, constatadas nas declarações da diretora, na época, publicado no exemplar de domingo do jornal Folha do Norte, em 18 de Julho de 1952, Maria Luiza Vela Alves – cantora lírica e educadora musical que dedicou décadas de sua vida ao canto orfeônico no Ginásio Paes de Carvalho. Neste relato a diretora também comenta sobre a construção da cantina, que foi realizada sob sua orientação e sobre a falta de um auditório, afirmando que:

(...) o Conservatório precisa ter, e espera, por isso, a ajuda dos Governos Federal, Estadual e Municipal, para ser concretizado esse grande sonho, pelo qual aspiram todos os que trabalham nessa tradicional casa de ensino, que é um símbolo da Arte em nossa terra.

Comenta-se, também, sobre a questão da higiene no Conservatório Carlos Gomes, chamando a atenção para os “carramachões”, que, com o seu alto senso estético, está construindo, e, sorrindo, dizia “Como acho encantador o parque de Batista Campos, principalmente agora com as remodelações que o nosso inteligente e operoso Prefeito, Dr. Lopo Alvarez de Castro, realizou”, querendo também dotar o mesmo princípio para o jardim do conservatório, embora muito singelamente. Servindo para os professores e alunos ao terminarem seus trabalhos diários, podendo sentar-se nos bancos e sentir a ventilação suave e admirar as lindas flores dos canteiros.

O repórter também afirma que:

Finalmente, a diretora percorre conosco a área devoluta que cerca todo o amplo edifício, que é um prédio, em puro estilo colonial, mas, que precisa ser ampliado;

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

pois, conforme verificamos, a própria diretora preferiu transferir o seu gabinete de trabalho, da espaçosa sala onde funcionava a diretoria, para um ângulo de corredor, a fim de instalar convenientemente, nesse lugar, o Curso de Iniciação.

Em seguida, admiramos o jardim que está sendo embelezado, com os próprios troncos das árvores que foram cortadas, por escurecerem, grandemente, as salas de aula, como também por constituírem constante perigo para o prédio, pois que algumas já se encontravam completamente inclinadas pelo cavar manhoso das saúvas, não sendo difícil, em dias de chuva, com fortes ventanias, que viessem ao chão, e, por seus troncos, e, por isso, foram sacrificadas, mas os seus troncos estão sendo transformados em elegantes mesinhas e bancos que adornarão o terreno.

No dia 17 de Setembro de 1986 o então governador do Estado do Pará, Jader Barbalho, lança a “pedra fundamental” para restabelecer o setor cultural do Estado, sancionando em lei (nº 5.328) a criação da Fundação Carlos Gomes, segundo o jornal “O Diário do Pará”:

Sob um clima de muita emoção e alegria, o governador Jader Barbalho e a professora Maria da Glória Boulhosa, logo a chegada do primeiro, inauguraram a placa referente a Fundação Carlos Gomes, tendo em seguida todos se deslocando para a sala onde funciona o Museu Carlos Gomes, onde o governador lançou o selo e o carimbo relativos ao Sesquicentenário de nascimento do compositor, onde as solenidades de assinaturas de lançamento da fundação foram oficializadas (PARÁ, O Diário do. 17 de Setembro de 1986).

Nesta noite foram lembrados momentos importantes do Instituto Carlos Gomes como o nome de figuras ilustres e também detalhes a sua volta em 1930, depois de 23 anos inativo de suas atividades, além dos esforços de seus professores e administradores. No ano de 2001, o então secretário executivo de cultura, o Sr. Paulo Roberto Chaves Fernandes, assina o “parecer de tombamento”, elaborado por Ana Elizabete da Silva Seguin Dias (Historiadora) e por Edilson Silva dos Santos (Arquiteto)⁹⁵, no qual delimita-se o polígono do entorno de proteção (figura 202) composto por partes das Avenidas Generalíssimo Deodoro, Gentil Bittencourt, Conselheiro Furtado e Braz de Aguiar, além da Travessa Rui Barbosa.

Atualmente, segundo o ex-diretor do Instituto Felipe Andrade e Silva:

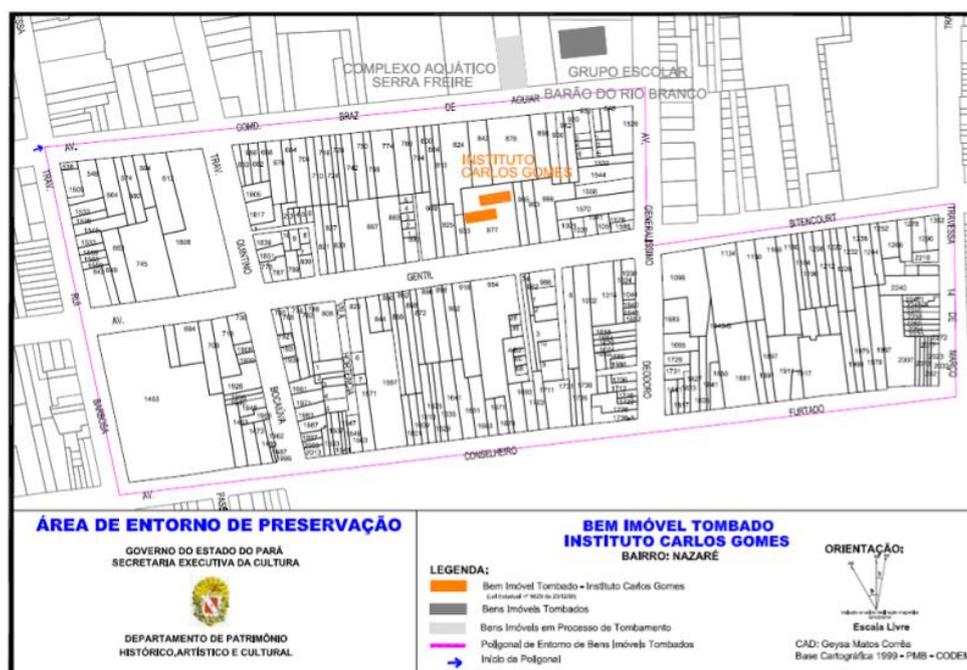
Ao histórico do prédio principal foram acrescentados um auditório e vários prédios anexos, uma vez que a capacidade de atendimento teve que ser adaptada à nova demanda pelos cursos do instituto, que tiveram grande incremento a partir da valorização da música instrumental, da criação das orquestras sinfônicas, de orquestras de jazz, da valorização das bandas de música das forças armadas, da revitalização das bandas de música do interior do Estado e da criação do curso de

⁹⁵ “O bem denominado ‘Instituto Carlos Gomes’, cuja localização é na Avenida Gentil Bittencourt, nº 977, entre Travessa Quintino Bocaiúva e Avenida Generalíssimo Deodoro, no bairro de Nazaré, propriedade do Governo do Estado do Pará, sendo administrado pela Fundação Carlos Gomes, através do processo – Proc. Nº 0030/84 – originado a partir do ofício nº 014/84-GS, pela Secretaria de Estado de Educação, foi solicitado o tombamento do imóvel do Conservatório Carlos Gomes. Para este, foi justificativa o fato dele se tratar de um bem de interesse a preservação inserida no entorno de outro bem imóvel tombado pelo Estado que é a Escola Barão do Rio Branco (Proc. nº3545/88 de 07.12.88)” (Trecho do parecer de Tombamento Instituto Estadual Carlos Gomes).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

bacharelado. (PARÁ, Catálogo do XXV Festival Internacional de Música do. Julho de 2012).

Figura 202: Área de entorno de preservação do bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes.



Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. DPHAC.

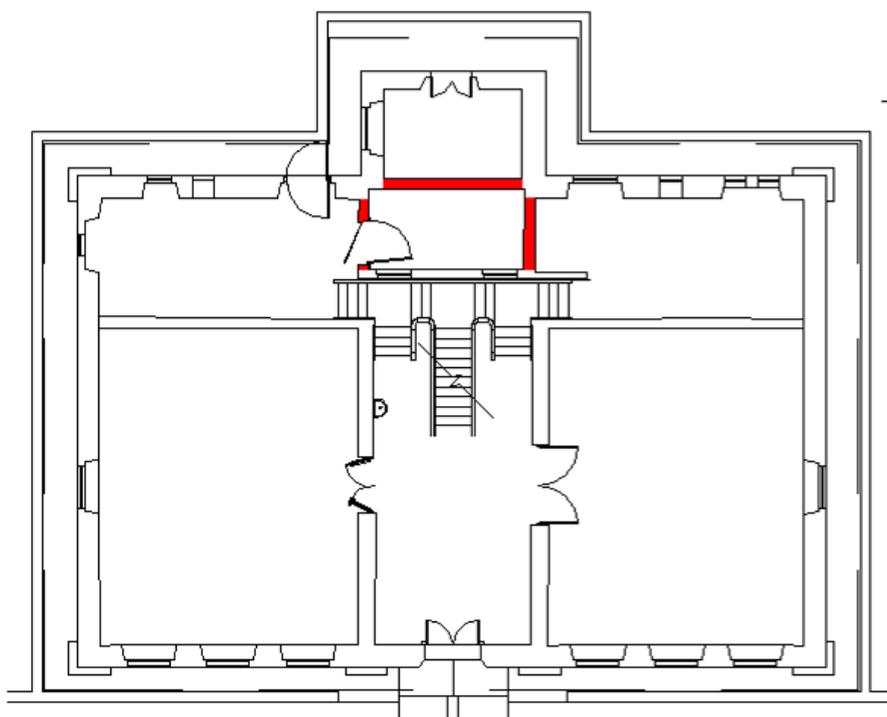
2º Momento:

I FASE: em 1944.

Conforme relatado na 2ª inventoria de Magalhães Barata (1943-1945) foi adquirido, por parte do Governo do Estado do Pará, um imóvel localizado na antiga Estrada da Constituição, no ano de 1943, através da seguinte declaração “outra obra de vulto que se acha projetada é o Edifício do Conservatório Carlos Gomes. As plantas, já são do arquiteto Davi Lopes”, assim como a construção das instalações do ICG no local – encontrado no livro “As Obras Públicas do Pará” de Ernesto Cruz (1967). Dentre as intervenções realizadas pelo arquiteto Davi Ferreira de Oliveira Lopes, internamente, segundo a planta baixa existente na Secretaria de Obras Públicas do Pará (SEOP), destaca-se apenas a retirada de três paredes (figura 203) localizadas no térreo, na parte posterior da residência, abrindo espaço para a integração de 4 ambientes.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 203: Provável planta baixa do pavimento térreo do bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, no prédio central, com marcação (em vermelho) das três paredes retiradas na primeira intervenção realizada em 1944.



Fonte: Secretaria de Obras Públicas do Pará.

II FASE: em 1964/1965 e 1986.

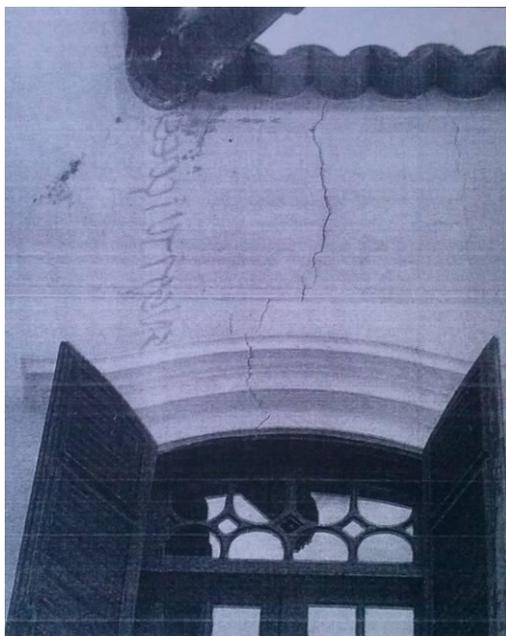
O período de 1964/1965 (governo do Tenente Coronel Jarbas Gonçalves Passarinho e do engenheiro Dilermando Cairo de Oliveira Menescal como Secretário de Estado de Obras, Terras e Águas) marca o Instituto Carlos Gomes com o início das reformas de recuperação e melhoramentos no prédio pioneiro, assim como a construção do segundo pavilhão (localizado na parte posterior ao prédio central – apenas o térreo), para o funcionamento de cinco salas de aula, sendo o preço da obra, segundo Cruz (1967), no valor de “Cr\$30.000.000”.

No ano de 1986, as vésperas de sediar o “IX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical” e na onda das ameaças de desabamento dos prédios históricos da cidade, o então edifício sede do Conservatório Carlos Gomes foi interditado devido às fissuras e deteriorações existentes. Este se encontrava com rachaduras, como uma visível no andar superior dos lados internos e externos (figura 204), além de outra no banheiro térreo (existente naquele período), havia também fiações elétricas à mostra. Segundo o Jornal Diário do Pará (1986, caderno 1º, p. 2):

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

(...) Felipe considera que, por ser um prédio de 54 anos, a interdição dessa última semana foi benéfica. ‘O desabamento do Instituto Lauro Sodré nos deu um susto. Todos que residem ou trabalham em prédios históricos ficaram em alerta, porque esse tipo de construção merece um tratamento especial, pois faz parte de nossa história. O Carlos Gomes ainda mais, porque é uma referência internacional na música’.

Figura 204: Rachaduras no bem imóvel tombado Instituto Carlos Gomes, no prédio central.



Fonte: DIÁRIO DO PARÁ. Setembro de 1986. 1º caderno, pag.02.

A superintendente neste momento era a Professora Maria da Glória Boulhosa Caputo que, em entrevista ao jornal Diário do Pará, afirma que o Conservatório passará por reformas gerais em sua estrutura física, principalmente na edificação central que exige um trabalho de restauro. Segundo a diretora esta já havia passado por reformas no telhado e no auditório (que funcionava em um dos ambientes da casa, antes da sua mudança para o anexo 1 após reforma), cujo forro apresentava-se quase completamente destruído pela ação dos cupins e das goteiras. Segundo o Jornal Diário do Pará (1986, caderno 1º, p. 2):

Nos próximos dias serão iniciados a reforma no prédio anexo e a construção de mais oito salas de aulas, para juntarem-se às trinta já existentes, (divididas em salas para ensino coletivo e individual). Além dessas obras estão em andamento as de pavimentação da entrada e de recuperação do jardim. Reformas, ampliações e construções, obras executadas pela Secretaria de Viação e Obras do Estado, sob a coordenação do arquiteto Aurélio Meira, foram estimadas em aproximadamente, dois milhões de cruzados.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

III FASE: em 2001 e 2002.

Em Setembro de 2001 foi solicitado junto a Secretaria Executiva de Cultura, via Secretaria Executiva do Estado de Obras Públicas (SEOP), a aprovação de projeto para construção, reforma e manutenção, porém sem ampliação, do IECG. A intervenção consistia principalmente em procurar resolver os problemas de ordem estrutural existentes, conforme consta na carta endereçada a Dulcília Maneschy Nunes, então diretora do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural – DPHAC, pelo Coordenador de Planejamento e Controle da SEOP. Nesta consta:

Conforme é de seu conhecimento, a obra de ampliação do Conservatório Carlos Gomes, foi autuada por este departamento, pois foram constatadas irregularidades em sua execução.

Em 11/09/2001, foi realizada vistoria conjunta entre a SEOP, a Fundação Carlos Gomes e o Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural/DPHAC, na referida obra, onde foram discutidas as alterações que deveriam ser executadas para que a obra fosse liberada. Assim sendo, solicito que este departamento envie a SEOP, com a maior brevidade possível, quais as alterações a serem feitas, a fim de que possamos retomar a execução da obra.

Outrossim informo, que a urgência na definição destas alterações se dá pela necessidade de iniciarmos os serviços de recuperação estrutural do prédio central, que só poderá ser feita após a transferência das atividades ali realizadas para o prédio onde está sendo executada a ampliação.

Atenciosamente.

Engº Arnaldo Dopazo Antônio José
Coordenador de Planejamento e Controle.

No processo de aprovação ainda constava outros dados, como a situação do imóvel quanto a sua proteção, já tombado pelo Estado, homologado em 24 de Janeiro de 2001, além de ser considerado como um bem imóvel de interesse à preservação, assim como a presença de características arquitetônicas e históricas que o tornam de interesse a conservação. Encontrou-se também a proteção em relação à legislação através do Decreto Lei nº 25 de 30 de Novembro de 1937; a Lei Estadual nº 562 de 20 de Dezembro de 1990; e a Constituição Brasileira de 1988 com seu Art. 216.

No parecer consta que o projeto de reforma foi realizado pelo engenheiro Ricardo Sampaio e consistia, no caso do prédio central, na colocação de cintas, sem ficar aparente; a substituição de peças danificadas por outras similares ou de melhor qualidade, atentado muito para a “recuperação” do telhado, na época muito danificado; a recuperação do piso e do forro, sendo para isso feito as plantas correspondentes; além da substituição da rede de esgoto, o que acarretaria danos no piso do banheiro e cozinha – locais onde hoje funcionam a sala da bibliotecária, a sala de reserva técnica da biblioteca e a sala do almoxarifado –, sendo

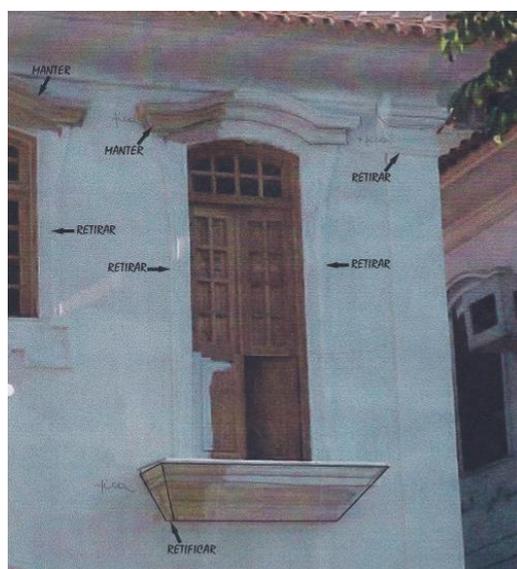
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

proposta a modificação do seu piso original por uma cerâmica contemporânea, hoje ainda presente.

A reforma também seria aplicada na fachada do primeiro anexo, onde hoje funciona o auditório do IECG e na parte superior as salas de aula específicas de instrumentos. Através das imagens abaixo pode-se detectar que antes das novas modificações, os anexos apresentavam uma marcação ainda maior do “falso histórico” (figuras 205, 206, 207, 208, 209, 210 e 211), ou seja, havia muitos detalhes que copiavam os pertencentes ao prédio central, que naquele momento estava apresentando perigo de ruína.

No final do documento consta o inventário do prédio central do IECG, onde pode-se encontrar dados como: localização/denominação, onde há o tipo de calçamento e outros; uso, marcando sua função original e a atual; tipologia, sendo marcada como uma implantação centralizada, do estilo colonial, de grau de caracterização original e de época de construção anterior à 1900; estado de conservação; situação legal, sendo marcada como área do entorno de outro bem tombado que é a Escola Barão do Rio Branco; e as características arquitetônicas como: piso, cobertura, estrutura, fechamentos, esquadrias, vãos e outros, além do tipo de acesso público/privado.

Figura 205: Detalhe da reforma na fachada do prédio do primeiro anexo do Instituto Estadual Carlos Gomes.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 206 e 207: Lateral mostrando o primeiro anexo (lado esquerdo – já com o segundo andar), a frente o segundo anexo (já com o segundo andar) e na lateral direita o prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, e detalhe da “porta janela” ou “janela púlpito” do prédio central do Instituto.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

Figuras 208 e 209: Detalhe da janela do primeiro anexo e vista da fachada principal do primeiro anexo, respectivamente.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

Figuras 210 e 211: Vista das fachadas do primeiro anexo (lateral esquerda) e do prédio central (lateral direita) e detalhe da moldura das janelas do primeiro e segundo anexos, respectivamente.

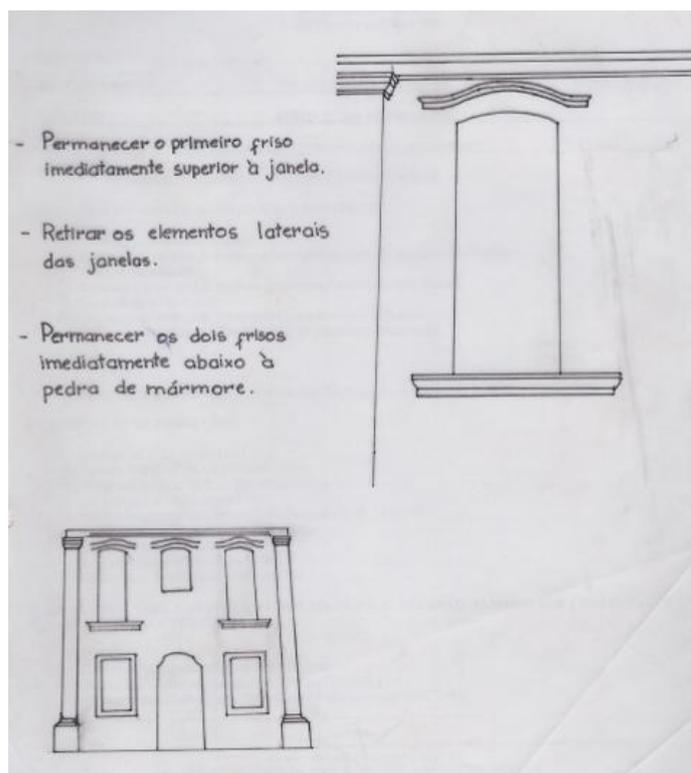


Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

O projeto de reforma da edificação que hoje abriga o auditório do instituto também contava com a pintura das esquadrias, molduras e alvenaria, de acordo com as teorias de intervenção em prédios de valor histórico e artístico, a fim de diferenciar do prédio pioneiro, além de realizar pequenas retificações para mostrar sua contemporaneidade determinada de acordo com a equipe técnica responsável pelas obras em questão (figura 212).

Figura 212: Desenho de como ficaria a intervenção a ser realizada na fachada frontal do primeiro anexo do Instituto Estadual Carlos Gomes, para que não continua-se a manter o “falso histórico” existente.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

Na parte específica para o processo de reforma na edificação pioneira do instituto, foi realizado levantamento dos danos existentes na época como a presença de trincas (figura 213), manchas de infiltração (figuras 214 e 215), além dos problemas que havia na estrutura da cobertura como fissuras (figuras 216 e 217), provenientes dos recalques das fundações que se estendiam até o telhado, a presença de cupins (figuras 218 e 219) e outros (figuras 220 e 221).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 213, 214 e 215: Fissuras provenientes de recalque das fundações nas áreas dos banheiros, no lado direito da cozinha e no lado esquerdo do prédio na área dos banheiros, respectivamente.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

Figuras 216 e 217: Fissuras provenientes de recalque das fundações na alvenaria dos forros.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

Figuras 218 e 219: Terça de madeira com apoio prejudicado pela ação de cupins e ligação de asna e pendural sem reforço metálico, respectivamente.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 220 e 221: Perna de tesoura trincada e ligação da asna e pernada de tesoura sem reforço metálico.



Fonte: Arquivo DPHAC. 2001.

No ano de 2002 foi solicitado junto a SECULT, via Secretaria Executiva do Estado de Obras Públicas (SEOP), a aprovação de outro projeto para construção e manutenção, porém sem ampliação dos prédios, do IECG na área da frente para a colocação da guarita (hoje ainda existente) e de um estacionamento para os veículos usados pelo Instituto, como o ônibus (hoje não existente). Para isso fez-se necessário realizar uma intervenção no piso de pedra de lioz no pátio, assim como a retirada de algumas árvores para a realização da obra, logo foi entregue ao DPHAC os projetos de paisagismo e os executivos para a aprovação da mesma.

Na parte da manutenção, o projeto previa uma repintura das fachadas dos anexos que foi aprovado, porém com a justificativa que segundo a Art.21 da Carta de Burra⁹⁶, de 1980, diz-se que “As obras de adaptação devem limitar-se ao mínimo indispensável à destinação de bem a uma utilização definida (...)”. Também constava no parecer (2002/0000224242) que a configuração pictórica destas novas edificações (anexos) poderia ter a mesma referência das tintas aplicadas na sala Ettore Bosio (Auditório), pois o tempo de construção desta corresponde a um período “significativamente” posterior ao da edificação central do instituto, capaz de justificar a diferenciação entre elas, ou seja, por apresentarem características construtivas de diferentes períodos a pintura semelhante não afetaria.

IV FASE: em 2011.

Em 9 de Junho 2011 foi realizado um novo estudo para as futuras intervenções no instituto e no prédio onde funciona a sede do Instituto Carlos Gomes para a manutenção das instalações físicas. A avaliação técnica foi realizada pelos técnicos da Secretaria Estadual de

⁹⁶ Carta de Burra: Elaborada em 1980, pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Obras Públicas (SEOP), acompanhados pelo Sr. Paulo José Campos de Melo (então Superintendente da Fundação) e a Sr^a. Suely Fraiha (então Diretora Administrativa da Fundação).

Das intervenções destacadas, no prédio central havia duas consideradas como de extrema necessidade, que se localizam na sala dos instrumentos e na área do banheiro. Outros que merecem atenção são a garagem, a oficina/escola de lutheria e os banheiros externos. Na área externa (entrada do conservatório) a pavimentação composta por pedras portuguesas encontra-se, em alguns pontos, com “buracos” causados pelas pedras que foram soltas por conta do tempo, expondo os usuários a riscos (figura 222 e 223). Além do chafariz, na entrada da edificação, que está danificado, necessitando de restauração (figura 224).

Figuras 222 e 223: Pavimentação em pedra portuguesa deteriorada, localizada na parte de externa do IECG.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Figura 224: Chafariz danificado, necessitando restauração, localizada na parte de externa do IECG.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Na área de circulação dos prédios anexos, fez-se necessária a manutenção de piso, parede, forro e instalações elétricas. O piso (figuras 225 e 226) apresentava-se danificado e com problemas de desnível; o forro em madeira (figuras 227 e 228) se encontrava em parte

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

apodrecido, por conta da ação de intempéries. São identificadas ainda infiltrações em lajes e a manutenção em uma parte das instalações elétricas (figuras 229 e 230). Os eletrodutos da fiação de alta tensão também necessitavam de manutenção, evitando que os mesmos se soltem e exponham os usuários a descargas elétricas, assim como as paredes que se encontravam com a pintura degradada (figura 231) por falta de manutenção, além da presença de alguns aparelhos de ar condicionado que estavam instalados sem caixa (figura 232), danificando a alvenaria.

Figuras 225 e 226: Piso com lajotas quebradas e piso com presença de desnível não sinalizado, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Figuras 227 e 228: Forro em madeira danificado do anexo 2 e área de infiltração entre o anexo 1 e o prédio central, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

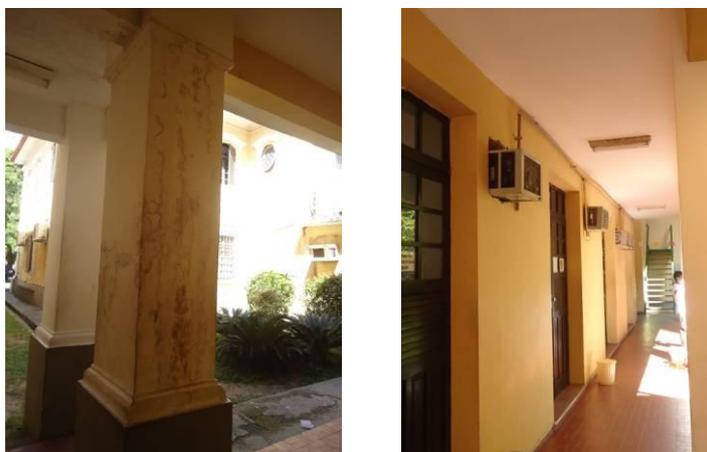
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 229 e 230: Fiação elétrica que sofreu princípio de incêndio e a fiação de alta tensão, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Figuras 231 e 232: Pintura degradada e aparelho de ar condicionado sem caixa, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Dentro da biblioteca, localizada no prédio central do instituto, encontrava-se piso e esquadrias (figuras 233 e 234) com pequenos danos e que necessitavam de manutenção. O forro precisava de uma restauração (figuras 235 e 236), já que parte do mesmo desabou, assim como a contenção da infiltração que existia no local.

Figuras 233 e 234: Piso da biblioteca com pequenos danos e área de circulação da reserva técnica da biblioteca sem forro por conta do desabamento e com infiltração, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 235 e 236: Parede e esquadrias deterioradas da sala do almoxarifado, assim como o forro inexistente devido o desabamento e o forro em processo de degradação além da infiltração, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Na sala de iniciação a música foi encontrada danos por falta de manutenção como fissuras de reboco, esquadrias com pintura descascada e algumas lascas (figura 237), além de um ponto elétrico avulso (figura 238).

Figuras 237 e 238: Esquadrias e pintura sem manutenção e ponto elétrico avulso, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

No hall de entrada do prédio central há a escada que necessitava de mais atenção (figura 239), pois se encontrava com alguns danos no guarda-corpo e em algumas tábuas do piso em madeira quase soltas, assim como o forro apresentando pintura descascada (figura 240). Já o hall do segundo andar foi observado que o forro estava em processo de degradação devido a uns pontos de infiltração e o espaço necessitava, também, de revitalização das pinturas das paredes, forro, e manutenção no piso (figuras 241 e 242).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 239 e 240: Guarda-corpo da escada com dano e pintura do forro descascada, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Figuras 241 e 242: Forro em degradação causado por infiltração e piso com necessidade de revitalização no hall superior, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

Na sala de armazenamento de instrumentos havia uma atenção especial no forro (figuras 243 e 244), pois em um processo de “descupinização”, neste foi derramado óleo na madeira, além disso, necessitava de revitalização da pintura das paredes e recuperação do piso e esquadrias.

Figuras 243 e 244: Forro em degradação causado por derramamento de óleo, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Na sala da administração (diretoria) as paredes, forro e esquadrias apresentavam pintura desgastada por falta de manutenção (figuras 245 e 246).

Figuras 245 e 246: Porta desgastada e parede com perda da camada pictórica, respectivamente.



Fonte: Arquivo SEOP. 2011.

V FASE: em 2012.

O prédio pioneiro, em 2012, ainda apresentava grande parte de sua estrutura, tanto física quanto de elementos arquitetônicos, intacta. Embora neste ano ainda houvesse a presença de danos como tubulação hidráulica e fiação elétrica aparente, problemas de perda da camada pictórica no forro e paredes, principalmente na atual sala de armazenamento de instrumentos, e a colocação de aparelhos de ar condicionado, que além de aparentes, externamente, quebravam a estética da antiga residência. Havia ainda algumas infiltrações e pequenas trincas no hall superior e térreo, assim como a perda da camada de tinta visível na escada de madeira de lei e nas portas e janelas.

Em análise arquitetônico/estilística (figuras 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253 e 254) verifica-se que esta edificação sofreu com a construção dos anexos (ao redor), haja vista que inicialmente era “solta” no terreno, coberta por árvores, remetendo muito ao período bucólico e romântico da sua construção. Além disso, ela necessitava de um tratamento técnico a fim de reavivar suas características como a “janelas púlpitos” ou “porta janelas”, os azulejos, os pináculos, o piso e o forro, assim como outros elementos decorativos que compõem o estilo Neocolonial presentes na mesma.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 247, 248 e 249: Reconstituição da provável disposição do prédio pioneiro do IECG quando era ainda uma residência unifamiliar.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 250, 251, 252 e 253: Estudo da atual disposição do prédio pioneiro do IECG com os anexos.



4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figura 254: Fachada principal do IECG com os anexos.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Todavia deve-se garantir a adequação da mesma a sua função, que se trata de um estabelecimento de ensino musical. Para tanto, as salas de aula precisavam ser modernizadas e manter a individualização por instrumento, principalmente para os de orquestra e banda musical, assim como há necessidade de um tratamento acústico adequado à qualidade do ensino. Segundo o ex-diretor do Instituto, Felipe Andrade e Silva,

Quanto às demais dependências da escola de música, além das salas para administração, professores, biblioteca e almoxarifado, é preciso que haja espaços destinados à discoteca ou fonoteca, ao depósito de instrumentos musicais e à oficina de manutenção dos instrumentos (lutheria) (PARÁ, Catálogo do XXV Festival Internacional de Música do. Julho de 2012).

VI FASE: em 2014/2015.

Neste ano estão sendo realizados novos procedimentos de reforma, manutenção e restauração do prédio central do Instituto Estadual Carlos Gomes, assim como de seus anexos, porém com acréscimos. Em visita realizada no dia 22 de Setembro de 2014, detectou-se que grande parte do projeto de reforma e acréscimo, dos anexos, já encontra-se finalizado, esta consistiu em modificações na organização espacial, principalmente do segundo e terceiro anexos como: na criação de novo pavimento (figuras 255 e 256), sendo aplicado, internamente, novos materiais, contemporâneos, como porcelanato no piso, forro em gesso e nova iluminação (figuras 257 e 258); criação e ampliação de novos ambientes, a exemplo da

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

área para a colocação de elevador (figura 259) e do fechamento de parte do corredor do terceiro anexo superior para a ampliação de salas (figuras 260 e 261).

Figuras 255 e 256: Criação do terceiro segundo pavimento nos anexos segundo e terceiro.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figuras 257 e 258: Novas salas do segundo e terceiro anexos.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figura 259: Nova área criada para o elevador.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 260 e 261: Alteração do corredor do primeiro pavimento do anexo terceiro para criação de mais uma sala.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figura 262: Situação anterior à alteração do corredor do primeiro pavimento do anexo terceiro para criação de mais uma sala.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Externamente, ainda nestes anexos, destaca-se as alterações feitas na escada como a retirada de seu piso cerâmico e cimentado para a colocação de granito, assim como o corrimão, anteriormente em madeira e atualmente em mármore (figuras 263, 264 e 265); e a pintura realizada nas paredes externas em amarelo e branco (detalhes). Todavia destaca-se, também, a manutenção do “falso histórico” realizado, nestes anexos, nas esquadrias idênticas as do prédio central (figuras 266 e 267); e a perda do piso em taco em grande parte das salas do primeiro pavimento do segundo anexo devido a infiltrações. No que concerne ao primeiro anexo, está sendo revitalizado o auditório “Sala Ettore Bósio”, assim como as salas de

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

instrumentos específicos no andar superior, além dos detalhes decorativos (elementos nas esquadrias e na porta principal do auditório) e pinturas nas fachadas (figuras 268 e 269).

Figuras 263 e 264: Situação atual da escada do segundo e terceiro anexos.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Figura 265: Situação da escada do segundo e terceiro anexos, anterior a atual reforma.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Figuras 266 e 267: Presença de falso histórico nas janelas idênticas as do prédio central, respectivamente.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 268 e 269: Trabalho de reforma na parte externa do primeiro anexo.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Em relação aos elementos ainda presentes nestes anexos, em conversa realizada com um dos funcionários da Fundação Carlos Gomes, soube-se que a intenção é de procurar mantê-los, portanto no piso de taco existente nas salas do pavimento térreo dos anexos segundo e terceiro há a intenção de preservá-los substituindo apenas aqueles bastante danificados, o mesmo vale para as esquadrias (portas e janelas). Já em relação ao prédio central, os procedimentos de conservação e restauração ainda não foram iniciados, portanto este ainda apresenta os mesmos problemas levantados no ano de 2012, contudo, segundo o funcionário da Fundação Carlos Gomes, foi explicado que o objetivo nesta edificação é o de não promover nenhuma alteração drástica como retirada de parede ou de materiais e elementos decorativos, mas apenas o de substituir aqueles bastante danificados por outros similares como no caso das janelas superiores (figuras 270 e 271) e de parte do forro do hall do pavimento térreo e primeiro, assim como dos demais ambientes (figuras 272, 273 e 274).

Figuras 270 e 271: Detalhe da situação atual das esquadrias do primeiro pavimento do prédio central.



Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

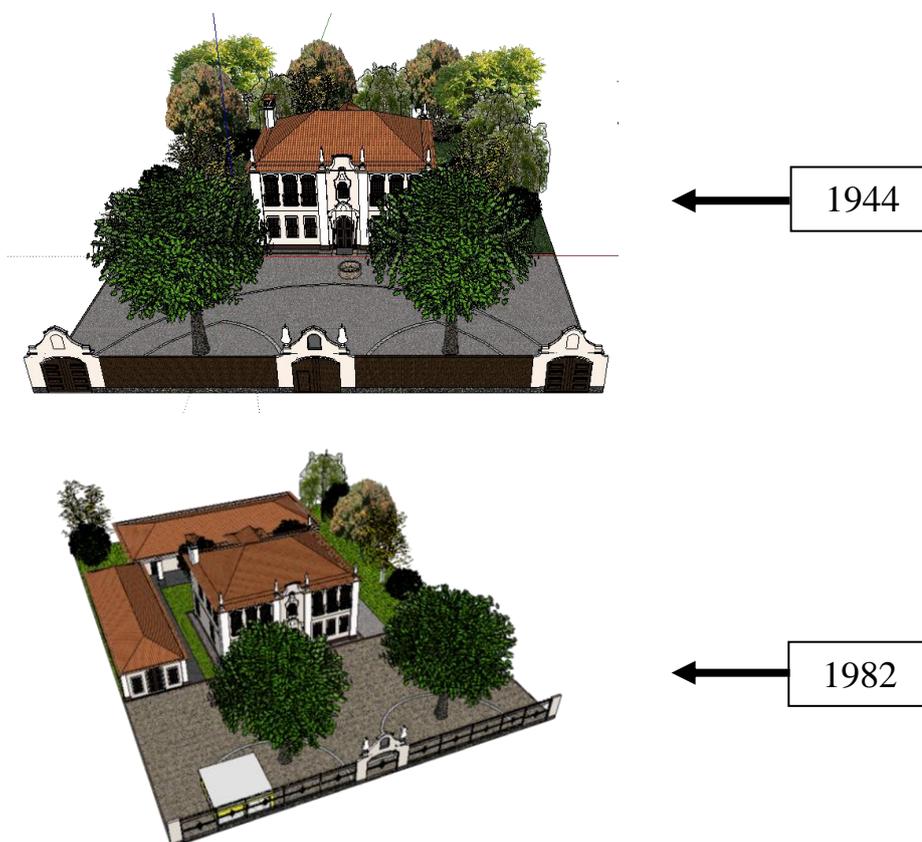
Figuras 272, 273 e 274: Situação do forro de alguns ambientes do prédio central.



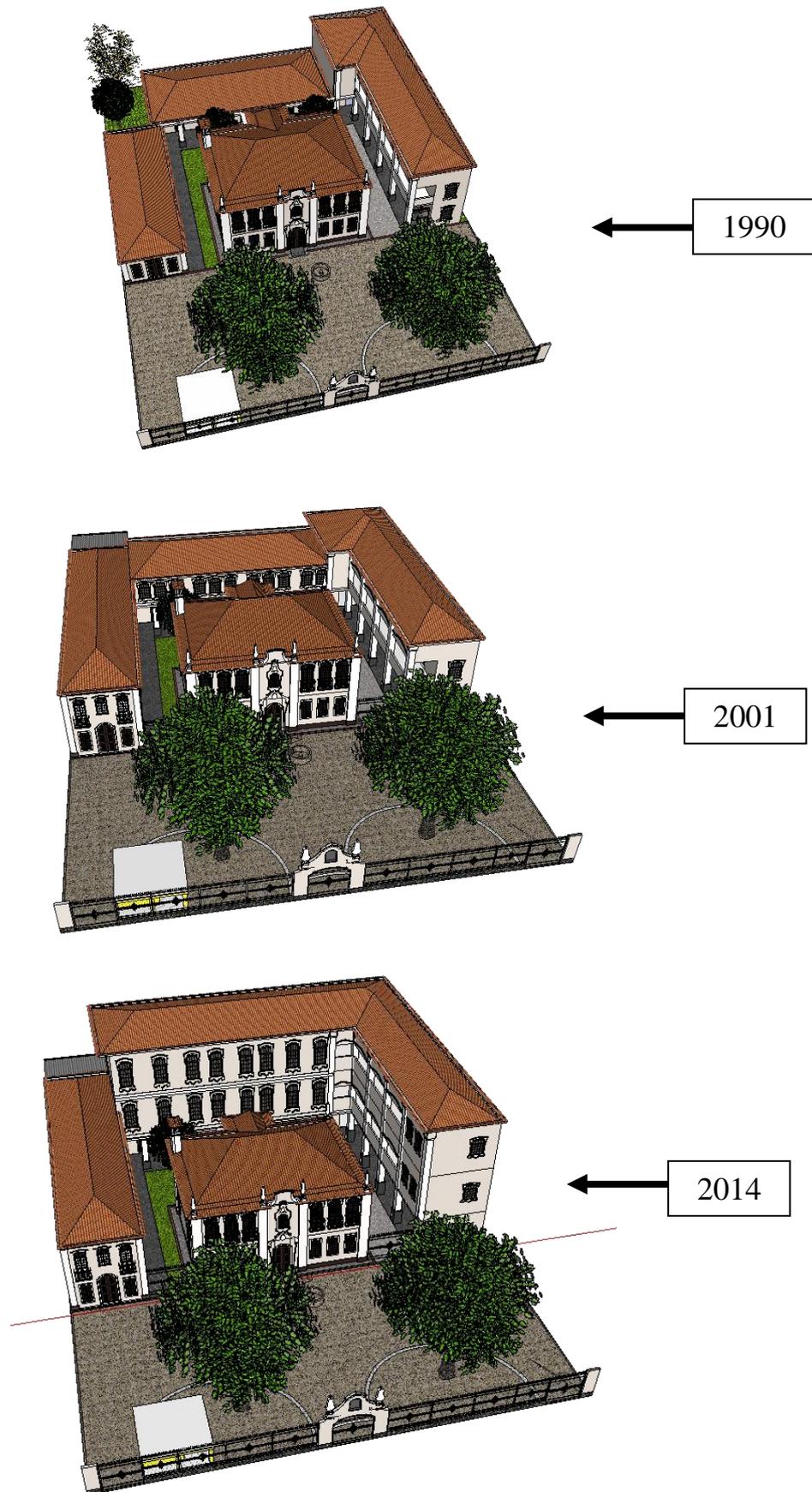
Fotos: Bianca Barbosa. 2014.

Este projeto também atenta aos azulejos, piso e paredes internas do prédio central; assim como o jardim frontal através da recolocação das pedras portuguesas, da arborização existente, da restauração da fonte/chafariz, hoje sem funcionamento, e de intervenção na guarita. Desta forma, atentando para as intervenções no Instituto Estadual Carlos Gomes desde o ano de 1944 até 2014, pode-se realizar uma análise de sua evolução arquitetônica (figuras 275, 276, 277, 278 e 279) na qual verifica-se que no decorrer de 70 anos muitos procedimentos foram realizados nesta edificação, assim como nos três anexos que o rodeiam.

Figuras 275, 276, 277, 278 e 279: Análise cronológica da evolução arquitetônica do Instituto Estadual Carlos Gomes.



4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO



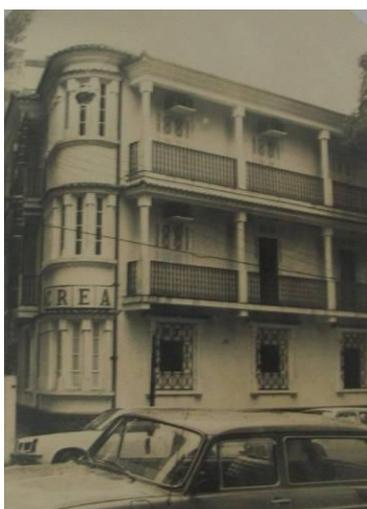
Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

4.4. ESTUDO DE CASO DO EDIFÍCIO PÉROLA

A arquitetura Neocolonial paraense encontra-se em estágio incipiente quando trata-se de pesquisas acadêmicas, apresentando-se de maneira pouco perceptível nos trabalhos acadêmicos principalmente quando estes possuem como tema assuntos referentes ao "moderno paraense"⁹⁷. Raramente vê-se pesquisas que apresentem aquele tema como objeto de estudo, expondo uma problemática da análise do desenho arquitetônico presente em Belém entre as décadas de 20 e 30 do século XX, marcado como o *período* da linguagem Neocolonial.

Assim, durante a pesquisa realizada em 2013, procurou-se conhecer as transformações (intervenções) feitas nas edificações Neocoloniais em Belém, atentando as práticas construtivas, a exemplo do Edifício Pérola (figura 280), onde atualmente funciona o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará (CREA-PA). A análise desta edificação foi dividida em dois momentos: o primeiro subdividido em duas fases, sendo a primeira marcada pelo estudo do edifício em termos arquitetônicos, como sua linguagem ou vertente, sua localização e implantação, e a segunda com a análise do edifício em seu provável estado inicial quando possuía a função de edificação multifamiliar; já o segundo momento é marcado por seis fases, divididas nas etapas que levaram a implantação do CREA-PA neste prédio, até a atualidade.

Figura 280: Edifício Pérola.



Fonte: Acervo DPHAC. Ano desconhecido.

⁹⁷ Ver SARQUIS, Giovanni Blanco; CAMPOS NETO, Candido Malta. **A Arquitetura com Expressão da Modernidade em Belém entre 1930 e 1964**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. V.3, n 1. p. 29-51. Mackenzie: São Paulo, 2003.

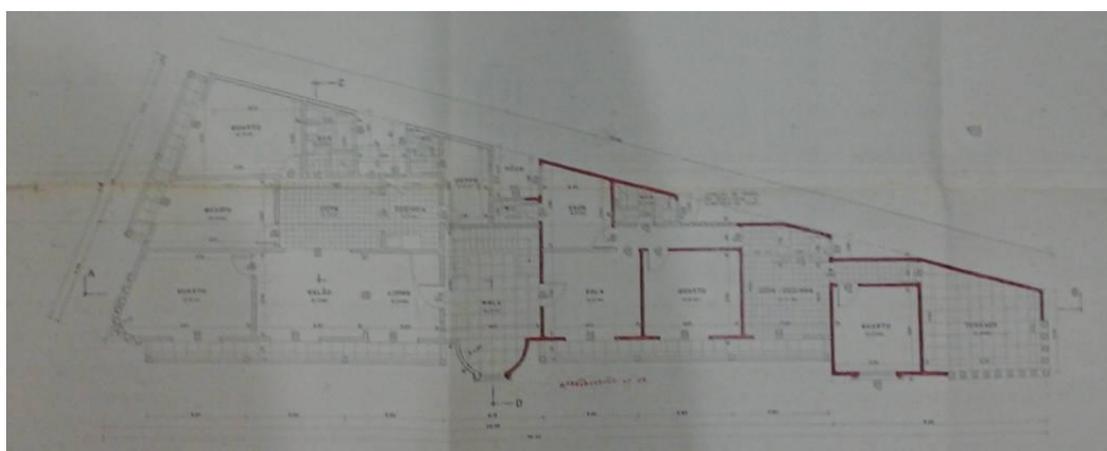
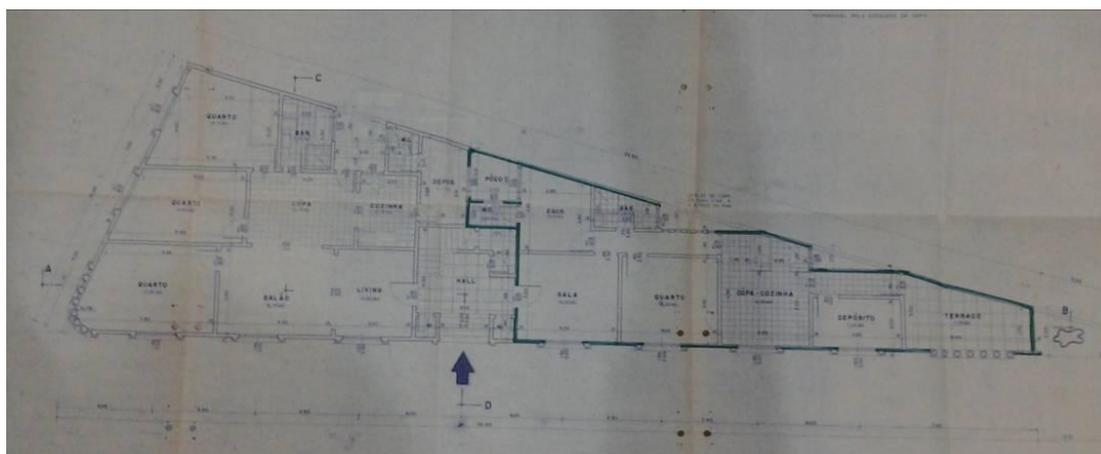
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

1º Momento:

I FASE: A provável forma do edifício multifamiliar.

A partir da digitalização das plantas dos pavimentos (figuras 281 e 282) encontradas no levantamento realizado nos meses de Agosto a Dezembro de 2013, no Centro de Documentação do CREA-PA, e utilizando-se recursos da informática como os programas AutoCad e SketchUp, conseguiu-se montar um protótipo (figuras 283, 284 e 285) do provável modelo do Edifício Pérola em seus anos iniciais, no qual o térreo (figura 286) era dividido em três partes: o Primeiro apartamento, na esquina do edifício, dividido em onze ambientes sendo três quartos, salão, living, cozinha, copa, dois banheiros, área de depósito e sacada; o hall de entrada; e o segundo apartamento com escritório, sala, lavabo, banheiro, quarto, copa/cozinha, depósito e terraço.

Figuras 281 e 282: Planta baixa do térreo e dos 2º e 3º pavimentos do Edifício Pérola encontrada no CEDOC, respectivamente.



Fonte: Acervo CEDOC – CREA-PA. Sd.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

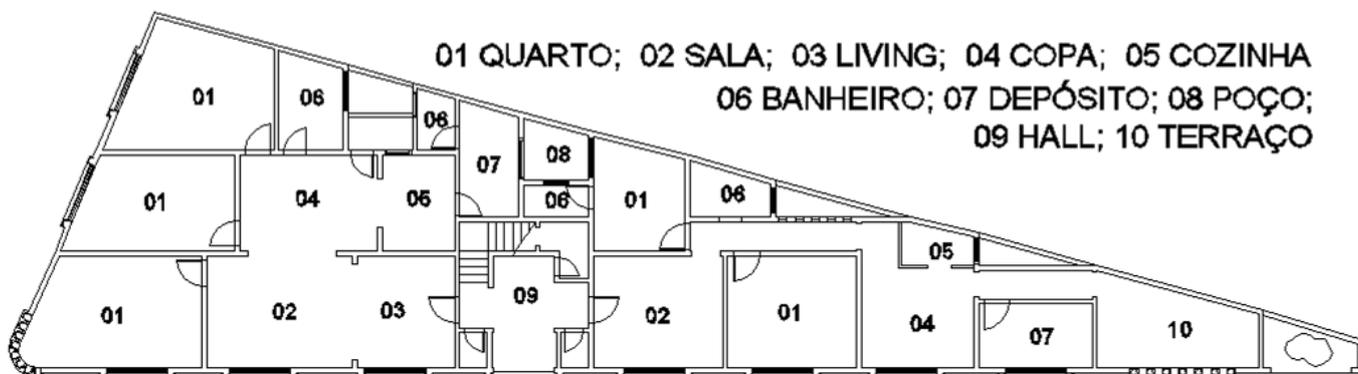
Figuras 283, 284 e 285: Provável forma do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figura 286: Provável Planta Baixa do Pavimento Térreo do Edifício Pérola.

LEGENDA

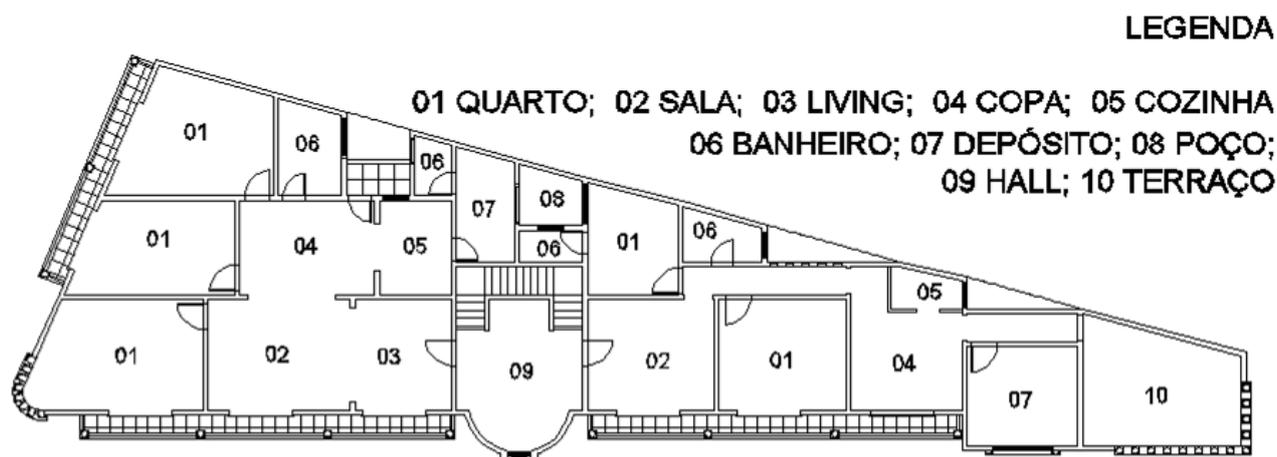


Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Os 1º e 2º pavimentos (figura 287) apresentam a mesma configuração e organização de ambientes que os primeiros apartamentos, sendo o único acréscimo os balcões acessados por portas-janelas. E no caso do hall tem-se a presença de uma parede boleada, marcado pela existência da torre semicircular. Além disso, há a escada de acesso aos andares superiores, em formato de “C”, e que também consiste na escada de fuga ou de incêndio.

Figura 287: Provável Planta Baixa dos Pavimentos 1º e 2º do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

II FASE: Conhecendo o Edifício como do CREA-PA.

Esta arquitetura, hoje localizada na esquina da Avenida Comandante Braz de Aguiar com a Travessa Dr. Moraes – anteriormente chamadas de Estrada de São Braz e Rua do Poço do Bispo ou Chafariz do Bispo, respectivamente –, nº 194, é datada do ano de 1933, conforme documento existente no levantamento sobre as condições físicas, realizado no ano de 1993, no qual consta esta como tendo 60 anos idade⁹⁸. A função original foi de habitação multifamiliar, ou seja, um prédio residencial composto por seis apartamentos, dois por andar, ocupando o térreo mais dois pavimentos superiores, com entrada principal pela atual Travessa Dr. Moraes onde esta encontra-se sob o fragmento da torre que funciona como espécie de marquise para a mesma (figura 288), representando, também, um elemento bastante presente nesta linguagem que são as torres ou semitorre, remetendo as influências góticas que esta forma arquitetônica possui, caracterizando uma das tipologias desta vertente conhecida como *Mission Style* e que

⁹⁸ Documento encontrado no Centro de Documentação do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

em Belém são muito conhecidas com edificações *Bolo de confeitiro*⁹⁹, *Bolo de noiva* ou *Bolo glacê*.

Figuras 288 e 289: Presença de fragmento de torre encimando o acesso principal do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Além desta (torre) tem-se outra encontrada na parte de confluência entre as duas ruas (figura 289), onde hoje fica a placa do CREA-PA (Conselho Regional de Engenheiros e Agrônomos do Pará), determinando sua atual função que é a sede deste conselho, porém esta não se encontra saliente como a anterior. Destaca-se também outros elementos como a textura presente nas paredes externas (figura 290); as colunas torsas (figuras 291 e 292) existentes nas sacadas, nas molduras das portas e nas marcações das janelas (feitas de madeira e vidro com presença de venezianas de madeira pintadas na cor branca); assim como o revestimento de cobertura no formato telha capa e canal, lembrando as influências portuguesas do período colonial no Brasil.

⁹⁹ O *Bolo de Confeitiro* não foi encontrado em nenhum texto seja livro ou qualquer referência acadêmica. Quando iniciei minha pesquisa (2010), perguntava para as pessoas sobre uma forma específica das residências Neocoloniais com textura na parede externa. Como resposta, afirmavam se assemelhar a um *bolo* com glacê, logo liguei ao *bolo feito por confeitores*.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 290, 291 e 292: Textura da parede externa, janela e a antiga porta principal do Edifício Pérola, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Além disso, sua implantação (figura 293) segue um padrão também do período colonial que era a ocupação completa do terreno, sendo este de formato irregular, possuindo forma trapezoide, onde a cobertura do edifício possui as mesmas características dos elementos encontrados nas janelas, a partir da composição de coberturas.

Figura 293: Localização do Edifício Pérola.



Fonte: <http://wikimapia.org/>.

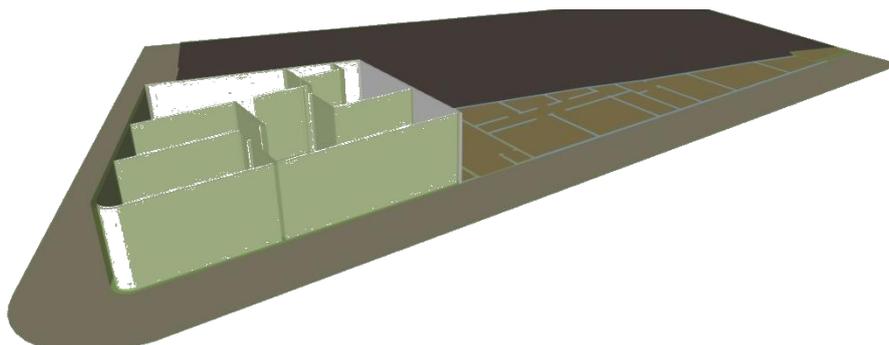
2º Momento:

I FASE:

Através de pesquisa e do encontro com o arquiteto Luiz Fernando Martins Pinto, no mês de Novembro de 2013, obtive-se a informação de que o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará havia iniciado sua atuação dentro do Edifício Pérola, ocupando apenas o primeiro apartamento (figura 294) - pertencente à senhora Maria Motta de Castro -, inicialmente através de um contrato de aluguel.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 294: Representação do primeiro apartamento (em verde) do Edifício Pérola.

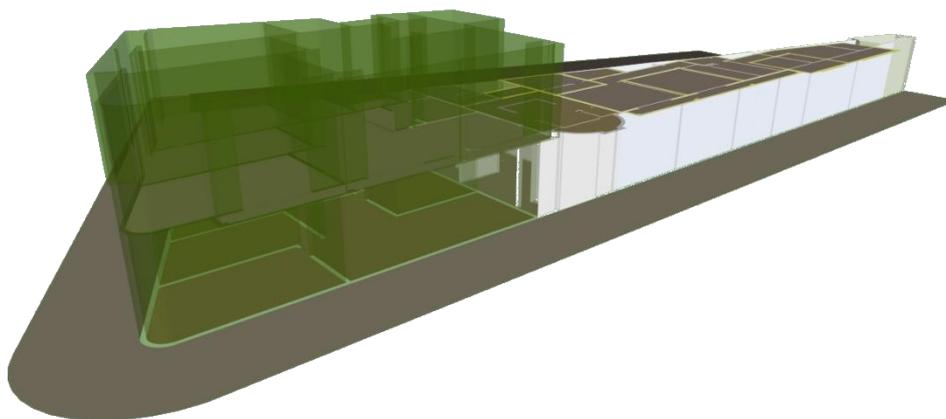


Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

II FASE:

Na administração do engenheiro civil Alírio César de Oliveira, no período de 1971 e 1972, é adquirido, do então Edifício Pérola, os dois primeiros apartamentos correspondentes as 1ª e 3ª residências (figura 295), localizadas na esquina da atual Avenida Comandante Braz de Aguiar e a Travessa Dr. Moraes.

Figura 295: Representação dos 1º e 3º apartamentos (em verde) do Edifício Pérola



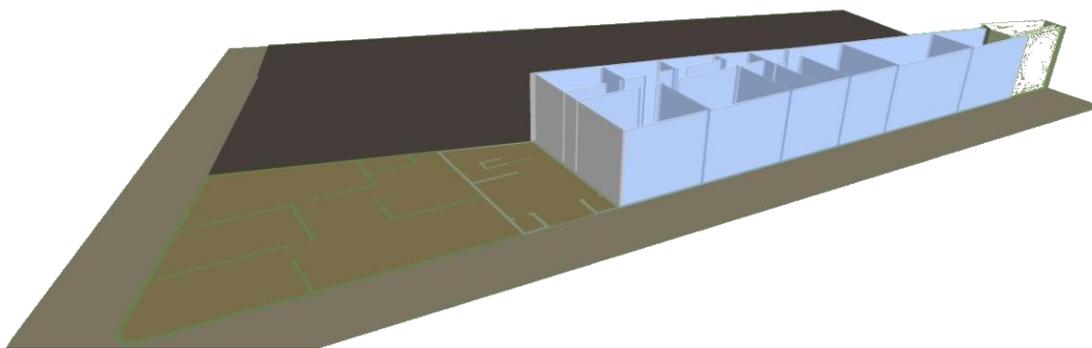
Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

III FASE:

No período de 1979 a 1984, o engenheiro civil João Messias dos Santos Filho, então presidente do CREA-PA, adquire mais apartamentos, correspondes aos de número 2 e 4 (figuras 296 e 297), pertencentes à senhora Maria Nazareth de Menezes e a Maria da Conceição Dias Matos e seu marido Carlos Ailton Castro de Matos, respectivamente.

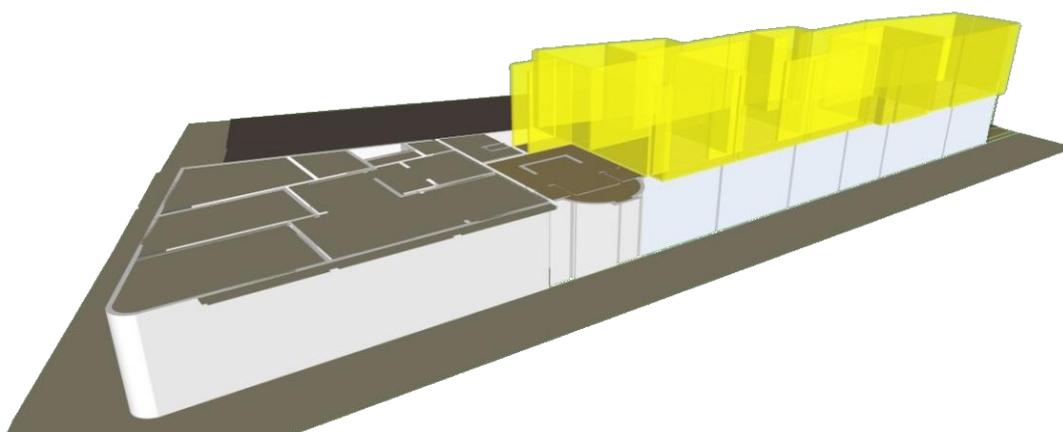
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 296: Representação do 2º apartamento (em azul) do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figura 297: Representação do 4º apartamento (em amarelo) do Edifício Pérola.



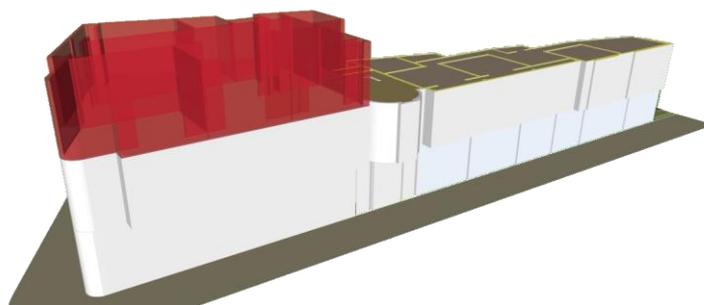
Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

IV FASE:

No decorrer do mandato do engenheiro civil João Messias dos Santos Filho, foram, também, comprados os últimos apartamentos do Edifício Pérola para a expansão das instalações físicas do CREA-PA (figuras 298 e 299), culminando com a assinatura do contrato pela aquisição do primeiro anexo, correspondente ao imóvel na Avenida Braz de Aguiar nº 145, cujos donos eram o Senhor Albeniz Leite da Silva e sua esposa.

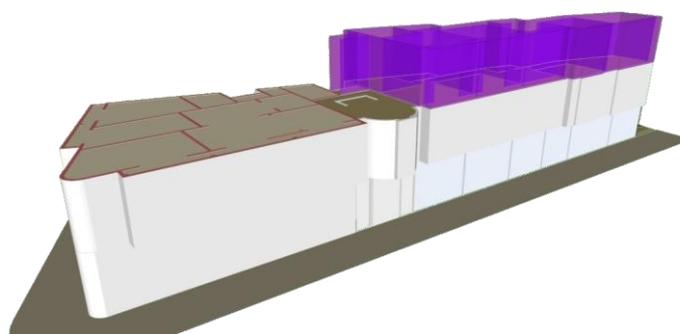
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 298: Representação do 5º apartamento (em vermelho) do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figura 299: Representação do 6º apartamento (em lilás) do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Após o edifício tornar-se propriedade do CREA-PA, o então presidente João Messias aprova a realização de um levantamento a fim de avaliar as necessidades, problemas e prováveis intervenções que deveriam ser feitas no prédio. Na pesquisa realizada junto ao centro de documentação (CEDOC) do conselho, descobriu-se este levantamento (figura 300), ocorrido no ano de 1973, no qual havia sido catalogada, com detalhes, a real situação da edificação naquele momento. Este documento está dividido em Uso do compartimento por área (nome dado aos cômodos), atividades ou função (a ser exercida pelo CREA-PA), partes (piso, parede, teto e esquadrias), os tipos de acabamento - destacando o uso de madeira de lei para o piso, emassamento e pintura nas paredes e teto, e o uso da madeira pintada nas esquadrias -, as condições em que se encontravam cada ambiente (excelente, bom, regular e ruim), e, caso necessário, as observações – geralmente eram descritas a presença de problemas como infiltrações e a necessidade de pequenos reparos. Além disso, na coluna dos acabamentos, depois de certo momento, passa-se a usar letras de “A” à “E” para representá-los como Lajota 20 x 20, ladrilho do tipo São Caetano e outros.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figura 300: Levantamento de situação do Edifício Pérola, realizado no ano de 1973.

PRÉDIO: EDIFÍCIO PÉROLA				PAVIMENTO: TERREO FOLHA-02				
USO DO COMPART. / ÁREA	ATIVIDADE OU FUNÇÃO	PARTES	TIPO DE ACABAMENTO	ESTADO EM QUE SE ENCONTRA				
				EXC.	BOM	REG.	RUÍM	OBS.
D.R.C	ARQUIVO	PISO	TACO COMUM EM MADEIRA DE LEI (A)		X			NEC. REQUERIDOS REPAROS
		PAREDE	EMASSADA E PINTADA COM TINTA P.V.A. (B)			X		NEC. REQUERIDOS REPAROS (INFILTRAM.)
		TETO	EMASSADA E PINTADA COM TINTA P.V.A. (B)			X		NEC. REQUERIDOS REPAROS
		ESQUAD	EMASSADA E PINTADA A ÓLEO EM MADEIRA (C)			X		II
D.R.C	ARQUIVO	PISO	TACO COMUM EM MADEIRA DE LEI (A)		X			II
		PAREDE	EMASSADA E PINTADA COM TINTA P.V.A. (B)			X		II (INFILTRAMENTO)
		TETO	II (B)			X		NEC. REQUERIDOS REPAROS
		ESQUAD	EM MADEIRA PINTADA A ÓLEO (C)			X		II
D.R.C	INFORMÁT.	PISO	TACO COMUM EM MADEIRA DE LEI (A)		X			—
		PAREDE	EMASSADA E PINTADA COM TINTA P.V.A. (B)		X			—
		TETO	II (B)			X		NEC. REQUERIDOS REPAROS
		ESQUAD	EM MADEIRA PINTADA A ÓLEO (C)			X		II
D.R.C	REGISTRO DE PROF. E EXP. DE CARTERIAS REG. DETEM.	PISO	TACO COMUM EM MADEIRA DE LEI (A)		X			NEC. REQUERIDOS REPAROS
		PAREDE	EMASSADA E PINTADA COM TINTA P.V.A. (B)			X		II (INFILTRAMENTO)
		TETO	II (B)			X		II
		ESQUAD	EM MADEIRA PINTADA A ÓLEO (C)		X			—

ATENÇÃO: OBSERVAR CONVENÇÃO USADA PARA O TIPO DE ACABAMENTO - EX: TIPOS A/B/C

Fonte: Acervo CEDOC – CREA-PA. 1973

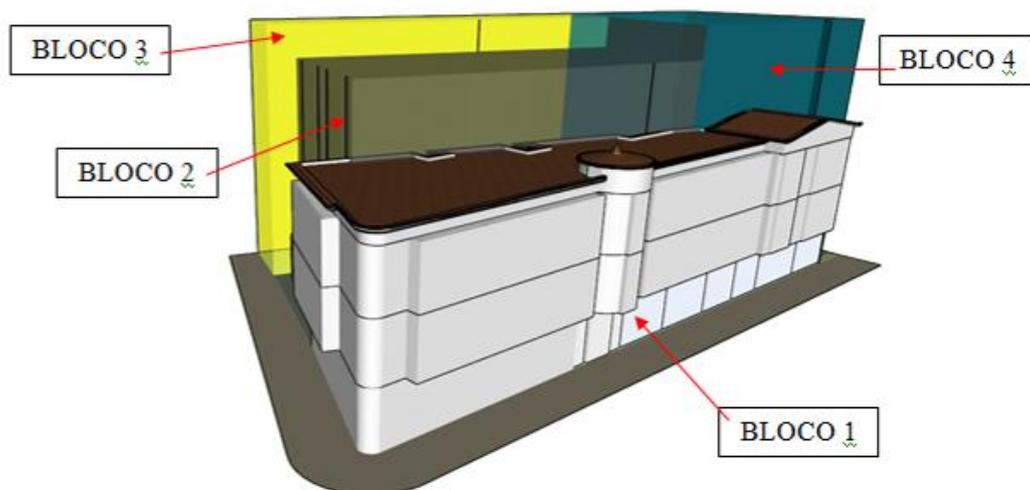
Em 1998, o então presidente do CREA-PA o engenheiro João Sobrinho decide dar continuidade as obras da nova sede, assim como a etapa da parte elétrica do Edifício Pérola para o funcionamento dos elevadores que, segundo documentação encontrada no CEDOC, já estavam instalados e montados. Assim, no dia 29 de Março de 1999 foram inauguradas as novas instalações do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará, após as reformas feitas no Edifício Pérola.

V FASE:

Hoje o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará conta com quatro blocos compondo o *complexo do CREA-PA* (figura 301), onde percebe-se mudanças em suas instalações, principalmente no primeiro bloco, o próprio Edifício Pérola, modificado internamente, pois foram realizadas intervenções que acabaram por descaracterizá-lo.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

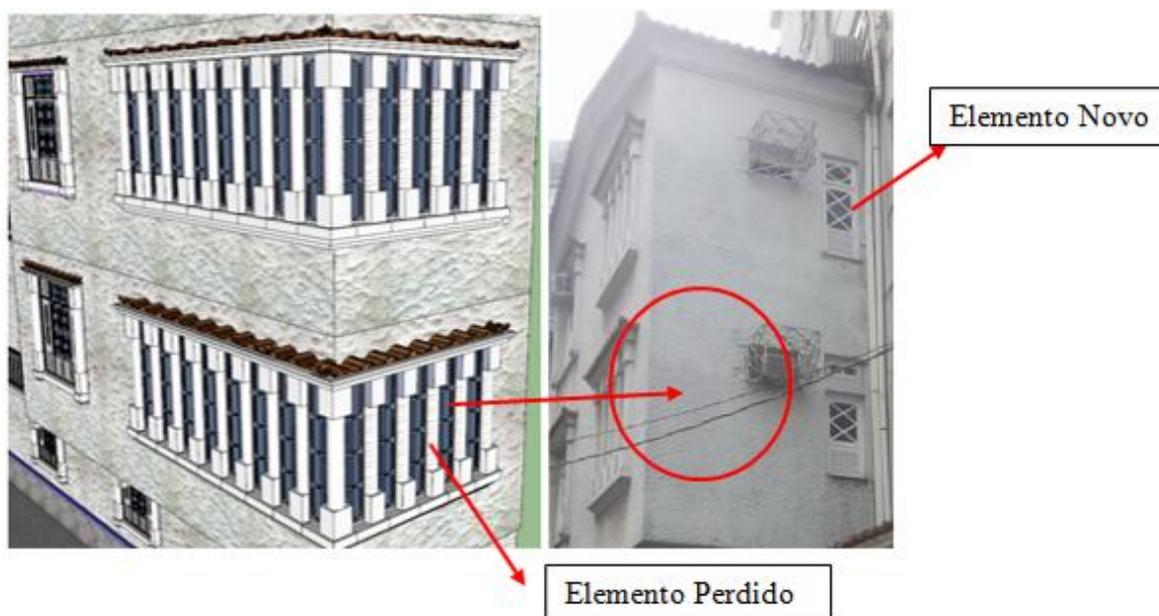
Figura 301: Representação dos quatro blocos, em volume, que compõem o CREA-PA.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Nesta análise perceberam-se algumas transformações entre o que foi e o existente hoje: externamente, na área correspondente ao terraço dos apartamentos 4 e 6 (figuras 302 e 303), tem-se uma perda de parte da janela, além da presença de outra não existente na planta baixa encontrada no centro de documentação do CREA-PA.

Figuras 302 e 303: Detalhe da janela perdida do Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Na concepção interna, principalmente nos dois pavimentos superiores e no segundo apartamento no andar térreo, encontra-se grandes alterações como a quebra de paredes e

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

construção de outras (figura 304), além de reutilização de elementos antigos como o uso das portas de madeira que foram reposicionadas. Há intervenções realizadas, também, no momento da integração dos blocos (figuras 305 e 306), pois com a quebra das paredes de separação das antigas moradias, gerou-se novos ambientes, a perda de outros e a transformação de alguns, como a escada de acesso do Edifício Pérola (figuras 307 e 308), a fim de adequar-se a nova função de sede do CREA-PA.

Figuras 304, 305, e 306: Detalhes do hall e da parede curva, alterado e construído, respectivamente, para segregar os novos ambientes das áreas de circulação do entre o primeiro anexo (Edifício Pérola), o segundo anexo e o quarto anexo.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 307 e 308: Escada modificada do Edifício Pérola.



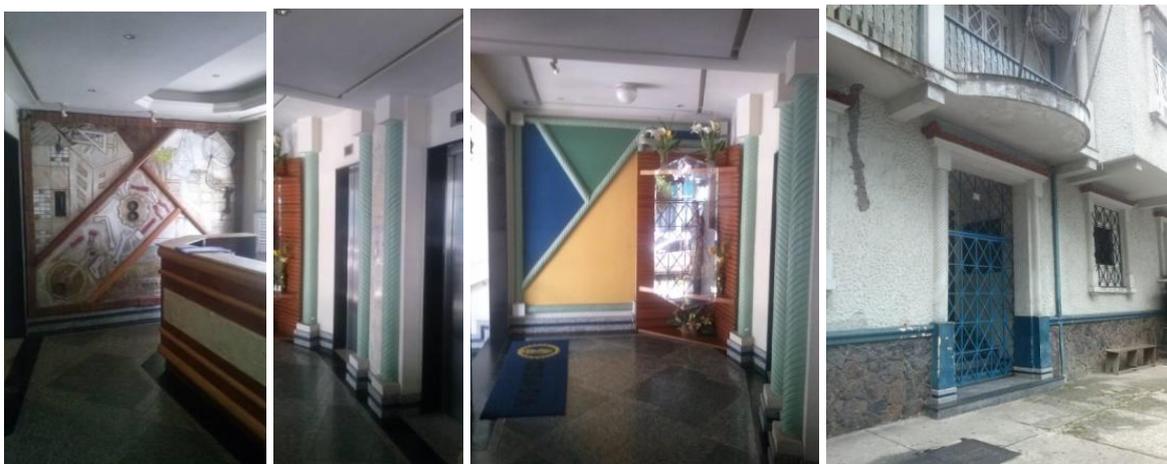
Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Sua entrada principal também é alterada. Dado importante, pois há várias entradas que o conselho teve ao longo do tempo: primeiro era a entrada original do Edifício Pérola - pela Travessa Dr. Moraes - onde encontra-se, hoje, uma placa sobre a porta com a inscrição

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

"Edifício CREA"; depois foi aberta outra próxima a esta (figuras 309, 310, 311 e 312), porém para isso foi realizado uma intervenção na parte correspondente ao 2º apartamento, destaca-se que esta entrada foi projetada para ser igual a anterior mencionada, portanto consiste em *falso histórico* - com presença de elementos da linguagem arquitetônica Neocolonial como colunas torsa interna e externamente seguindo o mesmo padrão da primeira entrada.

Figuras 309, 310, 311 e 312: Detalhes da segunda entrada construída posteriormente no Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

A terceira entrada (figura 313) que existiu, era na frente do segundo anexo do CREA-PA que pode ser visto na planta baixa do levantamento realizado, em 1993, pelo arquiteto Luiz Fernando Martins Pinto; e a quarta entrada - atual – localiza-se onde anteriormente funcionava um posto bancário.

Figura 313: Planta do Edifício Pérola no levantamento de 1993.



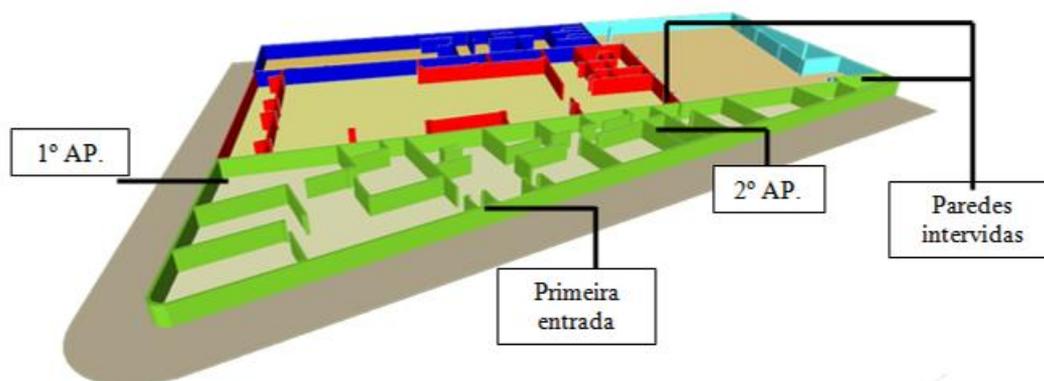
Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

As intervenções conduziram também a substituição de materiais de acabamento: baseando-se no levantamento realizado em 1973, pode-se notar que pisos de madeira foram

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

alterados para revestimentos cerâmicos, bem como muitos traços como rodapé, soleira, pintura de parede e teto, prováveis texturas e outros se perderam. Contudo, segundo o arquiteto Luiz Fernando Martins Pinto, em relação à parte estrutural do Edifício Pérola pouca coisa foi alterada como a intervinda para a criação da segunda entrada - que no levantamento de 1993 não consta na planta baixa. Outra ação foi na parede da lateral e dos fundos do edifício (figura 314) que foi alterada para a integração com os demais blocos, assim como na criação de área de circulação (figuras 315, 316 e 317) que, ou foram surgindo no momento das intervenções (como no caso das figuras 315 e 316) ou no aproveitamento de corredores já existentes dos apartamentos do próprio Edifício Pérola (como no caso da figura 317, cujo corredor corresponde ao antigo segundo apartamento).

Figura 314: Volumetria do CREA-PA com os quatro blocos.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figura 315, 316 e 317: Áreas de circulação existentes atualmente no Edifício Pérola.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Nesta etapa procurou-se aplicar alguns procedimentos da arqueologia da arquitetura como a *estratigrafia*, no qual, para realizá-la, partiu-se da aplicação do método conhecido como *leitura de parâmetros*, que tem como princípio diferenciar os momentos, ou seja, tentou-se ordenar e datar as fases pelas quais passou esta edificação, procurando-se distinguir, histórica e estruturalmente, os processos destrutivos e construtivos empregados. Portanto, com este procedimento, buscou-se conhecer mais sobre este objeto estudo, o que faz da estratigrafia uma análise arquitetônica capaz de mostrar toda uma leitura sobre a linguagem a qual trata a unidade contextual do objeto.

No caso do Edifício Pérola a base para esse levantamento foram as pesquisas realizadas no setor de documentação do próprio Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Pará, onde foram encontrados dados como o levantamento de 1973; as escrituras de compra e venda dos apartamentos do Edifício Pérola; e as plantas baixas encontradas que mostram, provavelmente, como seria o prédio enquanto funcionava como edificação multifamiliar, o que permitiu, posteriormente, a realização de uma representação para melhor entendimento sobre a forma e inclusive como eram as paredes da lateral e dos fundos da edificação que sofreram intervenção para unir os blocos atuais.

4.5. ESTUDO DE CASO DA RESIDÊNCIA RIBEIRO REIS

1º Momento:

I FASE: A Residência no período da Família Costa Rodrigues.

Esta edificação quando era pertencente à Família Costa Rodrigues, seguia um padrão da arquitetura Neocolonial - mesmo não possuindo um grande número de detalhes decorativos, como se vê em outras edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré como os atuais prédios institucionais (CIG¹⁰⁰, IECG¹⁰¹, CREA-PA¹⁰²) - na qual o principal elemento externo era a textura das paredes e a aplicação da cor branca (figura 318). Assim, desde o ano de 1948 (ano provável de sua construção) até 2009, esta apresentava-se preservada externamente, logo a partir de registros fotográficos dos atuais donos verificou-se como era esta composição estética, que posteriormente é perdida devido a reforma iniciada no final do ano de 2009 e início de 2010 e que acabou provocando, por exemplo, o alisamento das

¹⁰⁰ CIG – Centro Integrado de Governo.

¹⁰¹ IECG – Instituto Estadual Carlos Gomes.

¹⁰² CREA-PA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado do Pará.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

referidas paredes externas para a aplicação de uma nova cor, que no caso foi o amarelo canário.

Figura 318: Residência Ribeiro Reis em 2009.



Fonte: Acervo Família Ribeiro Reis. 2009.

Marcando a fachada principal há, ainda, outros elementos que foram posteriormente retirados como as duas arandelas localizadas próximas ao arco decorado com pedras e a própria cor, em uma mistura de verde-azulado, da parede onde está posta a porta principal (figura 319), que consiste, também, na mesma parede localizada na varanda do andar superior. Destaca-se ainda o detalhe das grades das esquadrias, assim como do gradil no muro frontal, dos elementos em ferro localizados no arco onde está posta uma floreira (figura 320) e dos detalhes encontrados no guarda-corpo da varanda do andar superior, que estão pintados na cor preta.

Figuras 319 e 320: Detalhes da parede externa com textura, das arandelas próximas ao arco e da cor da parede ao fundo, localizadas na fachada principal, respectivamente.



Fonte: Acervo Família Ribeiro Reis. 2009.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Com relação ao forro houve também mudanças, pois anteriormente a reforma, realizada em 2009/2010, o mesmo era de amianto (figura 321 e 322) e localizava-se em quase todos os ambientes, com exceção dos banheiros dos dois pavimentos. Todavia ressalta-se que este forro provavelmente também não é do seu período inicial de construção, pois sua utilização em edificações só passará a ocorrer a partir dos anos 70 e 80. Atenta-se ainda para as laterais da casa, onde na lateral esquerda (vista a partir da fachada frontal) tinha-se a presença de dois pequenos canteiros com plantas que ficavam localizados ao limite do terreno com a edificação ao lado - este possuía algumas variedades de planta e flores - e o outro no centro desta lateral - do tipo rasteiro, pois esta área consiste na entrada da garagem. Outro detalhe, também, perdido é a porta, que ficava localizada onde hoje há apenas um vão (abaixo do pátio superior), de madeira com presença de almofadas, dividida em quatro folhas, pintada na cor marrom e acima destas havia uma bandeira fechada onde tinha-se uma alternância de partes em madeira e outras em vidro.

Figuras 321 e 322: Detalhes do forro em amianto localizados na varanda do andar superior e em um dos cômodos internos, respectivamente.



Fonte: Acervo Família Ribeiro Reis. 2009.

Ainda em relação à lateral esquerda, havia o pátio superior com presença de um pergolado¹⁰³ (figura 323) com estruturas de madeira, funcionando como uma espécie de cobertura para este; a presença de uma arandela que ficava localizada próxima a uma porta que foi retirada posteriormente; e também atenta-se para outro elemento perdido que é o

¹⁰³ Pérgula: 1. Construção ou cobertura feita em jardins, terraços ou espaços externos, para efeito decorativo ou abrigo. É apoiada em colunas, pilares ou está em balanço. Comumente, sua cobertura é vazada, constituída por peças delgadas, paralelas ou cruzadas, feitas de madeira, alvenaria, concreto armado ou ferro, revestida por material leve, muitas vezes transparente ou translúcido, ou por trepadeiras. 2. Por extensão, espaço sobre a pérgula. Nos sentidos 1 e 2, é também chamada pérgola ou pergolado. Fonte: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

embasamento da residência feito em pedra localizado na parte de baixo das paredes externas. Com relação ao piso, tanto na fachada principal quanto nas duas laterais encontrava-se um elemento bastante presente na arquitetura paraense que são as pedras portuguesas, neste caso em tom escuro e também da pedra de lioz encontrada nos dois degraus abaixo do arco decorado com pedras e nas aberturas laterais da varanda no andar térreo (figuras 325 e 326). Na lateral direita (vista a partir da fachada frontal) encontra-se os mesmos elementos vistos na lateral anterior como o embasamento em pedra, o piso em pedra portuguesa, o canteiro de plantas - localizado apenas no limite do terreno, colado na edificação ao lado - e o detalhe da arandela posta acima da porta que leva à copa (figura 324).

Figuras 323, 324, 325 e 326: Detalhes das laterais esquerda e direita, do recuo frontal e dos materiais aplicados no piso e nos degraus localizados na fachada principal, respectivamente.



Fonte: Acervo Família Ribeiro Reis. 2009.

Outro detalhe perdido visto através das fotografias são os lustres localizados nos quartos e que foram retirados para a troca do forro e, posteriormente, para a colocação de novas luminárias. Estas diferenciavam-se em dois modelos sendo o dos quartos localizados na parte posterior da casa e o encontrado na parte frontal. Naqueles tínhamos o uso de um lustre ainda presente na residência, porém encontrado em outros ambientes como a área de circulação (dos dois pavimentos) e o banheiro social do segundo pavimento, composto de

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

peça única feita de vidro opaco pintado na cor branca (figuras 327, 328 e 329), cujo formato consiste em quatro circunferências na qual os raios vão aumentando a partir que esta vai se aproximando do forro. O outro lustre é composto por oito peças de vidro escuro que são presas a uma estrutura em ferro, sustentada por uma corrente que era fixada no antigo forro de amianto (figura 330).

Figuras 327, 328, 329 e 330: Detalhes do antigo forro em amianto e dos lustres localizados na circulação do andar superior, do quarto suíte e dos dois quartos da parte frontal, respectivamente.



Fonte: Acervo Família Ribeiro Reis. 2009.

Logo, após análises feitas sobre a Residência Ribeiros Reis e tendo como base as fotografias antigas, posteriores a reforma, e também auxiliado pelas entrevistas feitas com os atuais proprietários - Sr. Vicente Expedito Garcia Reis e a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis - pode-se realizar - através do programa de computação gráfica conhecido como SketchUp - uma provável visão da representação desta residência na época em que era pertencente a Família Costa Rodrigues (figuras 331, 332, 333, 334 e 335), na qual vê-se que dos elementos

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

característicos marcantes da arquitetura Neocolonial paraense apenas a textura das paredes externas e a pintura na cor branca foram retiradas.

Figuras 331, 332, 333, 334 e 335: Representação da provável forma da Residência Ribeiro Reis antes da reforma de 2009/2010.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

II FASE: Conhecendo a Residência Ribeiro Reis.

A residência Ribeiro Reis está localizada no bairro de Nazaré, na Passagem Joaquim Nabuco¹⁰⁴ – anteriormente chamada de *Passagem da Estação da Troca* (figura 336), pois no século XVIII e início do XIX, em Belém, havia o *bonde puxado a burro*, logo, este lugar era uma espécie de cocheira –, nº 103, datada, aproximadamente, da década de 40 do século XX, conforme documento existente no cartório de registros de imóveis¹⁰⁵, no qual consta como primeiro registro a data de 16 de Janeiro de 1952 e na afirmação dos atuais donos, que em entrevista – em 2013 –, informaram que esta edificação possui 65 anos.

Figura 336: Palacete Bibi Costa, na esquina da atual Passagem Joaquim Nabuco. Em detalhe no canto direito, uma parte da antiga estação do bonde.



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=660528>.

Erguida, provavelmente, no ano de 1948, esta sempre apresentou a função de residência unifamiliar, ou seja, como moradia particular, tendo a família Costa Rodrigues como seus primeiros proprietários - Frederico da Costa Rodrigues e a sua esposa Sr^a. Carmen de Vasconcelos Braga Rodrigues -, que após o falecimento do proprietário, passa a ser habitada por sua viúva, a filha Sr^a. Marly de Nazaré Braga Freire e o marido desta o Sr. Luiz Roberto Horácio Freire.

¹⁰⁴ A Passagem Joaquim Nabuco recebeu este nome para fazer homenagem a Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. Ilustre homem público na cidade do Rio de Janeiro, jornalista, defensor de ideias liberais, assim como na luta para o fim da escravidão, marcado pelo discurso realizado em 17 de maio de 1889, na câmara dos deputados, na qual este falou “a grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, mas a escravidão. A abolição trará a República e esta levará à ruptura da unidade nacional. Façamos então, a monarquia federativa” (O Liberal, 30 de Junho de 1993).

¹⁰⁵ Cartório de Registro de Imóveis - 2º Ofício, Belém - Pará. Matrícula 02-A, folha 02, Livro nº 2E-A. Documento fornecido pela proprietária atual.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

No ano de 2007, segundo consta no mesmo registro de imóveis, o Sr. Luiz Roberto Horácio Freire entra com requerimento para cancelamento de usufruto¹⁰⁶, após o falecimento de sua sogra, permanecendo o casal como habitantes da casa até 2009 quando Vicente Expedito Garcia Reis e Rúbia Ribeiro Reis adquirem a edificação, na qual serão outorgados como proprietários apenas no ano de 2010¹⁰⁷, sendo lavrado na escritura de registro de imóveis apenas em 13 de Abril de 2011.

Figura 337: Residência Ribeiro Reis.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2011.

Em 2009, quando os atuais donos já haviam começado com o processo de compra e venda, esta edificação ainda apresentava-se sem nenhum tipo de intervenção. Hoje (figura 337) ela possui algumas modificações externas, porém ainda permanecem alguns elementos como o arco decorado com pedras, assim como o próprio embasamento de pedras que ainda existe apenas na parte frontal da casa e no muro que divide o ambiente privado (terreno da residência) e o público (o passeio da rua) (figuras 338, 339 e 340).

¹⁰⁶ Segundo o Código Civil - Lei nº 10.406 de 10 de Janeiro de 2002 -, em seu **Art. 1.410**. O usufruto extingue-se, cancelando-se o registro no Cartório de Registro de Imóveis: **I - pela renúncia ou morte do usufrutuário**. Obtido no site: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10640188/artigo-1410-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002>. No dia 11 de Agosto de 2014.

¹⁰⁷ Escritura pública de compra e venda, datada de 17 de Março de 2010, lavrada às fls. 080, do Livro nº 591 do Cartório de Notas 2º Ofício desta cidade (Cartório Diniz).

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

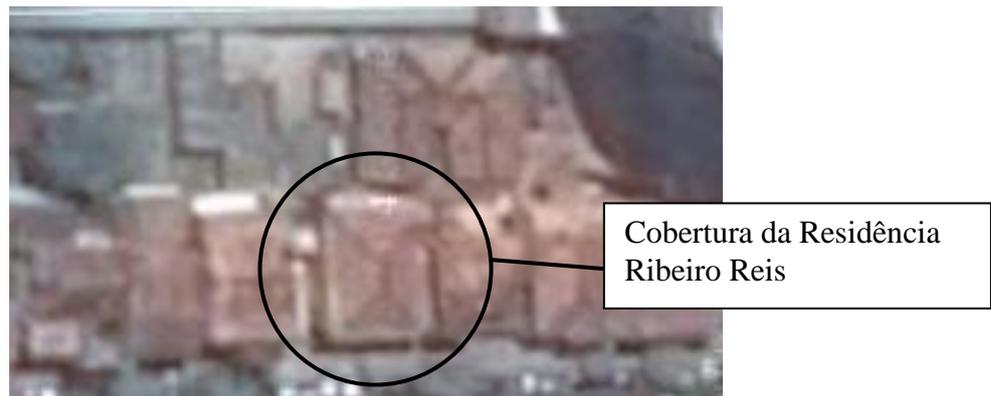
Figuras 338, 339 e 340: Detalhes do arco e do embasamento encontrado na fachada frontal da edificação e o muro da mesma.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

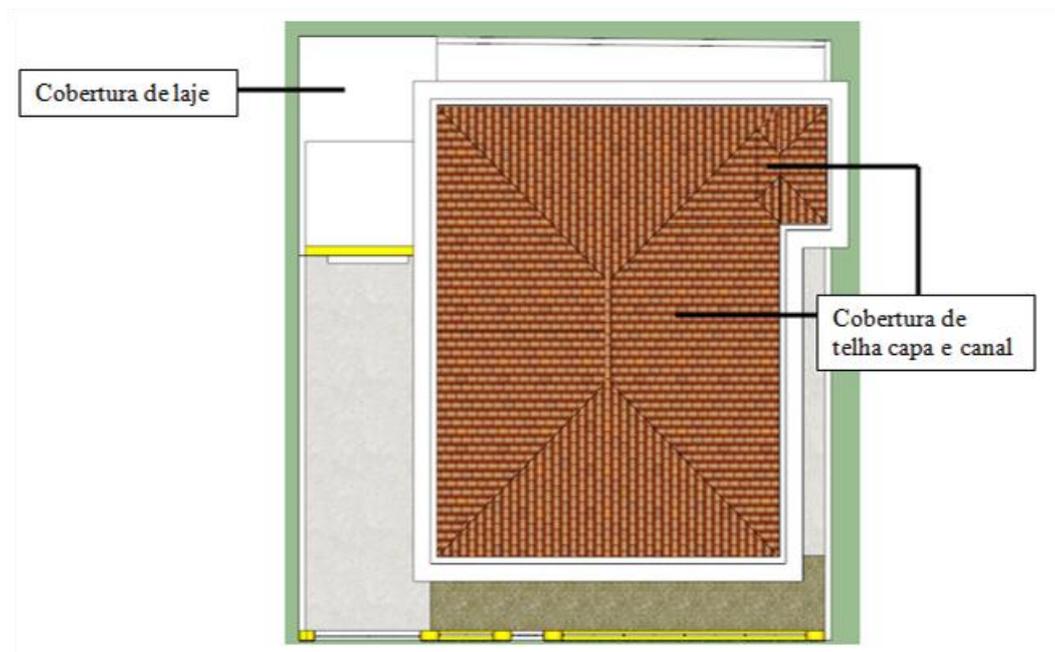
Nela (na edificação) encontra-se, também, duas coberturas: uma com telha de capa e canal de barro cozido, dividida em duas partes, sendo a maior de quatro águas e a localizada no lado direito da edificação, de quatro águas também (figuras 341 e 342); a outra é uma laje feita posteriormente à primeira construção, para transformar um dos cômodos em uma suíte. Nos finais da cobertura de capa e canal, ou seja, nos vértices, há a presença de um arremate muito comum e bastante presente na arquitetura Neocolonial que é o rabo de andorinha, também conhecido como *pomba* ou *pluma* (figura 343); e o beiral aparente que consiste em um dos elementos mais presentes nesta linguagem (figura 344) –, muito encontradas na arquitetura belenense.

Figura 341: Cobertura da Residência Ribeiro Reis.



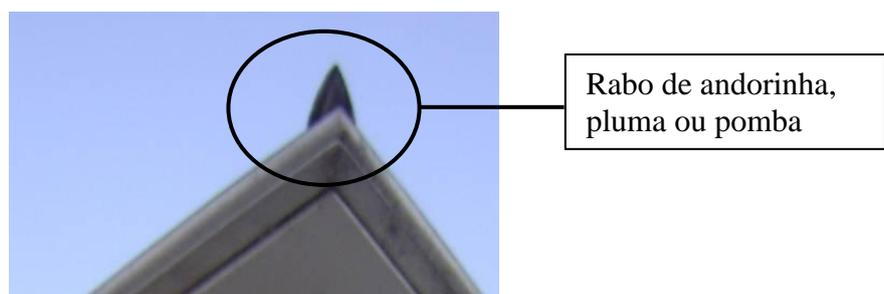
Fonte: <http://wikimapia.org/>.

Figura 342: Representação da Cobertura da Residência Ribeiro Reis.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 343 e 344: Detalhe do rabo de andorinha e do beiral, respectivamente, presentes na Residência Ribeiro Reis.



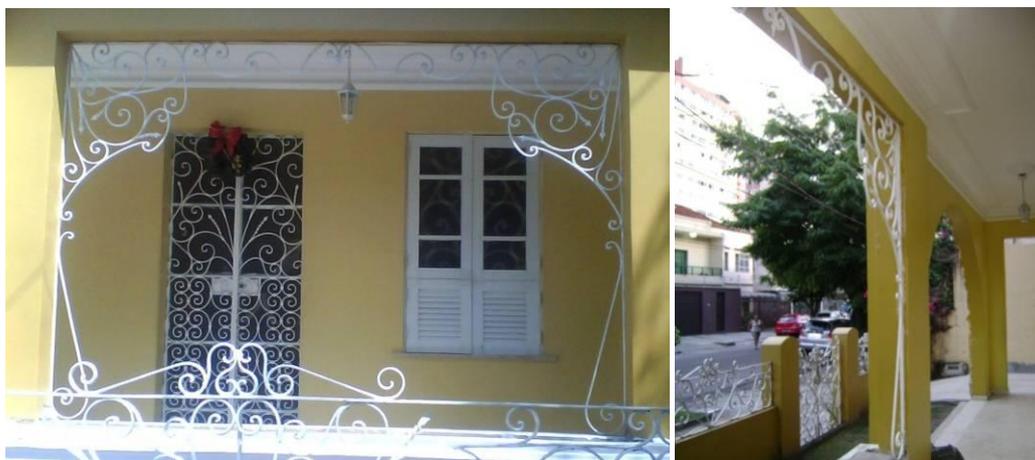
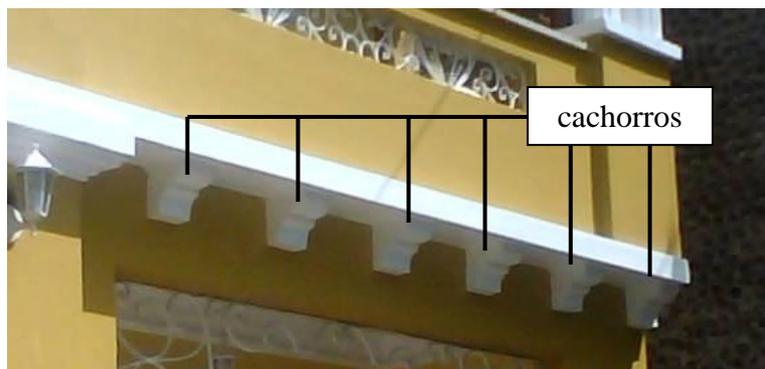
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Ressalta-se ainda a presença dos cachorros ou cachorrada (figura 345) que neste caso são utilizados apenas para fins decorativos na fachada frontal da edificação, localizados acima de um arco – que também está bastante ornado com presença de estruturas de ferro (figuras 346 e 347), pintado na cor ‘branca’, cujo desenho lembra o padrão do gradil, assim como das grades das janelas e portas – onde encontra-se um pequeno canteiro para flores. Estes cachorros são pequenos e diferentes do que é visto em outras linguagens, pois ele apresenta certas formas sinuosas, o que remete bastante ao período romântico do barroco português.

Figuras 345, 346 e 347: Detalhe dos cachorros e da estrutura em ferro localizados no arco acima da floreira, respectivamente.

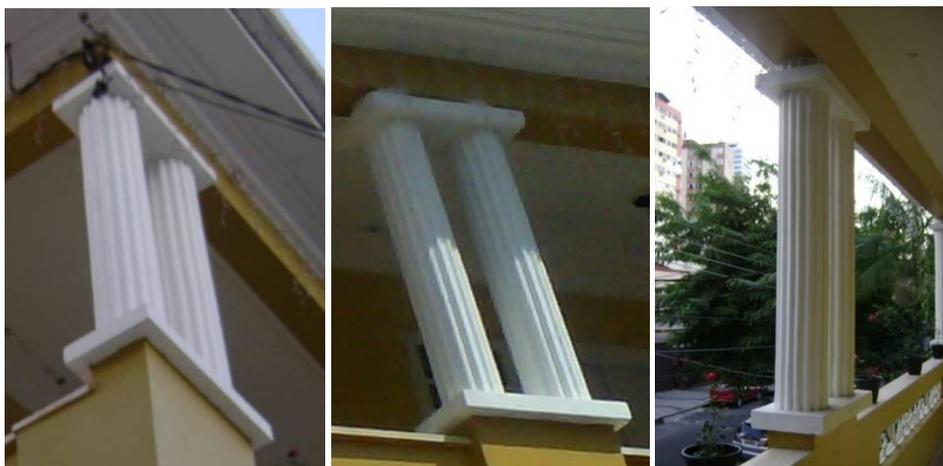


Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Outro elemento a destacar são as colunas (figuras 348, 349 e 350), trabalhadas em pares (no total de 3 pares, 6 colunas), que estão localizadas na varanda do andar superior. Estas são compostas por uma peça única (cada uma) que remete a um fuste com caneluras (sulcos), cuja base e capitel são substituídos por uma peça (cada uma) que serve para unir as colunas em par. Tal elemento decorativo, e por vezes estrutural, remete a ordem dórica¹⁰⁸ de colunas, muito presente na arquitetura Neocolonial paraense, sendo encontrada em outras residências do bairro de Nazaré, assim como, também, em outras áreas da cidade de Belém.

Figuras 348, 349 e 350: Detalhes das colunas localizadas na varanda do andar superior.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

As esquadrias (figuras 351, 352, 353, 354, 355 e 356), ainda presentes, assim como o gradil encontrado no muro na frente da casa – que foi desenhado pela antiga dona que era a mãe da Sr^a. Marly de Nazaré Braga Freire – ainda são da época da primeira família, marcando uma característica muito comum naquela época, na qual a família acabava produzindo determinados elementos que se tornavam únicos, apresentando certa individualidade para a sua moradia, o que é pouco visto na atualidade. Outro dado importante é o formato das mesmas, em especial as janelas que, praticamente, possuem a mesma proporção de altura e largura, excetuando os balancins.

A forma do edifício segue, também, um padrão muito presente em outras edificações não somente Neocoloniais, mas de outras linguagens, como algumas residências ecléticas, *Art Déco* e até algumas consideradas componentes da arquitetura moderna paraense. Seguindo um padrão de janelas compostas de madeira – podendo ser usada tanto em sua cor original

¹⁰⁸ Coluna Dórica: coluna pertencente à ordem dórica caracterizada pela simplicidade de sua forma. Não possui base, tem fuste canelado e capitel com vários filetes suportado por um ábaco quadrado. Obtido no livro ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

(como visto em alguns exemplares presentes no bairro de Nazaré) ou pintadas na cor branca, como é o caso dessa residência – e vidro, que nesta época (por volta da década de 40 do século XX) já era considerado um material bastante comum e muito útil.

Figuras 351, 352, 353, 354, 355 e 356: Detalhes das janelas das salas e porta principal, respectivamente, do pavimento térreo da Residência Ribeiro Reis.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Destaca-se, também, nesta composição a presença, constante, das venezianas que geralmente aparecem de três maneiras diferentes: podem vir na parte superior da janela, no meio, ou na parte inferior; em alguns casos ela também está presente na bandeira¹⁰⁹. No caso da Residência Ribeiro Reis, ela encontra-se na parte inferior e tanto no meio quanto na parte superior temos a colocação de vidro, que no caso é o vidro do tipo translúcido. Além disso, há a presença de uma grade que, também foi desenhada seguindo o mesmo molde do gradil

¹⁰⁹ Bandeira: Caixilho situado na parte superior de portas e janelas destinado a melhorar a iluminação e ventilação no interior da edificação. Em geral é envidraçada. Às vezes possui venezianas. Pode ser fixa ou móvel. Quando móvel, sua abertura é usualmente feita por meio de basculante manobrado através de alavanca. Tem também uma função decorativa, sendo muitas vezes ornamentada. Em antigas construções frequentemente possuía subdivisões formados por rendilhados ou torneados de madeira ou peças de ferro forjado. Foi muito utilizada nas construções brasileiras do século XIX até as primeiras décadas deste século, quando foi substituída por amplas esquadrias possibilitadas pelo emprego do concreto armado. É às vezes também chamada sobreporta. Fonte: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

localizado no muro a frente da casa, que no caso das janelas segue-se o mesmo número de folhas correspondentes, variando de duas a quatro. No caso das janelas de quatro folhas outro dado é levantado, pois as duas extremas, que são fixas, são em peça única, mas as duas do meio são subdivididas em duas partes (figura 356): a parte da veneziana e a do vidro. Já as janelas de duas folhas seguem o mesmo padrão das de quatro folhas, mas sem as extremas que são fixas.

No caso dos balancins (figuras 357, 358, 359 e 360), estes possuem estrutura em ferro pintado na cor branca e vidro translúcido – a única exceção é o que está localizado no banheiro do segundo pavimento que possui o mesmo padrão das demais janelas encontradas nos outros ambientes (de duas folhas, com veneziana e grade). Estão localizados nos banheiros, na cozinha e na parede próxima a escada (figura 361, 362 e 363). Destaca-se, contudo, outra esquadria ímpar desta casa que encontra-se, hoje, no quarto de um dos membros da família Ribeiro Reis (figuras 364 e 365). Esta, assim como as demais, é composta de madeira, pintada na cor branca, e vidro, porém este é transparente e a janela é do tipo pivotante¹¹⁰.

Figuras 357, 358, 359 e 360: Detalhes dos balancins dos banheiros do primeiro pavimento, da atual suíte, o social do segundo pavimento e da cozinha, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

¹¹⁰ Janela Pivotante: Janela formada por uma ou várias folhas, que se movimenta por giro em torno de eixo vertical não coincidente com as laterais das folhas. Permite graduar a ventilação e debruçamento no vão aberto. Fonte: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 361, 362 e 363: Detalhes do balancim próximo à escada, assim como da grade de proteção.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 364 e 365: Detalhes da janela do tipo pivotante encontrada em um dos cômodos.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

O portão de entrada (figuras 366 e 367), localizado do muro como já mencionado anteriormente, foi, juntamente com as grades das janelas, desenhado pela antiga dona desta residência que era a Sr^a. Carmen de Vasconcelos Braga Rodrigues. Ela não apenas o fez como também acabou aplicando nos detalhes, em ferro, encontrado nos guarda-corpos da varanda do andar superior e do pátio (figuras 368 e 369) – mesmo que hoje este não se encontre mais no lugar, devido o seu processo de oxidação –, assim como no próprio corrimão que é encontrado na escada que da passagem ao segundo pavimento. O desenho feito consiste em um padrão de forma simples, composta por uma voluta que é trabalhada como se fosse à pétala de uma flor – o que aumenta ainda mais o caráter romântico desta edificação e da bucolidade que era arrematada com a presença do pequeno jardim frontal.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 366, 367, 368 e 369: Detalhes do gradil encontrado no muro e do guarda corpo da varanda do andar superior e o vão onde ficava o detalhe em ferro no pátio, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Em relação ao piso externo desta edificação, atualmente as laterais foram bastante alteradas com a colocação de lajotas, porém a varanda no térreo ainda mantém o piso original em tom claro, composta de pequenas peças cerâmicas hexagonais (figuras 370, 371 e 372), que também são encontrados na varanda do andar superior e no pátio, marcando outro elemento bastante aplicado na época da década de 40 do século XX em Belém – podendo ser comprovado através das próprias residências existentes desse período na qual este elemento é muito presente. Outro ponto destacado é o do desnível feito pelos dois degraus encontrados na fachada principal da casa que são compostos por um material que é a pedra de lioz, bastante comum nas edificações de linguagem Neocolonial.

Destaca-se, também, o muro na parte posterior da residência (figuras 373 e 374) que além de ser baixo, possui uma composição artística mais voltada para a visão moderna, pois o trabalho neste aplicado consiste em usar pedaços de revestimento cerâmicos quebrados e aplicá-los compondo um mosaico abstrato cujas cores predominantes são o branco e o preto, com presença de verde, rosa, azul claro e o amarelo, demonstra que foi executado ou revestido entre os anos 50 e 60.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 370, 371 e 372: Piso da varanda do térreo, do superior e do pátio, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 373 e 374: Muro dos fundos da Residência Ribeiro Reis.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Dos elementos externos da atual Residência Ribeiro Reis ainda preservados, tem-se as luminárias que segundo entrevista feita com a proprietária, a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, ainda são as mesmas, desde quando se mudaram no ano de 2009. Estas seguem um padrão muito comum encontrado em outras edificações de mesma linguagem arquitetônica não somente dentro do bairro de Nazaré, mas em outras áreas da cidade, apresentando uma forma em

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

espécie de lamparina, que no caso desta edificação são encontradas nas varandas do térreo e do andar superior (figuras 375, 376, 377 e 378) – a do térreo ainda possui outro elemento decorativo que é o arremate geralmente feito em gesso e neste caso com desenhos de volutas que lembram pétalas e folhas –, assim como em formato de arandelas, sendo, hoje, uma localizada na lateral esquerda da casa próximo a uma porta construída em 2010 e outra localizada na fachada dos fundos acima da porta que da passagem da cozinha para o quintal.

Figuras 375, 376, 377 e 378: Luminárias encontradas nas varandas do andar térreo e superior e as arandelas localizadas na fachada frontal e lateral esquerda da edificação, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Internamente, a Residência Ribeiro Reis apresenta-se conservada. Em seus cômodos pode-se encontrar elementos como os pisos, por exemplo, divididos, basicamente, em quatro tipos de materiais: madeira (piso de taco), mármore (encontrado nos dois banheiros do andar superior), lajota (localizada no banheiro do primeiro pavimento) e as peças cerâmicas formadas por pequenas partes hexagonais (encontradas na cozinha e na copa). Em relação ao piso em madeira, há o uso de quatro espécies vegetais com variações na cor, na qual utiliza-se

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

principalmente o acapu e o pau amarelo, em uma composição de formas geométricas, caracterizando o piso em *parquet*, também conhecido como *piso de taco*, muito aplicado nas edificações, principalmente, do período do ecletismo - usados, nesta época, geralmente, em ambientes de caráter social como as antigas salas de visita, em sua maioria localizadas próximo a entrada principal das residências.

No caso desta edificação encontra-se o piso de madeira nos dois pavimentos, sendo no primeiro pavimento: localizado nos dois ambientes próximos a entrada principal, na área de circulação e no único quarto do andar térreo (figuras 379, 380 e 381). Naqueles ambientes e na área de circulação encontra-se o mesmo tipo de desenho no piso, compondo a figura geométrica do losango, onde há uma alternância dos tons de madeira seguindo pelo mais claro, o de cor avermelhado, o de nervuras mais destacadas, o de cor escura e finalizando com uma peça na cor mais clara. Este formato também pode remeter a uma espécie de representação da arte regionalista paraense conhecida como *arte marajoara*¹¹¹ (figuras 382, 383 e 384), pois nesta é comum vermos desenhos geométricos como forma marcante.

Figuras 379, 380 e 381: Detalhe do piso das salas de visitas e do corredor, no 1º pavimento.



¹¹¹ Arte Marajoara: A arte marajoara representa a produção artística, sobretudo em cerâmica, dos habitantes da Ilha de Marajó, no Pará, considerada a mais antiga arte cerâmica do Brasil e uma das mais antigas das Américas. As pesquisas realizadas pelos arqueólogos Betty Meggers (1921) e Clifford Evans (1920 - 1981), entre as décadas de 1940 e 1960, identificam distintas tradições cerâmicas amazônicas pelos tipos de decoração empregados. A hachurada, que remonta às primeiras ocupações da ilha, pelos ananatubas, ceramistas mais antigos da região (primeiro milênio A.C.); a borda-incisa, característica da região do Solimões; a inciso-ponteada, do baixo e médio Amazonas; a de Santarém, atribuída aos índios tapajós; e a policrômica, notável pela riqueza da decoração, complexidade de motivos, uso de cores (vermelha, branca e preta) e técnicas variadas, como modelagem, incisão e excisão. A essa tradição pertence a fase marajoara dos povos que se instalam na ilha, na região do lago Arari. Obtido do site: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=5353. No dia 11 de Agosto de 2014.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 382, 383 e 384: Prato com motivo decorativo geométrico em pintura vermelha sobre branco, tigela com motivo decorativo em preto sobre branco, alguidar com motivo decorativo pintado em vermelho sobre engobo branco, respectivamente.



Fonte: AMORIM, Lilian Bayma. 2010.

No único cômodo do pavimento térreo que funciona, atualmente, como quarto, também encontramos o *piso de taco* (figuras 385 e 386), porém formando outra composição mais simples, de quadrados com três peças cada, onde há uma predominância da madeira em tom mais escuro, localizada nos extremos de cada quadrado, e no centro temos uma alternância na cor entre os quatro tipos aplicados nesta edificação. Além disso, a segregação é, também, acentuada pela alternância da posição das peças na horizontal e na vertical.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 385 e 386: Detalhe do piso localizado em um dos cômodos do pavimento térreo que serve, atualmente, como quarto.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

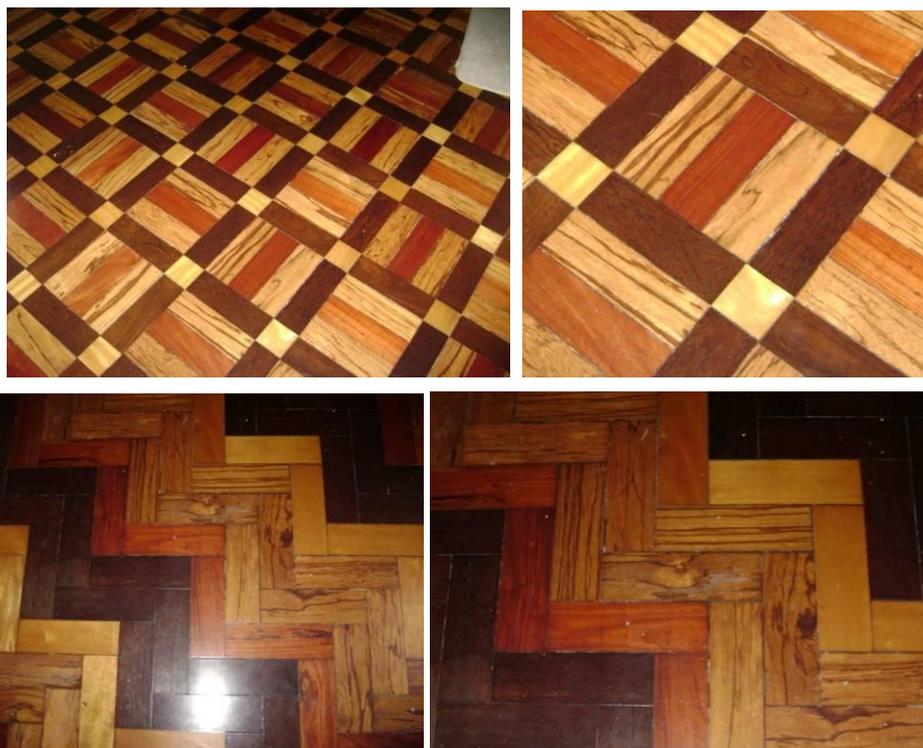
No segundo pavimento encontramos o mesmo tipo de piso na circulação, e nos quartos. Neste primeiro ambiente o princípio do desenho segue a forma de uma trama (figuras 387 e 388), cuja base consiste em um quadrado composto por três peças, sendo os extremos no mesmo tom de madeira (no caso a que possui as nervuras acentuadas) e a peça central em tom diferente (no caso a que possui a cor mais avermelhada). O quadrado é arrematado por uma moldura composta pelos pontos nodais, ou seja, os vértices, marcados pela madeira de tom mais claro e as peças de ligação dos mesmos no tom de madeira mais escuro. Acentua-se, também, que os quadrados apresentam uma alternância de posição, logo uns encontram-se na vertical e outros na horizontal; este modelo lembra outra característica regional paraense que são as tramas feitas de palha e geralmente são aplicadas na confecção de cestas e de outros utensílios indígenas, porém também pode ser vista na composição de determinados mobiliários como o espaldar e o assento de cadeiras, por exemplo.

Os quartos são subdivididos em dois desenhos para o piso de taco: os localizados na parte posterior da edificação apresentam um modelo e os presentes na parte frontal outro. Aqueles possuem um desenho simples onde as peças são posicionadas em uma espécie de escala enviesada (figuras 389 e 390), cujo ponto marcante consiste na variação dos tons de

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

madeira, sendo a base com o padrão apresentando os extremos com duas escalas em tom escuro, seguindo por uma escala no tom mais avermelhado, depois mais duas na madeira com nervuras acentuadas e outra no tom mais claro. Este desenho também pode ser visto em objetos como os vasos cerâmicos produzidos em na região e que seguem princípios da arte regionalista marajoara (figuras 391 e 392).

Figuras 387, 388, 389 e 390: Detalhe do piso localizado na circulação e nos quarto inferiores, do 2º pavimento, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 391 e 392: Urna funerária marajoara com incisões em vermelho sobre engobo branco e base sem decoração e vaso com incisões de vermelho sobre branco, respectivamente.

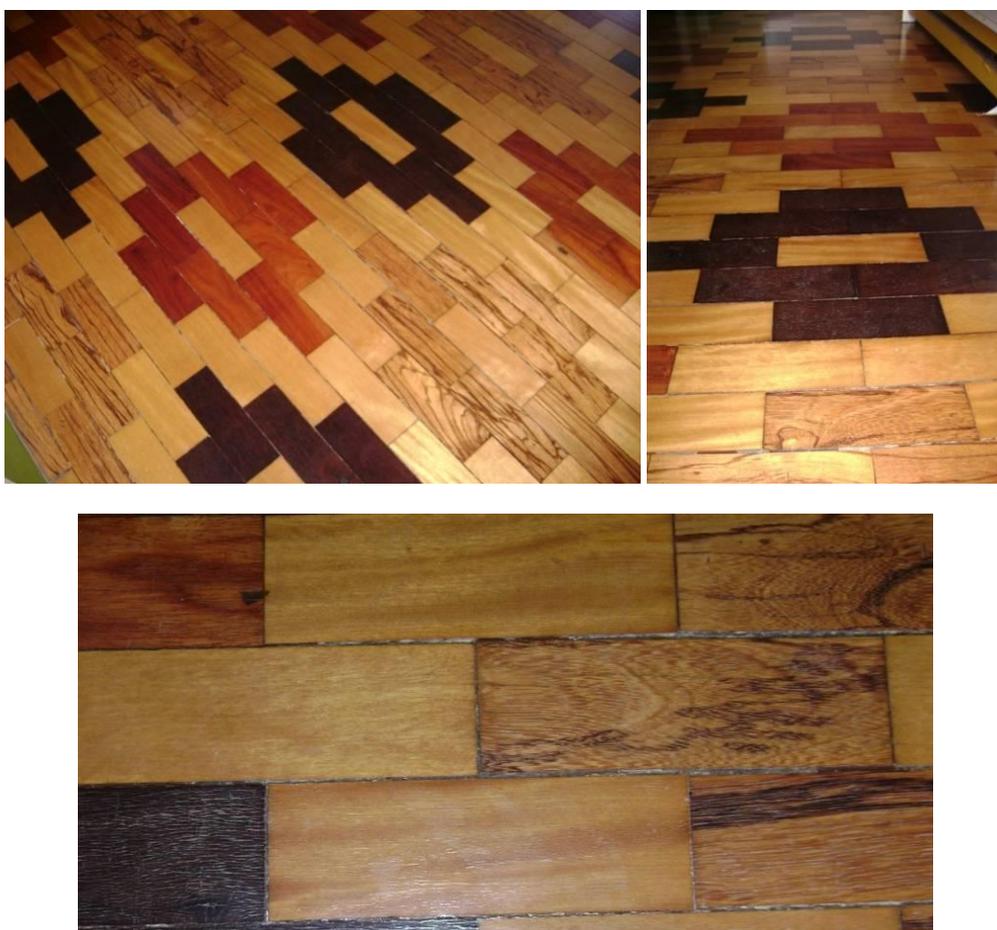


Fonte: Fonte: AMORIM, Lilian Bayma. 2010.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Nos quartos localizados na parte frontal da residência, encontra-se o mesmo princípio de desenho já visto em três ambientes do andar térreo, referentes à forma geométrica do losango (figuras 393, 394 e 395). Porém nestes quartos há outra forma de composição onde tem-se o fundo composto por peças de madeira no tom mais claro e alternando há a presença de pequenos losangos, na qual cada um é formado por oito peças de um único tom de madeira, sendo o centro do losango ocupado por uma peça no tom de madeira mais claro. Há, também, uma alternância de cor na forma geométrica, onde se vê a presença de um padrão na sequência das mesmas, na qual inicia-se pela madeira de cor mais avermelhada, seguido pelo de tom mais escuro e depois pelo de madeira com nervuras acentuadas.

Figuras 393, 394 e 395: Detalhe do piso localizado no quarto à frente, do segundo pavimento.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Outro piso presente é o que faz uso de peças de mármore branco, localizados nos dois banheiros (social e o da suíte) do andar superior (figuras 396, 397 e 398). Estas peças são de dois modelos, sendo o banheiro da suíte em formato retangular e o banheiro social em padrão quadrado. Ambas possuem o rodapé, também, em mármore branco. Contudo em

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

termos de revestimento na parede o banheiro da suíte apresenta-se o uso de lajota, até o teto, na cor verde, que também é aplicado no mobiliário do banheiro (figuras 399 e 400) – louça sanitária, o bidê e a pia –; já no banheiro social encontramos o uso de revestimento imitando azulejo cujo desenho consiste na representação de uma flor rosa (figura 401), com folhas verdes e ao redor uma moldura em dois tons de lilás. Este revestimento fica a 1,80 m de altura, sendo o restante da parede pintada em tom claro.

Figuras 396, 397 e 398: Detalhe do piso dos banheiros da suíte e social no segundo pavimento, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Atenta-se ainda para o mobiliário deste banheiro (louça sanitária, bidê e a pia), que segue a mesma cor vista nas rosas do revestimento da parede que imita azulejo (rosa) e os equipamentos (arandelas, barras para tolhas), que segundo a atual proprietária são pertencentes à primeira família (figuras 402, 403 e 404) – Costa Rodrigues –, apresentando detalhes florais e o material em ferro. No caso destes banheiros percebe-se que os materiais aplicados não condizem com a época de sua construção, pois o uso destes assim como o tipo de composição encontrado consiste em um padrão muito aplicado a partir dos anos 70 e 80, logo, provavelmente houve uma reforma ainda quando esta edificação era pertencente aos primeiros proprietários. Contudo há, também, a presença de dois armários embutidos, de madeira, sendo que em um deles, antigamente, havia uma conexão direta com o banheiro

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

social do primeiro pavimento para a passagem, provável, de roupas sujas, porém hoje um dos armários é utilizado para armazenar objetos, como sapatos, e o outro tornou-se inutilizado devido sua vedação.

Figuras 399, 400, 401, 402, 403 e 404: Detalhes da parede e dos mobiliários e equipamentos dos banheiros da suíte e social do segundo pavimento, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Dos pisos ainda preservados, o último está localizado em dois ambientes do primeiro pavimento, a cozinha e a copa. Neles encontra-se peças cerâmicas pequenas (figuras 405 e 406), de formato hexagonal, em dois tons: o azul claro e o branco; na qual vê-se uma composição a partir da representação de pequenas flores em azul claro com o fundo na cor branca. Embora simplista este, transmite uma relação bastante presente nesta época, onde ambientes cuja função é de serviço não eram muito destacados, logo, na maioria das residências, procurava-se desenvolvê-los de forma que passassem despercebidos, seja a partir do uso de paredes e portas para impedir a visão dos mesmos ou fossem segregados dos demais cômodos da casa, através da aplicação de materiais diferentes.

Na Residência Ribeiro Reis há os dois procedimentos, tanto no uso de parede e porta, quanto na aplicação de materiais diferenciados, para segregar a cozinha e a copa. Destaca-se também que mesmo com a presença desta busca pela não visão ou o não percebimento desses dois ambientes, há entre eles uma preocupação para com a composição das cores, presentes no piso (azul claro e branco), na parede (figura 407) – que é coberta do chão ao teto por uma lajota cuja cor se assemelha ao azul claro visto nas flores do piso – e no próprio mobiliário (figuras 408 e 409) – que também segue o mesmo tom de cor azul claro e do branco visto na parede e no piso –, a fim de harmonizar os ambientes.

Figuras 405, 406, 407, 408 e 409: Detalhes do piso, da parede e dos mobiliários da cozinha e da copa, localizados no primeiro pavimento, respectivamente.



4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Outro detalhe que também chama a atenção são as portas – excetuando a do banheiro social do primeiro pavimento e a existente em uma das salas, do mesmo pavimento anterior, por terem sido colocadas atualmente – com presença de três almofadas¹¹² no centro e pintadas na cor de madeira e algumas na cor branca. Nos ambientes como a copa, a cozinha e o pátio superior (figuras 410, 411 e 412), encontra-se as portas pintadas na cor marrom, imitando a cor da madeira, sendo na copa uma porta de duas folhas, na cozinha outra do tipo sanfonada que leva para a área de serviço e a do pátio, de duas folhas, pintada, atualmente, internamente na cor branca e para fora na cor marrom. Nos quartos, no banheiro social do andar superior e nos guarda-roupas embutidos¹¹³ dos dois quartos, já encontra-se as portas pintadas na cor branca (figuras 413 e 414), todas de uma folha, com exceção das portas que levam para a varanda do segundo pavimento que é de quatro folhas e dos guarda-roupas que são de duas folhas (figuras 415, 416 e 417) – atenta-se, também, para o processo de ventilação destes através da presença de uma abertura feita na parede para a circulação do ar.

¹¹² Almofada: 1. Superfície saliente, reentrante ou emoldurada em destaque no paramento de um elemento de maior extensão. Usualmente encontra-se em portas, janelas, lambris, forros e guarda-corpos. Muitas vezes é feita de madeira e tem forma de pirâmide ou tronco de pirâmide. Pode ser decorada internamente com ornatos. O elemento que possui almofadas é chamado de almofadado. 2. Nos intradorsos das cúpulas, face aparente da aduela. Fonte: ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.

¹¹³ Estes guarda-roupas embutidos são originais da edificação.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 410, 411, 412, 413 e 414: Detalhes das portas da copa, cozinha, pátio superior e dos quartos, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figuras 415, 416 e 417: Detalhes da porta dos guarda-roupas embutidos e do processo de ventilação interno do mesmo visto pelo lado de dentro e por fora, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Nesta casa tem-se ainda preservado internamente outro elemento, não apenas decorativo, que são os lustres. Estes, encontrados em quase todos os ambientes - excetuando os quartos (do térreo e do andar superior), o banheiro social do primeiro pavimento (já modificado), a copa e a cozinha - apresentam-se de forma diversificada com materiais como o cristal, porcelana, vidro e estrutura metálica. Os mais decorados estão localizados nos ambientes considerados de caráter social, ou seja, as salas de visita e a área de circulação do primeiro pavimento, que possuem as luminárias em cristal com estrutura em ferro.

Contudo cada cômodo apresenta um formato diferenciado, logo ao adentrar a residência tem-se na primeira sala, um lustre composto de cinco peças (figura 418), cuja cada uma forma-se a estrutura de uma flor - como se fosse uma tulipa - com caule, as folhas - em peça única - e a flor onde fica localizada a lâmpada. Além disso, ela possui uma peça central, onde uma das pontas sustenta aquelas cinco peças e a outra é presa a uma estrutura em gesso - cujo desenho remete a representação de uma flor com volutas -, fixa ao forro, por onde passará a fiação. Atenta-se, também para a presença de seis gotas de cristal fixadas nas peças com formato de folha, que auxiliam a marcar a beleza e a delicadeza desta luminária.

No ambiente ao lado há outro lustre, também, em cristal com estrutura em ferro cuja forma é muito semelhante à anterior (figura 419), pois ela apresenta a mesma estrutura de peças soltas compondo uma flor - lembrando uma tulipa - em caule, folhas e pétalas, porém esta é composta de seis peças e todas são em cristal, com presença das seis gotas de cristal presas nas folhas de cada flor. O diferencial está na sustentação dessas seis peças, pois esta é composta de três partes, de formatos diferentes, em cristal, onde as partes que formam o caule são presas em uma peça de formato ovalar, enquanto as outras duas sustentam seis cordões feitos com bolas de cristal que se uni a cada flor. O arremate é feito por uma peça metálica, lembrando uma corrente, que é presa a uma estrutura em gesso, cujo desenho lembra uma flor com volutas, fixada no forro por onde é transmitida a fiação elétrica.

O último ambiente do primeiro pavimento onde há luminárias preservadas é a área de circulação. Nesta encontra-se duas de formatos diferentes, sendo uma em cristal dividida em quatro partes (figura 420), com duas pequenas peças localizadas nos extremos, de formatos diferentes, onde uma possui o formato de uma flor aberta tendo no centro uma gota de cristal e a outra é mais alongada tendo o desenho de uma taça. No centro há, também, duas peças onde a localizada na parte superior é em peça única com formato lembrando uma cuia e a outra consiste em vários fios, totalizando trinta, formados com cinco ou seis peças

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

hexagonais, de tamanhos diferentes, que são presas entre aquela e a outra peça em formato de flor aberta.

O arremate deste lustre é feito em ferro, no formato de corrente, que se prende a outra peça em cristal para depois ser fixada a uma estrutura de gesso, que possui o mesmo desenho encontrado na luminária anterior, presa ao forro. A outra luminária da área de circulação tem como material o vidro opaco pintado na cor branca (figura 421), de formato simples com a presença de quatro circunferências, de raios diferentes, que vão aumentando à medida que chegam ao forro. Sua sustentação é em ferro arrematada por uma peça em meia circunferência presa a uma estrutura de gesso, cujo desenho é o mesmo visto na luminária anterior, fixada no forro por onde é transmitida a fiação.

Figuras 418, 419, 420 e 421: Luminárias localizadas na área de circulação e nas salas do primeiro pavimento, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

No segundo pavimento encontra-se lustres em três ambientes, sendo a área de circulação, o banheiro social e a varanda. Naquele temos dois modelos: um apresenta uma configuração semelhante às encontradas nas salas do primeiro pavimento (figura 422), com a presença de cinco peças soltas no formato da estrutura de uma flor - como se fosse uma rosa - com caule - com detalhes de nervuras e volutas -, as folhas - representadas por uma peça com detalhes em relevo de nervuras, localizada a baixo da flor - e a flor em porcelana fosca onde fica a lâmpada. A peça de sustentação central possui um formato simples, dividido em três partes, na qual a primeira peça fixa aquelas cinco peças soltas, a do meio que funciona apenas como detalhe decorativo e a última, formada por correntes e arrematada por uma peça em formato de flor aberta. Todas as partes desta luminária, com exceção da flor, em porcelana fosca, são em ferro pintadas na cor de ouro velho.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

O outro modelo da área de circulação já foi explicado anteriormente, pois é semelhante ao lustre de vidro opaco pintado na cor branca encontrado na área de circulação do primeiro pavimento (figura 423) - atenta-se, também, para o forro que no período da família Costa Rodrigues era de amianto, porém com o passar do tempo este acabou apresentando problemas e foi retirado – atenta-se, também, que este forro não é condizente com o período de construção desta residência, pois este material só passará a ser aplicado nas edificações a partir dos anos 70, o que confirma, de maneira mais contundente, a provável realização de reforma nesta casa –, contudo ainda existe um pequeno pedaço que pode ser visto na área de circulação do segundo pavimento. No banheiro social temos o mesmo modelo de luminária falado anteriormente (figura 424), porém a diferença está no detalhe do forro, em gesso, ao redor desta, onde foi feita uma circunferência com o intuito de relacionar-se com a mesma.

O último ambiente onde há lustres é a varanda do andar superior, onde há duas, de mesmo modelo (figura 425), possuindo o desenho no formato de uma lamparina, como visto na varanda do térreo. Esta luminária é composta de ferro, em tom escuro, aplicado nos detalhes - com formato de pequenos arcos de flores tendo em cada ponta a presença de um pequeno cacho de flores - e também nas peças de sustentação da parte central da luminária feita de vidro fosco composto por pequenos pedaços de trapézios unidos pelos seus lados em comum. Atenta-se para o dado da sustentação da luminária ser feita em ferro no formato de uma corrente e de não haver nenhum detalhe decorativo, em gesso, no forro para destacar esta luminária.

Figuras 422, 423, 424 e 425: Luminárias localizadas na área de circulação, no banheiro social e na varanda do segundo pavimento, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Esta residência ainda possui dois outros elementos também considerados não somente da época de 1940, mas importantes para a história desta casa, que são os objetos deixados pela primeira família e a escada. Os primeiros consistem em dois consoles e dois espelhos (figuras 426 e 427), desenhados pela primeira dona desta residência que foi a Sr^a. Carmen de Vasconcelos Braga Rodrigues, que ficavam localizados, originalmente, em uma das paredes da primeira sala, logo na entrada principal e que posteriormente foram posicionados nos lugares que agora ocupam - uma parede da segunda sala de visitas e outra na parede da área de circulação do primeiro pavimento.

O outro elemento, que é a escada (figura 428 e 429), está localizado em um espaço que fica entre a primeira sala de visitas e a área de circulação do térreo. Esta organiza-se em formato helicoidal cuja base é de concreto e tanto o piso quanto o espelho da escada são de mármore branco - o mesmo encontrado nos banheiros do andar superior. Atenta-se ainda para os detalhes do guarda-corpo, em ferro pintado na cor branca, com a presença de peças que possuem o mesmo padrão e que também foram desenhados pela primeira proprietária desta casa, assim como as grades das janelas e das portas e o gradil do muro frontal.

Figuras 426, 427, 428 e 429: Detalhes dos consoles e dos espelhos e da escada, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

No que consiste a sua implantação, a Residência Ribeiro Reis segue um padrão bastante aplicado em Belém no período da arquitetura eclética, na qual vê-se - não somente através das próprias regras impostas durante e após o período de Antônio Lemos, mas também no próprio processo da transformação da moradia e da estética belenense - a edificação procurando ser solta no terreno. Neste caso percebe-se a presença de todos os recuos (laterais, frontal e dos fundos), mesmo que haja, ainda, uma pequena parte da residência colada no terreno. Todavia é perceptível esta busca de adaptar-se aos novos ditames que buscava trazer melhores condições vida para as pessoas, a partir, principalmente,

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

do maior uso de aberturas como as esquadrias, para melhorar, essencialmente, as questões de higiene através do melhoramento da circulação do ar e também da iluminação que passava a adentrar nas casas.

Após estas análises e tendo como base as fotografias e as entrevistas feitas com os atuais proprietários - Sr. Vicente Expedito Garcia Reis e a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis – realizou-se - através do programa de computação gráfica conhecido como SketchUp – o modelo arquitetônico representando esta residência na atualidade (figuras 430, 431, 432, 433 e 434), na qual vê-se que dos elementos característicos marcantes da arquitetura Neocolonial manteve-se a volumetria, assim como alguns elementos estético-funcionais, porém houve a perda de outros a exemplo textura das paredes externas e da pintura alterada para o a cor amarelo canário.

Figuras 430, 431, 432, 433 e 434: Representação atual da Residência Ribeiro Reis.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

2º Momento:

I FASE: de 1940 até a década de 70.

Através de dados que foram coletados a partir das entrevistas realizadas com os atuais proprietários – Sr. Vicente Expedito Garcia Reis e a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis – dessa edificação e também com as informações obtidas na escritura desta propriedade – fornecidas pelos atuais proprietários –, pode-se atentar para determinados pontos considerados importantes a fim de melhor entender o processo de transformação que esta residência passou e provavelmente poderá vir a passar. Dessa forma sabe-se, a partir de dados já confirmados anteriormente, que esta edificação é datada, provavelmente, da década de 40 do século XX, e que em relação a sua estrutura, tanto na questão de sustentação quanto no caso da setorização/organização dos espaços, ela ainda permanece preservada, ou seja, o seu partido arquitetônico, seja externo ou interno, permanece o mesmo.

Ainda encontra-se nesta, elementos dessa época de sua provável construção: como o piso de taco, em determinados ambientes internos; a pastilha cerâmica de formato hexagonal aplicada internamente no piso da cozinha e da copa e externamente no pátio e nas varandas do térreo e do segundo pavimento; os lustres encontrados tanto na área externa quanto nos cômodos internos; o gradil, assim como os detalhes em ferro nos guarda-corpos das varandas e do pátio e as grades das esquadrias; e os detalhes decorativos/arquitetônicos como os cachorros, os rabos de andorinha, as colunas, o arco e outros. Portanto estes elementos, tanto os decorativos quanto os materiais, além de serem uma comprovação, ainda presente, do período inicial desta edificação, são, também, uma confirmação de que a linguagem arquitetônica não consiste em um falso histórico e que esta foi projetada para ser uma edificação Neocolonial e não uma adaptação estilística.

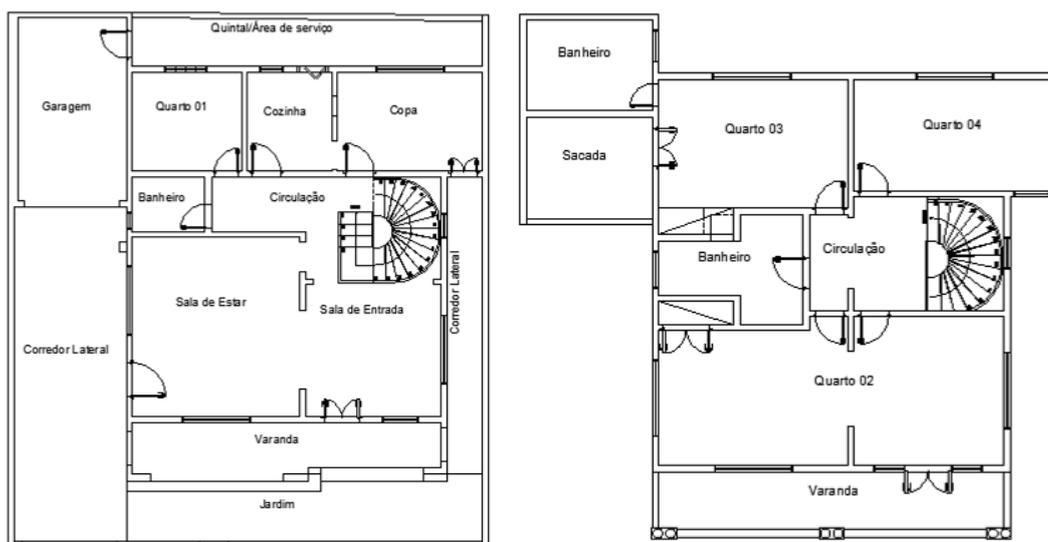
Consta-se também que na década de 40, já havia, em Belém, edificações cujo sistema de sustentação era em alvenaria de tijolo, exemplo dessas é a própria Residência Ribeiro Reis - assim como outras edificações que apresentam o Neocolonial como linguagem arquitetônica e que podem ser localizadas no bairro de Nazaré e em outras áreas da cidade de Belém -, que possui paredes com espessura de 15 cm, com aplicação de chapisco e reboco para posteriormente ser aplicada a pintura.

A casa é estruturada a partir de uma trama cujas linhas são compostas pelas paredes (figuras 435 e 436), internas e externas, e pela presença de três pilares internos (figura 437). Sua cobertura em telha de capa e canal apresenta uma estruturação toda em madeira com duas

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

tesouras, seguindo um padrão muito utilizado na cidade que consiste em quatro águas, uma para cada lado, tendo o encontro marcado por uma cumeeira, onde a cobertura é sustentada principalmente pelas paredes externas, mas, também, por uma parede localizada abaixo da cumeeira (figuras 438, 439 e 440).

Figuras 435 e 436: Planta baixa do térreo e segundo pavimento da Residência Ribeiro Reis, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figura 437: Marcação das paredes de sustentação com aplicação de tijolo em singelo.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 438, 439 e 440: Detalhe da parede com tijolo em singelo, chapisco e reboco aparente e a cobertura de telha capa e canal, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

II FASE: da década de 70 até 2009.

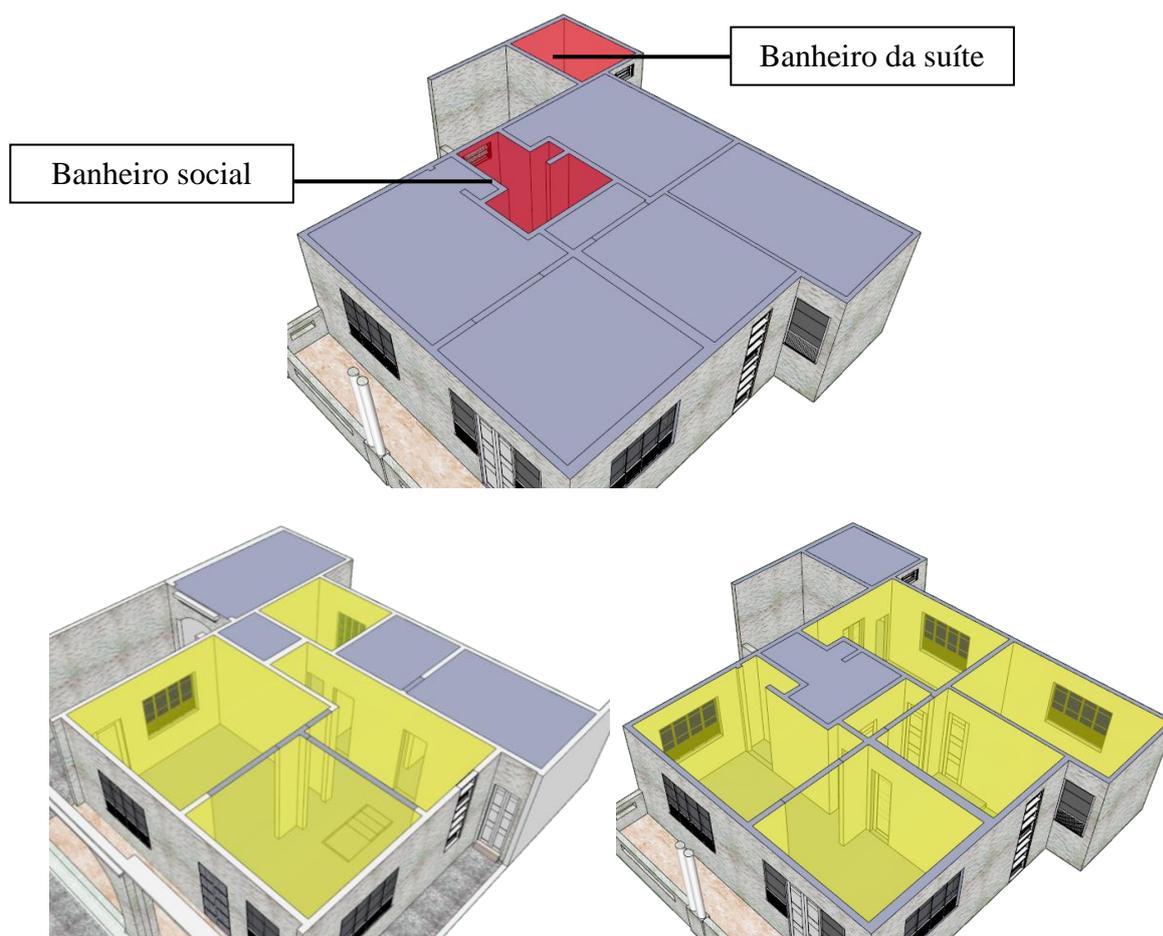
A partir de dados obtidos, principalmente, através de materiais encontrados no interior desta habitação, pode-se supor que a mesma tenha passado por um processo de reforma em determinados ambientes no decorrer das décadas de 70 e 80. Isto se faz pertinente, pois em cômodos como os dois banheiros do andar superior e o forro que havia ainda no ano de 2009, quando a casa foi comprada pelos atuais proprietários, são compostos por materiais que passaram e foram bastante utilizados nas edificações dessa cidade a partir das décadas acima referidas.

Com isso, portanto, fica claro a presença desta intervenção para a mudança de material, composto, basicamente, por três, sendo o piso dos dois banheiros em mármore branco; o revestimento da parede em lajota, onde no banheiro da suíte temos a predominância

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

da cor verde e no banheiro social a aplicação deste imitando azulejos antigos (figura 441); e o forro dos demais cômodos em amianto (figuras 442 e 443). Logo percebe-se que os únicos ambientes que não passaram por intervenções foram a cozinha e a copa localizados no térreo desta edificação.

Figuras 441, 442 e 443: Localização dos ambientes do primeiro e segundo pavimento onde havia forro de amianto e a posição dos banheiros do andar superior, respectivamente.



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Ressalta-se, também, outro elemento de confirmação desta intervenção que é a estética aplicada nos banheiros, por exemplo, onde encontra-se louças sanitárias cuja cor procura assemelhar-se as cores encontradas nos demais equipamentos e materiais dos banheiros como o revestimento, o piso e outros. Este padrão é bastante característico da década de 70 do século XX e era muito encontrado em catálogos e revistas da época como as revistas *Casa Cláudia* e *Casa e Decoração* (figuras 444 e 445), que as vendiam, angariando a este material uma visão mais modernizante como no título “o Design Chegou ao Banheiro” da

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Revista Figurino Casa e Decoração, na qual via-se “a longa tradição europeia da indústria de cerâmica, de grande fama em todo o mundo, as louças higiênico-sanitárias da LOGASA, projetadas por estilistas italianos, se destacam pela beleza da forma e bom gosto das cores” (REVISTA FIGURINO CASA E DECORAÇÃO, Set./73, p. 83).

Agora, engenheiros, arquitetos, decoradores e demais profissionais ligados à construção têm a sua disposição em nosso mercado um produto de nível internacional. As maiores lojas e casas de material de construção de todo o país já expõem os produtos LOGASA e o público vê, reagindo favoravelmente, não só pela beleza, como pela funcionalidade. Essa preferência se deve ainda pelas condições sanitárias do produto. A LOGASA adquiriu na Itália o “Know-how” para a produção do “vitreous-china”, processo ainda inédito no Brasil, que confere às louças higiênico-sanitárias características extraordinárias de resistência a choques, ácidos, detergentes, manchas, água quente e materiais abrasivos, sem nenhuma alteração no seu brilho e sem apresentar sinais de rachaduras e gretamentos. Tornando-as, ainda absolutamente impermeáveis, impossibilitando a formação de focos de germes. (...). As louças Logasa, serão, em breve, exportadas para a Europa, os Estados Unidos e União Soviética (REVISTA FIGURINO CASA E DECORAÇÃO, Set./73, p. 83).

Figuras 444 e 445: Imagens de Louças Higiênico-sanitárias da marca LOGASA.



Fonte: REVISTA FIGURINO CASA E DECORAÇÃO, Set./73, p. 83.

Embora o texto se refira a uma marca específica, pode-se perceber que a ideia não se restringe apenas a mesma, mas transpassa para várias outras marcas da época e acaba tornando-se um modelo estético que será aplicado em várias regiões do Brasil, como em Belém, podendo ser encontrado nas antigas edificações, a exemplo da Residência Ribeiro Reis, sejam elas unifamiliares ou multifamiliares. O mesmo pode ser visto em relação aos outros materiais como os revestimentos em azulejo, considerado elemento de sofisticação e primazia, presente em algumas propagandas de revistas como na figura 446, cujo título é “Vá em frente. Pise um pouco em arte original”, tendo como texto:

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Italiano. Francês. Português. Americano. Mexicana. Arte do mundo é os pés. Porque as nossas telhas vêm de toda parte. Em todas as cores e padrão que você pode imaginar. Nós podemos fazer o seu próximo trabalho olhar antigo, selvagem, conservador ou exótico. Você decide. (...). No caso de você não estiver familiarizado com a gente, você pode querer visitar alguns dos lugares onde estamos muito bem conhecidos. Como Inverrary, Howard Johnson, Torres de Key Biscayne, Benihani de Tóquio restaurantes, o Instituto do Coração Miami, First Federal Savings e Empréstimo. Para nomear alguns. (...). Em nossa própria maneira tranqüila, temos tido alguns trabalhos muito grandes (para não mencionar algumas das melhores casas particulares de Palm Beach para Gables Estates). Algumas pessoas dizem que é porque os nossos azulejos são a melhor escolha. Mas nós gostaríamos de pensar que o nosso sucesso se deve principalmente à nossa crença em dar bem, serviço honesto. É uma arte com a gente. E sempre será (FLORIDA ARCHITECTURE, s/n, p. 68).

Figura 446: Imagem dos azulejos da *Forms e Surfaces*.



Fonte: FLORIDA ARCHITECTURE, s/n, p. 68.

III FASE: de 2009 até 2014.

Entre os anos de 2009 e 2010 esta residência passa por mais uma intervenção, na qual, internamente, são retirados alguns dos materiais aplicados na primeira reforma, como o forro de amianto e outros elementos como os lustres que ficavam localizados nos quatro quartos do pavimento superior. Aqueles são substituídos por um novo forro de gesso, já estes deram lugar a outros mais modernos. Externamente houve intervenções bastante significativas, pois ocorreu a retirada da textura chapiscada em todas as paredes externas; a perda de algumas arandelas que ficavam posicionadas próximas ao arco, na fachada frontal; a vedação de uma porta e de uma janela, que ficavam localizadas na parede da lateral esquerda da edificação, para a construção de uma única porta com quatro folhas.

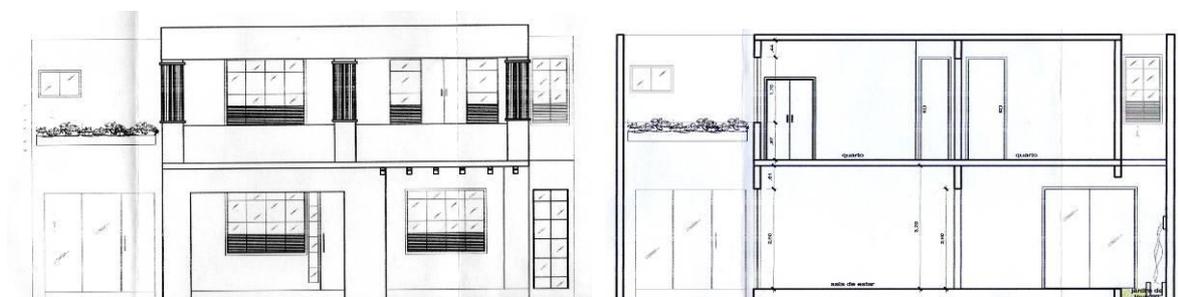
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Houve, também, a perda de todo o piso externo, tanto nas laterais quanto na fachada principal, substituídos por lajota; e a aplicação de uma nova cor nas paredes externas, agora alisadas, que foi o amarelo canário. Internamente, destaca-se, ainda, a perda de duas portas, sendo uma para a copa e outra para a cozinha; a transformação completa do banheiro social do andar térreo - onde foram aplicados materiais mais contemporâneos como box de vidro -; e a construção de uma área para a função de serviço (lavar roupa), na qual foi deslocada, para dentro da edificação, cerca de sessenta centímetros (60 cm) de uma parede localizada na parte posterior da residência. Atenta-se ainda para a perda de toda a arborização (os pequenos jardins localizados nas laterais e na fachada frontal) que servia para embelezar e completar a residência, assim como as características de sua linguagem arquitetônica Neocolonial.

IV FASE: uma provável intenção de modificação.

No ano de 2013, durante a entrevista com a atual proprietária, a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis houve um momento em que a mesma começou a falar sobre prováveis intervenções, apresentando um projeto do mesmo (figuras 447, 448, 449, 450, 451 e 452). Dentre essas ela destaca algumas: para o andar térreo ter-se-ia a retirada de uma das paredes de sustentação, já prevendo as exigências da questão estrutural, localizada entre o corredor do primeiro pavimento e os ambientes da cozinha e da copa, assim como a retirada da parede que divide estes dois ambientes referidos anteriormente; já no andar superior, haveria a perda do pátio para a construção de um novo ambiente, que no caso seria um quarto, sendo que para isto há a necessidade de diminuir um dos cômodos para a criação de uma nova circulação a fim de que o antigo pátio possua uma ligação para com o corredor do segundo pavimento.

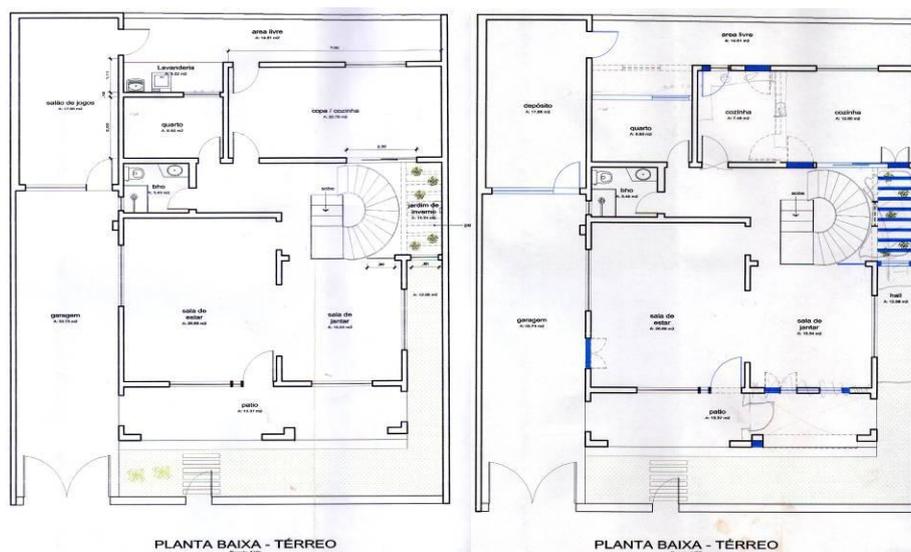
Figuras 447 e 448: Elevação frontal e o Corte AA do projeto apresentado pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.



Fonte: Documento fornecido pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis. 2013.

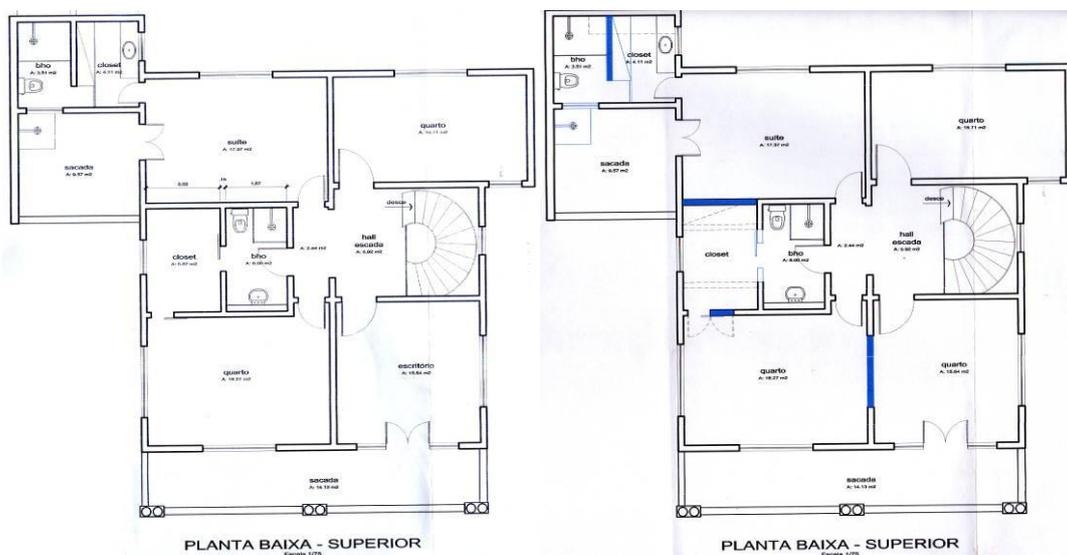
4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

Figuras 449 e 450: Planta baixa do pavimento térreo com o projeto definitivo e a representação do à construir e à demolir do projeto apresentado pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.



Fonte: Documento fornecido pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis. 2013.

Figuras 451 e 452: Planta baixa do pavimento superior com o projeto definitivo e a representação do à construir e à demolir do projeto apresentado pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, respectivamente.



Fonte: Documento fornecido pela Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis. 2013.

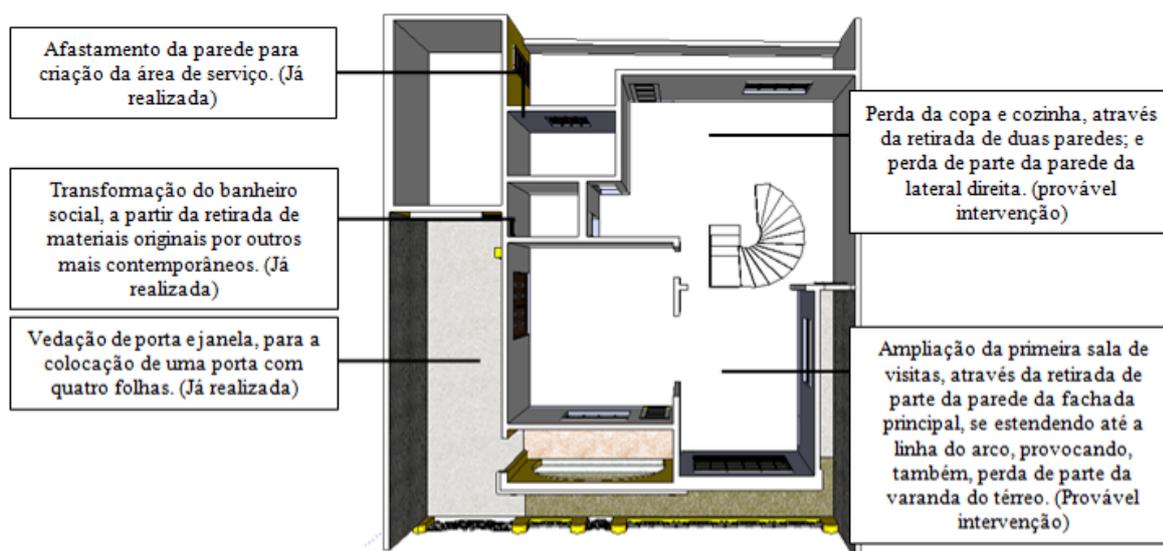
Essas alterações, caso sejam postas em prática, provocaram outra intervenção, pois com a diminuição de um dos quartos, acima mencionada, a proprietária prevê a divisão do banheiro da suíte em dois ambientes, sendo um o banheiro mais compacto e o outro um closet. Foi mencionada, também, outra intenção que é a diminuição do banheiro social do segundo pavimento para a construção, em parte dele, de outro closet (figuras 451 e 452); por

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

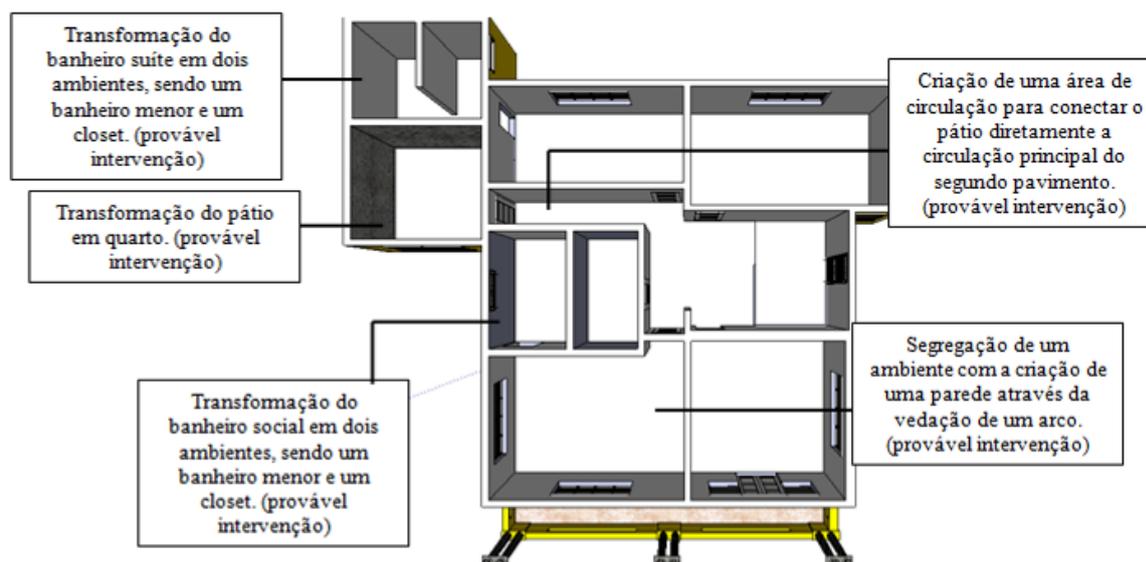
fim ela também pretende vedar o arco que atualmente existe entre dois ambientes localizados no segundo pavimento na parte frontal da edificação.

Com estes dados elaborou-se dois esquemas (figuras 453 e 454) no qual mostra-se as intenções e as alterações comentadas pela proprietária como a perda de parte da parede da lateral direita, justamente onde fica localizado um balancim de grande altura que serve não somente para arejar o ambiente interno, mas também para trazer iluminação natural a área da escada (figuras 449 e 450), a fim de criar, neste novo espaço, uma espécie de pequeno jardim; e a ampliação de uma das atuais salas de visita, através da quebra de uma das paredes, onde fica localizada a atual porta entrada principal, provocando, também, a perda de parte da varanda do andar térreo, na fachada frontal, projetando-se até o arco onde encontra-se uma floreira.

Figuras 453 e 454: Representação do primeiro e segundo pavimentos, respectivamente, onde se mostra as prováveis intervenções e as já realizadas, na Residência Ribeiro Reis.



4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO



Fonte: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Dessa forma verifica-se que através da aplicação de determinados procedimentos arqueológicos como a estratigrafia, pode-se obter, com a realização do método de *leitura de parâmetros*, momentos pela qual esta edificação passou, procurando diferenciar os mesmos a partir de fases ou etapas de intervenção. Logo, tendo como base o maior número de informações desta, historicamente e estruturalmente, buscou-se apresentar as distintas ações como os processos destrutivos e os construtivos pelos quais passou a Residência Ribeiro Reis. Partindo do objetivo de compreender o processo das intervenções, mas, também o porquê das mesmas.

Para isso optou-se pelo método estratigráfico, criado por E. C. Harris, como uma proposta de análise dos diferentes elementos existentes (externamente e internamente) e os que possam cumprir funções similares, sejam geológicos ou arqueológicos. Com os quais se procura retirar informações de contestação e afirmação de intervenções neste edifício, buscando ser minucioso sobre como entender este objeto de estudo, fazendo da estratigrafia uma análise arquitetônica que mostre toda a leitura sobre a linguagem a qual trata a unidade contextual do objeto. Assim para a base do levantamento da Residência Ribeiro Reis houve dados obtidos a partir de entrevistas com seus proprietários; pesquisas sobre o histórico do entorno, assim como da Passagem Joaquim Nabuco; e, também, das informações encontradas na certidão de escritura pública e na certidão de registro de imóveis, disponibilizados pelos atuais proprietários.

Com o qual foi possível, posteriormente, transmitir as informações para os programas de informática e gerar representações para melhor visualização e entendimento

4 – ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA DOS ESTUDOS DE CASO

sobre a forma as modificações realizadas e as prováveis intervenções a serem realizadas. Gerando um estudo mais consistente sobre as transformações na edificação como as análises dos materiais aplicados em paredes, piso e forro, no qual vê-se o entrelaçamento do levantamento documental, sempre objetivando um grau de documentação profundo, unido as etapas práticas ou de campo, seja na própria análise de materiais ou em entrevistas, além outros prováveis recursos empregados no projeto. Procurando, sempre, evitar prejudicar a qualidade do resultado final, aliando-a a outros procedimentos como os processos gráficos feitos pela informática (utilizados neste trabalho), gerando maior precisam e detalhamento.

5.1. O NEOCOLONIAL: A MEMÓRIA DO ESTILO OU VERTENTE ARQUITETÔNICA

Desde épocas paleocristãs usa-se a memória para perpetuar a forma de viver, de habitar, ou seja, passar as gerações futuras os saberes e conhecimentos - especialmente no momento em que não se havia descoberto a arte da escrita, sempre procurou-se uma forma de resguardar a memória. Segundo Assmann (2003, p. 2) "(...) a capacidade de lembrar-se, (...) é que faz do ser humano um ser humano. (...), não seríamos capazes de construir uma identidade própria nem de nos comunicar com outros enquanto indivíduos". E desta destaca-se a memória coletiva do povo paraense sobre sua arquitetura, onde nesta procura-se encontrar, caso haja, referências memográficas às residências Neocoloniais encontradas em Belém, especialmente no bairro de Nazaré.

Bogea (2009), todavia, afirma que a memória é involuntária, ou seja, são lembranças latentes, adormecidas no cérebro, esperando serem despertadas por ações ou acontecimentos externos, na vida do homem. E isto acaba provocando certa frustração, pois o torna refém da memória e dos estímulos que as fazem serem revividas. Assim esta é de caráter subjetivo, pois "(...) não existem isoladamente, mas estão ligadas as lembranças de outros (...) são fundamentalmente fragmentárias, (...) modificam-se juntamente com as pessoas e suas condições de vida (...)" (ASSMANN, 2003, p. 2). Portanto para melhor compreender os processos vivenciados (momentos de construção e suas transformações) nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré, vê-se a importância de conhecer a memória (individual ou coletiva) dos homens e mulheres que ali habitaram/habitam e viveram/vivem.

Quando se estuda um "estilo" arquitetônico, acaba-se valorizando o que se acha mais importante, logo uns voltam-se a análise de características, elementos decorativos, outros as estruturas e etc. No caso do Neocolonial essas análises somam-se a presença de outras linguagens arquitetônicas como o Manuelino e o Barroco de Portugal, o mourisco, o gótico, e outros, que são pertinentes, e por isso muitos estudiosos consideram esta arquitetura (Neocolonial) como pertencente ao processo eclético vivenciado no país e em grande parte da América latina, logo como um *movimento arquitetônico*.

Entretanto, ao tratar do fator ideologia o Neocolonial possui um conceito próprio, que seus defensores o tinham e divulgavam como princípios desta arquitetura, não apenas o significado da mesma e de cada objeto decorativo aplicado na edificação, mas a mentalidade difundida por eles acerca da influência portuguesa no país eram formas de ampliar e defender a importância, para o Brasil, segundo eles, da valorização desta arquitetura como, por

exemplo, José Mariano Filho¹¹⁴ e a sua tentativa de incluir nos processos de estudo da então Academia de Belas Artes a importância de conhecer a arquitetura colonial brasileira.

Ao estudar o Neocolonial, portanto, faz-se necessário entender a sociedade na qual este surgiu, principalmente na compreensão de sua influência ideológica, vista no ideário de seus mais conhecidos defensores, que foram Ricardo Severo (São Paulo) e José Mariano Filho (Rio de Janeiro). Logo vê-se a importância dos oradores na defesa dos “estilos”, pois são estes que irão difundir o ideal, partindo da noção de estilo individual a uma coletividade, ou seja, a visão do gênero a ser identificado no individualismo para, depois, ser adaptado a qualquer orador ou circunstância (GINZBURG, 2001). Em suma, no caso do Neocolonial, procura-se partir da parte a fim de atingir o todo, ou seja, o estilo nasce do pensar de uma pessoa ou grupo fechado e ao passar por *metamorfoses* é adaptado a outros públicos, sociedade ou classe até atingir o ideal universal.

Na arquitetura, entretanto, diferente de outras artes, é comum ter-se, mesmo com o fim do estilo, uma visão saudosista deste, o que Ginzburg (2001) chama de *imitação literária*, que naquela se aplica aos revivalismos. Logo o Neocolonial pode ser considerado como um *revival*, por diferentes motivos: como o *gosto*, ou seja, a preferência nas obras – pela diversidade dos gostos nacionais ou devido às questões como a política. No caso desta arquitetura (Neocolonial), a relação entre estilo e política não pode ser dissipada, pois trata-se de um testemunho que irá caracterizar, marcar a presença desta na história, afinal esta arquitetura é decorrente de uma ideologia populista, típica da Era Vargas e da Intendência de Magalhães Barata, no Pará. Logo, a partir da primeira metade do século XX¹¹⁵, em especial na década de 30 haverá prédios públicos, escolas e casas particulares erigidos adotando o Neocolonial como linguagem arquitetônica, onde nelas se verão o uso de elementos manuelinos, barrocos, mouriscos, presentes nesta arquitetura e que confirmam a ideologia da importância e imponência portuguesa no Brasil.

Logo, nesta arquitetura, há o uso de elementos e formas de estilos passados, como visto no ecletismo, portanto há uma contradição na forma de pensar, ver e classificar esta arquitetura, pois segundo teóricos como Ricardo Severo, José Mariano Filho e os “neocolonialistas” (BISPO, 2011, p. 45), como Gustavo Barroso e outros, este é um estilo, com uma ideologia própria que procurava valorizar a influência portuguesa no Brasil, como

¹¹⁴ Ver PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **A História da Arquitetura Brasileira e a Preservação do Patrimônio Cultural**. São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, nov. 2005/ abr. 2006.

¹¹⁵ Ver BORGES, Tatiana Carepa R. **Os primórdios da arquitetura moderna: um levantamento da arquitetura residencial de Belém no período de 1920-50**. Belém, 1998. 97 p. (monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo, UNAMA, para a obtenção do título de Arquiteto-Urbanista). Belém, 1998.

visto no discurso de Severo para a Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, em 1914. Porém há aqueles – como o grupo de intelectuais do antigo SPHAN – que consideravam o Neocolonial não como um estilo, mas como uma *vertente* ou *movimento arquitetônico* que mesclava vários outros estilos, acusando "os neocoloniais, numa visão saudosista, de [defender] uma continuidade do passado e uma reprodução dessa arquitetura no presente, de maneira estilizada e misturada às conquistas recentes (...)" (BISPO, 2011, p. 45).

Paralelamente a esta discussão sobre o Neocolonial, vê-se em Belém certa peculiaridade - ver capítulo III - nas formas e padrões aplicados nas edificações o que transmite outra característica desta arquitetura que é a sua difusão nos países, principalmente, os de cultura latino-americana, pois apresenta em cada nação uma forma específica de aplicá-la - baseada na tradição, na regionalidade de cada local -, afinal cada cidade possui sua própria história. Em Belém tem-se o Neocolonial difundido a partir de três formas, sendo a primeira com influência da arquitetura vernácula portuguesa na época do manuelino em Portugal, com um padrão semelhante às edificações coloniais brasileiras; outra, a partir das composições de vários estilos como os chamados *bolos de confeitiro*¹¹⁶, *bolo confeitado* ou *bolos de noiva*, com a mistura de elementos mouriscos, góticos, manuelinos e barrocos; e por último os que relembram os bangalôs ou as denominadas habitações econômicas¹¹⁷ mais simples, menores e menos suntuosas.

O Neocolonial possui, portanto, a “essência oculta” (GINZBURG, 2001, p. 170), ou seja, ele é capaz de unificar períodos diferentes em um mesmo momento, porém interpretando os elementos arquitetônicos de forma diferente da época original, assim, os elementos estéticos compreendidos nesta arquitetura lançam uma compreensão, uma nova finalidade intrínseca e necessária para a tradução desta arquitetura. Dessa forma um termo adequado ao Neocolonial é o de *linguagem*, pois esta representa uma arquitetura onde há a unificação entre dois pensamentos: o de estilo, pois ela apresenta uma ideologia bastante consistente e alicerçada através de valores e defensores; mas, também, é *vertente* ou *movimento*, afinal há nela toda uma utilização de elementos, partes, pedaços de outras arquiteturas, principalmente o mourisco, o manuelino e o barroco de influência portuguesa (D’LAMBERT, 2003).

A ideia de *linguagem arquitetônica* também pode ser confirmada a partir de outro registro – além da própria arquitetura e do pensamento por ela difundido – que é a *memória*,

¹¹⁶ O *Bolo de Confeitiro* não foi encontrado em nenhum texto seja livro ou qualquer referência acadêmica. Quando iniciei minha pesquisa (2010), perguntava para as pessoas sobre uma forma específica das residências Neocoloniais com textura na parede externa. Como resposta, afirmavam se assemelhar a um *bolo* com glacê, logo liguei ao *bolo feito por confeitiros*.

¹¹⁷ Ver *A Casa*, 1929, n° 59, p.22-23.

ou seja, o homem. No caso do Neocolonial este estudo é interessante, pois pode auxiliar a compreender o porquê de pessoas como Ricardo Severo e José Mariano Filho denominaram como *arquitetura patriótica* uma linguagem arquitetônica que afirmavam ter como base as casas vernáculas portuguesas construídas no Brasil colônia. Assim como a pretensão, dos mesmos, em marcar na memória da sociedade não apenas a importância das características, advindas desde o colonial, mas destacar o passado lusitano na história do Brasil que, segundo estes, estava ameaçada pela abertura ao ecletismo de matriz francesa. Logo, a intenção dos oradores era a de perpetuar esta arquitetura, por sua vez, na memória (conhecimento) coletiva e individual da sociedade e dos cidadãos. Almejavam mostrar a essência do que para eles era a arquitetura brasileira, para que a *psyché* coletiva e individual pudesse reconhecer, através dos exercícios de memória, o passado arquitetônico brasileiro.

5.2 A EDIFICAÇÃO COMO DOCUMENTO DA MEMÓRIA

Em pesquisa realizada no período de Junho à Julho de 2013, levantou-se as edificações na linguagem Neocolonial existentes no Bairro de Nazaré em Belém - ver capítulo II. Essa busca revelou um número considerável das mesmas, porém este levantamento - que gerou resultados importantes como o estudo das tipologias e tipos arquitetônicos desses prédios no Bairro - trouxe uma comprovação, pois dessas apenas duas são tombadas na cidade de Belém - o prédio do Instituto Estadual Carlos Gomes (figura 455) e a sede do Centro Integrado de Governo (figura 456) - e apenas algumas, não atingindo a metade do total levantado, são protegidas por estarem no entorno de bem tombado, porém passíveis de intervenções/alterações caso aprovado pelos órgãos de competência.

Figuras 455 e 456: IECG e CIG, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo, 2011.

Este processo de descaso, por vezes, vem a ocasionar problemas como os *apagamentos* o que prejudica, não apenas a história da arquitetura paraense, mas na geração de falhas na memória, tanto coletiva como na individual, da sociedade. Porém ressalta-se que a pesquisa sobre a cultura material promove uma interação entre diversas ciências humanas, permitindo melhor compreensão do homem (CHIAROTTI, 2005), logo, a partir da memória coletiva e, também, com a história pode-se utilizar duas formas de análise da arquitetura que são *os documentos* e *os monumentos* (LE GOFF, 2003), em outras palavras, a escolha de uma arquitetura como sobrevivente da memória é efetuada por "forças", quer da ciência (historiadores) quer da sociedade (política).

Partindo dessa premissa, ao considerar as edificações Neocoloniais como *cultura material* da sociedade belenense pode-se, também, através das edificações, buscar compreender as pessoas que nessa época viveram com suas formas de pensar arraigada na visão das famílias patriarcais no final do século XIX e início do XX; as mudanças ocorridas em suas vidas, principalmente pelas guerras que presenciaram e provocaram mudanças na forma de projetar edificações, não apenas em Belém mais em outras cidades do Brasil como São Paulo¹¹⁸ e Rio de Janeiro, seja devido à falta de materiais ou nas tentativas de aplicação de outros componentes substituindo os importados.

Para tanto considera-se a edificação como documento concreto da memória, e para isso necessita-se transformar a mesma, os tijolos, pedras, ferros e cimento, nela contidos, em uma herança do passado, ou seja, uma *simbologia*, "aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação" (LE GOFF, 2003, p. 526), tornando-o um testemunho legal de um determinado tempo ocorrido em Belém ou em outras cidades brasileiras, como as obras comemorativas ou os monumentos funerários. Atentando-se ao artefato não como um objeto completamente consolidado, pelo contrário, ele está sempre inacabado, pois é passível de variação (mudança) para ser útil de outra forma (CHIAROTTI, 2005), assim, também, analisa-se as edificações (Neocoloniais) objetos deste estudo, originalmente projetadas, na maioria, para servirem como residências unifamiliares (moradas de uma única família), mas no decorrer do tempo passam a abrigar novos usos, o que acarretam intervenções.

A questão não é impedir tais modificações, mas sim garantir que estas sejam feitas de modo a preservar a qualidade estética e o testemunho histórico que o imóvel apresenta. Hoje em Belém busca-se por residências Neocoloniais para servirem a novas funções, sendo por vezes adaptadas, todavia as intervenções a serem realizadas, em sua maioria, não seguem as

¹¹⁸ Ver HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano**. 2. ed, rev. e ampl. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

normas e padrões propostos para preservar as características estilísticas¹¹⁹, o que prejudica não apenas a história da arquitetura paraense, mas sim a própria memografia¹²⁰, resultando numa lacuna na própria trajetória individual, um esquecimento desse objeto/artefato.

Portanto a memória é essencial. Poder lembrar-se de fatos, cenas, acontecimentos, principalmente os considerados marcantes, ajudam a narrar a própria história. Dessa forma no contexto histórico da arquitetura paraense, percebe-se que o período no qual o Neocolonial se desenvolveu na cidade ainda encontra-se vivo (recente) para alguns belenenses. Por isso a apreensão que muitos relatam quando se deparam com esta linguagem não se alicerça puramente na questão arquitetônica, ou seja, quando se relembra de tal edificação, muitas pessoas rememoram todo o passado que as compõem, a sociedade, a forma de vestir e se portar, a política, as ideologias disseminadas, os materiais aplicados nas construções e etc.

Porém as lembranças não são eternas. As pessoas são guiadas por uma memória chamada *involuntária* – recorda-se em dosagens, a partir de flashes e não em completude – que ao aliar-se a memória coletiva – composta por fatos, cenas de várias pessoas que vão se entrelaçando com os de outras - compõem-se a história em sociedade. Portanto, por meio da rememoração pode-se indagar sobre *artefatos humanos* pertencentes à cultura material do povo, como as transformações ocorridas na arquitetura presente no período de 1900, passando pela década de 20 até meados da primeira metade do século XX, onde está inserido o período da arquitetura Neocolonial na cidade de Belém.

O mesmo pensamento pode ser aplicado quando se discute sobre a questão de preservar, na qual há a necessidade de pensar na seleção dos fatos a serem rememorados. A importância desses *artefatos edificados* deve-se, não somente, há história ou ao conteúdo histórico que apresenta impregnado em seus alicerces e pelos quais torna-se prova concreta do passado, através da preservação deste *documento físico* para as gerações futuras (CHIAROTTI, 2005). Portanto "(...) a capacidade de lembrar-se, por mais falível que seja, é que faz do ser humano um ser humano. Sem ela, não seríamos capazes de construir uma identidade própria nem de nos comunicar" (ASSMANN, 2003, p. 2). Assim, uma das formas, para melhor entender e conhecer como uma arquitetura se desenvolveu ou se manteve preservada em uma cidade é partir da análise da própria memória (coletiva e individual) presente na sociedade.

¹¹⁹ Ver Lei Ordinária nº 7709, de 18 de Maio de 1994, que dispõe sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências. Em específico no seu Art. 34, do Capítulo IV – Das Intervenções no Centro Histórico e na Área de Entorno, que dita referente às Intervenções em Imóveis situados no Centro Histórico de Belém e na Área de Entorno.

¹²⁰ Uma mistura de biografia com a memória dos objetos e da paisagem urbana.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Com esta afirmação e levando em conta a importância de procurar preservar a arquitetura Neocolonial belenense, buscou-se entender o porquê das mudanças que estão ocorrendo nessas edificações, o que leva moradores a procurar preservar determinadas características ou elementos decorativos e a desaparecer com outros, provocando sua perda. Nas entrevistas com os moradores destaca-se o relato de Rúbia Ribeiro Reis, moradora de uma residência de linguagem Neocolonial (figura 457), localizada na Passagem Joaquim Nabuco, e que por motivos, para ela importantes, busca preservar algumas características desta edificação.

As sutis alterações são marcas da adequação do espaço familiar às novas condições sociais e aos desejos dos moradores. Portanto o problema não é a intervenção, mas como esta ocorre, pois em projeto apresentado¹²¹ (pela senhora Rúbia) a entrevistada também possui intenção de realizar modificações, tais como:

Da fachada para cá não mudou nada, agora o jardim era cheio de pedras e tinha as plantas, tiramos as pedras, e resolvemos colocar grama, (...). Agora a fachada eram essas pedras aqui, que nem essas (...) aí nós tiramos e cimentamos, mais ali é a mesma coisa, essas grades eram sempre desse jeito. (...) ¹²². Tem dois quartos lá em cima mais o meu, três quartos, mais uma sala de estudo, a intenção é arredar, por que aqui da pra fazer um quarto, porque temos três filhos morando aqui, aí vamos fazer um quarto para cada um (Belém, 13 de Junho de 2013, Quinta-feira) ¹²³.

Figura 457: Casa da Família Ribeiro Reis.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

¹²¹ No momento da entrevista a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis mostrou um projeto arquitetônico, no qual consta-se prováveis modificações na residência.

¹²² Neste trecho da entrevista com a senhora Rúbia Ribeiro Reis, ela nos mostra apontando para a entrada da residência, que não houve muitas alterações, excetuando a retirada de parte da vegetação pertencente a antiga moradora e de alguns elementos decorativos como as pedras que existiam tanto a frente da casa quanto nas laterais, que foram substituídas por lajota. Já na área da garagem ela nos mostra a retirada da antiga porta que ficava localizada no vão que hoje se encontra, porém esta também afirma que com relação à estrutura da casa não há intenção de promover maiores alterações.

¹²³ Neste trecho da entrevista com a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, ela nos mostra, apontando para o pátio localizado a cima da antiga garagem, a sua futura intenção de alteração, para ampliação da edificação, a partir da ocupação desta referida área para a construção de um quarto.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Os desejos de mudança contrastam com o fato de que “os ambientes construídos pelos homens guardam, através de sua materialidade, a memória das ideias, das práticas sociais e dos sistemas de representação dos indivíduos que ali convivem” (BOGEA, 2009, p. 03), tornando-se uma forma de ativar suas memórias, direta ou indiretamente, provando que a ação de preservar o imóvel, seja por parte da moradora ou do Estado, por exemplo, é importante para mantê-lo (edifício) vivo como elemento depositário de valor cultural.

Portanto ao decidir intervir em edificações antigas, como as residências Neocoloniais, devem-se saber quais serão estes processos de *apagamento*, a fim de não prejudicar na rememoração das pessoas, podendo mexer com a memória coletiva da sociedade. Por isso todas as reformas exigem uma ação crítica e toda uma análise de impacto, pois “não se pode (...) fixar uma materialidade em sua totalidade (...) há que se definir criteriosamente o que esquecer” (BOGEA, 2009, p. 04). Afinal a produção destas residências ocorreu em um momento distinto do atual e, hoje os moradores precisam priorizar questões como a segurança, por exemplo, como relata a proprietária sobre a questão do muro e do gradil localizados na frente da residência (figuras 458 e 459).

O muro está do mesmo jeito, mas a nossa intenção é deixar no estilo de grade mais aumentar a grade para poder colocar alguma coisa aqui e não levarem, os moradores de rua. (...) Olha o que acontece muito é...assalto...principalmente crianças quando saem do colégio, a noite...fica muito deserto. Uma vez estava passando de manhã aqui lá para o Santa Catarina e o cara estava assaltando...passando de bicicleta, porque aqui é passagem...tem muita gente, então o pessoal que passa a gente não sabe quem é (Belém, 13 de Junho de 2013, Quinta-feira).

Figuras 458 e 459: Grades na entrada da casa da Sr^a Rúbia.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Logo emergem os grandes problemas existentes nas cidades brasileiras que começam a afetar a vida e a forma de habitar dos moradores que por resguardo e proteção erguem paredões, muros, segregando os ambientes internos e privados do externo, público, provocando intervenções que seriam desnecessárias se os referidos problemas fossem tratados de forma mais efetiva. Atenta-se, porém a outro exemplo dessas intervenções feitas nas

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

edificações Neocoloniais para adequarem-se aos novos programas de necessidades, muito visto em Belém, que são as transformações de antigas residências familiares em consultórios, clínicas ou sedes de instituições públicas.

Esta recorrência gera perdas de elementos externos e internos como as escadas, o piso (geralmente de acapu e pau amarelo), até a própria organização (setorização) dos ambientes. Porém há elementos, espaços ou detalhes que são mantidos, seja por sua beleza ou pelo recordar que estes os transmitem. No caso da entrevistada também há esta relação que pode ser vista de duas maneiras, pois uma refere-se especificamente a um elemento da casa Neocolonial - no caso a escada, por ela destacada (figura 460) -, porém o outro consiste na visão de *ambiente perfeito* - momento em que a entrevistada relata a alteração feita em uma parede (figura 461), afinal todo morador quer ter sua casa *com sua cara*.

Pois é, a porta que nós alteramos era bem aqui e aqui havia uma janela, aí fechamos a porta e colocamos essa, fica até melhor para ver a casa. A escada, eu acho linda e acho que é uma peça decorativa da casa, meu marido quer tirar por que ele diz que é uma sala só pra ela. Essa escada...eu penso em abrir aqui, aí ela vai ficar melhor se colocar a sala de jantar para cá por que eu gosto de tudo amplo, igual salão de festa (Belém, 13 de Junho de 2013, Quinta-feira)¹²⁴.

Figuras 460 e 461: Parede intervinda pela Sr^a Rúbia e escada original da casa, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Portanto, assim como a edificação só passa a ser considerada como obra de arte a partir do momento em que esta se torna obra para o indivíduo, o mesmo ocorre com a preservação de uma edificação, pois ela só tem significado no momento em que este prédio fixa-se na memória da pessoa ou do povo, ou seja, quando este passa ver a edificação como

¹²⁴ Neste trecho da entrevista com a Sr^a. Rúbia Ribeiro Reis, ela nos mostra as intervenções feitas na sala de estar, com a colocação de uma nova porta no lugar onde havia uma antiga janela e o lugar da vedação da antiga porta que havia na parede da lateral esquerda da residência. Posteriormente ela fala sobre a escada e da possível transformação da atual copa em sala de jantar.

um *documento físico* capaz de cumprir a dupla função de manter viva a memória dos indivíduos – em especial os mais antigos – de Belém, seja por momentos específicos, pessoais ou coletivos, e a preservação arquitetônica dos imóveis, como é o caso da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes que foi erguido para servir como residência unifamiliar, porém hoje possui nova função, abarcando na memória da sociedade paraense, desde a época de 1945, quando transformou-se e assumiu na consciência humana e na história a função de sede do IECG.

Por isso ao considerar as edificações Neocoloniais além de *monumentos* como *documentos*, acaba-se transformando estes prédios em prova histórica e que possui uma objetividade e portanto a obrigatoriedade de serem preservados, inclusive através da escrita, ou seja, como visto em Le Goff (2003), a escola positivista transforma o historiador que reproduz o documento (obra arquitetônica) em texto, logo em um signo através do qual pode-se deixar marcadas todas as características desde os detalhes até a parte técnica, a forma como foram erguidas tais construções, etc. Portanto ao considerar as edificações Neocoloniais como um artefato, transformamo-los em documento.

Visto isso, percebe-se que a memória tem sido utilizada como recurso para a compreensão dos acontecimentos na sociedade e também na história das edificações, como analisado no Edifício Pérola (atual sede do CREA-PA) - ver capítulo IV -, no qual, através da análise dos documentos e com base nas memórias das pessoas, como os funcionários dessa instituição, pode-se desenvolver uma linha cronológica desde a construção até sua atualidade. Afinal os artefatos “depende[m] das pessoas e de suas conseqüentes atividades” (SCHIFFER *apud* CHIAROTTI, 2005, p. 310), assim à medida que as edificações Neocoloniais se adaptam as necessidades dos homens, porém mantendo suas características intactas, estas tornam-se artefatos edificados que compõem a cultura material da sociedade, cumprindo a função prática (ser útil), e também exercendo a função simbólica (uma representação edificada do passado), mantendo-se preservada na memória coletiva e individual.

Ao considerar os objetos deste estudo (edificações Neocoloniais) como documentos/monumentos, não adotando a visão de Chiarotti (2005), mas seguindo os conceitos de Le Goff (2003) para o qual

o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”, defini-se, para este trabalho, partir da análise do documento arquitetônico como um monumento, pois assim “à memória coletiva recupera-o e o historiador usa-o cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (LE GOFF, 2003, p. 536).

Todavia a intenção não é transformar estas edificações da linguagem Neocolonial em uma *cristalização da memória*, ou seja, em *lugares de memória*, (NORA, 1993), mas fazer destas uma forma de rememorar o passado ou de procurar conhecer/aprender sobre as transformações histórico-arquitetônicas ocorridas na cidade de Belém.

Assim o documento (edificação arquitetônica) não é inócuo, neutro, mas contém toda uma influência, que como visto nos monumentos devesse ter total atenção. Pois ao determinar estas edificações (prédios Neocoloniais) como artefatos/documentos/monumentos ver-se-á que além do *valor artístico* da obra (RIEGL, 2006), haverá, também, a identificação desta a partir do seu *valor de antiguidade*, afinal "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto" (NORA, 1993, p. 9). Confirmando a ideia do edifício como prova concreta (documento) da memória, e da importância do valor histórico destas edificações atentando no pensar que todo o monumento de arte é também um monumento histórico, (RIEGL, 2006), que representa uma evolução das artes plásticas, como na *Lâmpada do Sacrifício*, (RUSKIN, 2008), no qual a arquitetura é a arte que irá dispor e adornar os edifícios feitos pelos homens, para contribuir à saúde mental, de poder e prazer do mesmo.

5.3. A MEMÓRIA DO ARTEFATO: O NEOCOLONIAL COMO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL

Desta forma, é importante reconhecer que o patrimônio cultural não constitui somente um acervo de obras ou da cultura do passado. Tampouco serve somente para lembrarmos nostalgicamente os tempos que se foram. O reconhecimento e a valorização de um bem cultural que testemunha a história de um povo pode auxiliar na compreensão do passado e, conseqüentemente na decisão sobre o futuro, mesmo que individualmente possa não haver identificação com os valores evocados por esse bem. (Texto elaborado pelas arquitetas do 13º Sub-Regional/IPHAN - Janice Maria do Nascimento e Maria Cristina Rocha Simão para o Jornal Galilé - Ouro Preto, 1995, p. 1).

A arquitetura Neocolonial tem sido alvo de constantes mudanças, das quais acabam gerando perdas sejam em seus elementos, ou seja, na matéria própria ou na memória que o povo ou a vizinhança local tinha ou tem sobre tal edificação. Pensando nisso há um conceito ou forma de pensar a preservação no Brasil, que em décadas passadas os órgãos de proteção dos bens representativos de nossa cultura e sociedade (IPHAN¹²⁵, SECULT¹²⁶ e FUMBEL¹²⁷ – no caso de Belém) tinham, mas atualmente o que no passado era considerado *digno* de ser preservado hoje não o é.

¹²⁵ IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional.

¹²⁶ SECULT – Secretaria de Estado de Cultura.

¹²⁷ FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém.

Em Belém há um crescimento da descaracterização de imóveis antigos, ou a perda destes. Contudo o que agrava a situação não é apenas a pouca fiscalização, mas a questão de que a maior parte destes exemplares, em especial os da linguagem Neocolonial, não são protegidos pelos próprios órgãos competentes, sejam eles municipal, estadual ou federal. Logo a discussão sobre a importância de preservar esta arquitetura no Estado, necessita, em primeiro lugar, que se verifique a relação/interação que a própria sociedade possui com estas edificações, ou seja, o primeiro passo para a preservação de um imóvel é, necessariamente, a relação que deve existir entre a edificação e a sociedade.

Um exemplo seria realizar determinadas iniciativas como os projetos de educação patrimonial, tornando-se uma maneira de interação das edificações Neocoloniais com a sociedade, cujo objetivo é procurar conscientizar estes da importância histórica e arquitetônica daqueles e assim procurar transformar estes artefatos em bens imóveis da cultura material belenense, objetivando melhor entender o significado histórico, assim como a preservação da memória que fará dele um provável *patrimônio histórico edificado*, atentando para a importância de que estes imóveis não constituem apenas em um acervo cultural de obras do passado, mas sim consistem em um modo de auxiliar na compreensão do passado (memória/arquitetura) paraense.

Partindo desse princípio Souza, (*apud* CHIAROTTI, 2005, p. 301) mostra que este "é definido como um bem cultural que é produzido por um determinado povo, nação ou civilização", ou seja, todos os bens (móveis ou imóveis) originados das mãos do homem são dignos de ser patrimônio. Porém há outros conceitos conectados que o delimitam, como a visão deste em um artefato ligado a cultura material da sociedade. Portanto o patrimônio histórico é um artefato (CHIAROTTI, 2005), ou seja, ambos são considerados como produtos desenvolvidos pela mão humana, logo, passíveis de serem preservados através das práticas como o tombamento (bens imóveis) e os registros (bens imateriais).

Analisando por esse viés pode-se considerar as edificações Neocoloniais como sendo artefatos, pois estas foram elaboradas e projetadas para algum fim. Contudo o artefato, considerado como patrimônio histórico, também apresenta uma *objetificação* (GONÇALVES *apud* CHIAROTTI, 2005), ou seja, apenas ao olhar para estas edificações deve-se detectar um efeito de realidade que transmita algo mais do que uma mera construção, ou seja, deve haver uma comunicação *não verbal*, logo, obtendo-se valores e significados que vão além do concreto e ferro existentes na sua composição física. Portanto as edificações Neocoloniais podem, ao serem consideradas como composições (artefatos) da cultura material paraense –

não apenas do Bairro de Nazaré, mas da cidade de Belém –, tornar-se passíveis de serem, pela sua materialidade e preservação da memória, consideradas como patrimônios históricos edificados.

5.4. A ARQUITETURA NEOCOLONIAL E O SISTEMA DE ARRANJO

Em meados do primeiro quartel do século XX, a combinação/organização dos espaços sempre consistia em *amontoar* o ambiente com móveis e objetos, pois o ato de *acumular* era considerado a *estrutura fiel* (familiar e socialmente) da burguesia reinante. Assim, além de cumprir sua função objetiva, ou seja, de serem equipamentos úteis para o ser humano, estes tinham outro cunho dentro da *célula familiar*, afinal “os móveis se contemplam, se oprimem, se enredam em uma unidade que é menos espacial que de ordem moral” (BAUDRILLARD, 1973, p. 22). Partindo dessa premissa, percebe-se que tudo estava interligado por relações que ordenavam as interações dos indivíduos de uma família, logo, o que se vê no mobiliário, via-se na residência, em um *arranjo* representando as relações familiares e humanas, assim como a segregação e delimitação dos ambientes.

Neste espaço privado, cada móvel, cada cômodo por sua vez interioriza sua função e reveste-lhe a dignidade simbólica: completando a casa inteira a integração das relações pessoais no grupo semifechado da família (BAUDRILLARD, 1973, p. 22).

Este símbolo ordena estruturalmente a complexidade das interações entre os indivíduos. Em Belém, por exemplo, as casas Neocoloniais, construídas, em sua maioria, para famílias de classe média, apresentavam um *significado* além da dimensão real, apresentando a *simbologia* de modernidade diante dos olhos dos moradores e dos outros. Em suma, estas edificações não eram apenas estruturas concretas, mas formas arquitetônicas que além de cumprirem a função de abrigo, possuíam um significado intrínseco para os moradores, pois sua composição (estética e arquitetônica) visava à representação da família que ali habitava. Contudo esta ideia atualmente se perdeu e, logo, vê-se uma arquitetura, onde novas organizações/composições para a edificação são pensadas, porém, na maioria dos casos, não há uma interação simbólica e representativa com os próprios moradores.

Antropomórficos, estes deuses domésticos, que são os objetos, se fazem, encarnando no espaço os laços afetivos da permanência do grupo, docemente imortais até que uma geração moderna os afaste ou os disperse ou às vezes os reinstaure em uma atualidade nostálgica de velhos objetos (BAUDRILLARD, 1973, p. 22).

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Como nos mobiliários – visto neste trecho de Baudrillard –, os prédios Neocoloniais possuíam uma importância que não se devia apenas a questão simbólica, mas pelo fato deste possuir um apelo estético-afetivo capaz de levar a publicidade para um vasto público, que, por conseguinte, os adquire caracterizando a aceitação deste na sociedade. Esta publicidade, na época, era representada, principalmente, pelas revistas de arquitetura e decoração, que se mostravam ser de grande interesse, assim revistas como “A Casa”, “Mi Casita” e outras foram muito utilizadas como meios de expressão de uma nova arquitetura baseada no uso de elementos mouriscos, manuelinos, colonial e etc, aplicados em uma estética arquitetônica considerada o “moderno” da época.

Em pesquisa realizada no ano de 2014¹²⁸, referente à presença da arquitetura Neocolonial em revistas e jornais no período da primeira metade do século XX, viu-se que este era comumente presente. Na revista *A Casa* foi encontrada 35 publicações no decorrer das décadas de 1920 a 1940 (figuras 462, 463, 464 e 465), na qual foi apresentada uma variedade de exemplares da arquitetura Neocolonial, tendo algumas possuindo uma visão mais luso-brasileira (figuras 466 e 467) e outras com a estética hispânico-americano (figuras 468 e 469); a *The Architectural Record*, nas décadas de 1920 e 1930 (figuras 470 e 471), também publicou modelos da arquitetura Neocolonial hispânico-americano, influenciados pela estética do *Mission Style* e das *Casitas Californianas* (figuras 472 e 473).

Figuras 462, 463, 464 e 465: Capas da Revista A Casa nos anos de 1924, 1925, 1926 e 1944, respectivamente.

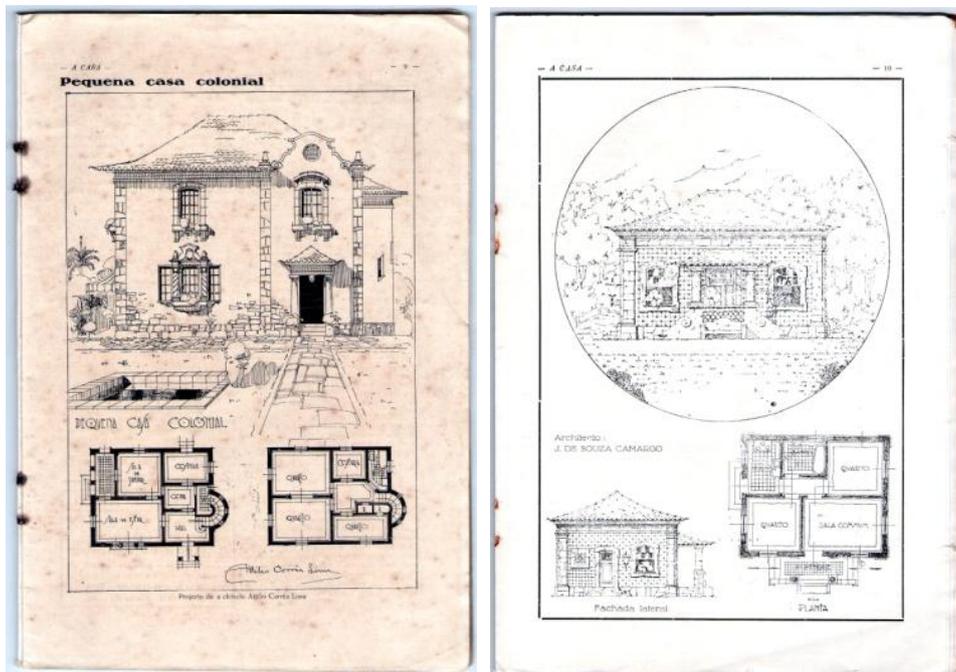


Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

¹²⁸ Esta pesquisa de revistas de época foi realizada em dois momentos: a primeira foi na biblioteca do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, no primeiro semestre de 2014. O segundo momento foi em visita ao Centro de Documentação do curso de Arquitetura e Urbanismo da USP, em São Carlos e São Paulo, assim como na biblioteca da EESC (Escola Engenharia de São Carlos) USP, em São Carlos, no período de 15 de Agosto a 15 de Setembro de 2014.

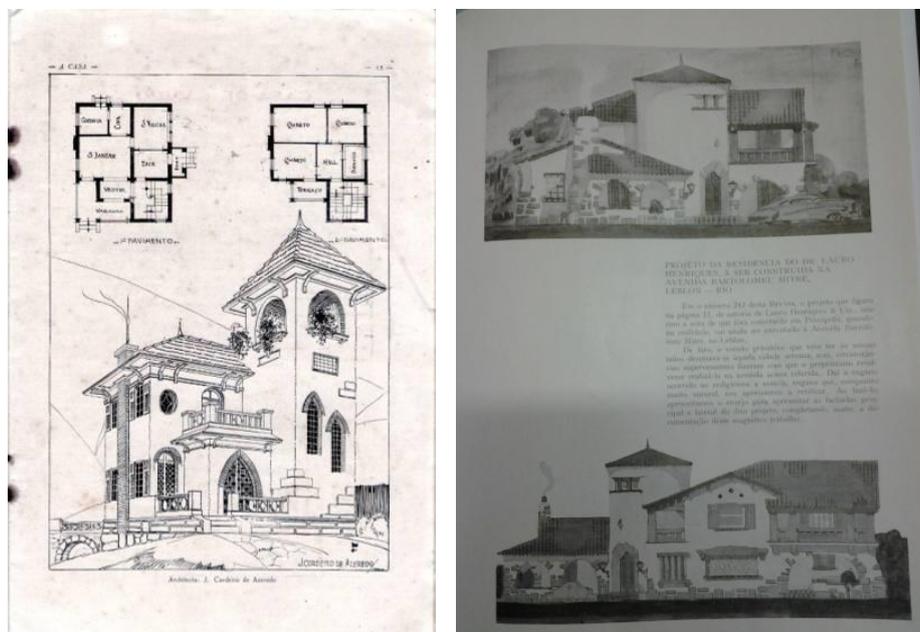
5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Figuras 466 e 467: Modelos de residências Neocolonial luso-brasileiro, encontrados na *Revista A Casa* nos anos de 1925 e 1926, respectivamente.



Fonte: Revista *A Casa*. 1925/1926.

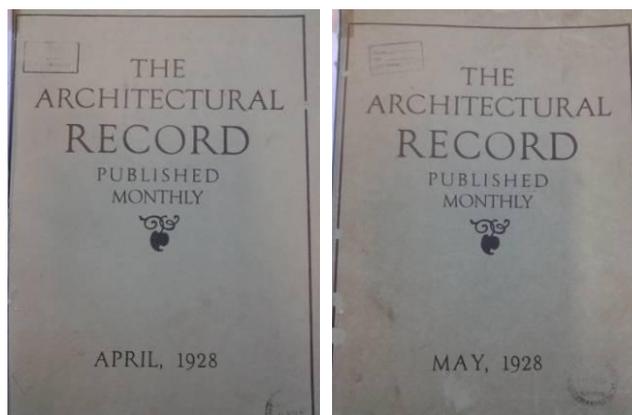
Figuras 468 e 469: Modelos de residências Neocolonial hispânico-americano, encontrados na *Revista A Casa* nos anos de 1925 e 1944, respectivamente.



Fonte: Revista *A Casa*. 1925/1944.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Figuras 470 e 471: Capas da Revista *The Architectural Record* no ano de 1928, nos meses de Abril e Maio, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figuras 472 e 473: Modelos de residências Neocolonial hispânico-americano, encontrados na Revista *The Architectural Record* no ano de 1928, nos meses de Abril e Maio, respectivamente.



Fonte: Revista *The Architectural Record*. 1928.

A *Architectura e Construções* – publicado pelo instituto paulista de arquitetos –, no mesmo período das anteriores (décadas de 1920 e 1930), também apresentou uma variedade de projetos, esboços e ideias de residências na linguagem arquitetônica do Neocolonial (figuras 474, 475, 476 e 477); outros exemplares a serem destacados são os livros produzidos por pesquisadores, arquitetos e outros referente a projetos e obras de arquitetura inspirados nesta linguagem como o produzido por Luiz Muzi¹²⁹, Eduardo Kneese de Mello¹³⁰ e Enéas Marini¹³¹ (figuras 478, 479 e 480). Sabe-se que muitos destes exemplares de revistas e jornais

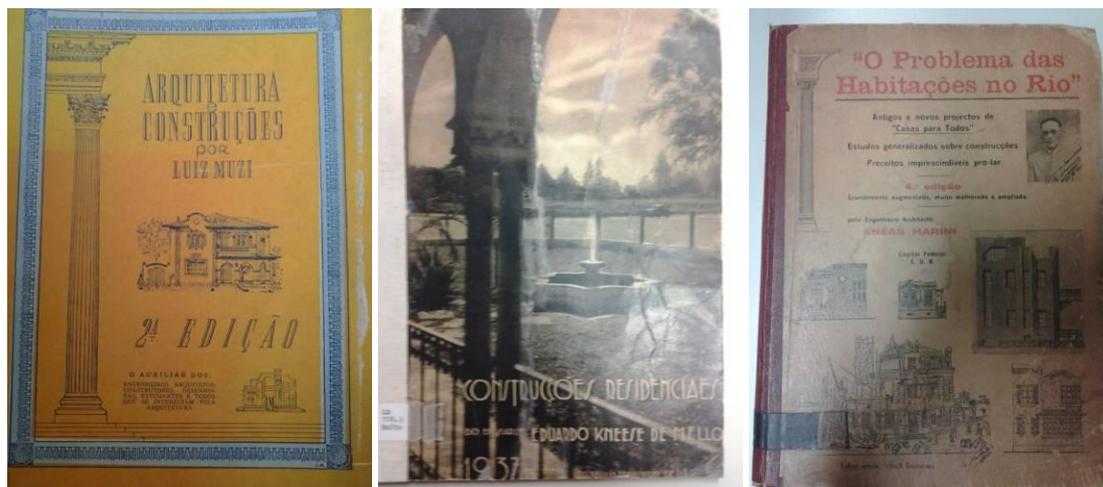
¹²⁹ Álbum produzido como resultado do trabalho de pesquisa sobre a arquitetura civil de São Paulo, no qual foi levantado variados projetos de construções residências: plantas, fachadas, jardins, assim como planos ornamentais dos interiores de alguns prédios.

¹³⁰ Álbum publicado no ano de 1937, pela União Paulista de Imprensa.

¹³¹ Álbum publicado em 1935.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Figuras 478, 479 e 480: Capas dos Álbuns de Luiz Muzi, Eduardo Keneese de Mello e Enéas Marini, respectivamente.



Fotos: Felipe Moreira Azevedo. 2014.

Figura 481: Projeto de Escola Municipal construída na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.



Foto: Hélio Canto dos Santos. 2013.

Figura 482: Projeto do Mercado do Bairro da Pedreira construído na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.



Foto: Juliane Oliveira Santa Brígida. 2015.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Figura 483: Projeto do Porto do Sal construído na década de 40, em Belém, no período do Prefeito Abelardo Condurú.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2012.

Todavia, mesmo com a permanência de poucos prédios públicos, o que se vê em Belém é o início do processo de descaracterização da arquitetura civil Neocolonial, confirmando o discurso de Baudrillard (1973) acerca das mudanças ocorridas em sociedade, que acabam por alterar o pensar/relacionar os ambientes, prejudicando, inclusive, na composição, ou melhor, na forma de projetar os prédios, assim como na preservação dos já erguidos, agravando a perda do caráter subjetivo, ou seja, o signo moralizado que fosse funcional, mas ao mesmo tempo seria forma de representação simbólica da família, conferindo a esta funcionalidade o valor de modelo cultural.

O que pode-se deduzir, portanto, é que hoje o *valor de moral* dos prédios não possui o mesmo *significado* de outrora, pois no período de abrangência do Neocolonial, a arquitetura civil era arraigada a esta moral, ou seja, na ideia de lar, em fazer da residência, tanto externa quanto internamente, uma representação da família que a habitava. Nota-se esta conotação nas edificações construídas na atual Passagem Joaquim Nabuco, no Bairro de Nazaré, onde encontra-se exemplares Neocoloniais ainda preservados e nos quais vê-se presente o valor moral que havia, através de uma relação *prima* que seria a de representar a família (status, hierarquia social), ou seja, mostrar a sociedade belenense o status hierárquico existente.

Em suma, hoje há uma nova ordem, mais prática e menos simbólica, para pensar a edificação. Forma essa regrada por princípios e leis que delimitam a liberdade de composição dos prédios e concomitantemente “os valores simbólicos e os valores de uso esfumam-se por trás dos valores organizacionais” (BAUDRILLARD, 1973, p. 27), exemplo máximo deste

processo são os novos empreendimentos multifamiliares. Logo, o sentido e o valor do objeto para o homem mudou. A intenção não é a de gerar uma residência para perpetuar a gerações futuras, mas apenas a de cumprir a função de abrigo, afinal para o *homem do arranjo* o que importa é a questão funcional, ele é apenas um proprietário ou usuário, pelo qual procura libertar-se das influências psicológicas e morais, criando um novo *jogo* para usufruir dos objetos.

5.5. PROPOSIÇÕES PARA PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM: O DISCURSO NAS ORIGENS DO PENSAMENTO PRESERVACIONISTA

Pois de fato, a maior glória de um edifício não está em suas pedras ou em seu ouro, sua glória está em sua idade, e naquela profunda sensação de ressonância de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de sua aprovação ou condenação, que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade (RUSKIN, 2008, p. 68).

Na *Lâmpada do Sacrifício*, Ruskin (2008) mostra a arquitetura como a arte de dispor e adornar o edifício feito pelo homem, para que aquela possa contribuir a saúde mental, de poder e prazer do mesmo. Partindo dessa ideia, vê-se que dos elementos importantes da *Lâmpada da Beleza* é a ornamentação o mais destacado, pois é o grau de trabalho humano que confere o seu valor, ou seja, não são os materiais, mas a força humana aplicada na construção que determina o valor do edifício. Assim, na arquitetura, o princípio era pelo uso de ornamentos, como visto no Neocolonial, tanto o hispânico-americano quanto o luso-brasileiro, na textura das paredes externas, as volutas de influência barroca, os detalhes com curvas contidas advindas do manuelino, os frontões curvilíneos, ou seja, segundo a teoria de Ruskin essas são consideradas como os elementos que conferem valor para a obra.

Outra questão é o *sublime*. “O poder humano [vai] além da imitação das formas naturais” (RUSKIN, 2008, p. 24), ou seja, quando o homem domina as características da natureza e aplica em suas obras, ele está fazendo uma relação direta com as obras de Deus, tornando-se assim sublime, determinando o poder, descrito na *Lâmpada do Poder*, como definido a partir da interação entre a arquitetura e o poder de dominação da natureza sobre o homem. Portanto a arte representa os vários momentos pelos quais passou as moradias dos homens e principalmente a importância da preservação da “pequena arquitetura” que também é carregada de pura beleza, logo, a sublimidade que está na arquitetura, será classificada na *Lâmpada da Memória* como o tempo ou a história.

5 – BELÉM: MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO NEOCOLONIAL EM BELÉM

Ou seja, a vida da arquitetura, suas etapas, os valores humanos e as marcas da passagem do tempo que a caracterizam e que estão impregnados em suas paredes e alicerces, é o poder que a arquitetura possui sobre os humanos e que é sublimada pelo tempo ou pela história. O que se vê hoje, em relação à arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré, é a perda dessa sublimidade, pois o processo de intervenções/ descaracterização gera prejuízos irreparáveis não apenas para a arquitetura em si, mas para a própria historiografia arquitetônica da cidade de Belém, um exemplo é a casa nº 964, na Travessa Benjamin Constant, que no início deste trabalho possuía sua estrutura/característica externa preservada, porém atualmente encontra-se descaracterizada, preservando, unicamente, sua volumetria (figuras 484 e 485).

Figura 484: Casa nº 964 em 2013.



Foto: Felipe Moreira Azevedo. 2013.

Figura 485: Casa nº 964 em 2014.



Foto: Bianca Barbosa. 2014.

Em Belém a linguagem Neocolonial não é valorizada, seja pelo poder público ou pela sociedade, em sua maioria. Isto agrava-se com a especulação imobiliária e torna-se ponto determinante para sua perda e não preservação, contrariando as ideias de Ricardo Severo ou as de Mário de Andrade, acerca da busca pela preservação de monumentos e da arquitetura brasileira, assim como também será defendido por Lúcio Costa e Mariano Filho. Esta ação contrária, também, o discurso exaltado no momento da primeira metade do século XX, no qual se desenvolveu a arquitetura Neocolonial, onde havia a busca pelas origens da arquitetura no Brasil, abordando sua importância, após a expansão ultramarina portuguesa, em decorrência de uma “identidade nacional” para o país.

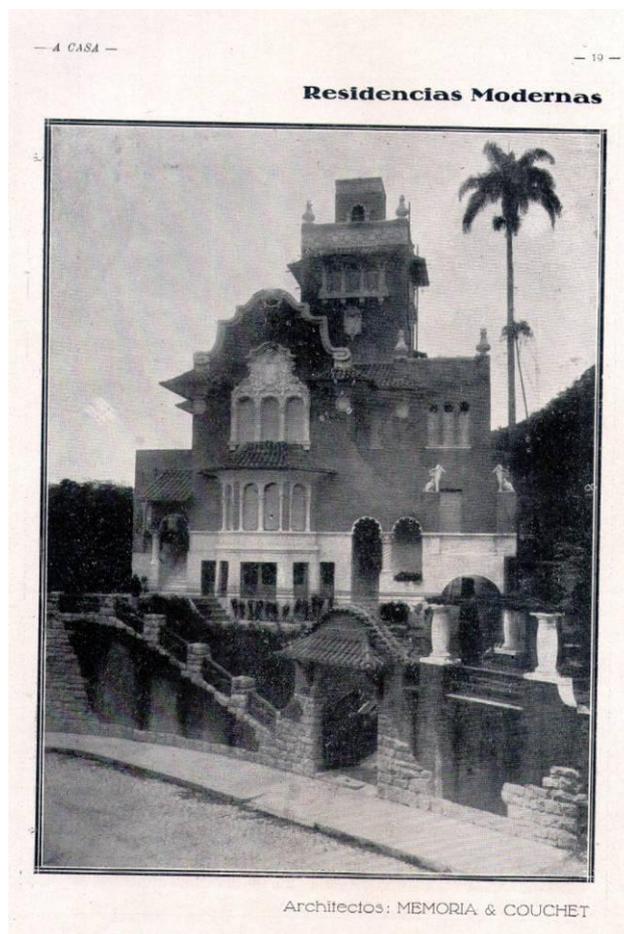
De um ponto de vista geral, portanto, tal contexto afigura-se totalmente impermeável à emergência de quaisquer laivos de interesse para com manifestações culturais autóctones – situação que começa a mudar a partir da década de 1920, com o surgimento do primeiro movimento de valorização de nossas raízes – o Neocolonial, encabeçado em São Paulo por Ricardo Severo e, no Rio de Janeiro, por José Mariano Filho – e da proposição dos primeiros projetos de lei relativos ao assunto (PINHEIRO, 2005, p.44).

A produção arquitetônica no Brasil colonial, divulgada através de Jean Baptiste Debret, é considerada importante para Severo e Mariano Filho - considerados como os maiores oradores do Neocolonial -, assim como para o círculo modernista carioca que o tomou como referência. No entanto, em Belém vê-se que estas ideologias não foram difundidas, o ideal de nacionalismo e patriotismo ficou relegado apenas às arquiteturas de cunho público e militar; já em relação à civil não há confirmação de que houve absorção ideológica ou das influências, desta arquitetura, presentes na Semana de Arte Moderna, para a forma de projetar e construir residências, relegando-se a estas apenas o uso dos elementos, formas e ornamentação desta linguagem para construir edificações suntuosas, minuciosas nos detalhes e que representassem o *moderno* da época.

Não só pela história da cidade como um todo, mas também pelo lado arquitetônico analisado em projetos, desenhos e outros. O que se percebe é a busca de uma sociedade em tornar-se mais moderna, apresentar edificações com a linguagem arquitetônica vigente, como era destacado pelas revistas (figura 486), por exemplo, apresentado por arquitetos e engenheiros licenciados renomados e os que ainda estavam no início de suas carreiras. A sociedade belenense procurava o novo, o atual, seja ele inspirado ou não em outras edificações do país como a residência de veraneio de Georg Przyrembel, na baixada santista tendo sido inspirada em linguagem Neocolonial, ou nos projetos de seis, dos quatorzes, pavilhões do Brasil para a exposição universal de 1922, fazendo da arquitetura Neocolonial

“(...) os sonhos estatais de apresentação de uma arquitetura brasileira digna de ser mostrada (...)” (KESSEL, 2002, p. 123).

Figura 486: A arquitetura moderna na década de 1920.



Fonte: Revista *A Casa*, nº 29, Setembro de 1926.

Partido dessas premissas vê-se que o *nacional* não foi à fonte de inspiração para o uso do Neocolonial na arquitetura civil em Belém, como fora manifestado em grande parte do país ao longo das décadas de 1920 a 1940, confirmado através da manifestação paulistana pelos temas folclóricos e históricos do passado como: bandeirantes, caipiras, relatos de viajantes e etc, como, também, os destacados por Mário de Andrade que tratará da arte religiosa no Brasil e será a favor do que chamava de “movimento nacionalista”. Assim vê-se que o Neocolonial se alastrou por vastas regiões do Brasil, ganhou adeptos e foi utilizado em muitas edificações, sendo um movimento agitado por intelectuais de outros países da América Latina como México e Peru, onde se desenvolveu uma arquitetura com adornos pré-colombianos para contrapor o ecletismo de matriz parisiense, tornando a linguagem Neocolonial continental.

Hoje, contudo, esta arquitetura que tanto foi glorificada no passado, em Belém, perdeu seu valor, as edificações que a possuem deixaram de ser composições consideradas ‘modernas’ e passaram a objetos dos quais alguns afirmam “é feio e que coisas velhas tinham que ser derrubadas para fazer coisas novas”¹³². Porém Kühl (2005) ressalta que, na contemporaneidade há a predileção pelas grandes obras de arte, mas que as obras “modestas” (por ela denominadas) ou de “estilos” com poucas representações, como o Neocolonial em Belém, merecem atenção, afinal elas também são consideradas como tendo valores históricos, sendo alguns muito presentes ainda na memória da população, por isso as intervenções realizadas nas edificações que, em sua maioria, consistem em adaptações do prédio para se adequar a sua nova função, como ocorre nas edificações Neocoloniais em Belém, devem apresentar

(...) o respeito pela matéria original; a ideia de reversibilidade e distinguibilidade da intervenção; a importância da documentação e de uma metodologia científica. O uso como um meio de preservar os edifícios e não com a finalidade da intervenção; o interesse por aspectos conservativos e de mínima intervenção; a noção de ruptura entre o passado e presente (KÜHL, 2010, p.19).

A partir disso vê-se que Camilo Boito (2002) discursava sobre o tentar “voltar ao estado original”, afirmando que o não respeito pelas marcas da passagem do tempo, impregnadas na edificação, por suas etapas, períodos seria uma das ações mais desastrosas e irreparáveis que o ser humano poderia cometer, ou seja, muitos pensam que intervir, por completo ou não, em uma obra de arte e fazê-la ficar como era no seu início, consiste na coisa certa, todavia, os estudiosos da preservação afirmam justamente o oposto.

Riegl (2006) já destacava que qualquer obra com certa “antiguidade”, e que tenha sido obra humana, pode ser considerada como uma “obra de arte”, portanto um monumento histórico. No *Denkmalkultus* vê-se a importância do “inventário dos valores” que cercam os monumentos, assim como a prática de uma investigação que aborde os métodos, projeções e interpretações acerca da preservação destes, pois “a obra de arte deve ser considerada um documento histórico e analisada de maneira análoga” (RIEGL, 2006, p. 21), por isso este buscava mostrar que o “valor artístico” da obra, não propriamente é a parte mais importante de sua identidade, afinal o usuário desta irá primeiro perceber o seu “valor de antiguidade” ou o seu “valor de novidade”.

¹³² Frase dita por uma entrevistada no momento da realização da segunda etapa de estudo do bairro de Nazaré com o grupo de discentes da Disciplina de Estética das Artes, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.

Os monumentos são categorizados como intencionais ou não intencionais, os primeiros elaborados para se lançarem ao futuro como portadores de uma mensagem, portanto atribuídos de valor simbólico no momento mesmo de sua fatura e os últimos com o valor simbólico atribuído posteriormente, em um tempo sempre presente (RIEGL, 2006, p. 37).

Este valor simbólico pode ser objetivo ou subjetivo, ou seja, mesmo considerando os fatores psíquicos em seu estudo, afetado pela temporalidade, Riegl também afirmava que o “valor de antiguidade” pode ser visto objetivamente, como as regras e normas existentes, assim, no desenvolvimento de seus valores (de arte, de novidade, de contemporaneidade, etc.), ele propõe o conceito de *Kunstwollen* – do francês “*Vouloir artistique*”, traduzido para o português lusitano como “vontade de arte” e para o brasileiro como “vontade artística”. Portanto, para ele, os valores de rememoração se dividem em três tipos, sendo o histórico, rememoração intencional e o de antiguidade, no qual aquele é o mais abrangente, podendo ser usado para qualquer traço existente do passado, pois remete a ancestralidade.

O segundo apresenta-se em grande parte dos monumentos, porém, com o passar do tempo, estes o perdem pelo desinteresse na preservação - o que remete as afirmações de Boguea (2009) sobre o esquecimento e as lembranças ao realizar intervenções. Já o terceiro é definido como o de maior *poder de sensibilização das massas*, pois provoca sentimentos devido à passagem do tempo, sobrepondo-se ao valor histórico. Todavia o que se percebe hoje é a substituição do *valor de antiguidade* pelo de *novidade*, ou seja, quando Riegl (2006) fala sobre culto ou proteção dos monumentos ele não está se referindo aos “intencionais”, mas aos artísticos e históricos. Porém o “valor histórico”, dentre todos, é considerado como o mais importante elo de uma cadeia de desenvolvimento.

(...) Em outros termos: toda etapa supõe um antecedente sem o qual não poderia ter existido. A noção de desenvolvimento está justo no centro de toda concepção moderna de história. (...), a cada instante, crescem indefinidamente. Esse testemunho pode ser um monumento escrito, cuja leitura desperta diversas representações em nossa consciência, ou um monumento de arte, cujo conteúdo é percebido imediatamente pelos nossos sentidos (RIEGL, 2006, p. 25).

Neste trecho percebe-se que o “valor de arte” é variável, segundo o ponto de vista adotado, pois assim como uma obra de arte possuía valor em um momento do passado, ele pode deixar de “satisfazer” a estética momentânea devido à concepção moderna, variando, também, de pessoa para pessoa. Portanto o “valor de arte” de um monumento não consiste mais no “valor de rememoração”, mas em um valor novo. Este, por sua vez, impregnado na sociedade presente, consiste no “valor de contemporaneidade”, que parte da defesa, para a obra de arte, de sempre ter a impressão de uma perfeita integridade, como se nunca tivesse

sofrido com a ação destrutiva da natureza, promovendo uma “satisfação” dos sentidos ou do espírito humano, sendo necessário um sacrifício total ou parcial da própria obra.

Assim no “valor de arte”, encontra-se o de “novidade” que impõem ao monumento a inexistência de nenhuma marca ou degradação da natureza, ou seja, esta tem que ser impecável sem marcas de envelhecimento.

O caráter concluído do novo, que se exprime da mais simples maneira por uma forma conservada em sua integridade e uma policromia intacta, pode ser apreciada por todo indivíduo, mesmo por aquele desprovido de cultura. É por essa razão que o valor de novidade tem sempre sido o valor artístico do público pouco culto (RIEGL, 2006, p. 65).

Com este pensamento, se difundiu a busca pela reconstituição de documentos e monumentos em seus estados originais, renegando o seu envelhecimento e suas fragilidades e buscando o retorno de sua juventude e origem robusta. Contudo, o moderno também busca a integridade total do monumento, e para isso é necessário que esta se diferencie do passado não só pela forma e cor, mas sim pelo estilo aplicado na mesma, para que dessa forma possa reconhecer-se nela o valor de novidade e a marca do compromisso de separar este valor do de antiguidade.

No Brasil há um aumento considerável de estudos voltados para as políticas sobre a preservação. A partir de textos voltados a análise das ações das políticas públicas, principalmente com relação a “problemas” na legislação quando se trata de preservação de bem imóvel, e na atuação dos próprios órgãos de preservação, além de textos e dos próprios debates entre os teóricos que marcam a produção intelectual acerca do tema, fica explícito que “a conservação não pode significar a ausência de uma intervenção, pois as coisas deixadas à própria sorte se modificam de qualquer modo, (...), mas quer dizer intervir de certa maneira (...)” (BENÉVOLO, 1976, p. 90). Portanto o percebido é, para obra de arte, a importância, indubitável, do seu valor de antiguidade, seja esta uma grande e suntuosa obra ou simplesmente uma simples e delicada arte, o que se destaca é sua realização pela mão do homem, relacionando, assim, a forma de pensar a preservação cultural de Alois Riegl com o próprio surgimento da consciência de valor patrimonial.

Neste ponto Ruskin (2008) deixa claro que o importante é a “memória” que a arquitetura passa para as gerações futuras, sendo, para isso, necessária a permanência ou a preservação da mesma, impedindo a perda da presença do antigo nos materiais, que segundo Azevedo (2010) é irrecuperável culturalmente.

(...) a arquitetura estaria ameaçada no que dizia respeito a um de seus mais significativos valores – o de reverência.

A reverência seria um valor atrelado à condição do antigo de ser testemunha, de ser fonte de memória. Inversamente aquilo que se apresenta como antigo carrega em si, ainda que não se saiba exatamente a sua história, aos olhos de qualquer indivíduo há reconhecimento de um valor relacionado à passagem do tempo, este atributo constitui uma espécie de tesouro (AZEVEDO, 2010, p.19).

Percebe-se, portanto, que há um entrelaçamento entre os estudiosos da arquitetura Neocolonial e as ideias, bastante pertinentes, vistas no livro das *Sete Lâmpadas da Arquitetura* de John Ruskin. Principalmente quando se trata da interação entre o ser humano e a própria arquitetura, ou seja, ao ver esta como *um ser que vive*, em suma, ao realizar associações entre a obra arquitetônica e o homem - partindo de uma visão mais psicológica do que moral -, pensando nela a partir de uma *afetuosa empatia*, como foi descrito por Mário de Andrade - em uma de suas manifestações publicadas pela *Revista do Brasil* - em seus artigos, em 1919, na qual fala "deixem passar estas feições!... É velho vezo meu amar sensualmente as linhas das casas, agradar-me de umas, antipatizar-me com outras, namorar algumas, desejar duas ou três como se fossem vivíssimas personagens" (PINHEIRO, 2011, p. 90).

Seguindo esta busca, vê-se que houve uma evolução não apenas nas discussões entre os estudiosos, mas na atuação legal, ou seja, na criação de leis ou princípios norteadores para a preservação de obras arquitetônicas a exemplo das *Cartas de Atenas* de 1931 e 1933, pelo qual a primeira, seja qual fosse à diversidade dos casos específicos, “constatou que nos diversos Estados representados predomina uma tendência geral a abandonar as reconstituições integrais, evitando assim seus riscos, pela adoção de uma manutenção regular e permanente”, “(...) mantendo uma utilização dos monumentos, que assegure a continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidades que o seu caráter histórico ou artístico”. Já a segunda trouxe a importância da *temporalidade*, pois “à medida que o tempo passa, os valores indubitavelmente se inscrevem no patrimônio de um grupo, seja ele cidade, país ou humanidade; a vetustez, não obstante, atinge um dia todo o conjunto de construções”.

A morte atinge tanto as obras como os seres. Quem fará a discriminação entre aquilo que deve subsistir e aquilo que deve desaparecer? O espírito da cidade formou-se no decorrer dos anos; simples construções adquiriram um valor eterno na medida em que simbolizam a alma coletiva; constitui o arcabouço de uma tradição que, sem querer limitar a amplitude dos progressos futuros, condiciona à formação do indivíduo, assim como o clima, a região, a raça, o costume. Por ser uma pequena pátria, a cidade comporta um valor que pesa e que lhe está indissolúvelmente ligado. (Trecho da *Carta de Atenas*, 1933).

Outros destaques é a *Carta de Burra* que, em 1980, estabeleceu em seu primeiro artigo o conceito de preservação, sendo “a manutenção no estado da substância de um bem e a

desaceleração do processo pelo qual ele se degrada”, assim como em seu artigo 12 afirma que “a preservação se limita à proteção, à manutenção e à eventual estabilização da substância existente. Não poderão ser admitidas técnicas de estabilização que destruam a significação cultural do bem”; e o *Compromisso de Brasília* que, em 1970, já trazia a importância do culto ao passado como elemento básico para a formação da consciência nacional, no qual “deverão ser incluídas nos currículos escolares, de nível primário, médio e superior, matérias que versem o conhecimento e a preservação do acervo histórico e artístico”.

Destaca-se, ainda, na importância da memória para a preservação, além de Mário de Andrade, também, um dos oradores e defensores da arquitetura Neocolonial que foi Ricardo Severo, pois este, assim como acima citado, via a arquitetura como uma pessoa. Portanto assim como esta apresenta olhos e boca, expressões faciais e outros; a arquitetura segue o mesmo raciocínio, logo, "uma fachada de modesta casita não representa apenas seu muro externo, que a defende das intempéries; é o semblante desta casa, transmitindo como um rosto a psicologia de seu interior, que é a do lar familiar que a abriga" (PINHEIRO, 2011, p. 90). Este pensamento relembra Baudrilard (1973), quando afirmava que em épocas passadas, não muito distantes, as edificações, em especial as de cunho privado, ou seja, unifamiliares procuravam refletir, se não todas, a maioria das características da família que ali habitava, transmitindo, a partir deste invólucro externo, não somente detalhes arquitetônicos ou estilísticos da época, mas uma representação daqueles que a habitam.

Na arquitetura de uma casa são partes integrantes de sua armadura externa o telhado e os muros, como na cara os cabelos e o rosto, e são órgãos de expressões as janelas e as portas, como os olhos e a boca, dando a característica de sua fisionomia. Assim, há casas de amoroso semblante que parecem ninhos perpétuos de idílios e noivados, outras de aspecto hospitaleiro e generoso como fraternais albergues, graves algumas e sisudas como tribunais ou cadeias, outras ainda que são antipáticas e repulsivas, e mais raramente algumas que por soturnas e misteriosas, como habitações de duendes, só causam assombração e desgraça (SEVERO *apud* PINHEIRO, 2011, p. 90).

Neste trecho, Severo mostra que, no fim, tudo é subjetivo, assim como a ação de preservação. No qual o objetivo é, portanto, o de trabalhar com o legado artístico do passado, pensando nisso Benjamin (1986) afirma que pode-se usar a história da arte, mas que dessa forma obter-se-ia dois novos valores para a obra de arte, o de *culto* e o de *exposição*, pois segundo ele “as massas procuram na obra de arte distração (exposição), enquanto o conhecedor aborda o recolhimento (culto). Para as massas, a obra seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção” (*apud* AZEVEDO, 2010, p. 19).

Portanto a compreensão da arquitetura como artefato, cria uma revolução no processo de entendimento da mesma, assim como sua importância para o momento histórico, principalmente o arquitetônico, ou seja, a relevância que ela possui para a história, não apenas a artística, mas a própria forma de leitura e percepção do tempo é condicionante para que ela seja, portanto, digna de ser preservada. Contudo este diálogo sobre a preservação, tanto a artística (arquitetura) quanto a memográfica pode, também, ser elaborado a partir da prática da “educação patrimonial”, no qual a participação da sociedade em iniciativas e projetos educativos voltados ao processo de salvaguarda de artefatos arquitetônicos tornam-se meios (canais efetivos para participação) na estruturação de ações para a preservação.

(...) ensinar o respeito ao passado, mais do que a sua simples valorização, é contribuir para a formação de uma sociedade mais sensível e apta a construir um futuro menos predatório e descartável (...). Uma sociedade culta é uma sociedade cultivada, seja pelos meios formais de educação – a escola –, seja pelos informais – a família, os mestres, as práticas sociais, etc (CASCO, 2005, p. 3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a partir da criação de novos programas e do desenvolvimento e aprimoramento das instituições voltadas para a preservação do patrimônio, percebe-se certo avanço na área da proteção aos imóveis antigos. Embora seja comum haver questões como falhas de estrutura técnica e de políticas preservacionistas (FERREIRA; MARTINELLI, 2011), há também outro ponto focal presente, que são os problemas de gerenciamento, coordenação e execução dos projetos. Logo, destaca-se a relação de primazia, por vezes dada à escolha de determinados monumentos ou edificações históricas, como passíveis deste processo, haja vista que, neste país, acaba-se buscando mais o lucro com a exploração de bens (edificações). Transformando-os em espaços unicamente com fins turísticos e por vezes criando “lugares de memória” (NORA, 1993) servindo para cristalizar a mesma, transformando-se em mais um ponto atrativo para os turistas.

Com isto comprova-se, também, o pensamento do *lucro através do desequilíbrio*, transformando, em alguns casos, os prédios preservados em verdadeiros *elefantes brancos* (sem nenhuma utilidade para a cidade na maior parte do tempo), apenas como atrativo, em certo período. Assim, na atualidade, vê-se o turismo como uma “indústria sem chaminé” como afirmou Oliveira (*apud* FERREIRA; MARTINELLI, 2011, p. 25), remetendo ao produto final um complexo processo que age articuladamente para transformar os ambientes criando uma infra-estrutura que por um lado transforma o patrimônio cultural em um produto consumível, mas por outro quebra com o real valor de sustentabilidade de uma edificação a ser preservada como monumento material imóvel do país. Transformando a cultura em bem de consumo e a memória e preservação em segunda prioridade, gerando uma metamorfose na forma de pensar a preservação, principalmente, dos imóveis, dos quais muitos sofrem *estetização*, com o objetivo de serem atrativos aos olhos dos novos objetivos que são os turistas.

Para tanto o órgão federal IPHAN¹³³, desde sua origem, na década de 30, “(...) [tem sido] responsável pela gestão e estabelecimento de critérios para intervenção do patrimônio histórico (...)” (FERREIRA; MARTINELLI, 2011, p. 28) onde discussões e debates eram realizados pelos intelectuais que seguiam esta linha de preservação, e cada vez mais, eclodindo nas cidades, principalmente pelo anseio de modernidade que pairava o mundo ocidental. Os primeiros processos realizados por este, como as ações em Ouro Preto e demais

¹³³ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional.

idades históricas de Minas Gerais, auxiliaram *os modernistas* – constituindo a maior parte do corpo de integrantes do órgão federal – a difundir seus pensamentos e, assim, o período conhecido como “fase heróica” (BISPO, 2010) ditou a lógica das intervenções que eram realizadas não apenas nas edificações das cidades, mas, também, no meio rural, tornando a linguagem colonial à representante da “cultura original brasileira” (FERREIRA; MARTINELLI, 2011, p. 29).

Portanto a lógica do mercado é presente, transformando a cultura em indústria e os bens patrimoniais em objetos de valor econômico. Muitas vezes prejudicando na preservação, em outros alterando-os completamente através de intervenções destrutivas. Em Belém esta lógica é presente tanto em relação ao turismo quanto a outros fatores como a especulação imobiliária e a própria busca de atualidade, dos proprietários, a partir do *valor de contemporaneidade* (RIEGL, 2006), promovendo a presença de vários exemplos de ações (intervenções/alterações) que, infelizmente, provocam perdas e alterações não apenas na estética dos edifícios, mas na própria memória que algumas pessoas ainda possuem em relação a estes sítios históricos. Um exemplo é o caso das edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré, pois são objetos arquitetônicos que deveriam ser preservados.

No início desta pesquisa havia uma questão a qual procurava-se entender – por que as edificações Neocoloniais estão sendo alvo de tantas intervenções –, e que no decorrer desta vários fatores se amalgamaram e tornaram-se possíveis respostas. Três palavras podem ser utilizadas para representá-las: o primeiro é o *proprietário*, pois através das cinco primeiras incursões feitas e aliadas a etapa das entrevistas realizadas com as pessoas (moradores, transeuntes e os frequentadores do bairro, destacando os que trabalham nele) e os discentes do curso de arquitetura e urbanismo da UFPA (grupos 1 e 2), vê-se que, embora alguns gostem das edificações, seja por ser antiga, pelos elementos estético-funcionais ou volumetria, a maioria opta por fazer modificações como alisamentos da parede externa, mudança de pintura e até modificação da própria concepção arquitetônica.

Contudo dois fatores são os principais destacados como responsáveis por estas, que são a ideia do gosto, ou seja, em procurar materializar sua residência como deseja, sendo exemplo à entrevista com a Sr^a Rúbia Ribeiro Reis, no qual percebe-se a relação em procurar manter determinados detalhes, elementos da edificação como a escada, por ela destacada, aliado a necessidade de fazer adaptações visto na intenção de alterar a volumetria para a criação de outro quarto, além da, provável, alteração da fachada principal com a elevação do muro a partir do aumento do portão de proteção. O segundo foi a palavra mais pronunciada

pelos entrevistados ao justificarem possíveis modificações nos imóveis Neocoloniais, a eles apresentados, que é a segurança.

Devido à falta desta, em Belém, muitas edificações Neocoloniais do bairro de Nazaré tiveram suas fachadas alteradas, principalmente para a colocação de grades, sejam elas no muro de separação dos ambientes público/privado ou nas esquadrias que foi o mais destacado pelos entrevistados, pois nesta linguagem arquitetônica é presente na edificação um maior número de aberturas (portas e janelas) como visto no prédio central da atual sede do Instituto Estadual Carlos Gomes composto por trinta e duas aberturas, sendo duas portas e trinta janelas; e no Maison Blue que apresenta trinta e três aberturas, com uma porta e trinta e duas janelas.

Outro fator destacado quando se trata dos proprietários é o programa de necessidades, mais especificamente a adaptação que ocorreu em algumas edificações Neocoloniais a fim de serem utilizados para novas funções. Estas no bairro de Nazaré são bem variadas indo desde consultórios, laboratórios e clínicas médicas; agência de bancos; sedes de instituições (faculdades, órgãos do governo, privado e militar); até lojas comerciais e restaurantes. Todavia o foco não é a nova função, mas os problemas que esta traz mais atentamente as alterações estético-funcionais, que vão desde a retirada de um elemento decorativo; na alteração interna dos ambientes, através da demolição e construção de paredes, por exemplo; até a descaracterização completa da linguagem arquitetônica.

Muitos são os exemplos deste caso como os restaurantes *La Famiglia* e a *Pizzaria Vitória*, no qual vê-se perda de textura da parede externa, retirada das esquadrias antigas para a colocação de outras contemporâneas, assim como na intervenção, feita naquela, pelo qual alterou-se parte de sua estética Neocolonial para a aplicação de uma *modernização arquitetônica* através do uso de uma parede de vidro. Portanto percebe-se que muitas são as intervenções encontradas nas edificações Neocoloniais no bairro de Nazaré e que estas tomam grandes proporções, principalmente, quando o objetivo é um novo programa de necessidade.

Destaque-se, todavia, que embora muitas alterações tenham ocorrido, a partir deste trabalho pode-se realizar um levantamento e estudo dos elementos estético-funcionais, assim como da volumetria das edificações, organizando-as em tipos e tipologias, ou seja, mesmo que não em sua completude, pois muitas já foram as intervenções nestes imóveis, realizou-se um estudo da gramática compositiva e morfológica presente nos 103 exemplares, onde ainda são encontrados uma variedade de modelos decorativos como frontões curvilíneos, pináculos, texturização, escadarias ornadas, colunas, fontes, azulejos (em muitas formas, cores e

composições), arcos, além da utilização de diversos materiais como pedras rústicas, pedras portuguesas, cerâmica, alvenaria rústica, madeira e outros.

A identificação dos elementos característicos, também, auxilia não apenas na percepção arquitetônica e estética das edificações do início do século XX, mas reforça a confirmar a presença e a identidade da linguagem Neocolonial em Belém, seja através de sua peculiaridade presente no uso de determinados materiais e elementos estético-funcionais ou na própria forma de apropriação desses estilemas e caracteres por parte da sociedade, assim como pelos próprios profissionais (mestres de obra, engenheiros civis, etc.) da época. Concomitantemente, estes (elementos identificados) tornaram-se, na atualidade, meios de percepção das pessoas, como pode-se comprovar na etapa das entrevistas, no qual determinados entrevistados utilizavam-nos a fim de demonstrar o que pensavam sobre as edificações Neocoloniais.

Esta pesquisa também auxiliou a confirmar a ideia apresentada neste trabalho sobre a questão da separação, em Belém, com relação à arquitetura residencial, da ideologia desta linguagem arquitetônica com a prática da construção dessas edificações, ou seja, a ideia de patriotismo e nacionalismo exacerbado que era discursado por Ricardo Severo e, posteriormente, utilizado como forma de poder político para controlar a massa (povo) na Era Vargas não é presente nos modelos encontrados da arquitetura Neocolonial no bairro de Nazaré. O que é visto nesses exemplares é a busca pelo novo, pelo que era considerado o *moderno* da época (primeira metade do século XX), representa uma fase da arquitetura paraense em que a sociedade estava mudando o seu ideal arquitetônico do ecletismo para uma nova concepção.

O segundo conceito é *contemporaneidade*, mais precisamente a concepção de valor que esta possui, como destacado por Riegl (2006). Na realização da etapa das entrevistas percebeu-se que os entrevistados na faixa etária de 50 a 80 anos ainda rememoram o passado quando veem estas edificações, assim como são a favor da existência dessas, ou seja, ao contemplá-las estes trazem para a discussão o *valor de antiguidade*, impregnado na edificação através das marcas da passagem do tempo (seu aspecto não moderno), na própria falta de integração que estas apresentam com o seu entorno, assim como na presença de traços e elementos arquitetônicos opostos as características de uma arquitetura considerada atual.

Em contrapartida a estes, há os entrevistados na faixa etária de 20 a 40 anos apresentando outro valor que é o de contemporaneidade, pois em suas afirmações detectou-se o germe desse que consiste na tendência imediata de transformar a obra arquitetônica dando-a

uma aparência de impecabilidade, ou seja, nas respostas desses o mais destacado foi a questão estética, a impressão de integridade sem possuir nenhum dano ou processo de degradação. Portanto a falta de satisfação destes está relacionada às marcas (traços de envelhecimento) presentes nestas edificações, por isso muitos afirmaram a necessidade de intervenções (formas e cores) a fim de manter o caráter de “novo” das mesmas ou, simplesmente, demoli-las e no seu lugar construir uma edificação satisfatória a vontade artística moderna no qual o “intacto” transforma-se em sinônimo de belo.

Esta concepção encontra-se muito entrelaçada com a ideia do moderno, em procurar transformar a edificação antiga em nova, através de alterações como a troca de esquadrias, a mudança de pintura, a retirada de texturas e revestimentos, considerados na atualidade “fora de moda”, assim como outros. Portanto o conflito se encontra na valorização que as pessoas, como os entrevistados e, principalmente, os próprios moradores dessas edificações, dão a visão de renovação a partir da ideia do novo, ou seja, intervir nos imóveis antigos, a exemplo das que possuem a linguagem Neocolonial, partindo da concepção de integridade total, através de um tratamento arquitetônico que vise mais o valor de contemporaneidade em oposição a uma intervenção que busque a manutenção da estética do passado.

Neste caso o aumento das intervenções nas edificações Neocoloniais, no bairro de Nazaré, deve-se, também, a uma terceira palavra que é a *preservação*. Em Belém, é fato que maior parte dos imóveis tombados pelos órgãos competentes é datada até a fase do ecletismo paraense (excetuando poucos) e que em se tratando da linguagem Neocolonial belenense, apenas dois objetos são tombados (Instituto Estadual Carlos Gomes e a sede do Centro Integrado de Governo), poucos são protegidos por se encontrarem em áreas de entorno de bens tombados e outros não apresentam nenhum tipo de proteção. Além disso, como explanado na introdução desta dissertação, muitos são os projetos apresentados, nos órgãos competentes, em que intenção pela preservação do Neocolonial em Belém é reduzida a um simples termo que é “renovação”, ou seja, permitir à construção ou substituição desta por uma nova arquitetura.

Estes dados informam que se não há à devida orientação e fiscalização em relação ao que deve ser preservado, as alterações destrutivas continuaram a existir. A confirmação desta afirmativa é nítida e visível neste bairro estudado, pois, em Nazaré, muitos são os exemplos de perdas arquitetônicas Neocoloniais para a construção de novos empreendimentos, assim como vários modelos já foram perdidos e alterados por ação dos seus proprietários. Contudo alguns procedimentos poderiam ser utilizados para reverter este movimento crescente, como

as ações de educação patrimonial, ou seja, procurar incentivar na sociedade, atividades de educação patrimonial que mostrem aos mesmos a importância desta arquitetura para a cidade.

Práticas como esta auxiliam no desenvolvimento de ações educativas como encontros e debates voltados para a preservação do patrimônio, em que se encaminham e promovem formas, compartilhadas em sociedade, de conscientização sobre a necessidade da preservação, evitando determinadas situações como risco, abandono, descaso e desvalorização de imóveis antigos, além de ações mais sistemáticas e agressivas como demolições. Portanto esta atividade patrimonial torna-se uma maneira de disseminação de valores culturais e procedimentos de resgate e salvaguarda, buscando, junto com a sociedade, o acesso a informações e conhecimentos sobre a preservação da memória e do patrimônio brasileiro.

Assim esta (educação patrimonial) pode auxiliar tanto na preservação destes objetos arquitetônicos quanto na inserção do Neocolonial na memória coletiva da sociedade, permitindo-a ser reconhecida como uma linguagem arquitetônica capaz de transmitir uma interação não verbal com o espectador, no qual este pode aprender e conhecer sobre a cultura arquitetônica belenense, assim como, para alguns, ajudar na rememoração do passado, servindo para melhor entender a arquitetura Neocolonial, passando a encará-la como sendo uma linguagem merecedora de salvaguarda, evitando o silêncio de um passado arquitetônico sem testemunhos.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Volume II - J a Z. ProEditores: São Paulo, 1998.
- ALCÂNTARA, Dora. **Azulejos Portugueses em São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fontana, 1980. Azulejos em Belém do Pará. S/E/D.
- AMARAL, Aracy. **Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe e Estados Unidos**. Memorial: Fondo de Cultura Económica. São Paulo – 1994.
- AMARAL, Helena Carmem. **Azulejaria Portuguesa em Belém (PA): História, Estética e Significado**. Belém, 2002, 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade da Amazônia, Centro de Ciências Exatas e Naturais e Tecnologia da Universidade da Amazônia, Belém, 2002.
- AMORIM, Lilian Bayma. **Cerâmica Marajoara: A Comunicação do Silêncio**. Museu Paraense Emílio Goeldi: Belém, 2010.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Sobre o conceito de tipologia arquitetônica**. In: ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. Editora Ática. 1ª Edição, 3ª Impressão. São Paulo, 2004.
- ASSMANN, Aleida. **A gramática da memória coletiva**. Humboldt 86, ano 45, 2003.
- AZEVEDO, Felipe Moreira. **Instituto Estadual Carlos Gomes: Análise Histórica, Arquitetônica e Proposta para uma intervenção museográfica no prédio pioneiro**. Belém, 2013. 154f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará. 2013.
- AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. **Patrimônio Cultural e Rememoração: notas sobre o Valor de Antiguidade**. São Paulo, n.11, p. 7-32, nov. 2010/ abr. 2011.
- BACKHEUSER, Luiz Alberto Fresl. **Os “Brasileiros” e a azulejaria exterior do século XIX**. Arqtextos. Ano 06. Nº 069.05. 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo. Perspectiva, 1973.
- BELÉM, Capital do Estado do Pará. **1º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 7 de Setembro de 1940.
- BELÉM, Capital do Estado do Pará. **5º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 7 de Setembro de 1944.
- BELÉM, Capital do Estado do Pará. **8º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 15 de Novembro de 1947.

BELÉM, Capital do Estado do Pará. **9º Salão Oficial de Belas Artes**. República dos Estados Unidos do Brasil, Ano III do Estado Novo. Belém, 15 de Dezembro de 1948.

BELÉM. Intendentes, 1928-1930 (Antônio Almeida Faciola). **Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em 20 de Maio de 1930**. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 1930. p. 119.

BELÉM. **Relatório do Presidente da Província Dr. Abel Graça, 15 de Fevereiro de 1872**. Apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na primeira sessão de 18º de legislatura.

BELÉM. **Relatório do Presidente da Província Dr. Antônio José de Lemos, 1902**. Apresentado à Assembleia Legislativa Provincial. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1902.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. Perspectiva: São Paulo, 1976.

BENJAMIN, Walter. **Escavar e Lembrar; o narrador; Teses sobre a filosofia da história**. In: *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. In: *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOGEA, Marta. **Esquecer para Preservar**. Revista Arqtextos. Nº 15. 2009.

BOITO, Camilo. **Os Restauradores**. In: KÜHL, Beatriz Mugayar (org.). *Os Restauradores: Conferência feita na Exposição de Turim em 7 de Junho de 1884*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2002.

BORGES, Tatiana Carepa R. **Os primórdios da arquitetura moderna: um levantamento da arquitetura residencial de Belém no período de 1920-50**. Belém, 1998. 97 p. (monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo, UNAMA, para a obtenção do título de Arquiteto-Urbanista). Belém, 1998.

BORRAZÁS, Patricia Mañana; ROTEÁ, Rebeca Blanco; VILA, Xurxo M. Ayán. **Arqueotectura 1: bases teórico metodológicas para una arqueología de la arquitectura**. In: *Revista Tapa: traballos de arqueoloxía e patrimonio*. Laboratorio de Patrimonio, Paleoambiente e Paisaxe. Instituto de Investigacións Tecnolóxicas. Universidade de Santiago de Compostela. Nº 25. Santiago de Compostela, 2002.

BISPO, Raphael. **Selecionar, disputar e conservar: práticas de comunicação social e construção da memória nacional pelo Iphan**. Revista CPC. Nº 11. São Paulo, 2010.

BRANDI, Cesare. 1906 – 1988. **Teoria da Restauração**. – Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CAL, Carmen Lúcia Valério. **Esboço da Evolução da Arquitetura Residencial em Belém, na Primeira Metade do Século**. Revista Tecnológico, Belém, 2, 64-83, Jan/Jun. 1989.

CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre Filmes e Fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. 2011. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011.

CASCO, Ana Carmen Amorim Jara. **Sociedade e Educação Patrimonial**. IPHAN, 2005.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. **O Patrimônio Histórico Edificado como um Artefato Arqueológico: uma fonte alternativa de informações**. Revista Habitus. Goiânia, v.3, n. 2, jul./dez. 2005.

CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém 1783-1911**. Coleção História do Pará, Série Arthur Vianna. Conselho Estadual de Cultura do Pará: Belém, 1971.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Volume II. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará: Belém, 1973.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações**. Conselho Estadual de Cultura de Belém – Pará, 1970.

CRUZ, Ernesto. **As Obras Públicas do Pará**. Volume I. Governo do Estado do Pará – Secretária de Estado da Viação e Obras Públicas, Dezembro de 1967.

CRUZ, Ernesto. **As Obras Públicas do Pará**. Volume II. Governo do Estado do Pará – Secretária de Estado da Viação e Obras Públicas, Dezembro de 1967.

DARBON, Sébastien. **O Etnólogo e suas imagens**. In: SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998.

D’LAMBERT, Clara Correia. **Manifestações da Arquitetura Residencial Paulistana entre as Grandes Guerras**. São Paulo, 2003. 253 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FEFERMAN, Milton Vitis. **Caos e ordem: origens, desenvolvimentos e sentidos do conceito de tipologia arquitetônica**. In: OLIVEIRA, Beatriz Santos de; LASSANCE, Guilherme; PEIXOTO, Gustavo Rocha; BRONSTEIN, Laís (org). **Leituras em Teoria da Arquitetura**. Editora Viana & Mosley. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Editora Nova Fronteira. 1986.

FERREIRA, Ton; MARTINELLI, Suely Amâncio. **O Programa Monumenta e a Problemática da Aplicação da Arqueologia na Restauração dos Monumentos Históricos Brasileiros**. Universidade Federal de Pernambuco. 2011.

FREITAS, Iza Vanessa Pedroso de. **O Patronato das Letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In A Interpretação das Culturas. . Rio de Janeiro: Editora LTC, 2011.

GINZBURG, Carlos. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONÇALVES, Ana Maria do Carmo Rossi. **A Obra de Ricardo Severo**. Trabalho de Graduação Interdisciplinar. FAU/USP: São Paulo, 1977.

GOMES, Elane Cristina Rodrigues. **Vida Material: entre casas e objetos, Belém 1920 - 1945**. 2009. 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009.

GUIMARÃES, Alberto Neves. **Homenagem a Ricardo Severo: centenário de seu nascimento 1869 - 1969**. São Paulo, s.ed. 1969.

HARRIS, Edward Cecil. **Estratigrafia de estruturas en pie**. Pensamiento arqueológico. Cuba, 1998.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **Higienópolis: Grandeza de um Bairro Paulistano**. 2. ed, rev. e ampl. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

INSTITUTO CARLOS GOMES. **Relatório do ano 1899 apresentado ao Governador do Estado José Paes de Carvalho pelo diretor J. C. Gama Malcher**. Belém: J. Chiatti, 1900. 14p. Relatório Geral de 1899 da Secretaria de Estado de Administração – V.1, pág. 130.

IPHAN. **DOSSIÊ IPHAN I – Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro, 2006.

KESSEL, Carlos. **Vanguarda Efêmera: Arquitetura Neocolonial na Semana de Arte Moderna de 1922**. Rio de Janeiro, n.30, p. 110 – 128. Estudos Históricos: 2002.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos**. São Paulo, v.1, n.1, p. 16-40, nov. 2005/ abr. 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Notas Sobre a Carta de Veneza**. São Paulo. N. Sér. v.18, n.2, p. 287-320, Jul. – Dez. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas. Ed. da UNICAMP, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria Burguesa**. 2ª Edição. Studio Nobel: Rio de Janeiro, 1989.

- LAPLANTINE, François. **Aprender a Antropologia**. Editora Brasiliense. São Paulo, 2000.
- MARINI, Enéas. **“O Problema das Habitações no Rio”**: Antigos e novos projetos de **“Casas para Todos”**, estudos generalizados sobre construções, preceitos imprescindíveis **pro-lar**. 4ª Edição. Capital Federal E. U. B. Rio de Janeiro, 1935.
- MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. **"Há algo de irracional..."**. Notas sobre a **Historiografia da Arquitetura Brasileira**. 1999.
- MASCARO, Luciana Pelaes. **Difusão da Arquitetura Neocolonial no Interior Paulista, 1920-1950**. 2008. 578 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.
- MELLO, Eduardo Kneese. **Construções Residenciais do Engº Arqº Eduardo Kneese de Mello**. União Paulista de Imprensa: São Paulo, 1937.
- MELLO, Joana. **Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira**. Fapesp: Annablume: São Paulo, 2007.
- MONTENEGRO, Gabriella Costa. **Azulejaria Portuguesa na Arquitetura Imperial de Belém**. Belém: Universidade da Amazônia, 1990.
- MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa**. EdUERJ: Rio de Janeiro, 1998.
- MORAES, Eduardo Jardim de. **A Brasilidade Modernista: sua Dimensão Filosófica**. Graal. Rio de Janeiro, 1978.
- MOITA, Irisalva. **Cerâmica Aplicada a Arquitetura Oitocentista em Lisboa**. In: ALCÂNTARA, Dora. **Azulejos na Cultura Luso-Brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997.
- MOTTA, Lia. **A Apropriação do Patrimônio Urbano: do Estético-Estilístico Nacional ao Consumo Visual Global**. In: ARANTES, Antonio. **O Espaço da Diferença**. Papirus: Campinas, 2000.
- MUZI, Luis. **Architectura e Construções por Luis Muzi**. 2ª Edição. Escritório Técnico Luis Muzi: São Paulo, 1946.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Proj. História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1993.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. **O uso da imagem na antropologia**. In: SAMAIN, Etienne (org). **O Fotográfico**. Editora HUCITEC, CNPq. São Paulo, 1998.

ORSER JUNIOR, Charles E. **Introdução a Arqueologia Histórica**. Oficina de Livros: Belo Horizonte, 1992.

PARÁ. **Falla dirigida pelo Exmº Srº Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente da Província do Gram Pará a Assembleia Legislativa Provincial na Abertura da Segunda Sessão Ordinária da Sexta Legislatura, no dia 1º de Outubro de 1849**. Belém: Typographia de Santos e Filhos, Rua de São João, canto da estrada de São José, 1849. 171p.

PARÁ. **Congresso Legislativo. Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado em sessão solene da abertura da 1ª reunião de 14ª legislatura, a 7 de Setembro de 1930, pelo Governador de Estado Dr. Eurico de Freitas Valle**. 1930.

PARÁ. **Mensagem Dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado em 1º de Fevereiro de 1897**. Belém: Diário Oficial, 1897. 118p.

PARÁ. **Governador, 1929 – 1930 (Eurico Freitas Valle). Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Pará em 7 de Setembro de 1929**. Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1929. 165p.

PARÁ, Governo do Estado. **Catálogo do XXV Festival Internacional de Música do Pará**. Julho de 2012.

PARÁ, Governo do Estado. **Memórias do Instituto Estadual Carlos Gomes 1895 – 1986**. Lílíam Cristina da Silva Barros e Ana Maria Adade (organizadoras). Imprensa Oficial do Estado. Belém, 2012.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém: Estudo de Geografia Urbana**. Volume I. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará: Belém, 1968.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém: Estudo de Geografia Urbana**. Volume II. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo. Universidade Federal do Pará: Belém, 1968.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **A História da Arquitetura Brasileira e a Preservação do Patrimônio Cultural**. São Paulo, v.1, n.1, p. 41-74, nov. 2005/ abr. 2006.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos anos 1920 no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

REIS FILHO, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Júlio Valentino. **Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

- RIEGL, Aloïs. **O Culto Moderno dos Monumentos: sua essência e sua gênese.** – Goiânia: Ed. da UCG, 2006.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana.** In: Iluminuras – Banco de imagens e efeitos visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. Número 44. p. 03-25.
- RODRIGUES, Eduardo de Jesus. **As Fachadas na Arquitetura Paulistana: O Estilo Missões.** São Paulo, 1985. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- RODRIGUES, Hildebrando (org.). **Álbum do Pará.** Governo do Estado do Pará. Belém, 1939.
- RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória.** – Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.
- SARQUIS, Giovanni Blanco; CAMPOS NETO, Candido Malta. **A Arquitetura com Expressão da Modernidade em Belém entre 1930 e 1964.** Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. V.3, n 1. p. 29-51. Mackenzie: São Paulo, 2003.
- SEGRE, Roberto. **América Latina, Fim de Milênio: raízes e perspectivas de sua arquitetura.** São Paulo: Studio Nobel, 1934.
- SILVA, Caroline Fernandes. **O Moderno em Aberto: o mundo das artes em Belém do Pará e a pintura de Antonieta Santos Feio.** Niterói, 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais – Programa de Pós-Graduação em História Social, Niterói, 2009.
- SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar em Belém da Belle-Époque (1870-1910).** Belém, 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008.
- SOUZA, Rosana de Fátima Padilha de. **Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940).** Belém, 2009. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2009.
- TELES, Teresa Cristina; IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. **Campus de Pirassununga da USP: Memória e História.** Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005.
- TEROL, Marylène. **Azulejos a Lisbonne: Lumière D’Une Ville.** Paris: Herva, 1992.
- TIRELLO, Regina A. **Arqueologia da Arquitetura: um modo de entender e conservar edifícios históricos.** Revista CPC. Nº 3. São Paulo, 2007.
- TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: Instantes e Evocações da Cidade.** Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1963.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

VIDAURRE, Carmen V.; NÚÑEZ, N. Sergio Ramos. **Vivienda Neocolonial: Casa Zuno**. In: Vivienda en Guadalajara. **Una Visión de Arquitectos**. Universidade de Guadalajara: Guadalajara, 2009.

ZOREDA, L. Caballero. **Método para el Análisis Estratigráfico de Construcciones Históricas o "Lectura de Paramentos"**. In: Revista Informes de la Construcción. Centro de Estudios Históricos - CSIC. Vol. 46. Nº 435. Madrid, 1995.

REVISTAS

ACRÓPOLE, Novembro de 1962, ano XXIV, nº 288. Editora: Max Gruenwald e Cia.

A Arquitectura Portuguesa. Revista mensal da Arte Architectural: Antiga e Moderna. Anno II. Nº 8. Lisboa, Agosto de 1909.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno I. Nº 8. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Dezembro de 1924.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno II. Nº 11. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Março de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno II. Nº 12. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Abril de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno II. Nº 14. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Junho de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno II. Nº 15. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Julho de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno II. Nº 16. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Agosto de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Número especial dedicado às Habitações Econômicas. Anno II. Nº 16. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Agosto de 1925.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 21. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Janeiro de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 23. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Março de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 24. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Abril de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 26. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Junho de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 27. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Julho de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 28. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Agosto de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 29. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Setembro de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 30. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Outubro de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 31. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Novembro de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno IV. Nº 32. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Dezembro de 1926.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno V. Nº 35. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Março de 1927.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno V. Nº 37. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Maio de 1927.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno V. Nº 38. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Junho de 1927.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno V. Nº 41. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Setembro de 1927.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VII. Nº 59. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, 1927.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 45. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Janeiro de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 46. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Fevereiro de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 47. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Março de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 94. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Maio de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 50. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Junho de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 51. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Julho de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 53. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Setembro de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno VI. Nº 56. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Dezembro de 1928.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 236. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Janeiro de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 239. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Abril de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 240. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Maio de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 241. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Junho de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 243. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Agosto de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 245. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Outubro de 1944.

A Casa. Revista de Architectura, Engenharia e Arte Decorativa. Anno XXIII. Nº 246 e 247. Segadas & Cordeiro Ltda: Rio de Janeiro, Novembro/Dezembro de 1944.

The Architectural Record. Published Monthly. Volume 63. Nº 4. F. W. Dodge Corporation. New York: April, 1928.

The Architectural Record. Published Monthly. Volume 63. Nº 4. F. W. Dodge Corporation. New York: May, 1928.

Architectura e Construções. Órgão Oficial do Instituto Paulista de Architectos. São Paulo: Outubro, 1929.

Architectura e Construções. Órgão Oficial do Instituto Paulista de Architectos. São Paulo: Maio, 1930.

Architectura e Construções. Órgão Oficial do Instituto Paulista de Architectos. São Paulo: Fevereiro, 1931.

Florida Architecture. 39ª Edição. Published Findeisen & Trafford. Miami, s/d.

Figurino Casa e Decoração. Ano II. Nº 8. Publicação Trimestral da Casa Editora Vecchi S.A. São Paulo, Junho de 1973.

Figurino Casa e Decoração. Ano III. Nº 9. Publicação Trimestral da Casa Editora Vecchi S.A. São Paulo, Setembro de 1973.

SERÕES. Nº 4. Portugal, Outubro de 1905.

JORNAIS

A PROVÍNCIA DO PARÁ. **Jornal dominical de Augusto Meira Filho**. Belém, 26 de Junho de 1977. 3º caderno, pag.05. Ano III, nº 109.

A PROVÍNCIA DO PARÁ. **Centenário do Instituto Carlos Gomes nº10, por Vicente Salles**. Belém, 23 de Abril de 1995. 3º caderno.

DIÁRIO DO PARÁ. **Trecho da Mensagem do Sr. Interventor Federal, Major Magalhães Barata**. Belém – 27 de Abril de 1935.

DIÁRIO DO PARÁ. **Carlos Gomes debate educação musical**. Caderno 1, pág. 2. Belém, 1986.

DIÁRIO DO PARÁ. **Paraenses Aprovam Fundação**. Caderno 3, pág. 1. Belém – 17 de Dezembro de 1896.

FOLHA DO NORTE. **Desenvolvimento Invejável, pianos variados, higiene no prédio falta um auditório**. Belém, 18 de Julho de 1952.

O LIBERAL. **A Estrada de Nazaré**. Por Clóvis Meira. O Liberal. Belém, Domingo, 7 de Junho de 1987.

O LIBERAL. **Toda Rua tem sua História: Av. Governador José Malcher**. Por José Valente. O Liberal: Belém, 25 de Junho de 1993.

O LIBERAL. Revista Troppo, caderno Fato, Ano 1, nº 39, 03 de Agosto de 1997.